



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

Manuel Gomes da Costa e a Arquitectura Moderna em Faro

Volume I

Victor Hugo de Jesus Faustino

Orientação: Professor Doutor João Barros Matos

Co-orientação: Professor Doutor Ricardo Costa Agarez

Mestrado Integrado em Arquitectura

Dissertação

Évora, 2018



ESCOLA DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

Manuel Gomes da Costa e a Arquitectura Moderna em Faro

Victor Hugo de Jesus Faustino

Orientação: Professor Doutor João Barros Matos

Co-orientação: Professor Doutor Ricardo Costa Agarez

Mestrado Integrado em Arquitectura

Dissertação

Évora, 2018

Dedico este trabalho aos meus pais Maria e Maurício por serem desde sempre o meu porto seguro; ao José António Costa Pereira e à minha fiel companheira Catarina Alexandra pelo apoio incondicional, sem o qual seria impossível iniciar e concluir este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A concretização de um trabalho desta envergadura só é conseguida graças a paciência, crença e espírito de entejuda de diferentes intervenientes. Convicto disto, aproveito este espaço para manifestar a minha mais sincera gratidão, não importando a ordem da lista. Deste modo, agradeço ao professor José António Pereira por ter sido o grande catalisador desta investigação, instigando-me e desafiando-me a ir mais além, e claro, por ter aberto algumas portas das quais eu não teria conseguido sozinho; ao professor Jorge Croce Rivera por considerá-lo um amigo sem que ele saiba, pois foi o primeiro a ver o potencial deste trabalho ainda na sua fase embrionária, tendo a partir de então, motivado o seu desenvolvimento.

Ao meu orientador João Matos pela enorme abertura ao diálogo e pelo inabalável trato amistoso nas minhas inúmeras solicitações, resultando destas, longas horas de conversa com saldo final sempre positivo; Ao meu co-orientador Ricardo Agarez, que ainda na Bélgica não hesitou em me ajudar nas minhas longas questões; aos arquitectos Gonçalo Vargas e António Rosa da Silva por me terem confiado a totalidade dos seus arquivos referentes à exposição *Moderno ao Sul*, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento de todo o trabalho e para a sua rica ilustração; ao filho do arquitecto - Alexandre Gomes da Costa - por ter sido tão solícito ao diálogo e à exposição da vida do pai, que tinha falecido relativamente há pouco tempo.

Ao senhor Luís Afonso por me ter proporcionado a oportunidade de visitar a casa onde o arquitecto morou grande parte da sua vida, marcando o pontapé de partida das investigações de campo; ao senhor Ernst-Otto Schreinert e à sua adorável esposa por me terem proporcionado a oportunidade de visitar a casa de férias do arquitecto em VRSA e por me terem recebido como um membro da família; ao adorável Miguel Veloso do Arquivo Histórico Municipal António Rosa Mendes pela partilha de novos conteúdos referentes ao arquitecto.

Agradeço também ao Paulo Tremoceiro do Arquivo Nacional da Torre do Tombo pela total atenção aos meus pedidos de consulta e reprodução de documentos que até então consideravam-se inexistentes; à Alma Rivera pela articulação dos membros do Partido Comunista na obtenção de dados que me ajudaram a desenhar o perfil político do arquitecto; ao professor Manuel Couceiro da Costa e ao professor João Cottinelli Pardal Monteiro por terem sido impecáveis no acesso ao arquivo histórico da FAUL, que contribuíram para um rico desenvolvimento biográfico do período em que o arquitecto esteve na EBAL; à Isabel Barroso do Arquivo da FBAUP pelos documentos do período em que o arquitecto esteve na EBAP, da qual foi de suma importância para deprender a origem do seu pensamento moderno; à Isabel Melo

(ISEL) pela cedência do arquivo histórico de MGC enquanto aluno do Instituto Industrial de Lisboa e ao Miguel Baena (Casa Pia) pelo acesso ao arquivo histórico do extinto Asilo Dona Maria Pia, que ajudaram a desenvolver o período da infância e da adolescência do arquitecto.

Não menos importante, um muito obrigado aos inestimáveis professores Domingos Tavares e João Pedro Xavier da FAUP pelo excelente dia passado no Porto em trabalho de investigação; à directora Ana Paula Marques do Agrupamento de Escolas Tomás Cabreira pelo acesso à ficha de docente de MGC na extinta Escola Industrial e Comercial de Faro; à toda equipa da biblioteca da Ordem dos Arquitectos pelos incontáveis dias de leitura e de pesquisa - e também de desarrumação (*mea-culpa*); ao Departamento de Arquitectura da Universidade de Évora, sobretudo à Dona Manuela Pereira que desde sempre se empenhou em resolver os processos burocráticos que estiveram envolvidos nesta dissertação; à Dalila Luz do Espaço Mais em Aljezur pela oferta isenta da Revista Al-Rihana; João Nuno Reis (SIPA); ao Kevin Martins Ferreira (DSIC/CMF) e ao Tony Silva (SIG/FARO) pela resolução das questões inerentes à cartografia da cidade de Faro; à Patrícia Bento d'Almeida; ao “trio ternura” do SOP/CMF Fernanda Pereira, Fernanda Mendonça e Jovina Casaca; ao Marco Lopes (Museu Municipal de Faro); ao Gonçalo José Crisóstomo (DGT), ao André Oliveira e Fernando Leitão (ambos do CIGeoE) por toda cordialidade no longo processo de aquisição das fotografias aéreas de Faro; ao Vítor Picanço Mestre, Vítor Cantinho, Francisco Alexandre e José Inês Correia pelas longas horas de conversa sobre o cenário cultural farenses, que muito ajudaram-me a compreender a sociedade da época.

O meu bem-haja aos meus queridos pais por tudo nesta vida; ao casal Apolinário e Natália Ladeira pela confiança no arranque do curso; à Dolores Aguizo por toda generosidade; ao Germesindo Silva, à Teresa Alves e à Ana Bela Aguizo pela revisão dos textos que permitiram melhorar o presente documento; aos meus amigos e colegas de curso pelos memoráveis momentos e à minha doce Catarina Alexandra pela grande motivação e ajuda que só o amor consegue superar.

Por fim, este trabalho do ponto de vista de autoavaliação representa o culminar de um processo de lapidação cívica que iniciou antes mesmo de encarar a possibilidade de vir a ser arquitecto. Àqueles que um dia acreditaram e apostaram em mim e que nos momentos de maiores dúvidas ou receios chegaram a empurrar a carruagem, pondo-me novamente em marcha, eu vos saúdo! Consegui! Conseguimos!

“O objectivo supremo da arquitectura é exhibir o êxito da técnica”

Paulo Mendes da Rocha *in* Tudo é Projeto, 2017

RESUMO

Manuel Gomes da Costa e a Arquitectura Moderna em Faro

Resultado de um intenso esforço intelectual e de uma prodigiosa criatividade, o legado de Manuel Gomes da Costa escreve um dos capítulos mais importantes do Algarve moderno, onde a partir de meados da década de 1950 iniciou o desenvolvimento de um extenso repertório arquitectónico. Pertencente à primeira geração de arquitectos modernos formados no Porto, sob a égide do professor Carlos Ramos, Gomes da Costa trouxe para região, ferramentas e teorias que a alavancaram da inércia secular, que esteve apoiada desde sempre nos saberes tradicionais. É na Capital de Distrito, Faro, que o presente estudo incidirá esforços, almejando trazer ao conhecimento académico, a vida e a obra desta ilustre personalidade, que embora numerosa e evidente por toda a malha urbana, segue desconhecida e pouco estudada. É atento à sua pertinência que se enceta um estudo inédito que irá revelar aspectos não só da obra e do pensamento, como também da sua biografia.

O trabalho desenvolve-se sob três linhas narrativas que se tecem numa só: a evolução do arquitecto, a evolução da sua arquitectura e a evolução da cidade. Uma vez conhecida a sua esfera intelectual e a totalidade do seu legado, partiremos para uma criteriosa selecção dos casos de estudo de um determinado período e tipologia, dos quais se espera depreender o léxico e as motivações subjacentes a cada um dos projectos seleccionados através da análise morfológica e funcional. Para tal, o desenvolvimento de todo o trabalho será feito com recurso às fontes primárias, onde serão privilegiados os documentos originais, levantamentos locais, entrevistas aos familiares e pessoas do círculo afectivo e profissional, em paralelo à bibliografia lançada até ao momento.

Findado o enquadramento e a interpretação fenomenológica da sua arquitectura, obtêm-se um conjunto de parâmetros quantitativos e qualitativos da obra e da personalidade, resultando neste que será o maior estudo levado a cabo sobre um arquitecto da região mais a Sul de Portugal continental, responsável por um dos episódios mais prósperos do Algarve contemporâneo, mas também, um dos mais vilipendiados no tocante à conservação do legado arquitectónico.

Palavras chave

Manuel Gomes da Costa;

Arquitectura Moderna;

Legado;

Habitação Multifamiliar;

Faro

ABSTRACT

Manuel Gomes da Costa and the Modern Architecture in Faro

The result of an intense intellectual effort and a prodigious creativity, the legacy of Manuel Gomes da Costa writes one of the most important chapters of the modern Algarve, where from the mid-1950s began the development of an extensive architectural repertoire. Belonging to the first generation of modern architects trained in Porto, under the aegis of Professor Carlos Ramos, Gomes da Costa brought to the region tools and theories that leverage it from secular inertia, always supported by traditional knowledge. It is in the District Capital, Faro, that the present study will focus efforts, aiming to bring to the academic knowledge, the life and work of this illustrious personality, which although numerous and evident throughout the urban network, is still unknown and little studied. It is attentive to its pertinence that an unpublished study is uncovered that will reveal aspects not only of the work and of the thought, but also of its biography.

The work is developed under three narrative lines that are woven into one: the evolution of the architect, the evolution of its architecture and the evolution of the city. Once their intellectual sphere and the totality of their legacy are known, we will proceed to a careful selection of the case studies of a certain period and typology, from which we are expected to understand the lexicon and the motivations underlying each of the projects selected through morphological and functional analysis. To do this, the development of all the work will be done using the primary sources, where the original documents, local surveys, interviews with family members and people from the affective and professional circle will be privileged, parallel to the bibliography released so far.

Once the framework and the phenomenological interpretation of its architecture have been completed, we will have a set of quantitative and qualitative parameters of work and personality, resulting in what will be the largest study carried out on an architect from the southernmost region of continental Portugal, responsible for one of the most prosperous episodes in the contemporary Algarve, but also one of the most vilified in the conservation of the architectural legacy.

Key words

Manuel Gomes da Costa;

Modern Architecture;

Legacy;

Multifamily Housing;

Faro

LISTA DE ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS

A **ACCA**

Análisis y Comunicación Contemporánea de la Arquitectura

AI-5

Acto Institucional nº5

C **CCDR**

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional

CIAM

Congresso Internacional da Arquitectura Moderna

CIGeoE

Centro de Informação Geoespacial do Exército

CMF/SOP

Câmara Municipal de Faro/Serviço de Obras Particulares

COBOGÓ

Amadeu Oliveira **CO**imbra + Ernest August **BO**eckmann + António de **GÓ**is

CODA

Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto

D **DOCOMOMO**

DOocumentação e **CO**nservação de edifícios, sítios e bairros do **MO**vimento **MO**derno

E **EBAL**

Escola de Belas-Artes de Lisboa

EBAP

Escola de Belas-Artes do Porto

EGAP

Exposição Geral de Artes Plásticas

ESBAL

Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa

ESBAP

Escola Superior de Belas-Artes do Porto

F **FIAAL**

Fomento Industrial e Agrícola do Algarve

G **GEBAP**

Grupo de Estudantes das Belas-Artes do Porto

I **ISEL**

Instituto Superior de Engenharia de Lisboa

- INE**
Instituto Nacional de Estatística
- M MGC**
Manuel Gomes da Costa
- MUD**
Movimento de Unidade Democrática
- O ODAM**
Organização dos Arquitectos Modernos
- P PCP**
Partido Comunista Português
- PIDE/DGS**
Policia Internacional e de Defesa do Estado / Direcção-Geral de Segurança
- R RIBA**
Royal Institute of British Architects
- S SIPA**
Sistema de Informação para o Património Arquitectónico
- SNA**
Sindicato Nacional dos Arquitectos
- T TL**
Tradução Livre
- V VRSA**
Vila Real de Santo António

GLOSSÁRIO

B Books of proceedings

Actas de conferências que abordam um conjunto de temas de um determinado domínio científico.

Brise Soleil

Quebra-sol; ver “Grelhagens”.

C Campina de Faro

Trata-se de uma extensão do território localizada na vertente Norte do concelho, conhecida pelos terrenos planos e férteis com enorme potencial agrícola, que muito embora estejam em declínio quer pelo surgimento de novas actividades económicas na cidade, quer pela contaminação do seu aquífero por elevadas concentrações de nitratos, provenientes da intensa actividade agrícola levada a cabo na região no último século. Fonte: CCDR Algarve. (2005). Relatório do Estado do Ambiente do Algarve 2003. Faro: Ideias em Baú. Obtido em 17 de Abril de 2017, de goo.gl/br3gJ1.pp. 25-32

Carioca

Gentílico da cidade do Rio de Janeiro.

Cinco Pontos da Nova Arquitectura

Conceitos lançados por Le Corbusier em 1926 na revista L'Esprit Nouveau propondo os cinco pontos fundamentais para uma nova arquitectura: 1º Solo livre; 2º Plantas livres; 3º Fachadas livres; 4º Janelas livres e 5º, Coberturas livres.

Cobogó

O termo “Cobogó” tem origem na soma das iniciais dos apelidos dos seus três criadores: Amadeu Coimbra, Ernest August Boeckmann e António de Góis. Trata-se de blocos modulares vazados, feitos em betão ou cerâmica, que quando empilhados formam uma parede frenestrada que permitem a passagem controlada da luz e do ar, propiciando a ventilação natural dos espaços internos. Estes elementos são de uma grande valia em climas quentes, sobretudo no Algarve. Por norma não possuem propriedades estruturais, pelo que devem ser aplicados com cautela. | Priberam. (2008-2013). Obtido em 2017, de Dicionário Priberam de Língua Portuguesa: <http://www.priberam.pt>

Commodities

Bens ou matérias-primas reguladas pela bolsa de valores estando o seu preço determinado pela oferta e pela procura internacional.

Corbusiana

Relativo a Le Corbusier; ao estilo de.

D Degeneração da mácula

Perda de visão no centro do campo visual devido aos danos na retina, quadro este frequente em idosos.

Diáfano

Superfície ou objecto que permite a passagem da luz, alterando a sua propriedade ao ponto de impedir que se veja nitidamente os contornos dos objectos por ela iluminados; translúcido.

E Elenco vegetal

Lista de diferentes espécies vegetais que compõem um determinado espaço ou território.

Entropia

Desordem; confusão; celeuma; problemas.

Espírito do Lugar

Ver *Genius loci*.

Evapotranspiração

Perda de água para a atmosfera por evaporação do solo e por transpiração das plantas.

F Fachada tardoz

Fachada posterior, oposta à fachada principal.

Fenestrado

Perfurado.

Formato amebóide

Formato curvilíneo com alternância de concavidades e convexidades numa aparente aleatoriedade.

G *Genius loci*

Expressão latina utilizada na Teoria da Arquitectura, que significa o "Espírito do Lugar". Trata-se da compreensão fenomenológica de um conjunto de características sócio-culturais, arquitectónicas e ambientais, através das inter-relações destas, que perfuram a identidade de um determinado lugar. | Norberg-Schulz, C. (1996). *The phenomenon of place*. In *Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory, 1965 - 1995* (pp. 412-428). New York: Princeton Architectural Press.

Gomesdacostiano

Relativo a Manuel Gomes da Costa; ao estilo de; Termo emprestado do Catedrático da Universidad de Sevilla, José Joaquín Parra Bañón, autor de alguns dos estudos realizados sobre a obra de Gomes da Costa no Algarve, consultados para esta investigação. Fonte: Bañón, J.J. (2016). op. cit. p.115

Grelhagens

Termo utilizado pelo arquitecto Manuel Gomes da Costa em diversas memórias descritivas, que nos remete às lâminas metálicas, plásticas ou de madeira com o propósito de direccionar e domesticar a luz solar.

H

Holismo

Do grego *holos* que significa inteiro ou todo, é a ideia de que as propriedades de um sistema, quer se trate de seres humanos ou outros organismos, não podem ser explicadas apenas pela soma dos seus componentes. O sistema como um todo determina como se comportam as partes.

L

Lambrequim

Peça decorativa utilizada no contorno de telhados com padrão repetitivo em madeira, cerâmica ou metal.

Lloydiano

Relativo a Frank Lloyd Wright; ao estilo de.

M Mirante

Miradouro.

Muxama de atum

Atum seco de semelhante aspecto ao do presunto serrano, muito apreciado no Baixo Guadiana.

N Naif

Arte ingénuo, inocente, despreziosa.

Noosfera

Esfera intelectual; algo pertencente ou concebido pelo intelecto humano, ex: cidades, casas, máquinas, filosofia, arte, linguagens; etc. ≠ Biosfera.

P Pátio Inglês

É o espaço ao ar livre, aberto junto a um edifício e semienterrado, que pode dar a espaços públicos ou privados, e que serve para providenciar a iluminação, acesso ou ventilação ao piso situado ao nível do sótão ou semisótão" | Aranda, Ó. R., & Fajardo, R. M. (2007). Madrid Modernista: Guia de Arquitectura (2ª ed.). Madrid: Tébar. p. 211

Promenade architecturale

Passeio arquitectónico numa tradução livre, é um conceito utilizado por Le Corbusier, para demonstrar que os acessos devem ser utilizados em benefício da arquitectura, como forma de causar espanto e surpresa ao observador, pela contemplação gradual dos espaços envolventes.

R Regionalismo Crítico

De modo bastante simplista, trata-se de um termo cunhado por Alexander Tzonis e Liane Lefaivre e posteriormente utilizado por Kenneth Frampton em inúmeras publicações à volta do tema, que tinha como alvo a indiferença da arquitectura moderna perante o contexto da sua inserção.

T Telhado Borboleta

Telhado de secção em “V”, cuja configuração resulta da inversão dos sentidos das águas (que ao invés de verterem para fora, vertem para dentro) e pela supressão da cumeeira.

Tirocínio

Estágio.

Tupiniquins

Relativo ao Brasil; brasileiro, tal como Luso ou Lusitano está para o Português. O termo tem origem na tribo de Índios deste país, no tempo do seu descobrimento por Pedro Álvares Cabral em 1500.

V Vernacular

Arquitectura assente nos conhecimentos tradicionais, implicando o uso de técnicas e matérias-primas locais.

X Xerófito

Do grego *xerós* (seco) + *phytón* (planta), trata-se das espécies vegetais adaptadas aos climas secos de locais semiáridos ou desérticos e que demandam pouca ou nenhuma manutenção. | Infopédia. (2003-2017). Obtido em 2017, de Infopédia. Dicionários Porto Editora: www.infopedia.pt

TRADUÇÕES LIVRES

JOSÉ JOAQUÍN PARRA BAÑÓN

Versão traduzida

[t.1.¹] “projectou e levantou cerca de três centenas de edifícios das mais distintas configurações, desde vivendas unifamiliares isoladas no interior de suas parcelas até blocos de catorze plantas, se bem que em sua maioria são edifícios multifamiliares de baixa altura”

Versão original

"proyectó y levantó alrededor de tres centenares de edificios de muy dispar configuración: desde viviendas unifamiliares aisladas en el interior de sus parcelas hasta bloques de catorce plantas, si bien en su mayoría son edificios plurifamiliares de baja altura"

Bañón, J. J. (2016). Manuel Gomes da Costa: Arquitectura residencial en Tavira. In L. C. Naranjo, J. G. Ferrón, R. E. López, P. M. Monsalve, J. V. Avellaneda, & F. V. Blanch (Edits.), *eDap. Documentos de Arquitectura y Patrimonio*, nº9 (pp. 16-37). Sevilla: Avellaneda & Ventura Editores. p.18

Versão traduzida

[t.1.³] “Deste primeiro projecto, onde foram já experimentadas algumas das propostas arquitectónicas sobre as quais MGC terá insistido na sua obra, poderia destacar-se tanto a fragmentação quadripartida do primeiro piso, que garantia a iluminação e a ventilação de todas as dependências numa sucessão de cheios e de vazios (...) Embora o maior destaque, e com maiores consequências para a sua obra posterior, foi a composição da fachada e do seu jogo de entradas e saídas alternadas, num vaivém que acontece em ambas as plantas: isto é, as relações que estabelece entre cheios e vazios, entre os elementos superficiais e os lineares.”

Versão original

"De este primer proyecto, donde ya se experimentaran algunas de las propuestas arquitectónicas sobre las que luego MGdC insistirá en su obra, podría destacarse tanto la fragmentación cuatripartita de la planta alta, que garantiza la iluminación y la ventilación de todas las dependencias en una sucesión de llenos y de vacíos (...) Aunque lo más destacado, y con mayores consecuencias para su obra posterior, fue la composición de la fachada y su juego alterno de entrantes y de salientes, en un vaivén que acontece en ambas plantas: es decir, las relaciones que establece entre macizos y huecos, entre los elementos superficiales y los lineales.

Bañón, J. J. (2016). Principios arquitectónicos de Manuel Gomes da Costa. In *ACCA 015. Análisis y comunicación contemporánea de la arquitectura* (pp. 97-124). Sevilla: Departamento de Expresión Gráfica Arquitectónica de la Universidad de Sevilla & RU Books. p.102

MIRIAM LOUSAME GUTIÉRREZ

Versão traduzida

[t.1.⁵] “...em algumas ocasiões, o desejo consciente de que a vegetação participasse na arquitectura, chegava mesmo a condicionar a sua forma e a sua estrutura.”

Versão original

"En ocasiones, el deseo consciente de que la vegetación participe en la arquitectura llega incluso a condicionar su forma y estructura."

Gutiérrez, M. L. (2016). Manuel Gomes da Costa, un universo en bocetos. In E. E. Valiente, & E. C. Perea (Edits.), *El arquitecto, de la tradición al siglo XXI: docencia e investigación en expresión gráfica arquitectónica. 16º Congreso Internacional de Expresión Gráfica Arquitectónica* (Vol. II, pp. 1033-1041). Alcalá de Henares: Fundación General de la Universidad de Alcalá. p. 1035

RICARDO COSTA AGAREZ

Versão traduzida

[t.1.²] “... à sua tendência para empurrar os limites das regulamentações legais, numa altura em que tais regulamentos estavam a ser aplicados de forma mais rigorosa (...) os órgãos governamentais locais e os seus agentes centraram-se com mais determinação em normas técnicas e dimensionais. Com exceções ocasionais, os projectos de Costa, opostos em tudo, foram indeferidos mais pela resistência técnica do que pela resistência estética.”

Versão original

"...at his tendency to push the limits of legal regulations. At a time when such regulations were being more rigorously enforced (...) local government bodies and their agents focused with more determination on technical and dimensional standards. With occasional exceptions, Costa's planning applications, if opposed at all, were more often met with technical resistance than with aesthetical resistance.

Agarez, R. C. (2016). *Algarve building: modernism, regionalism and architecture in the south of Portugal, 1925-1965*. New York: Routledge. p.223

Versão traduzida

[t.1.⁴] “De acordo com o relato de Gomes da Costa sobre a sua carreira, a casa “Milagre” nasceu entre dificuldades e resistências oficiais: isso se tornou a pedra fundamental da narrativa da obra da sua vida, um momento altamente simbólico quando seus princípios éticos e políticos foram combinados com sua educação arquitectónica e determinação para superar o conservadorismo. Como resultado, a casa “Milagre” foi apresentada como um ponto de viragem mítico, embora isso mal possa ser substanciado como um fato histórico.”

Versão original

"According to Costa's own account of his career, the "Milagre" house was born among difficulties and official resistance: this became the foundation stone for the narrative of his life's work, a highly symbolic moment when his ethical and political principles were combined with his architectural education and determination to overcome conservativeness. As a result, the "miracle house has been presented as a mythical turning point, although this can barely be substantiated as a historical fact."

Agarez, R. C. (2016). *Algarve building: modernism, regionalism and architecture in the south of Portugal, 1925-1965*. New York: Routledge. pp. 215,216

ÍNDICE GERAL

VOLUME I

Dedicatória	V
Agradecimentos	VI
Epígrafe	IX
Resumo - <i>Palavras chave</i>	XI
Abstract - <i>Key words</i>	XIII
Lista de Acrónimos e Abreviaturas	XIV
Glossário	XVI
Traduções Livres	XX
ÍNDICE GERAL	XXII
Índice de Figuras	XXIV
Índice de Tabelas	XXXI
Índice de Gráficos	XXXI
Fontes Consultadas	XXXIII
01 INTRODUÇÃO	1
1.1 Enquadramento	1
1.2 Oportunidade e Originalidade do Estudo	2
1.3 Motivações	3
1.4 Temática	3
1.5 Organização do Trabalho	4
02 QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO	6
03 OBJECTIVOS	7
3.1 Objectivos Gerais	7
3.2 Objectivos Específicos	7
04 DESENHO DA INVESTIGAÇÃO	8
05 ESTADO DA ARTE	11
5.1 Trabalhos desenvolvidos sobre Manuel Gomes da Costa	11
5.2 Generalidades e Imprecisões	13
5.3 Catálogo Bibliográfico	15
06 HIPÓTESE	17

CAPÍTULO I - BIOGRAFIA	19
01 DE UM ALGARVIO EM LISBOA A UM ARQUITECTO DO PORTO NO ALGARVE	21
1.1 Do Algarve a Lisboa - Os primeiros anos	21
1.2 De Lisboa ao Porto. À busca do modernismo	26
1.2.1 EBAL - EBAP	26
1.2.2 Entropias Políticas	35
1.3 Do Porto a Lisboa	37
1.3.1 Saída da EBAP	37
1.3.2 Regresso à EBAL. Preparação para o CODA	38
1.4 Regresso às origens. Estabelecimento em Faro	43
CAPÍTULO II - NOOSFERA GOMESDACOSTIANA	49
02 DO ESQUIÇO AO PRUMO	51
2.1 Pensamento Moderno	51
2.1.1 Enquanto Aluno	51
2.1.2 Enquanto Profissional	54
2.2 Metodologia de trabalho	64
2.3 Preocupações inerentes ao acto de projectar	65
2.4 Principais influências	68
CAPÍTULO III - LEGADO EM FARO	75
03 LEGADO ARQUITECTÓNICO DE MGC EM FARO	77
3.1 Enquadramento	77
3.2 1940 - 1950 Período pré-MGC	79
3.3 1950 - 1960 Entrada de MGC no panorama regional	83
3.4 1960 - 1970 Início da verticalização da cidade	91
3.5 1970 - 1980 Auge da carreira	106
3.6 1980 - 1990 Último Equipamento	127
3.7 1990 - 2000 Últimos projectos / reforma	139
3.8 1940 - 2017 Síntese	147
CAPÍTULO IV - ESTUDO DE CASOS	153
04 CASOS DE ESTUDO	155
4.1 Critérios de selecção e análise	155
4.2 Casos	157
Caso nº1 Edifício Silva-Pinheiro ¹⁹⁶⁵	158
Caso nº2 Edifício Pires & Brito ¹⁹⁷³	182
Caso nº3 Edifício Tridente ¹⁹⁷⁹	204
4.3 Conclusão do Estudo de Casos	231
05 CONCLUSÕES	237
06 RECOMENDAÇÕES	241
07 SUGESTÕES DE INVESTIGAÇÃO	243
08 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	246
09 BIBLIOGRAFIA	249
10 CRONOLOGIA BIBLIOGRÁFICA	256

ÍNDICE DE FIGURAS

fig. 01 Diagrama de Venn: aspectos considerados para o desenvolvimento da investigação fonte: Autor (2016)	5
fig. 02 Organograma do processo investigativo fonte: Autor (2016)	8
CAPÍTULO I	
fig. 03 - Separador C1 Manuel Gomes da Costa na sua moradia na Rua Reitor Teixeira Guedes, Faro, 2009 fonte: Arquivo António Rosa da Silva	19
fig. 04 A. Manuel Gomes da Costa em pequeno. B. Joaquim Costa, o pai C. Ludovina Gomes Néné, a mãe. fonte: Costa M.G. (2009)	22
fig. 05 Pesca do Atum ao largo da costa de Tavira nas lentes de Artur Pastor, 1943/45 fonte: http://arturpastor.tumblr.com > acedido a 9 de Maio de 2017	23
fig. 06 A e B. Manuel Gomes da Costa no Asilo Dona Maria Pia. 1932/38 fonte: Arquivo António Rosa da Silva	24
fig. 07 Fernando Távora fonte: https://goo.gl/Zsq4bz > acedido a 1 de Fevereiro de 2017	26
fig. 08 Manuel Laginha, autorretratos da década de 1950 fonte: Arquivo Manuel Laginha/SIPA	27
fig. 09 MGC e Vicente de Castro na EBAP, na década de 1940 fonte: Arquivo António Rosa da Silva	27
fig. 10 A. MGC entre colegas na EBAP, com destaque para Fernando Távora no extremo direito da imagem. B. MGC entre outros colegas na EBAP fonte: Costa M.G.(2009)	28
fig. 11 Professor Carlos Ramos fonte: https://goo.gl/WMWpXf > acedido a 1 de Fevereiro de 2017	30
fig. 12 MGC na apresentação do projecto do Mercado de VRSA para a cadeira de Projecto de Grande Composição da EBAP, 1945 fonte: Costa M.G. (2009)	30
fig. 13 Levantamento das inúmeras premiações recebidas por MGC na EBAP fonte: Autor (2017)	31
fig. 14 Custódia da Encarnação Justo Alexandre, 1962 fonte: PIDE/DGS-Torre do Tombo (2017)	34
fig. 15 Processo-crime nº292/950-S.inv. fonte: PIDE/DGS- Torre do Tombo (2017)	35
fig. 16 Ofício Confidencial nº 723/58 S.R. de 19 de Agosto de 1958 fonte: Arquivo PIDE/DGS - Torre do Tombo (2017)	36
fig. 17 A. Álvaro Cunhal - Registo Geral de Presos. B. Militão Bessa Ribeiro fonte: Partido Comunista Português (2010)	36
fig. 18 Declaração de Manuel Laginha a Comprovar o tirocínio de MGC no seu atelier, 1953 fonte: FAUL (2017)	39
fig. 19 MGC junto ao projecto da Cooperativa Agrícola de Santa Catarina da Fonte do Bispo, na década de 1950 fonte: Arquivo Gonçalo Vargas	40
fig. 20 A-C Silos da Cooperativa Agrícola de Santa Catarina da Fonte do Bispo, na década de 1950 fonte: Arquivo Gonçalo Vargas	41
fig. 21 A. Planta; B. Corte; C. Alçado da Cooperativa Agrícola de Santa Catarina da Fonte do Bispo, 1957 fonte: Arquivo Gonçalo Vargas	42

fig. 22 A. Cartaz da exposição Moderno ao Sul decorrida em Faro em 2009; B. O Arquitecto na exposição de VRSA em 2010; C. Exposição no Espaço + em Aljezur fonte: Arquivo António Rosa da Silva	44
fig. 23 Peças desenhadas da casa de férias em VRSA: A. Estudo de alçados; B. Esquiços; C. Desenho do pormenor do painel de azulejos fonte: Arquivo Gonçalo Vargas	45
fig. 24 Casa de Férias em VRSA que ainda hoje preserva o seu estado original fonte: Autor (2017)	46
 CAPÍTULO II	
fig. 25 Separador C2 Manuel Gomes da Costa no seu atelier na Rua Reitor Teixeira Guedes, Faro, 2009 fonte: Arquivo António Rosa da Silva	49
fig. 26 Trabalho elaborado para o concurso de Projecto de Grande Composição de 1949, seleccionado posteriormente para ilustrar a capa da revista que tinha como destaque a IV Exposição Geral de Artes Plásticas de 1949 fonte: Arquitectura nº30 (1949)	50
fig. 27 A. <i>Opuntia ficus-indica</i> ; B. <i>Agave attenuata</i> ; C. <i>Genista polyanthos</i> ; D. <i>Cereus repandus</i> ; E. <i>Colocasia esculenta</i> ; F. <i>Klasea algarbiensis</i> fonte: Autor (2017)	52
fig. 28 Perspectiva, Alçado lateral e Planta do projecto da "Casa de um pilar" fonte: Arquitectura nº30 (1949)	53
fig. 29 Capa da revista que ilustra o inaudito caso do "Milagre em Faro" fonte: A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação: habitação e artes domésticas (1953)	55
fig. 30 Casa "Milagre": A. Planta do térreo; B. Planta do 1º piso fonte: A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação: habitação e artes domésticas (1953)	56
fig. 31 Casa "Milagre" em fase de acabamentos, em meados da década de 1950: A. Alçado principal; B. Alçado tardoz fonte: Arquivo Gonçalo Vargas	57
fig. 32 Casa Tengarrinha em Portimão, em meados na década de 1950: A. Pré-existências; B. Proposta de MGC fonte: Arquivo Gonçalo Vargas	59
fig. 33 Casa Tengarrinha em Portimão: A. Enquadramento; B. Toque no muro e a singeleza da pala; C. Painel de azulejos na entrada da garagem fonte: Arquivo Gonçalo Vargas	60
fig. 34 Edifício Nogueira fonte: Autor (2017)	62
fig. 35 Edifício no gaveto da rua 1º de Dezembro c/ a Rebelo da Silva fonte: Autor (2017)	62
fig. 36 Casa e Atelier do Arquitecto MGC em Faro fonte: Arquivo António Roda da Silva	64
fig. 37 A. Edifício em Faro, na rua Ataíde de Oliveira nº 124; B. Edifício em VRSA; C. Gaveto da rua 1º de Maio em Tavira fonte: Arquivo António Rosa da Silva	66
fig. 38 A-L Esquiços elaborados entre Janeiro e Agosto de 1952 nas constantes visitas à livraria Silva em Faro, tendo sido guardados pelo amigo Duarte Infante fonte: Arquivo Gonçalo Vargas; Arquivo António Rosa da Silva	66A
fig. 39 Casa Baptista Soares na Rua Frei Lourenço Santa Maria nº 36-40, Faro fonte: Google Maps (2017)	68
fig. 40 Casa na África do Sul, Rex Martiessen, 1940 fonte: https://goo.gl/kW6lgi > acedido a 14 de Junho de 2017	68
fig. 41 MGC: Capela da Casa de Retiros e Colónia de Férias de Alcantarilha, 1957 - 60 fonte: Arquivo Gonçalo Vargas	69
fig. 42 Oscar Niemeyer: Igreja de São Francisco de Assis, amplamente conhecida por Igreja da Pampulha, localizada em Belo Horizonte, Brasil, 1943 fonte: https://goo.gl/gWYM9D > acedido a 14 de Junho de 2017	69
fig. 43 MGC: Casa Rosa Mendes em Vila Nova de Cacela, 1957 fonte: Arquivo Gonçalo Vargas	70

fig. 44 Oscar Niemeyer: Casa em Mendes, no estado Rio de Janeiro 1949 fonte: http://www.niemeyer.org.br/obra/pro034 > acessido a 14 de Junho de 2017	70
fig. 45 MGC: Ginásio do Colégio do Alto, Faro, 1960 fonte: Arquivo António Rosa da Silva	70
fig. 46 Affonso Eduardo Reidy: Conjunto do Pedregulho, Rio de Janeiro, 1947 fonte: https://goo.gl/jbmfMD > acessido a 15 de Junho de 2017	70
fig. 47 MGC: Planta do piso térreo do Centro de Assistência Social Polivalente de Aljezur, 1957 fonte: Arquivo Gonçalo Vargas	71
fig. 48 Burle Marx: Projecto da Praça Duque de Caxias, Rio de Janeiro, 1948 fonte: https://goo.gl/82dq3L > acessido a 15 de Junho de 2017	71
fig. 49 MGC: Paineis de azulejos da torre da Casa Tengarrinha em Portimão, na década 1950 fonte: Arquivo António Rosa da Silva	72
fig. 50 Cândido Portinari: Paineis de azulejos da Igreja da Pampulha, 1940 - 42 fonte: https://goo.gl/nc5WC5 > acessido a 16 de Junho de 2017	72
fig. 51 MGC: Paineis de azulejos à entrada da casa do Arquitecto em Faro, na Rua Reitor Teixeira Guedes, Faro 1966 fonte: Autor (2016)	72
fig. 52 Athos Bulcão: Paineis de azulejos, Brasília Palace Hotel, 1958 fonte: http://fundathos.org.br/galeriavirtual > acessido a 16 de Junho de 2017	72

CAPÍTULO III

fig. 53 Separador C3 Faro 1940/2017 fonte: Autor (2017) adaptado de CIGeoE e Google Earth	75
fig. 54 Concelho de Faro e as suas respectivas freguesias com a área de estudo circunscrita fonte: Autor (2017)	76
fig. 55 Faro até finais de 1940, período que antecede a entrada de Manuel Gomes da Costa em actividade fonte: Autor (2017)	81A

Recursos

Câmara Municipal de Faro

- Cartografia Vetorial 1997-2017 CMF-SIG
- Processos de Obras Particulares
- Divisão de Sistemas de Informação e Comunicações do Município de Faro. (2017). Mapas de Faro. (Sistemas de Informação, Lda) Obtido em Maio de 2017, de <http://mapas.cm-faro.pt>

Centro de Informação Geoespacial do Exército

- Fotografia nº 54-5067 de 1947 da Royal Air Force
- Fotografia nº 344 do voo SPAL

Google Earth

- 4216 imagens combinadas com base nos vértices do polígono em 37.0447562, -7.9543215 e 37.0077448, -7.9122162. Data de captação: Março de 2017

fig. 56 Conjunto da obra de Manuel Gomes da Costa em Faro na década de 1950, que marca o início da carreira do arquitecto pós-academia fonte: Autor (2017)	85A
--	------------

Recursos

Câmara Municipal de Faro

- Cartografia Vetorial 1997-2017 CMF-SIG
- Processos de Obras Particulares
- Divisão de Sistemas de Informação e Comunicações do Município de Faro. (2017). Mapas de Faro. (Sistemas de Informação, Lda) Obtido em Maio de 2017, de <http://mapas.cm-faro.pt>

Centro de Informação Geoespacial do Exército

- Fotografia nº 9008 do Voo 3 de 1958 da United States Air Force à escala 1:26000
- Fotografia nº 344 do voo SPAL

Google Earth

- 4216 imagens combinadas com base nos vértices do polígono em 37.0447562, -7.9543215 e 37.0077448, -7.9122162 Data de captação: Março de 2017

fig. 57 Conjunto da obra de Manuel Gomes da Costa em Faro na década de 1960 **93A**
fonte: Autor (2017)

Recursos

Câmara Municipal de Faro

- Cartografia Vetorial 1997-2017 CMF-SIG
- Processos de Obras Particulares
- Divisão de Sistemas de Informação e Comunicações do Município de Faro. (2017). Mapas de Faro. (Sistemas de Informação, Lda) Obtido em Maio de 2017, de <http://mapas.cm-faro.pt>

Centro de Informação Geoespacial do Exército

- Fotografia nº 9658 do Voo 15 de 1969 da Força Aérea Portuguesa à escala 1:25000

Google Earth

- 4216 imagens combinadas com base nos vértices do polígono em 37.0447562, -7.9543215 e 37.0077448, -7.9122162. Data de captação: Março de 2017

fig. 58 Conjunto da obra de Manuel Gomes da Costa em Faro na década de 1970 **109A**
fonte: Autor (2017)

Recursos

Câmara Municipal de Faro

- Cartografia Vetorial 1997-2017 CMF-SIG
- Processos de Obras Particulares
- Divisão de Sistemas de Informação e Comunicações do Município de Faro. (2017). Mapas de Faro. (Sistemas de Informação, Lda) Obtido em Maio de 2017, de <http://mapas.cm-faro.pt>

Centro de Informação Geoespacial do Exército

- Fotografia nº 7098 do Voo 17 de 1972 da Força Aérea Portuguesa à escala 1:25000
- Fotografia nº 6276 do Voo 22 de 1976 da Força Aérea Portuguesa à escala 1:25000

Google Earth

- 4216 imagens combinadas com base nos vértices do polígono em 37.0447562, -7.9543215 e 37.0077448, -7.9122162. Data de captação: Março de 2017

fig. 59 Conjunto da obra de Manuel Gomes da Costa em Faro na década de 1980 **129A**
fonte: Autor (2017)

Recursos

Câmara Municipal de Faro

- Cartografia Vetorial 1997-2017 CMF-SIG
- Processos de Obras Particulares
- Divisão de Sistemas de Informação e Comunicações do Município de Faro. (2017). Mapas de Faro. (Sistemas de Informação, Lda) Obtido em Maio de 2017, de <http://mapas.cm-faro.pt>

Direcção Geral do Território

- Fotografia do Voo 44 de 1989 da Força Aérea Portuguesa à escala 1:10000

Google Earth

- 4216 imagens combinadas com base nos vértices do polígono em 37.0447562, -7.9543215 e 37.0077448, -7.9122162. Data de captação: Março de 2017

fig. 60 Conjunto da obra de Gomes da Costa em Faro na última década em exercício laboral **141A**
fonte: Autor (2017)

Recursos

Câmara Municipal de Faro

- Cartografia Vetorial 1997-2017 CMF-SIG
- Processos de Obras Particulares
- Divisão de Sistemas de Informação e Comunicações do Município de Faro. (2017). Mapas de Faro. (Sistemas de Informação, Lda) Obtido em Maio de 2017, de <http://mapas.cm-faro.pt>

Direcção Geral do Território

- Ortoimagem do ano de 1995

Google Earth

- 4216 imagens combinadas com base nos vértices do polígono em 37.0447562, -7.9543215 e 37.0077448, -7.9122162. Data de captação: Março de 2017

fig. 61 Conjunto da obra de Manuel Gomes da Costa em Faro na actualidade
fonte: Autor (2017)

149A

Recursos

Câmara Municipal de Faro

- Cartografia Vetorial 1997-2017 CMF-SIG
- Processos de Obras Particulares
- Divisão de Sistemas de Informação e Comunicações do Município de Faro. (2017). Mapas de Faro. (Sistemas de Informação, Lda) Obtido em Maio de 2017, de <http://mapas.cm-faro.pt>

Direcção Geral do Território

- Ortoimagem do ano de 1995

Google Earth

- 4216 imagens combinadas com base nos vértices do polígono em 37.0447562, -7.9543215 e 37.0077448, -7.9122162. Data de captação: Março de 2017.

INVENTÁRIO

003, 008, 009, 011, 012, 015, 018, 020, 022, 023, 024, 026, 027, 028, 029, 033, 039, 040, 041, 042, 043, 044, 045, 046, 047, 048, 049, 051, 052, 053, 056, 058, 061, 062, 065, 066, 068, 069, 070, 071, 072, 073, 074, 075, 076, 077, 080, 081, 082, 083, 085, 086, 087, 088, 089, 090, 091, 092, 093, 097, 100, 101, 102, 103, 104, 114, 116, 117, 118, 120, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 164, 165.

fonte: Autor (2016 - 2017)

001, 002, 004, 005, 006, 010, 014, 017, 032, 035, 036, 037, 050, 054, 055, 057, 059, 060, 063, 064, 067, 084, 098, 099, 105, 106, 109, 110, 113, 119, 121, 122, 123, 149, 153, 155.

fonte: Google Street View (2016 - 2017)

016, 025, 031, 034, 038, 078, 079, 095, 111

fonte: Gonçalo Vargas (2009 - 2011)

013

fonte: António Rosa da Silva (2009 - 2011)

007

fonte: Ricardo Costa Agarez (2016)

85-145

CAPÍTULO IV

fig. 62 Separador C4 Fachada principal do Edifício Silva-Pinheiro **153**
fonte: Autor (2017)

fig. 63 Edifício Silva - Pinheiro em processo de conclusão de obra. **158**
fonte: Arquivo Gonçalo Vargas

fig. 64 Planta de localização do Edifício Silva - Pinheiro, Faro **160**
fonte: Autor (2017) adaptado de CMF - SIG: Cartografia Vetorial 1997 - 2017

fig. 65 Alçado da segunda proposta para a actual localização do edifício Silva - Pinheiro, 1947 **162**
fonte: CMF/SOP n.º 63/47

fig. 66 Planta da segunda proposta para a actual localização do edifício Silva - Pinheiro, 1947 **162**
fonte: CMF/SOP n.º 63/47

fig. 67 Segunda proposta: solução encontrada para a correcção do desnível do terreno, onde hoje se implanta o edifício Silva-Pinheiro **163**
fonte: CMF/SOP n.º 63/47

fig. 68 Alçado da primeira proposta para a actual localização do edifício Silva-Pinheiro, 1947 **164**
fonte: CMF/SOP n.º 63/47

fig. 69 Planta da primeira proposta para a actual localização do edifício Silva - Pinheiro, 1947 **164**
fonte: CMF/SOP n.º 63/47

fig. 70 Panorâmica da Rotunda Infante D. Henrique com a Avenida 5 de Outubro ao fundo. **166**
fonte: Autor (2017)

fig. 71 Edifício Silva - Pinheiro, 1965: planta do piso térreo fonte: CMF/SOP n.º 700/65	168
fig. 72 Edifício Silva - Pinheiro, 1965: planta tipo (2.º ao 7.º piso). fonte: CMF/SOP n.º 700/65	169
fig. 73 Fachada tardoz do edifício Pinheiro Brandão, 1957. fonte: Arquivo António Rosa da Silva	170
fig. 74 Fachada tardoz do edifício Silva - Pinheiro, 1965. fonte: Arquivo António Rosa da Silva	171
fig. 75 Edifício Silva - Pinheiro, 1965: planta do andar recuado / cobertura. fonte: CMF/SOP n.º 700/65	172
fig. 76 Edifício Silva - Pinheiro na actualidade. fonte: Autor (2017). fonte: Autor (2017)	173
fig. 77 A e B Soluções altimétricas. fonte: Autor (2017)	174
fig. 78 A e B Gradiente entre ambientes: edifício no jardim e jardim no edifício. fonte: Autor (2017)	176
fig. 79 Carta Solar para a localização do Edifício Silva-Pinheiro à data do Solstício de Verão. fonte: Autor (2017)	177
fig. 80 Edifício Silva-Pinheiro: incidência solar directa na fachada principal. fonte: Autor (2017)	177
fig. 81 Edifício Silva - Pinheiro, 1965: alçado da Avenida 5 de Outubro. fonte: CMF/SOP n.º 700/65	178
fig. 82 Edifício Silva - Pinheiro, 1965: corte C-D. fonte: CMF/SOP n.º 700/65	179
fig. 83 Articulação entre diferentes elementos da fachada. fonte: Autor (2017)	180
fig. 84 A. Proporção entre diferentes elementos da fachada; B. <i>Araucaria heterophylla</i> fonte: Autor (2017)	181
fig. 85 Edifício Pires & Brito. fonte: Autor (2017)	182
fig. 86 Planta de localização do Edifício Pires & Brito fonte: Autor (2017) adaptado de CMF - SIG: Cartografia Vetorial 1997 - 2017	184
fig. 87 Primeira proposta para o edifício Pires & Brito, 1969 fonte: CMF/SOP n.º 763/69	186
fig. 88 Segunda proposta para o edifício Pires & Brito, 1970 fonte: CMF/SOP n.º 763/69	187
fig. 89 Projecto de alterações do edifício Pires & Brito datado de 1970, antes de chegar à sua versão final em 1973 fonte: CMF/SOP n.º 763/69	188
fig. 90 Pormenor da planta térrea do projecto de alterações do edifício Pires & Brito, datado de 1970, antes da versão final de 1973. fonte: CMF/SOP n.º 763/69	189
fig. 91 Alçado da Rua Frei Lourenço Santa Maria nas cores originais. fonte: Arquivo Gonçalo Vargas	190
fig. 92 Edifício Pires & Brito visto da Igreja do Carmo. fonte: Autor (2017)	192
fig. 93 Edifício Pires & Brito: vista para a platibanda com destaque para a grelhagem localizada no centro-esquerdo da imagem. fonte: Autor (2017)	193
fig. 94 Plantas finais do edifício Pires & Brito, 1973: da cave à cobertura. fonte: CMF/SOP n.º 763/69	193A
fig. 95 Trabalho da luz nos diferentes planos fonte: Autor (2017)	194
fig. 96 Carta Solar para a localização do Edifício Pires & Brito à data do Solstício de Verão. fonte: Autor (2017)	196
fig. 97 Pires & Brito: contrastes luz-sombra na fachada. fonte: Autor (2017)	196
fig. 98 Luz, sombra, planos e densidades. fonte: Autor (2017)	197

fig. 99 Verticalidades. fonte: Autor (2017)	198
fig. 100 Pires & Brito: alçados. fonte: CMF/SOP n° 763/69	200
fig. 101 Pires & Brito: cortes fonte: CMF/SOP n° 763/69	201
fig. 102 Pires & Brito: afirmação, ordem e ritmo. fonte: Autor (2017)	202
fig. 103 Edifício Tridente. fonte: Autor (2017)	204
fig. 104 Planta de localização do Edifício Tridente, Faro fonte: Autor (2017) adaptado de CMF - SIG: Cartografia Vetorial 1997 - 2017	206
fig. 105 A - D Palácio Lã abandonado e vandalizado. fonte: https://goo.gl/gKHLAu e https://goo.gl/Z4Dqdg	208
fig. 106 Palácio Lã visto da Avenida 5 de Outubro. fonte: https://goo.gl/gKHLAu	209
fig. 107 Verticalidade e neutralidade. fonte: Autor (2017)	210
fig. 108 Tridente: vista total a partir da Avenida 5 de Outubro. fonte: Autor (2017)	211
fig. 109 Projecto de alterações do edifício Tridente, 1979. fonte: CMF/SOP n° 2728/79	212
fig. 110 Edifício Tridente: plantas da cave e piso térreo, 1979. fonte: CMF/SOP n° 2728/79	213A
fig. 111 Tridente: vista da entrada do centro comercial. fonte: Autor (2017)	214
fig. 112 A - D Galeria Tridente. fonte: Autor (2017)	215
fig. 113 A - C Cobertura do pódio. fonte: Autor (2017)	216
fig. 114 Edifício Tridente: plantas do pódio e da cobertura, 1979. fonte: CMF/SOP n° 2728/79	216A
fig. 115 Vista para a Ria Formosa. fonte: Autor (2017)	218
fig. 116 Vista para a cidade e para a serra. fonte: Autor (2017)	218
fig. 117 Tridente: betão, alumínio e vidro. fonte: Autor (2017)	220
fig. 118 O contraste de cores como forma de realçar e aprofundar os diferentes planos. fonte: Autor (2017)	221
fig. 119 Carta Solar para a localização do Tridente à data do Solstício de Verão. fonte: Autor (2017)	221
fig. 120 Tridente: alçados. fonte: CMF/SOP n° 2728/79	220A
fig. 121 Tridente: cortes. fonte: CMF/SOP n° 2728/79	221A
fig. 122 Grelhagens em alumínio anodizado. fonte: Autor (2017)	222
fig. 123 Tridente: pormenores. fonte: Autor (2017)	223
fig. 124 Tridente: isometria. fonte: Arquivo Gonçalo Vargas	224
fig. 125 Relação entre cor, forma e densidade. fonte: Autor (2017)	226
fig. 126 Vista da Avenida 5 de Outubro. fonte: Autor (2017)	228
fig. 127 Ritmo, ordem e coesão. fonte: Autor (2017)	229

ÍNDICE DE TABELAS

CAPÍTULO I

tab. 01 Lista de cadeiras realizadas no Curso de Arquitectura EBAL/EBAP. fonte: Autor (2017), à excepção da coluna 'Professores' Moniz (2011)	33
---	-----------

CAPÍTULO III

tab. 02 Tabela quantitativa do legado de Manuel Gomes da Costa em Faro fonte: Autor (2017)	150
--	------------

tab. 03 População residente em Faro entre 1940 e 2011 fonte: Autor (2017) adaptado do VIII ao XV Recenseamento Geral da População INE, Gabinete de Estudos Demográficos	150
--	------------

ÍNDICE DE GRÁFICOS

CAPÍTULO III

graf. 01 Legado de MGC em Faro na década de 1940 fonte: Autor (2017)	81
--	-----------

graf. 02 Legado de MGC em Faro na década de 1950 fonte: Autor (2017)	85
--	-----------

graf. 03 Legado de MGC em Faro na década de 1960 fonte: Autor (2017)	93
--	-----------

graf. 04 Legado de MGC em Faro na década de 1970 fonte: Autor (2017)	109
--	------------

graf. 05 Legado de MGC em Faro na década de 1980 fonte: Autor (2017)	129
--	------------

graf. 06 Legado de MGC em Faro na década de 1990 fonte: Autor (2017)	141
--	------------

graf. 07 Legado de MGC em Faro entre 1940 e 2017 fonte: Autor (2017)	149
--	------------

FONTES CONSULTADAS

- Agrupamento de Escolas Tomás Cabreira – Escola Industrial e Comercial de Faro
- Arquivo Distrital de Faro
- Arquivo Histórico do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa (ISEL)
- Arquivo Histórico Municipal António Rosa Mendes | Câmara Municipal de Vila Real de Santo António
- Arquivo Histórico Municipal de Faro
- Arquivo Nacional Torre do Tombo
- Arquivo Pessoal António Rosa da Silva
- Arquivo Pessoal Gonçalo Vargas
- Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian
- Biblioteca Municipal de Faro
- Biblioteca Nacional de Portugal
- Câmara Municipal de Faro
- Casa Pia de Lisboa - Asilo Dona Maria Pia
- CCDR – Algarve
- Centro de Informação Geospacial do Exército - CIGeoE – Secção de Fotografia Cartográfica
- Conservatória do Registo Civil/Predial/Comercial de Vila Real de Santo António
- Departamento de Arquitectura - Escola de Artes da Universidade de Évora
- Direcção – Geral de Reinserção e Serviços Prisionais
- Direcção – Geral do Território
- Divisão de Sistemas de Informação e Comunicações - Câmara Municipal de Faro
- Estabelecimento Prisional de Caxias
- Espaço + - Câmara Municipal de Aljezur
- Exposição Victor Palla & Bento D'Almeida - CCB
- Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa (FAUL)
- Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP)
- Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa - Arquivo FBAUL
- Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto - Arquivo FBAUP
- Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Lisboa (FCT – UNL)
- Instituto Nacional de Estatística
- Livraria e Alfarrabista Simões
- Museu Municipal de Faro
- Ordem dos Arquitectos
- Partido Comunista Português
- Serviço de Arquivo de Obras – Serviço de Obras Particulares - Câmara Municipal de Faro
- Serviços de Informação Geográfica do Município de Faro
- Sistema de Informação para o Património Arquitectónico - Forte de Sacavém (SIPA)
- Universidade do Algarve - Arquivo Central - Campus de Gambelas

01. INTRODUÇÃO

1.1. Enquadramento

Pertencente à primeira geração de arquitectos puramente modernos do país, Manuel Gomes da Costa foi um dos principais intervenientes no desenvolvimento urbano da cidade de Faro, assim como de outras cidades do Algarve na segunda metade do século passado, contudo, é nesta capital de distrito que o presente estudo irá incidir esforços, almejando levar ao conhecimento da comunidade científica, a vida e a obra deste ilustre arquitecto, considerado até recentemente autor de uma modernidade desconhecida ou mesmo esquecida. Por ter exercido actividade numa região deslocada em relação ao eixo Porto-Lisboa - palco dos principais acontecimentos do país em diversos domínios - a sua obra pouco foi estudada, porém, aos poucos têm vindo a despertar a atenção e novos olhares pela sua pertinência e importância cada vez mais comprovada no circuito internacional, por ter sido reflexo de um tempo de grandes mudanças e do seu contexto bastante particular, tendo sabido o Arquitecto desde o seu primeiro contacto com a realidade profissional, interpretá-las em benefício da sua actividade.

A entrada de Gomes da Costa no panorama local no princípio da década de 1950 foi o divisor de águas para o que se fazia até à data. A cidade que contava com poucos arquitectos de formação e destes poucos, nenhum modernista de génese, já tinha experimentado nas décadas anteriores novas abordagens arquitectónicas, onde se destacaram a *Art-Déco* e a *Art Nouveau*, contudo permanecia enraizada no seu aspecto vernacular. Apesar desta inércia, à semelhança das demais cidades do país, Faro viu no seu crescimento demográfico, a possibilidade de novas abordagens arquitectónicas, que foram pouco a pouco configurando a sua nova identidade. A par da imigração, a migração do interior para o litoral, sobretudo para as áreas urbanas, motivou a uma crescente necessidade de construção de novas habitações, pensadas e programadas sobremaneira com carácter funcional, trazendo consigo todas as vantagens que a arquitectura vernacular não conseguia atender, nomeadamente a rentabilidade do metro quadrado, sem prejuízo da qualidade, fazendo da habitação vertical o exemplo máximo desta relação causa-efeito. Foi deste contexto de apelo ao progresso, aliada à prosperidade que surgiu o seu principal interlocutor, cuja obra será abordada nos capítulos seguintes.

Apesar do objecto de estudo ter como objectivo principal a quantificação do legado e a qualificação de uma tipologia bastante particular, num período cronológico delimitado na obra de Gomes da Costa, serão dadas a conhecer outros aspectos que até então não foram revelados em nenhuma outra investigação. Por se tratar de um tema com relativa escassez teórica, onde a quantidade e a precisão dos dados lançados até ao momento não são das mais substanciais, esta Dissertação acabará por responder e encerrar no seu desenvolvimento, aspectos da vida, do pensamento e da obra do arquitecto que ainda não foram descortinados. Neste sentido, esgotar-se-ão parcialmente as vias de investigação do percurso biográfico do autor em estudo, o que não só irá contribuir para o seguro desenvolvimento do presente trabalho, como também contribuirá para um imprescindível Estado da Arte de futuras investigações.

Sendo a arquitectura o resultado de uma amálgama de factores que ultrapassam as imposições do mercado e das particularidades do local de implantação, importa estudar a personagem na sua esfera biográfica e intelectual de modo a não cairmos em argumentos pré-concebidos, baseados em dados superficiais. Posto isto, a pertinência deste estudo poderá beneficiar em certa medida, não só a comunidade científica como também a sociedade enquadrada ao longo dos capítulos, visto que, tem-se registado nos últimos tempos, casos de abandono, alienação da identidade e até mesmo a destruição completa de alguns exemplares construídos, quando o protocolo deveria ser o da salvaguarda. Por outro lado, almeja-se atenuar a polarização Lisboa-Porto e Porto-Lisboa no debate da Arquitectura Moderna em Portugal, pondo este trabalho em particular, em consonância com os principais estudos feitos até então dentro da temática, rompendo esperançosamente a imagem de um Algarve estritamente veraneante, trazendo à tona, arquitectos e arquitecturas desta e de outras zonas periféricas pouco abordadas, possuidoras de um enorme potencial cultural.

1.2. Oportunidade e Originalidade do Estudo

Ao longo dos quase 60 anos de carreira, Gomes da Costa nunca chegou a lançar as suas bases teóricas, pois sempre ocupado pelas questões políticas, pela profissão e pelos encargos familiares, num gesto de confiança, incumbiu às gerações vindouras, o estudo e a conservação da sua obra. Foi atento a esta condição que o compromisso para a elaboração deste trabalho foi firmado, estando reflectido no seu insumo, a consciência de uma oportunidade única de contribuir para uma ínfima, porém inestimável parcela da história da arquitectura portuguesa do século XX, sob uma enorme responsabilidade no tratamento rigoroso e criterioso dos dados, para que a investigação esteja à altura do tema e das expectativas de futuros investigadores.

Esta é talvez primeira investigação académica a nível nacional inteiramente dedicada a Manuel Gomes da Costa, que até ao momento foi mencionado em pouquíssimos trabalhos por sua associação à EBAP e à arquitectura regional. Este estudo contempla para sua biografia, um grau de acerto até então inalcançado quer no prisma espacial, quer no prisma temporal do arquitecto, corrigindo definitivamente as imprecisões e lacunas apresentadas nos estudos lançados até à conclusão deste trabalho. Grande parte dos dados da vida do arquitecto, utilizados em praticamente todas as investigações, foram baseados em depoimentos dados pelo próprio, que com toda naturalidade, tiveram alguns desacertos, e esta investigação em particular desenvolve-se através da compilação cronológica dos documentos originais, consultados, copiados e autenticados para efeito de validação científica.

Será também a primeira vez que o catálogo/inventariação da sua obra na cidade de Faro será lançada. Uma vez realizada, poderá fornecer pistas para o descobrimento de outras desconhecidas e não documentadas. Além de documentadas estarão marcadas nas peças desenhadas a suas respectivas localizações, revelando pela primeira vez a expressão do seu legado na cidade. Nestas plantas, se nos abstrairmos das construções do arquitecto, teremos também a primeira análise comparativa da evolução do tecido urbano da cidade entre 1940 e 2017 num estudo académico, que a par de dados estatísticos, poderemos quantificar e comparar o diálogo entre o arquitecto e cidade.

Enquanto estudante académico, este representa o culminar de uma longa jornada de estudos, com um dos maiores – se não o maior – dos desafios: ter aprendido o suficiente para retribuir todo o aprendizado obtido em prol da sabedoria. Não obstante, pretende-se finalmente com este trabalho cobrar a atenção da comunidade científica

para o estudo deste e de outros arquitectos da mesma geração, caídos no esquecimento, para a sua introdução no conteúdo programático das unidades curriculares que abordam a arquitectura portuguesa do século XX, pois cada caso aporta novos aprendizados e novas pertinências.

1.3. Motivações

As motivações na escolha do tema perdem-se num dilema entre quem terá escolhido quem. Se por um lado pensava o autor ter escolhido o tema da qual nada conhecia e pouco existia sobre, por outro, sente-se que o mesmo sempre fez parte da sua formação cívica, enquanto habitante da cidade que o arquitecto em foco ajudou a construir.

Tal como a maioria da população de Faro, desconhecia o autor a figura de Manuel Gomes da Costa, pese embora este estivesse sempre presente na sua vida e na dos seus concidadãos de forma bastante evidente, embora mal notada. As suas obras por terem adquirido idade e por terem sido absorvidas pela vivência urbana, têm atreladas inúmeras recordações, uma vez que serviram de palco para enredos familiares e profissionais ao longo do tempo.

Com um olhar mais atento ao mundo que nos rodeia, torna-se inevitável estabelecer padrões. Foram destes padrões que se começou a acender a centelha da curiosidade e a criar as primeiras co-relações. Daí, até se saber o nome do responsável foi apenas uma questão de tempo. Somando à intriga, a casa do arquitecto por ser um ponto de paragem obrigatório de autocarros que vinham praticamente de todos os recantos da cidade e arredores, suscitava ainda mais curiosidade pelas suas peculiaridades, em que também era comum as vezes em que se podia vê-lo a regar as plantas do seu pequeno jardim pela manhã. Na mesma medida em que era estranho ver uma figura tão idosa numa casa tão moderna, era notável a empatia que se estabelecia com a candura discreta e misteriosa que só os mais velhos conseguem suscitar. Sem se aperceber, ficou plantada no autor, uma forte afinidade com aquela pessoa pouco dada às palavras, porém dona de um temperamento afável e de hábitos simples.

Talvez por ter uma responsabilidade acrescida em relação aos demais habitantes por estudar arquitectura, na concepção do autor, seria imperdoável a abordagem de um leigo e nada saber a respeito do período moderno da cidade da qual sempre viveu. Esta tormenta só seria resolvida aprofundando os conhecimentos, resultando na presente Dissertação: **Manuel Gomes da Costa e a Arquitectura Moderna em Faro**. Por infortúnio, quando se preparava o início das investigações e a colecta de dados, surge a notícia do seu falecimento. Naquele momento o arquitecto despedia-se da vida e entrava para a história.

Olhando para trás, numa retrospectiva dos acontecimentos que me levaram a mergulhar nesta dimensão “Gomesdacostiana”, vejo que não fui eu em quem escolheu o tema... foi o tema quem me escolheu.

1.4. Temática

Campo	Área	Tema
Arquitectura	Arquitectura Moderna	Arquitectura Moderna Portuguesa
Título Manuel Gomes da Costa e Arquitectura Moderna em Faro		

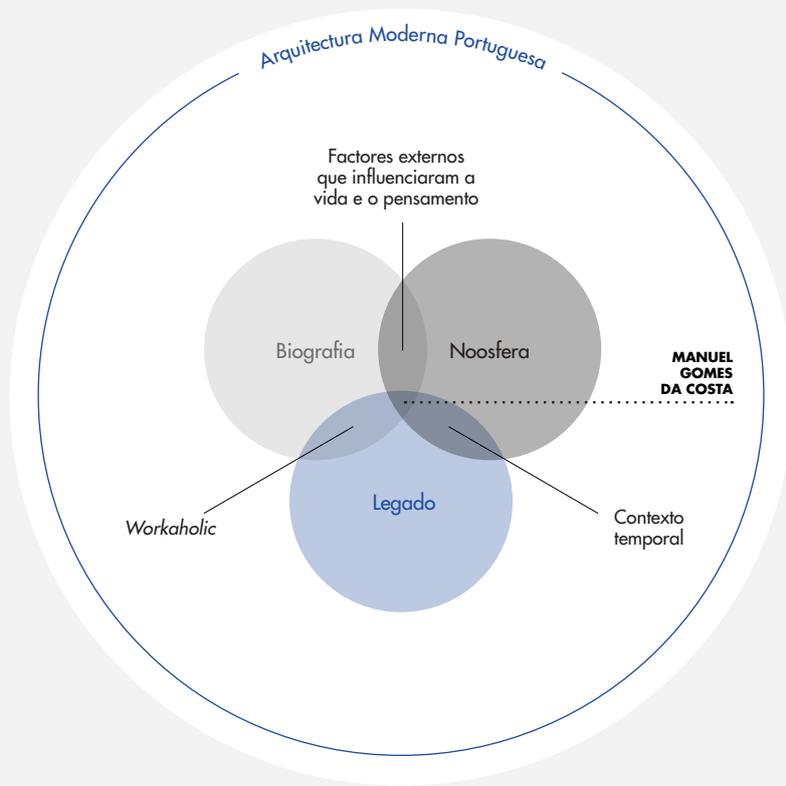
1.5. Organização do Trabalho

A investigação, tal como o título indica, desenvolve-se sob uma lógica de continuidade, enfatizando à partida, a figura do arquitecto antes mesmo de uma abordagem mais aprofundada da sua obra, por esta resultar de uma série de acontecimentos e motivações que somente a sua biografia poderia responder. Partindo desta prerrogativa, o seu traço de personalidade foi assumindo um destaque indispensável para a compreensão quer dos números, quer da linguagem arquitectónica, onde as questões do seu pensamento e da sua metodologia contêm inúmeras respostas que previamente possamos colocar e que servirão sobretudo para responder as Questões de Investigação. Desta forma, entendeu-se para um claro e inequívoco entendimento de todas as partes do trabalho, dividi-lo em quatro grandes capítulos:

No Capítulo I, relativo à Biografia, teremos a oportunidade de conhecer a figura do arquitecto com dados altamente precisos, trabalhados numa sequência cronológica dos factos, trilhando o seu percurso desde Vila Real de Santo António até ao Porto e do regresso desta a Faro. Uma vez conhecida a sua esfera Humana, partiremos para o Capítulo II - a *Noosfera* - que nos remete à esfera intelectual que não só nos permitirá interiorizar no seu pensamento, como também identificar as suas influências e preocupações, trazendo à superfície potenciais pistas e hipóteses para a resolução da questão chave.

No Capítulo III estarão as premissas para a selecção dos casos de estudo, que irão requerer uma escolha ponderada, criteriosa e segura do conjunto da obra de MGC, de modo a que não caiamos na arbitrariedade na selecção dos projectos. Teremos neste capítulo pela primeira vez a compilação do seu legado por escrito e desenhado, onde será igualmente possível analisar a evolução urbana da cidade nos últimos setenta anos a par do contributo do Arquitecto. Por fim, com conhecimento adquirido do conjunto da obra, poderemos finalmente eleger os casos de estudo e abordá-los no Capítulo IV. Em auxílio e no reforço da tese desenvolvida no IV Capítulo, os demais capítulos estarão repletos de exemplos, questões, comparações e associações.

fig. 01 Diagrama de Venn:
aspectos considerados para o
desenvolvimento da investigação
fonte: Autor (2016)



02. QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

No decorrer desta investigação, iremos constatar que em Faro, a obra de Manuel Gomes da Costa destaca-se em dois pontos: em quantidade e em identidade. Praticamente todas as principais avenidas e ruas da cidade possuem um projecto seu e que por serem tão idiossincráticos definem a identidade de todo o conjunto urbano na zona extramuros. É atento a estes factos que se levantam as seguintes questões:

- **Quantos edifícios Manuel Gomes da Costa projectou em Faro?**
- **Qual a lógica subjacente à estética da sua arquitectura?**

Estas perguntas para serem sustentadas de forma concisa e respondidas com pleno conhecimento de causa, exigirá também o conhecimento da figura por trás delas, logo afiguram-se as seguintes subquestões de igual peso às anteriores:

- **Quem foi Manuel Gomes da Costa?**
- **Como este pensava e quais eram as suas principais influências e preocupações?**

A sua biografia e o seu pensamento são na óptica desta investigação, fundamentais para a compreensão do tema, pois importa não só conhecer a criação como também importa conhecer o seu criador em todos os aspectos, tanto pessoais quanto intelectuais, pois estes dados irão ajudar-nos a compreender os motivos por trás dos números e do léxico arquitectónico.

03. OBJECTIVOS

3.1. Objectivos Gerais

A nível do estudo

- Identificar e quantificar o legado de Manuel Gomes da Costa em Faro;
- Localizar as obras no espaço urbano;
- Conhecer a personalidade e o pensamento do arquitecto;
- Demonstrar a importância da arquitectura de Manuel Gomes da Costa no Algarve e os contributos desta para o panorama local e para a história da arquitectura nacional, num dos períodos de maior produtividade e reconhecimento internacional;
- Catalogar as obras desenvolvidas num período e numa cidade em particular, de modo a facilitar o avanço de novas investigações.

A nível pessoal

- Adquirir novos conhecimentos teóricos e práticos;
- Aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos durante a formação académica;
- Aprender novas Metodologias de Investigação;
- Contribuir para o Estado da Arte de futuras pesquisas;
- Aumentar o *ranking* da Universidade.

3.2. Objectivos Específicos

A nível do estudo

- Quantificar e organizar a obra de Gomes da Costa em Faro por décadas, tipologias e número de pisos;
- Quantificar e distinguir os projectos entre construídos e não construídos;
- Equiparar o volume de obras com a demografia urbana por décadas, de modo a auferir o diálogo entre arquitecto-cidade e cidade-arquitecto;
- Interpretar o raciocínio e a lógica subjacente aos casos de estudo, buscando instrumentos na análise biográfica e intelectual;
- Assinalar a importância da preservação do legado arquitectónico moderno construído;
- Travar a extinção e alienação das obras de Gomes da Costa por todo o Algarve;
- Incluir Gomes da Costa no *pódium* dos principais modernistas portugueses.

A nível pessoal

- Cativar novos investigadores a pesquisar a vida e a obra de arquitectos marginalizados ou caídos no esquecimento;
- Introduzir o tema no conteúdo programático das unidades curriculares que versam sobre a arquitectura portuguesa do século XX.

04. DESENHO DA INVESTIGAÇÃO

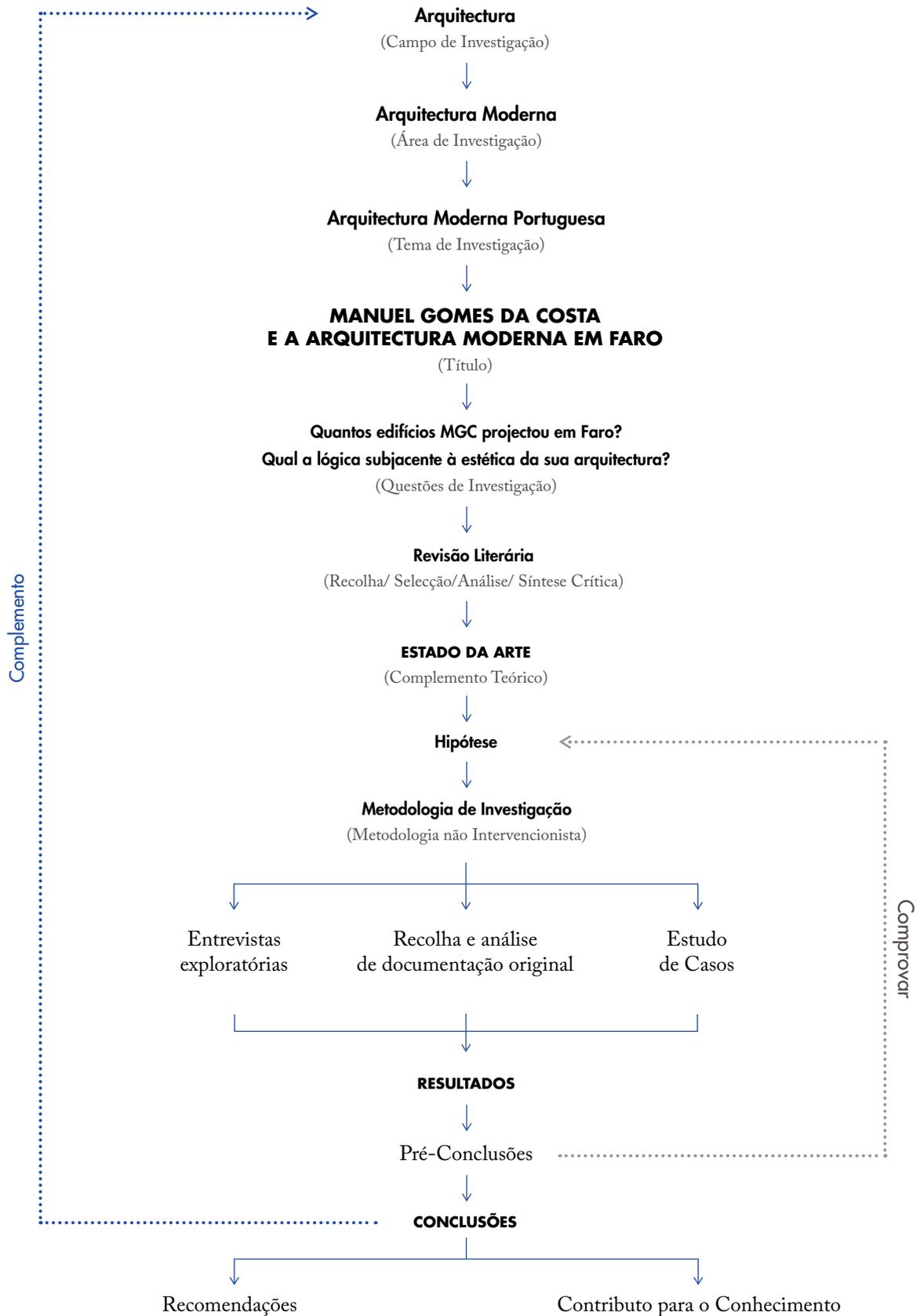


fig. 02 Organograma do processo investigativo. fonte: Autor (2016)

Sendo a *Arquitectura*, a *Arquitectura Moderna* e a *Arquitectura Moderna Portuguesa* respectivamente o campo, a área e o tema de investigação deste trabalho, as questões de investigação colocadas procurarão responder quantos edifícios MGC projectou em Faro e qual foi a lógica subjacente à estética da sua obra, isto é, o porquê desta possuir características tão particulares. Assim, de modo a poder testar e validar a investigação, serão utilizados diversos parâmetros metodológicos, com vista no alcance de um maior rigor na interpretação dos dados.

Para tal, a estrutura do trabalho ficará assente numa metodologia não-intervencionista de base qualitativa, querendo isto dizer que, a investigação poderá recorrer a uma panóplia de diferentes registos, dos quais figuram as “...**transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, (...) e outros registos oficiais.**”¹ A vantagem deste método em detrimento do método quantitativo é, não procurarmos no padrão numérico, tendências que nos permitam fazer ilações sem margens para interpretações pessoais, pois o estudo basear-se-á em grande parte em valores subjetivos, cabendo à interpretação pessoal a leitura dos dados, valorizando um relacionamento mais extenso e flexível entre o investigador e a fonte de pesquisa².

“Na sua busca de conhecimento, os investigadores qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados a símbolos numéricos. Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registados ou transcritos”³

Numa primeira fase será feita a identificação das Palavras-chave e o cruzamento ponderado das mesmas, para que se possa elaborar à posteriori, uma revisão literária assertiva através da recolha, selecção, análise e síntese crítica da bibliografia relevante que dará corpo ao título desta dissertação.

Ao analisar os dados recolhidos que permitirão construir o esboço do Estado da Arte, constatar-se-á que as fontes de informação sobre a obra da personalidade em questão são escassas e com âmbitos bastante diferentes, o que poderá resultar numa Hipótese que não vá de encontro necessariamente às questões de investigação pré-definidas. Para tal, recorrer-se-á às entrevistas exploratórias, que indicarão novas pistas de investigação. Uma vez que estas são abertas e susceptíveis a alterações, por dependerem das respostas de cada entrevistado, estas irão revelar-se fundamentais por fornecerem informações importantes para além do quadro de perguntas inicialmente proposto.

É com base nas informações recolhidas nas entrevistas que será possível delinear uma estratégia de pesquisa de campo, tendo como objectivo a recolha e análise da documentação original directamente da fonte primária, que proporcionará a aquisição de novas informações. Através deste insumo será delineado o Estudo de Casos (Capítulo IV), com base numa ficha de análise, aplicada a todos os casos de estudo seleccionados.

Ao serem tecidas as Pré-conclusões, decorrentes dos resultados obtidos desta Dissertação, a Hipótese será então comprovada, o que permitirá responder às questões de investigação colocadas inicialmente. Por fim, serão retiradas as Conclusões, baseadas nas anteriores, antevendo-se assim, um real contributo para o conhecimento, sendo deixadas recomendações para as futuras investigações desta mesma área de investigação.

¹ Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. (M. J. Alvarez, & S. B. Santos, Trans.) Porto: Porto Editora. p.48

² Idem ibidem, pp. 63-73

³ Idem ibidem, p. 48

05. ESTADO DA ARTE

5.1. Trabalhos desenvolvidos sobre Manuel Gomes da Costa

Nos últimos tempos, a obra de Manuel Gomes da Costa tem vindo a despertar cada vez mais a atenção de teóricos da arquitectura, não só de Portugal como também de outros países da Europa. Porém, deste interesse, importa dizer que não surgiu ainda nenhum livro ou monografia inteiramente reservada ao veterano algarvio, pelo que grande parte do que tem sido desenvolvido até à actualidade, ou se encontra sob forma de artigos científicos, habitualmente publicados em livros de congressos de arquitectura (*books of proceedings*), ou em livros que abordam temas mais alargados, onde a obra do arquitecto aparece para ilustrar um determinado período da região. Embora poucos, estes estudos são de um grande contributo para o arranque de uma investigação como esta.

O livro 'Arquitectura no Algarve, dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese', lançado em 2005 pela CCDR-Algarve, é talvez a primeira publicação a versar, ainda que de modo bastante superficial, alguns aspectos da obra de Gomes da Costa desde 1953, data esta que remonta à última publicação levada a cabo sobre o autor, num episódio que será descrito no Capítulo II. Neste livro, que conta com textos do arquitecto José Manuel Fernandes e fotografias de Ana Janeiro, procurou-se estabelecer um olhar contemporâneo sobre o processo de transformação dos espaços arquitectónicos e urbanos, com base em obras de valor cultural agregado. Para tal, foram articuladas as dimensões Arquitectónicas e Urbanísticas, Rurais e Urbanas e Eruditas e Vernaculares, e ainda expressões Modernas, para a resolução de uma proposta de síntese. Relativamente ao tópico que descreve o período moderno, MGC partilha espaço com outros contemporâneos seus, porém o grande destaque fica para o arquitecto António Vicente de Castro.

No ano seguinte, já em 2006, José Manuel Fernandes volta a publicar um pequeno artigo, elaborado para a revista Monumentos nº 24, em que compara a obra do arquitecto moderno com a do seu colega contemporâneo Jorge de Oliveira, conhecido pelas linhas clássicas predominantes em edifícios públicos. Pela sua natureza sintética e objectiva, o estudo não entra em grandes detalhes, ficando antes pelas noções gerais e pelas diferenças entre as duas personalidades⁴.

Posteriormente, em 2009, Ana Tostões em 'La vivienda moderna. Registro Docomomo Ibérico. 1925-1965', apresenta duas casas de Gomes da Costa – a do próprio e outra, de uma habitação de férias na Ilha de Faro⁵. O livro que não ambiciona entrar em grandes questões, procura antes catalogar os exemplos considerados mais emblemáticos para o enquadramento do período moderno na Península Ibérica, da qual é a função primordial da organização.

⁴ Fernandes, J. M. (2006). De Jorge de Oliveira a Gomes da Costa: dois autores e duas concepções da arquitectura no século XX em Faro. In *Monumentos nº24* (pp. 140-147). Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

⁵ Tostões, A. (2009). Vivienda y estudio Gomes da Costa. In M. Centellas, C. Jordá, & S. Landrove (Edits.), *La vivienda moderna, 1925-1965. Registro DOCOMOMO Ibérico* (p. 455; 481). Madrid: Fundación Caja de Arquitectos.

Adiante, uma das duas principais investidas feitas até então em nome do arquitecto seria lançada por Gonçalo Vargas, que enceta uma série de iniciativas com o propósito de levar o conhecimento da arquitectura moderna de MGC à população local - entre elas a exposição itinerante 'Moderno ao Sul. Arquitectura Moderna de Manuel Gomes da Costa' da qual é comissário. Com a colaboração de António Rosa da Silva, participação de Ana Tostões e apoio do próprio Gomes da Costa, a exposição é inaugurada em Outubro de 2009 no Museu Municipal de Faro⁶, sendo encaminhada em 2010 para o Centro Cultural António Aleixo em VRSA⁷, terminando por fim em 2011, no Espaço+ em Aljezur⁸. Deste ciclo de exposições resultaram os artigos publicados na Revista VRSA nº2 de 2010, assinada pelo próprio Vargas, onde desenvolve a biografia e uma síntese do currículo profissional do arquitecto, constando nas 23 páginas, um esboço biográfico e inúmeras fotografias inéditas. Em 2013, no artigo da revista local 'Al-Rihana: Revista Cultural do Município de Aljezur, nº6', Vargas replica novamente as palavras da publicação anterior, incidindo no caso da creche construída naquela localidade nos anos 60, em que encerra o artigo com uma questão inquietante, suscitando no leitor uma reflexão mais aprofundada sobre o descaso para com a arquitectura do período moderno⁹.

Em Espanha, ambos pertencentes ao mesmo núcleo de investigação temos José Joaquín Parra Bañón e Miriam Lousame, que têm vindo a desenvolver alguns dos principais artigos lançados nos últimos anos a respeito da linguagem empregada na obra do arquitecto algarvio. Bañón, professor catedrático da Universidad de Sevilla, procura nos seus artigos, estabelecer correspondências entre Gomes da Costa e alguns precursores da arquitectura moderna, sobretudo da brasileira. Por sua vez, Miriam Lousame, que a par do desenvolvimento da sua tese de doutoramento - ainda não concluída - que também aborda a arquitectura de Costa, tem desenvolvido até ao momento, três artigos que revelam alguns aspectos da sua obra. Destes três, um demonstra-se irrelevante por motivos a serem descritos no subtópico seguinte.

Por fim, o investigador Ricardo Agarez, que co-orienta esta dissertação, elabora uma série de fichas datadas de 2007 para o SIPA¹⁰ onde detalha cerca de duas dezenas de edifícios do arquitecto, tendo também lançado em 2016 o livro 'Algarve Building - Modernism, Regionalism and Architecture in the South of Portugal, 1925-1965', que resulta da sua própria tese de doutoramento pela *The Bartlett School of Architecture, da University College London*. Neste livro, tal como o título indica, Agarez resgata a história da arquitectura no Algarve entre a primeira e segunda metade do século passado, num verdadeiro compêndio da arquitectura regional, onde procura desvendar o diálogo entre a arquitectura vernacular e moderna, numa época em que ambas coexistiram, num embate entre o passado e o futuro. Embora o livro não fale exclusivamente de Gomes da Costa, Agarez reserva praticamente 1/4 do estudo na revelação da importância deste no panorama regional, tornando este talvez, o principal estudo levado a cabo até então por um teórico da arquitectura a respeito de MGC. Como resultado, o arquitecto e investigador foi distinguido com o prémio RIBA President's

⁶ Barlavento. (23 de Outubro de 2009). *Moderno ao Sul Homenageia Arquitectura de Gomes da Costa*. Obtido em 26 de Setembro de 2016, de Barlavento - Semanário Regional do Algarve: <https://goo.gl/pEbLfD>

⁷ Ordem dos Arquitectos. (2010). *Ordem dos Arquitectos - Secção Regional Sul - Delegação Algarve*. Obtido de <https://goo.gl/mfDmCt>

⁸ Ordem dos Arquitectos. (2011). Obtido de Ordem dos Arquitectos: <https://goo.gl/jS0hkb>

⁹ "Como pode um dos edifícios mais modernos de Aljezur ser também uma das suas maiores ruínas... o que lhe reserva o futuro?" Vargas, G. (2013). *Arquitecto Manuel Gomes da Costa - Milagre no Algarve*. In *Al-Rihana: Revista Cultural do Município de Aljezur* (pp. 205-209). Aljezur: Folhas Ilustres Unipessoal, Lda. p.209

¹⁰ Sistema de Informação para o Património Arquitectónico.

Awards For Research pelo excepcional trabalho de investigação que contou para o estudo mais de 700 processos de obras arquivados para o registo e enquadramento de um período de 40 anos da história da arquitectura algarvia.

Em suma, deste montante de trabalhos, os que foram elaborados por José Manuel Fernandes e Gonçalo Vargas irão ajudar em certa medida, a desenvolver o aspecto biográfico ao passo que os de José Joaquín Parra Bañón, Miriam Lousame e Ricardo Agarez sustentarão alguns dos aspectos técnicos e intelectuais da obra de Gomes da Costa, para o seguro avanço desta investigação.

5.2. Generalidades e Imprecisões

Numa leitura atenta aos autores acima mencionados, verificaram-se incongruências em alguns dados, que para efeitos de resolução das Questões de Investigação, serão revisados nos capítulos seguintes, com recurso às fontes primárias colectadas na investigação de campo.

Partindo da premissa de que os números apontados no tocante à dimensão do legado do arquitecto em Faro e na região partem de depoimentos prestados pelo próprio e que com toda naturalidade, o mesmo poderá ter perdido a contagem ao longo do tempo, alguns autores utilizam essa informação como um ponto de partida para dimensionarem quantitativamente a extensão da sua obra. Como poderemos verificar adiante na biografia de Gomes da Costa, o próprio equivoca-se em alguns dados da sua longa vida, o que não faz disto um problema propriamente dito, mas que requer uma atenção redobrada nas interligações das fontes. Com os números, a solução não deverá ser diferente.

Bañón, recentemente afirma que somente em Faro, cidade esta onde se encontra um maior leque de exemplares construídos, o arquitecto [t.1.¹] **“projectou e levantou cerca de três centenas de edifícios das mais distintas configurações, desde vivendas unifamiliares isoladas no interior de suas parcelas até blocos de catorze plantas, se bem que em sua maioria são edifícios multifamiliares de baixa altura”**¹¹. Numa segunda ocasião, Bañón volta afirmar a mesma quantidade de edifícios projectados nesta capital de distrito¹². Lousame vai mais longe, no seu artigo ‘De la mirada documental a la mirada artística en la arquitectura de Manuel Gomes da Costa’, avança entre trezentos e quatrocentos.¹³ Já no artigo ‘Manuel Gomes da Costa, un universo en bocetos’, a doutoranda troca os números exactos por uma hipótese mais aberta, enquadrando a obra na ordem das centenas de unidades.¹⁴ Por fim, no artigo em que tece uma análise sobre algumas das obras construídas em Faro, a autora não faz qualquer menção à quantidade.¹⁵

¹¹ [t.1.¹] Tradução livre de Bañón, J. J. (2016). Manuel Gomes da Costa: Arquitectura residencial en Tavira. In L. C. Naranjo, J. G. Ferrón, R. E. López, P. M. Monsalve, J. V. Avellaneda, & F. V. Blanch (Edits.), *eDap. Documentos de Arquitectura y Patrimonio*, nº9 (pp. 16-37). Sevilla: Avellaneda & Ventura Editores. p.18

¹² Bañón, J. P. (2017). Paisajes algarvíos del arquitecto Manuel Gomes da Costa. In P. Fidalgo, *Estudios de Paisagem* (1º ed., Vol. III, pp. 113-134). Lisboa: IHC-FCSH/UNL. p.125

¹³ Gutiérrez, M. L. (2016). De la mirada documental a la mirada artística en la arquitectura de Manuel Gomes da Costa. In R. A. Alcolea, & J. T. Mingo (Ed.), *Congreso Internacional Inter-fotografía y arquitectura “Intersecciones”* (pp. 206-215). Navarra: ETSAUN. p.209

¹⁴ Gutiérrez, M. L. (2016). Manuel Gomes da Costa, un universo en bocetos. In E. E. Valiente, & E. C. Perea (Edits.), *El arquitecto, de la tradición al siglo XXI: docencia e investigación en expresión gráfica arquitectónica. 16º Congreso Internacional de Expresión Gráfica Arquitectónica* (Vol. II, pp. 1033-1041). Alcalá de Henares: Fundación General de la Universidad de Alcalá. p.1033

¹⁵ Vide artigo: Gutiérrez, M. L. (2015). Manuel Gomes da Costa y la construcción de la imagen moderna de Faro. In E. P. Asperilla, & O. H. Díaz (Edits.), *Arquitectura, Patrimonio y Ciudad - Dirección de Miguel Ángel Chaves Martín* (pp. 203-210). Madrid: Grupo de Investigación Arte, Arquitectura y Comunicación en la Ciudad Contemporánea. Universidad Complutense de Madrid.

A informação relatada por ambos, parece ter origem no depoimento de Vargas, prestado ao semanário online ‘Barlavento’, que em 2009 apontou mais de 300 projectos desenvolvidos só para esta capital de distrito¹⁶ e no artigo da revista nº 2 ‘VRSA’ onde aponta igualmente, centenas de obras no curriculum de Costa¹⁷. Vargas, mais que qualquer outro autor, estabeleceu um contacto de proximidade bastante duradouro com o arquitecto no final da sua vida, experiência essa que resultou na exposição ‘Moderno ao Sul’, no documentário que leva o mesmo nome e nos dois artigos publicados, já mencionados nos parágrafos anteriores.

Agarez em pelo menos duas ocasiões fez menção a cerca de 400 edifícios na região¹⁸, ao contrário dos restantes autores que apontavam os números directamente para Faro. Como podemos verificar, a contagem permanece incerta, pois existe uma grande dificuldade em mensurar a sua obra, que pela acção do tempo ficaram esquecidas, perdidas ou extintas do mapa, portanto, nos capítulos seguintes, sobretudo no III, iremos quantificar e interpretar os dados para uma criteriosa selecção dos casos de estudo.

No que concerne à questão do léxico subjacente à obra, os artigos de Vargas não têm como ambição a interpretação, mas sim, a narração resumida dos pontos mais fundamentais da vida do arquitecto e de algumas linhas orientadoras da sua arquitectura, ao passo que Bañón procura sistematicamente trazer ao conhecimento, arquitecturas caídas no esquecimento com uma aproximação cronológica e descritiva bastante desenvolvida, traçando correspondências com alguns nomes da arquitectura moderna. Por outro lado, no livro ‘Algarve Building’, Ricardo Agarez descreve os aspectos compositivos da obra de Gomes da Costa numa óptica historicista, contrapondo com as distintas linguagens desenvolvidas na região durante o mesmo período, baseando o estudo em fontes primárias, resultado de uma intensa recolha arquivística.

Lousame, nos artigos ‘Un Universo en Bocetos’ e ‘De la mirada documental a la mirada artística’ – ambos de 2016 – exalta as qualidades da arquitectura de Costa nos seus aspectos plásticos e formais em pequenos tópicos, que pela brevidade das páginas, não alcançam plenamente o cerne da questão inicialmente proposta. Ainda no artigo ‘Manuel Gomes da Costa y la construcción de la imagen moderna de Faro’ lançado em 2015 na compilação de artigos ‘Arquitectura, Patrimonio y Ciudad’, Lousame embora pareça prometer um estudo conclusivo sobre a construção da imagem moderna de Faro, não desenvolve mais que a componente descritiva de algumas obras, onde através da observação fotográfica procura apenas descrever a localização dos elementos enquadrados na fachada, pondo de parte dados primordiais tais como o enquadramento temporal e espacial da obra pela análise do conjunto. Aqui, a falta de um critério científico no estudo dos edifícios seleccionados, anula por completo quaisquer pretensões que o título venha a propor, sobretudo por faltarem provas contundentes que validem um raciocínio inexistente.

Outro aspecto a ressaltar é a descrição de partes isoladas do projecto, sem antes haver um conhecimento das restantes partes, que neste caso trabalham holisticamente para desempenhar uma determinada função. A análise que Lousame faz sobre um determinado aspecto da obra – a fachada – leva a uma equivocada relação causa-efeito,

¹⁶ Barlavento. (23 de Outubro de 2009). *Moderno ao Sul Homenageia Arquitectura de Gomes da Costa*. Obtido em 26 de Setembro de 2016, de Barlavento - Semanário Regional do Algarve: <https://goo.gl/pEbLfd>

¹⁷ Vargas, G. (2010). Arquitecto Manuel Gomes da Costa. In *Revista VRSA nº2* (pp. 38-61). Vila Real de Santo António. p.42

¹⁸ As duas ocasiões em que faz a menção são: Agarez, R. C. (2016). *Algarve building: modernism, regionalism and architecture in the south of Portugal, 1925-1965*. New York: Routledge. p.216 e Agarez, R. C. (24 de Junho de 2016). *Manuel Gomes da Costa (1921-2016): o motor da arquitectura moderna algarvia*. Obtido em 26 de Setembro de 2016, de Público: <https://goo.gl/e7QoKg>

justamente por não contemplar a obra como um organismo dinâmico que funciona pelas inter-relações dos diferentes aspectos que a compõem. Aqui, a ausência de um embasamento em fontes primárias com recurso aos elementos gráficos e escritos contidos nos Processos de Obras, fragiliza a consistência do trabalho, pois a autora além de partir de noções pré-concebidas, incorre-se diversas vezes ao risco de atribuir obras ao arquitecto sem conter provas de que fora o próprio o autor das mesmas. Em suma, a falta de um embasamento empírico torna este artigo em especial, irrelevante para a questão que aqui se pretende esclarecer, visto que não aprofunda nem acrescenta conteúdo significativo para o conhecimento académico, para além das noções superficiais.

5.3. Catálogo Bibliográfico

José Manuel Fernandes

- Arquitectura no Algarve, dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese (2005);
- Revista Monumentos (2006).

Gonçalo Vargas

- Exposição Moderno ao Sul | Faro (2009); VRSA (2010); Aljezur (2011);
- Revista VRSA | Vila Real de Santo António (2010);
- Revista Al-Rihana | Aljezur (2013);
- Documentário “Moderno ao Sul”.

Ana Tostões

- Casa de vacaciones en la Isla de Faro; Vivienda y estudio Gomes da Costa (La vivienda moderna, 1925-1965. Registro DOCOMOMO Ibérico).

Ricardo Agarez

- Algarve Building. Modernism, Regionalism and Architecture in the South of Portugal, 1925-1965 (2016).

José Joaquín Parra Bañón

- Principios Arquitectonicos de Manuel Gomes da Costa (2016);
- Cuatro Casas de Sección Trapezoidal (2016);
- Manuel Gomes da Costa: Arquitectura Residencial en Tavira (2016);
- Paisajes algarvíos del arquitecto Manuel Gomes da Costa (2017).

Miriam Lousame Gutiérrez

- Manuel Gomes da Costa y la construcción de la imagen moderna de Faro (2015);
- Manuel Gomes da Costa, un universo en bocetos (2016);
- De la mirada documental a la mirada artística en la arquitectura de Manuel Gomes da Costa (2016);
- Tese de doutoramento: Siete edificios singulares de Manuel Gomes da Costa en el Algarve (em desenvolvimento).

06. HIPÓTESE

Com base no Estado da Arte, que como tal pudemos verificar foram de âmbitos bastante particulares, não foi possível tecer uma hipótese concisa e aproximada para responder a pergunta de **“quantos foram os edifícios projectados por MGC em Faro”**, pergunta esta que nos levará a um conhecimento amplo da sua obra, quer em quantidade por tipologias, quer pela quantidade por décadas. Os números lançados pelos autores mencionados na revisão bibliográfica partem de uma suposição que terá origem em depoimentos do próprio arquitecto Manuel Gomes da Costa e que foram sendo difundidos numa corrente em que um autor referenciava o seguinte, sem antes verificar a validade dos mesmos. Neste sentido, apesar de vaga, a Hipótese que se pode colocar para esta primeira questão, é a de que o **arquitecto terá desenvolvido em Faro entre 300 e 400 obras**.

Relativamente à segunda questão de investigação, a bibliografia lançada até ao momento não é inteiramente capaz de sustentá-la, no entanto, fornece diferentes pontos de vista que irão ajudar a esboçar o raciocínio do arquitecto, que serão aprofundados nesta investigação de modo a que consigamos interpretar e compreender a sua obra como um todo, com um grau de assertividade à altura da questão, portanto nos capítulos seguintes tentaremos mensurar e qualificar a sua obra, de modo a que possamos responder as Questões de Investigação e compreender a razão da sua arquitectura possuir uma estética tão particular.

CAPÍTULO I

Biografía



fig. 03 - Separador C1 Manuel Gomes da Costa na sua moradia na Rua Reitor Teixeira Guedes, Faro, 2009.
fonte: Arquivo António Rosa da Silva

01. DE UM ALGARVIO EM LISBOA A UM ARQUITECTO DO PORTO NO ALGARVE

1.1. Do Algarve a Lisboa – Os primeiros anos

“A inspiração foi desde miúdo ver aquele afluxo de trabalhadores que vinham para as fábricas de peixe. Aquele movimento todo era uma alegria extraordinária... contactava com os miúdos da minha idade que tinham um à vontade com as pessoas que andavam nos barcos. Ver aquele pessoal todo teve muitíssima influência em mim. As minhas raízes de contacto nunca se perderam.”¹⁹

Se o percurso da vida de Manuel Gomes da Costa fosse resumido em apenas um termo, este seria a resiliência. A sua capacidade de adaptar e enfrentar as adversidades, tornando-as favoráveis para o seu crescimento foi ciclópica, e à medida que nos vamos entrosando com a narrativa da sua vida, mais conseguimos compreender as suas determinações pessoais e profissionais, que contribuíram para a memória de uma personalidade tão interessante quanto a da sua obra, num holismo tal, da qual não conseguimos dissociar e distinguir uma da outra, fazendo desta abordagem biográfica, condição *Sine qua non* para o amplo entendimento de todas as esferas do seu real contributo para a sociedade, que ultrapassava o âmbito da arquitectura, mas que no entanto nos importa para a total compreensão desta.

No início do século passado, o mundo atravessava um período de grandes agitações e transformações sociais, e um pouco por todo o globo afloravam e imperavam inúmeros ‘ismos’, para o bem e para o mal. A nível nacional, no domínio político, Salazar iniciava a sua campanha cujo mote era “Deus, Pátria e Família”, que viria a cobrir o país com o espesso manto da moralidade; no cenário internacional, a Europa recuperava de uma nefasta guerra que deixou as suas economias de rastos, enquanto iam proliferando diversos governos autoritários, tais como o Fascismo, Franquismo, Nazismo, Salazarismo, entre outros, partilhando todas elas, hostilidades com todas as vertentes marxistas, que iam desde o Comunismo totalitário ao Socialismo democrático. De facto, trataram-se de tempos conturbados e de grandes inquietações. O mundo estava em transformação e Portugal não foi excepção. No domínio das artes, a contra-resposta veio de diversas formas e feitios, todas elas fortemente ligadas ao contexto sócio-cultural da época, e foi nesta amálgama de eventos que o modernismo foi ganhando adeptos em confronto ao classicismo racionalista, resistente à inovação. Neste contexto conturbado nasceu um dos principais portadores do estandarte modernista na região mais à Sul de Portugal.

¹⁹ Anexo 1: transcrição do vídeo Costa, M. G. (2009). *Manuel Gomes da Costa: Moderno ao Sul*. (A. Tostões, G. Vargas, Entrevistadores, & C. P. Nunes, Editor) Faro, Portugal: My Documentary Productions.



fig. 04 A. Manuel Gomes da Costa em pequeno. B. Joaquim Costa, o pai. C. Ludovina Gomes Néné, a mãe. fonte: Costa M.G. (2009)

Manuel Gomes da Costa, figura incontornável da história recente do Algarve nasceu às 11 horas do dia 1 de Janeiro de 1921, numa modesta casa na rua Cândido dos Reis, em Vila Real de Santo António, sendo o segundo filho do casal Joaquim Costa e Ludovina Gomes Néné; pescador e doméstica de 50 e 43 anos respectivamente, à data do registo de nascimento²⁰ (fig. 04 A-C). Em criança, Costa encontrou na sua terra natal, banhada pelas águas do Guadiana e do Atlântico, o *Genius loci*²¹ daquela pequena cidade pombalina, marcada pelos hábitos e dinâmicas sociais da rotina dos pescadores e pelo soar das sirenes das fábricas conserveiras de atum, tornando-se também o próprio, fruto daquele contexto que tanto o marcara para a vida.²²

Na primeira metade do século passado, tal como em grande parte do litoral algarvio, a força motriz de Vila Real de Santo António provinha de duas frentes: do mar e da terra.²³ Numa região onde as oportunidades não eram as mais auspiciosas, a família Costa subsistia da indústria pesqueira, sendo o patriarca, dono de duas embarcações de pesca e de uma taberna que vendia desde ovas de polvo e muxama de atum a sardinha prensada. Este pequeno espaço conhecido localmente como a 'Taberna do Rebocho', veio posteriormente a ser adquirido e construído no seu lugar, décadas depois, a habitação de férias do próprio Arquitecto *in foco*.²⁴ Apesar do património familiar estar acima da média local, a rotina à volta daquele ofício era de grande esforço e sofrimento, cuja remuneração beirava a miséria, sendo por vezes inferior ao da agricultura²⁵ (fig. 05). A carga horária não era regulamentada e as regalias sociais tampouco existiam, com a agravante da sazonalidade, que motivava as falhas de assiduidade do operariado. Por consequência, a imprecisão salarial inerente à escassez de peixe que se abatia sobre o mediterrâneo devido à pesca predatória, tornava a profissão estafante, quiçá ingrata.²⁶

A vida que já se apresentava difícil, piorou com a morte do pai em 1931, vindo a interromper abruptamente a infância de Gomes da Costa aos dez anos de idade. Diante da impossibilidade da mãe que já contava com 53 anos, de prover uma educação que o libertasse dos grilhões da dura actividade pesqueira, imbuíu ao filho sete anos mais velho, a responsabilidade de orientá-lo nos anos seguintes, aliviando ao imberbe rapaz, o peso da precocidade e das experiências mais duras da vida. Dedicado à responsabilidade que tinha nas mãos, Joaquim da Costa Rebocho²⁷, que se encontrava a fazer o curso de Pintura na Escola de Belas-Artes de Lisboa (EBAL), apercebendo-se que a permanência do irmão em Vila Real de Santo António não iria lograr grandes resultados, contrariou esta primeira adversidade, decidindo por bem, levá-lo para a capital²⁸.

²⁰ Anexo 2 | Assento de Nascimento 977/2012, Processo nº 1388/2012. Fonte: Conservatória do Registo Civil/Predial/Comercial de Vila Real de Santo António

²¹ Expressão latina utilizada na Teoria da Arquitectura, que significa o "Espírito do Lugar". Trata-se da compreensão fenomenológica de um conjunto de características sócio-culturais, arquitectónicas e ambientais, através das inter-relações destas, que perfiguram a identidade de um determinado lugar. | Norberg-Schulz, C. (1996). The phenomenon of place. In *Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory, 1965 - 1995* (pp. 412-428). New York: Princeton Architectural Press.

²² Anexo 1 | Costa, M. G. (2009), op. cit.

²³ Cavaco, C. (1976). *O Algarve Oriental. As Vilas, o Campo e o Mar* (Vol. II). Faro: Gabinete do Planeamento da Região do Algarve. 295-344

²⁴ Informação obtida na entrevista não-estruturada, feita ao filho mais velho do arquitecto, Alexandre Gomes da Costa, no dia 20 de Dezembro de 2016 | Anexo 3.

²⁵ Medeiros, I. E., & Bandarra, P. M. (2015). A Indústria Conserveira em Vila Real de Santo António. *Al-Madan Online*, II, p.111. Obtido de www.almadan.pt.

²⁶ *Idem, ibidem*, p.111

²⁷ Anexo 4, p.22 | PIDE/DGS, Serviços Centrais Boletim 11266. A respeito de Joaquim da Costa Rebocho, nascido a 21 de Junho de 1913 em Vila Real de Santo António. Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo

²⁸ Anexo 1 | Costa, M. G. (2009), op. cit.



fig. 05 Pesca do Atum ao largo da costa de Tavira nas lentes de Artur Pastor, 1943/45
fonte: <http://arturpastor.tumblr.com> > acedido a 9 de Maio de 2017



fig. 06 A e B. Manuel Gomes da Costa no Asilo Dona Maria Pia. 1932/38. fonte: Arquivo António Rosa da Silva

Nesta, matriculou-o no Asilo Dona Maria Pia, em Xabregas, onde Costa passou a viver e a estudar entre 1932 e 1938, o 1º e 2º ciclo do ensino liceal.²⁹ Após um curto período de espera de vaga, deu-se a 18 de Outubro e a 03 de Novembro de 1932, a sua admissão e instalação definitiva no Asilo. Da sua terra natal, o pequeno órfão levou apenas o nome, as lembranças e o 2º Grau do Ensino Primário Elementar, concluído a 20 de Julho daquele mesmo ano.³⁰

Os seis anos passados no asilo desempenharam um papel crucial na vida de MGC, pois além do amparo, obteve uma formação adequada que o permitiu avançar nos seus propósitos (fig. 06 A,B). Nesta instituição masculina, sob número 3064 e sob a tutela

²⁹ Anexo 5, pp.30-33 | Manuel Gomes da Costa foi admitido em 18/10/1932. Presente no livro de matrículas: Matrícula Geral de Alunos n.ºs 2751 a 3090, admissões de Fevereiro de 1930 a Março de 1933. Importa referir que o Asilo foi anexado à Casa Pia de Lisboa em 02 de Janeiro de 1942. Fonte: Casa Pia de Lisboa

³⁰ Anexo 5, p.31 | Informação presente na Folha de Registo do Aluno. Fonte: Casa Pia de Lisboa

do então director Augusto da Fonseca Junior, frequentou o curso Industrial³¹ do Ensino Profissional, desenvolvendo capacidades pedagógicas nas disciplinas de Trabalhos Manuais, Desenho, Aritmética, Português e Oficina, cuja classificação global obtida, não revelava ainda o seu potencial que mais tarde se demonstraria fecundo.³² No entanto, não sendo curso tirado nesta instituição suficiente para alçar voos mais altos, Joaquim Rebocho, sempre almejando o melhor para o irmão, mais uma vez orientou-o para a possibilidade de uma futura formação na área das artes, apresentando-lhe o Instituto Industrial de Lisboa³³, como forma de obter o curso liceal complementar, que lhe valeria na altura o 7º ano do liceu³⁴ (actual 11º ano). Neste sentido, Gomes da Costa, com 17 anos, manifestou perante o instituto o seu interesse em matricular-se no curso de Construções, Obras Públicas e Minas, apresentando toda a documentação necessária para o processo de candidatura. Comprovadas as suas antecedentes no Asilo, sobretudo o aproveitamento no exame do quarto ano do curso Industrial³⁵ e o bom comportamento na instituição de acolhimento, foi aprovado a 28 de Outubro de 1938 no Instituto sob número 1983³⁶, vindo Costa a frequentar diversas disciplinas, merecendo destaque as de Desenho de Construções, Oficina de Carpintaria, Topografia e Tecnologia e Preparação Mineira, isto porque seriam fundamentais na almejada actividade de arquitecto que perseguia com tanta determinação.³⁷

Em 1939, já com 18 anos e emancipado após cessar o seu vínculo com o Asilo em virtude de um requerimento passado pelo seu irmão em Dezembro do ano anterior, Costa passou a residir numa habitação própria, desvinculada do domínio da instituição³⁸. Na primeira metade do ano seguinte, encerrou os estudos no Instituto Industrial, completando o curso complementar que lhe daria acesso ao ensino superior. Requisito cumprido³⁹ e já então apto para realizar o exame de Ornato e de Figura, a 28 de Outubro 1940, aos 19 anos, Manuel Gomes da Costa assim o fez, tendo sido aprovado e admitido no Curso de Especial Arquitectura da EBAL⁴⁰ no primeiro dia do mês de Novembro daquele ano, passando a fazer parte daquela casa, tal como o irmão mais velho, que ali se tinha formado.

³¹ Informação obtida pelo cruzamento de documentos presentes no Anexo 5, p.31 | Informação presente na Folha de Registo do Aluno. Fonte: Casa Pia de Lisboa e Anexo 6, p.43 | Processo n.º. 1983, Instituto Industrial de Lisboa. Fonte: ISEL

³² *idem, ibidem, Anexo 5, p.32*

³³ Fruto do Liberalismo e tendo como grande interveniente Fontes Pereira de Melo, o Instituto Industrial de Lisboa foi criado por decreto de 30 de Dezembro de 1852. Desde então sofreu diversas alterações e fusões, e em 1974 passa a designar-se Instituto Superior de Engenharia de Lisboa (ISEL), perdurando sob este desígnio até à actualidade.

³⁴ Anexo 6, pp.34-49 | Processo n.º. 1983, Instituto Industrial de Lisboa. Fonte: ISEL

³⁵ Decreto n.º 18361 de 21 de Maio. Diário do Governo n.º 116/1930 - Série I. Ministério do Interior - Direcção Geral de Assistência | “Determina que o curso profissional do Asilo Dona Maria Pia (escola profissional) seja considerado suficiente habilitação para a matrícula nos cursos de construções navais e civis dos institutos industriais, de condutores de máquinas da Escola Naval e de arquitectura, escultura e pintura das escolas de belas artes”

³⁶ Anexo 6, p.41 | Processo n.º. 1983, Instituto Industrial de Lisboa. Fonte: ISEL

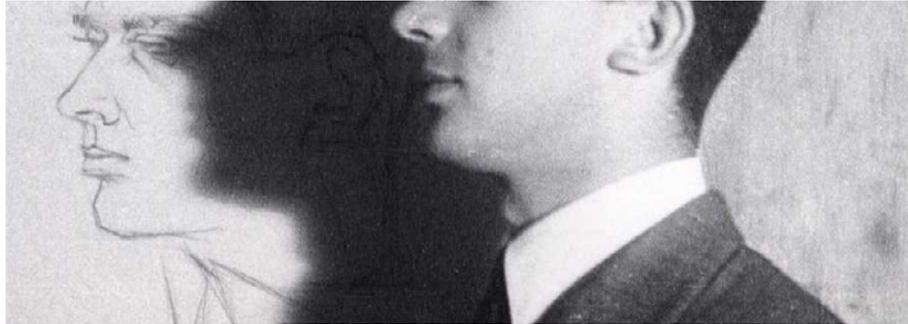
³⁷ *Idem, ibidem, p.48*

³⁸ Informação obtida pelo cruzamento do Anexo 6, p.47 com Anexo 5, p.31. No primeiro anexo, Gomes da Costa apontava a sua nova morada para a Rua Cecílio de Sousa n.º 30, 2º Esquerdo.

³⁹ Decreto n.º20553 de 28 de Novembro. Diário do Governo n.º275/1931 - Série I. Ministério da Instrução Pública - Direcção Geral do Ensino Técnico | “Serão considerados, para efeitos de admissão à primeira matrícula no curso geral do Instituto Superior técnico ou cadeiras análogas da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, em igualdade de circunstâncias com os indivíduos habilitados com o curso complementar dos liceus (secção de ciências) os alunos do Instituto Industrial de Lisboa que tenham aprovação ou passagem por média nas cadeiras, laboratórios e trabalhos práticos.”

⁴⁰ Segundo a Reforma de 1931/1932, o Curso Especial de Arquitectura tinha a duração de 4 anos e após a conclusão deste, seguia o Curso Superior, com duração de 1 ano, necessário para a elaboração e obtenção do CODA (Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto)

fig. 07 Fernando Távora
fonte: <https://goo.gl/Zsq4bz> >
acedido a 1 de Fevereiro de 2017



1.2. De Lisboa ao Porto – À busca do modernismo

1.2.1. EBAL - EBAP

No período em que estudou na EBAL, já se denotava um dos traços de personalidade mais marcantes na vida de Gomes da Costa – o seu lado ideológico. Não contente com o *Status quo* político que imperava na capital, sobretudo nas aulas desta, achava o ensino desta instituição fomentadora de uma “**linguagem arquitectónica desactualizada e redutora**”⁴¹, de modo que, qualquer laivo de intelectualidade vanguardista por parte dos discentes e de alguns docentes, era vista como uma subversão dos valores nacionais, sendo oprimido à partida qualquer tentativa libertária que a arquitectura pudesse despertar. A Escola, instalada no convento de São Francisco, paredes meias com as instalações da PIDE e muito próxima do Ministério da Educação Nacional, tinha a operar nos seus quadros de gestão, Delegados do Governo, sendo alguns destes, conhecidos pela mão-de-ferro e pelo classicismo académico imposto no conteúdo programático das aulas⁴², registando por vezes comportamentos repressivos e influências a outros docentes no chumbo de alunos considerados irreverentes, como forma de castigo⁴³. Estes comportamentos nada democráticos numa instituição fundada nos mais áureos princípios de liberdade e progresso, feriam a sua própria constituição, motivando a mudança de matrícula de Lisboa para o Porto, não só de Costa, mas de outros contemporâneos seus. Foi perante este quadro de insatisfação que Costa viu novamente no irmão a ajuda necessária para mudar de escola: a Escola de Belas-Artes do Porto (EBAP)⁴⁴.

Importa mencionar que enquanto aluno da EBAL, MGC foi contemporâneo de Manuel Tainha (1922-2012) e Nuno Teotónio Pereira (1922-2016), que mais tarde ficaram conhecidos pelo conjunto da obra em Lisboa, com um modernismo *Sui generis* em comparação ao dos arquitectos do Porto⁴⁵. Teotónio Pereira em 1945 e o ainda não mencionado Raul Hestnes Ferreira, em 1952, por todos os motivos já descritos, tomaram o mesmo destino de Costa⁴⁶.

⁴¹ Vargas, G. (2010). Arquitecto Manuel Gomes da Costa. In *Revista VRSA nº2* (pp. 38-61). Vila Real de Santo António. p.40

⁴² Moniz, G. C. (2011). *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Obtido em 27 de Abril de 2017, de Estudo Geral: <https://estudogeral.sib.uc.pt>. p.380

⁴³ *Idem, ibidem, p.288*

⁴⁴ Oficialmente, o motivo apresentado à direcção da EBAL sustenta-se no facto do aluno ter passado a residir na habitação de um familiar naquela cidade. Anexo 7, p.73 | Documentos dos Serviços Internos da EBAL. Fonte: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

⁴⁵ Tainha mais tarde veio a projectar a Pousada de Santa Bárbara (Oliveira do Hospital); Escola de Regentes Agrícolas de Évora; a Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, e Estação Alameda também em Lisboa. Por sua vez, Teotónio Pereira projectou o “Edifício Franjinhas em Lisboa; o premiado Bloco das Águas Livres; Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, e a Igreja Nova de Almada.

⁴⁶ Moniz, G. C. (2011). op. cit. p.288

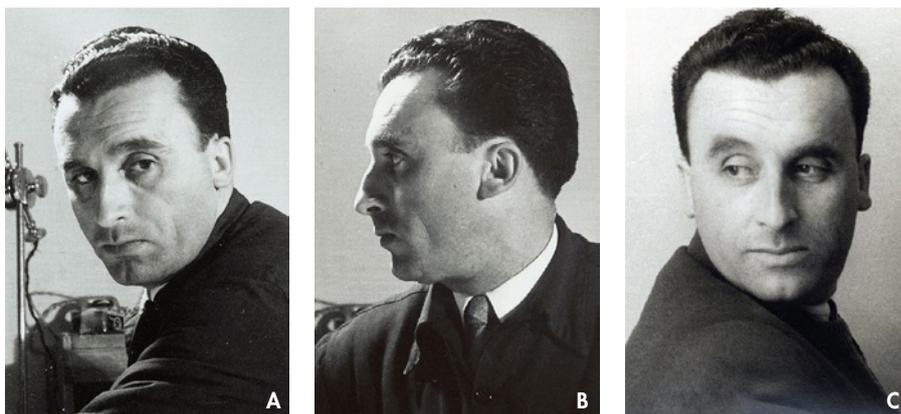


fig. 08 A-C Manuel Laginha, autorretratos da década de 1950. fonte: Arquivo Manuel Laginha/SIPA

fig. 09 MGC e Vicente de Castro na EBAP, na década de 1940. fonte: Arquivo António Rosa da Silva



Em finais de Outubro de 1941⁴⁷, já no Porto, Costa encontrou na EBAP um ambiente de “camaradagem perfeita” entre alunos e professores⁴⁸ (fig. 10 A,B). O regime sentido na capital parecia inócuo na cidade invicta, de modo que as aspirações progressistas fluíam sem quaisquer constrangimentos. A suspeição dava lugar à troca de ideias e o “Português Suave” do Estado Novo dava lugar ao Movimento Moderno que irrompia naquela geração de arquitectos⁴⁹, embora de forma um tanto ou quanto tímida. Entre tantos colegas, destacaram-se Fernando Távora (fig. 07) e os algarvios Manuel Laginha e Vicente de Castro⁵⁰ (fig. 08 A-C e 09), sendo estes dois últimos tal como Gomes da Costa, determinantes na divulgação da arquitectura moderna no Algarve, actuando cada um em Loulé e Portimão respectivamente, com maior ênfase. A relação entre todos era de enorme apreço e cumplicidade, já o Mestre Carlos Ramos inculcava nos seus alunos as normas da Arquitectura Moderna, integrando a Escola no “**movimento histórico real daqueles tempos**”⁵¹ (fig. 11). Nesta, MGC retornou ao primeiro ano, onde iniciou um ciclo de estudos permeado de boas memórias e de aprendizagens, que foram determinantes para a sua identidade enquanto arquitecto.⁵²

⁴⁷ A data de aprovação na EBAP ocorre mais precisamente a 30 de Outubro, vide Anexo 8, pp.98-99 | Documentos dos Serviços Internos da EBAP. Fonte: Serviço de Documentação e Informação da FBAUP

⁴⁸ Vargas, G. (2010), op. cit. p.40

⁴⁹ Anexo 1 | Costa, M. G. (2009), op. cit.

⁵⁰ *Idem, ibidem*

⁵¹ *idem, ibidem*

⁵² Anexo 8, pp.98-99 | Documentos dos Serviços Internos da EBAP. Fonte: Serviço de Documentação e Informação da FBAUP





fig. 10 A. MGC entre colegas na EBAP, com destaque para Fernando Távora no extremo direito da imagem. **B.** MGC entre outros colegas na EBAP. fonte: Costa M.G.(2009)



fig. 11 Professor Carlos Ramos.
fonte: <https://goo.gl/WMMVPxf> >
accedido a 1 de Fevereiro de 2017

A decisão de mudança de instituição não demorou a surtir efeito: em Lisboa, das seis cadeiras inscritas no primeiro ano, obteve aproveitamento em apenas duas, com alguma discrepância de notas das que viu reprovadas, tendo voltado a insistir nas mesmas no segundo ano, embora sem as ter sequer iniciado por motivo da transferência logo após o início do ano lectivo. Por outro lado, no Porto, as negativas nas mesmas cadeiras feitas na capital, deram lugar às mais distintivas notas de mérito e posteriormente, já no Curso Superior⁵³, conquistou inúmeros prémios⁵⁴, das quais listam-se na página ao lado (fig. 13).

Estes concursos sujeitavam os alunos às rígidas regras no método de projecto, onde em espaço isolado tinham de conceber durante 12 horas o objecto alvo de escrutínio. Apesar destas regras colocarem limitações à experimentação e à criatividade individual por utilizarem sempre modelos convencionados⁵⁵, Costa sobrepunha as suas motivações aos regulamentos, numa atitude quase despota em relação a estas, com projectos assumidamente modernos e provocadores para os padrões vigentes daquela época. Deste gesto destacam-se o projecto para o Mercado de Vila Real de Santo António, onde obteve a sua 1ª Medalha de Mérito⁵⁶ (fig. 12) e a 'Casa de Um Pilar'⁵⁷ que lhe garantiu a 2ª Medalha e a exposição do trabalho na IV Exposição Geral de Artes Plásticas (EGAP) decorrida em 1949, ambos realizados no Curso Superior. Em termos quantitativos, Manuel Gomes da Costa obteve 12 recompensas enquanto aluno da EBAP, sendo-lhe atribuídas somente no ano lectivo de 1945/1946 seis delas. O objectivo destes prémios era estimular e reconhecer a competência dos alunos de poucos recursos financeiros, atribuindo-lhes recompensas pecuniárias ou alojamento em pensões como era o caso da Bolsa Ventura Terra, destinada aos alunos de Arquitectura⁵⁸.



fig. 12 MGC na apresentação do projecto do Mercado de VRSA para a cadeira de Projecto de Grande Composição da EBAP, 1945.
fonte: Costa M.G. (2009)

⁵³ Costa inicia o 1º Ano do Curso Superior de Arquitectura após o deferimento datado de 18 de Setembro de 1945 pelo órgão administrativo da escola. Anexo 8, pp.105-106

⁵⁴ Considera-se a Certidão de Aluno enviada pela Direcção da EBAP à Direcção EBAL por ocasião da transferência de Gomes da Costa do Porto para Lisboa como a mais correcta, visto que na Certidão de Recompensas obtidas no Curso Superior arquivado pelos Serviços Internos da EBAP surge um pequeno erro na data do Concurso de Esboçeto de Grande Composição, que afirma a realização em 1942 quando este foi realizado em 1945. Anexo 7, pp.81-83 | Documentos dos Serviços Internos da EBAL. Fonte: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

⁵⁵ Moniz, G. C. (2011). op. cit. p.106

⁵⁶ Vargas, G. (2010), op. cit. p.42

⁵⁷ Arquitectura nº30. (Ano 22, 2ª Série, Abril e Maio de 1949). *IV Exposição Geral de Artes Plásticas*. (J. Simões, Ed.) Lisboa: ICAT.

⁵⁸ Calado, M., & Ferrão, H. (2013). Da Academia à Faculdade de Belas Artes. In *A Universidade de Lisboa nos séculos XIX-XX* (Vol. II, pp. 1107-1151). Lisboa: Universidade de Lisboa. p.1130

-
- 22/12/1945 ○ 1º Prémio académico em concurso de Projecto de grande composição, (1º medalha, 3 pontos, 20 valores) – **"Mercado de VRSA"**
- Concurso de esboçeto de grande composição (1º menção, 1 ponto, 16 valores).
- 12/04/1946 ○ Concurso de grande composição (2º menção, meio ponto, 12 valores).
- Concurso de esboçeto de grande composição, (1º menção, 1 ponto, 16 valores).
- 01/06/1946 ○ Concurso de esboçeto de grande composição, (1º menção, 1 ponto, 16 valores).
- 29/07/1946 ○ Concurso de projecto de grande composição, (2º medalha, 2 pontos, 17 valores).
- 29/03/1947 ○ Concurso de projecto de arqueologia (2º menção, meio ponto, 12 valores).
- 31/07/1947 ○ Concurso de projecto de arqueologia, (2º menção, meio ponto, 12 valores).
- 30/07/1948 ○ Concurso de projecto de composição decorativa, (1º menção, 1 ponto, 14 valores).
- 28/07/1949 ○ Concurso de projecto de grande composição, (2º medalha, 2 pontos, 17 valores) – **"Casa de Um Pilar"**
- 29/07/1949 ○ Concurso de projecto de arqueologia, (1º menção, 1 ponto, 16 valores).
- 31/03/1950 ○ Concurso de construção geral, (1º menção, 1 ponto, 14 valores).

fig. 13 Levantamento das inúmeras premiações recebidas por MGC na EBAP. fonte: Autor (2017)

Os concursos faziam parte do conteúdo programático das Unidades Curriculares que eram designadas naquela altura por Cadeiras, e que por sua vez estavam divididas em diversas Partes, distribuídas ao longo dos dois ciclos que compunham o quadro de formação da Escola de Belas-Artes. O 1º ciclo dizia respeito ao Curso Especial que tinha duração de 4 anos, o 2º Ciclo ao Curso Superior, de 1 ano de duração, sendo requisito obrigatório para a inscrição neste, a conclusão do curso antecedente. Tanto a EBAL quanto a EBAP, dispunham da mesma organização, e eram regulados pela Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, à luz do Decreto n.º 19.760 de 20 de Maio de 1931⁵⁹.

O percurso de Gomes da Costa no Curso Especial na EBAP foi cumprido dentro do prazo regular, não se registando reprovações ou repetições em nenhuma das 18 unidades curriculares em que esteve inscrito⁶⁰ (tab. 1). Ao contrário de alguns colegas, entre eles Júlio Pomar, António Vicente de Castro e Adalberto Gonçalves Dias que nutriam as mesmas motivações políticas e acabaram sendo suspensos por 90 dias por manifestações do GEBAP (Grupo de Estudantes das Belas-Artes do Porto)⁶¹, não houve queixas ou apontamentos a respeito da conduta de Costa na academia.

Apesar destas ressalvas que marcaram a época, a Escola do Porto estava em transformação. O ímpeto dado pelo Arquitecto Carlos Ramos na década de 1940, na renovação do ensino que durante muito tempo esteve arvorado no modelo das *Beaux-Arts* de Paris, aos poucos foi-se transformando numa academia atenta aos novos tempos e aos novos modelos de ensino, nomeadamente à pedagogia moderna, que ao contrário do modelo francês, centrava-se **“no processo de aprendizagem e na relação entre professor-aluno, considerando o aluno como agente activo e não como receptor passivo do conhecimento.”**⁶² Esta modificação do pensamento, motivou Gomes da Costa, de algum modo, em instruir-se para além dos cânones clássicos dados nas aulas, que podavam a criatividade para as questões do modernismo, e diante desta realidade, foi mais além, não se furtando de desenvolver trabalhos cada vez mais audaciosos e actualizados com o que de melhor se fazia no mundo.

Ávido leitor de revistas de arquitectura, sabia-as de cór e partilhava os seus conhecimentos com os colegas, tendo inclusive Vicente de Castro indagado pela memória do conterrâneo algarvio a tamanha cultura arquitectónica moderna⁶³. Outro ponto importante a referir, foi o rol de exposições e conferências que decorreram no país entre 1940 e 1950, destacando-se a visita de estudantes brasileiros à EBAP⁶⁴, que marcou profundamente a identidade arquitectónica de MGC que ainda estava em processo de definição.

Como parte desse processo, mais uma vez, o papel do professor Carlos Ramos na motivação dos alunos para as questões do modernismo, que invadia com alguma timidez as salas de aula, foi determinante, e as notas do aluno Gomes da Costa reforça este facto: os dois projectos que lhe trouxeram reconhecimento no curso, pertenciam à cadeira Projectos de Grande Composição, leccionados pelo Mestre Ramos. Nestas, Costa obteve 20 valores em 1945 pelo dito mercado e 17 valores em 1949 pela ‘Casa de Um Pilar’, marcada pela ousadia extrema, até mesmo utópica pela inexequibilidade

⁵⁹ *Idem, ibidem, pp. 1126-1128*

⁶⁰ Informação contida no Certificado para fins de matrícula na EBAL, enviado pela direcção da EBAP a 29 de Setembro de 1951. Anexo 7, pp.81-83 | Documentos dos Serviços Internos da EBAL. Fonte: FAUL.

⁶¹ Moniz, G. C. (2011). op. cit. p. 288

⁶² *Idem, ibidem, p. 24*

⁶³ Anexo 1 | Costa, M. G. (2009), op. cit.

⁶⁴ Moniz, G. C. (2011). op. cit. pp. 289-294

Ano Lectivo	Ano	Escola	Cadeira	Nota	Professores	Veredito
1940/1941	1º	EBAL	1ª Cadeira, 1ª parte: Elementos de Geometria Descritiva, Perspectivas, Teoria das Sombras	8	João António Piloto (1929-1950)	Reprovado*
			2ª Cadeira, 1ª parte: Estilos Ornamentais, Ornamentação do Natural, Estudo Comparado (Desenho e Modelação)	14		Aprovado
			3ª Cadeira, 1ª parte: Desenho de figura do Antigo (Cabeça e Torso)	14	Henrique Franco/ Leopoldo de Almeiada	Aprovado
			8ª Cadeira; 1ª parte: Ordens e Trechos Arquitectónicos (Desenho a Traço e Aguarelado)	9	Luís Alexandre Cunha (1935-1963)	Reprovado*
			11ª Cadeira, 1ª Parte: História, Geografia Histórica, Etnografia	S/N	Joaquim Macedo Mendes (1930-1958)	Reprovado**
1941/1942	1º	EBAL	13ª Cadeira, 1ª parte: Álgebra, Geometria Analítica, Trigonometria Plana	S/N	João Martins Lemos	Reprovado***
			1ª Cadeira, 1ª parte: Elementos de Geometria Descritiva, Perspectivas, Teoria das Sombras	S/N	João António Piloto (1929-1950)	S/N
			8ª Cadeira; 1ª parte: Ordens e Trechos Arquitectónicos (Desenho a Traço e Aguarelado)	S/N	Luís Alexandre Cunha (1935-1963)	S/N
			11ª cadeira 1ª parte: História; Geografia Histórica; Etnografia	S/N	Joaquim Macedo Mendes (1930-1958)	S/N
1941/1942	1º	EBAL	1ª cadeira 1ª parte: Elementos de Geometria Descritiva; Perspectiva; Teoria das Sombras	16	António Maria Cândido de Brito (1940-1973)	Aprovado
			8ª cadeira 1ª parte: Ordens e Trechos Arquitectónicos (Desenho a Traço Aguarelado)	16	Rogério de Azevedo (1940-1967)	Aprovado
			11ª cadeira 1ª parte: História; Geografia Histórica; Etnografia	13	Miguel de M. Monteiro	Aprovado
			13ª cadeira 1ª parte: Álgebra; Geometria Analítica; Trigonometria Plana	17	Rogério Barroca (1940-1954)	Aprovado
1942/1943	2º	EBAP	1ª Cadeira 2ª parte: Geometria Descritiva; Estereotomia	16	Acácio Lino (1913-1948)	Aprovado
			3ª cadeira 2ª parte: Desenho de Figura do Antigo (Estátua)	13		Aprovado
			3ª cadeira 3ª parte: Desenho do Modelo Vivo	13		Aprovado
			4ª cadeira 1ª parte: Edifícios e Monumentos da Antiguidade (Desenho a Traço e Aguarelado); Elementos Analíticos	14	Carlos Ramos (1940-1948)	Aprovado
			9ª cadeira 1ª parte: História da Arte da Antiguidade	16	Aarão de Lacerda	Aprovado
1943/1944	3º	EBAP	13ª cadeira 2ª parte: Elementos de Cálculo Integral e Diferencial	16	Rogério Barroca	Aprovado
			2ª cadeira 2ª parte: Estilização; Composição Ornamental	11	Manuel Marques	Aprovado
			4ª cadeira 2ª parte: Pequenas Composições	15	Carlos Ramos	Aprovado
			9ª cadeira 2ª parte: História da Arte Medieval e Moderna	17	Aarão de Lacerda	Aprovado
1944/1945	4º	EBAP	14ª cadeira 1ª parte: Estática Gráfica; Resistência de Materiais; Estabilidade (Aplicações ao ferro, à pedra e à madeira)	14	Júlio José de Brito (1926-1964)	Aprovado
			14ª cadeira 3ª parte: Topografia	12		Aprovado
			4ª cadeira 3ª parte: Composição	17	Carlos Ramos	Aprovado
			8ª Cadeira 2ª parte: Prática da Construção (Estudos Parciais e Pequenos Projectos de Conjunto); Salubridade das Edificações	12	Rogério de Azevedo (1940-1967)	Aprovado
			14ª cadeira 2ª parte: Construções Metálicas; Betão Armado	12	Júlio José de Brito	Aprovado

■ Transferiu a matrícula para a EBAP

■ Repetiu as cadeiras que estavam em falta para concluir o 1º ano

* Falta de média

** Por faltas

*** Não fez exame final

S/N sem nota

tab. 01 Lista de cadeiras realizadas no Curso de Arquitectura EBAL/EBAP. fonte: Autor (2017), à excepção da coluna 'Professores' Moniz (2011)



fig. 14 Custódia da Encarnação Justo Alexandre, 1962. fonte: PIDE/DGS-Torre do Tombo (2017)

construtiva à luz dos conhecimentos tecnológicos da época.⁶⁵ Com outro professor, provavelmente os resultados não seriam os mesmos e embora Ramos fosse libertário neste aspecto, Costa afirmava:

“O Mestre Carlos Ramos era um Mestre muito atencioso, muito delicado, embora não fosse um Mestre da Arquitectura Moderna propriamente, mas era muito delicado, compreensivo e orientou sempre os alunos no caminho devido, dava-lhes a possibilidade deles desenvolverem a sua individualidade. Portanto nesse aspecto foi extraordinário”⁶⁶

Esta opinião do quão moderno era o professor Ramos, era partilhada por outros colegas de Gomes da Costa, nomeadamente Fernando Távora, que achava que o ensino praticado na época da sua formação não era de todo moderno.⁶⁷ Independentemente de quão moderna era a escola e a pedagogia do professor Carlos Ramos, é inegável que a atenção e a abertura ao diálogo para o novo pensamento arquitectónico, terá motivado aquela geração a reflectir a sua posição naquele movimento histórico que começava a dar os primeiros passos nos anos 40. Este olhar crítico surgiu ainda enquanto estudantes, fazendo destes, alguns dos principais agentes de um novo modelo de ensino que marcaria profundamente dali adiante o carácter daquela instituição.

Paralelamente ao universo académico, Manuel Gomes da Costa, nas idas de férias para a sua terra natal, conheceu nas reuniões do MUD Juvenil a sua futura esposa⁶⁸, Custódia da Encarnação Justo Alexandre, seis anos mais nova⁶⁹ (fig. 14), com quem partilhava não só os ideais políticos, mas também votos de uma vida conjunta, ficando as diferenças apenas no foro religioso: ele Ateu e ela, Católica. Casaram-se a 26 de Março de 1947 na Freguesia de Vila Nova de Cacela⁷⁰, resultando do matrimónio, o primeiro filho, nascido no primeiro mês de 1948⁷¹, que até 1953 juntar-se-iam mais duas outras, totalizando três filhos⁷² deste matrimónio de 69 anos, que se desfez apenas com o falecimento da esposa.⁷³ Embora já estivesse a trabalhar neste período e com a residência fixada em Vila Real de Santo António, no regresso ao Porto para a continuação do curso, inscreveu-se na Cooperativa ‘O Problema da Habitação’, pondo em uso as recompensas obtidas ao longo do Curso Superior.⁷⁴

⁶⁵ Informação conseguida pelo cruzamento da informação contida no Anexo 7, pp.81-83 com a Tabela Director-Cadeira-Professor, EBAL, 1931-1946 e Tabela Director-Cadeira-Professor, EBAP, 1939-1945 de Moniz, G. C. (2011). Vol II, op. cit. p. 41

⁶⁶ Anexo 1 | Costa, M. G. (2009), op. cit.

⁶⁷ Moniz, G. C. (2011). op. cit. p. 23

⁶⁸ Anexo 1 | Costa, M. G. (2009), op. cit.

⁶⁹ Nasceu a 18 de Março de 1927 em Vila Real de Santo António. Com o casamento somou-se ao seu nome o apelido Costa. Anexo 9, pp.126-127 | PIDE/DGS, Pedido de Bilhete de Identidade, 16 de Setembro de 1962. Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo

⁷⁰ Anexo 2, p.14 | Averbamento n.º.1, de 2012-07-04. Fonte: Conservatória do Registo Civil/Predial/Comercial de Vila Real de Santo António

⁷¹ Informação obtida pelo cruzamento da entrevista feita ao filho mais velho do arquitecto, no dia 20 de Dezembro de 2016 (Anexo 3) com a carta enviada por MGC ao “Sr. Lourenço” por motivo de matrícula na cadeira de Urbanologia da EBAP, datada de 07 de Janeiro de 1948, onde afirmava que dentro de dias viria a ser pai e que não teria oportunidade de se deslocar ao Porto para concretizar a inscrição dentro do prazo. Anexo 8, p.119 | Documentos dos Serviços Internos da EBAP. Fonte: Serviço de Documentação e Informação da FBAUP

⁷² Por ordem de nascimento, Manuel Alexandre Gomes da Costa (28 de Janeiro de 1948); Maria Alexandre Gomes da Costa (1952); Elsa Alexandre Gomes da Costa (1953). Anexo 9, pp.123,124 | PIDE/DGS, Pedido de Concessão de Passaporte Familiar, 09 de Maio de 1961. Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo

⁷³ Anexo 2 | Averbamento n.º.2, de 2016-03-22. Assento de Óbito n.º 68 de 2016 da Conservatória do Registo Civil e Predial de Tavira. Fonte: Conservatória do Registo Civil/Predial/Comercial de Vila Real de Santo António

⁷⁴ Anexo 8, p.110 | Documentos dos Serviços Internos da EBAP. Fonte: Serviço de Documentação e Informação da FBAUP

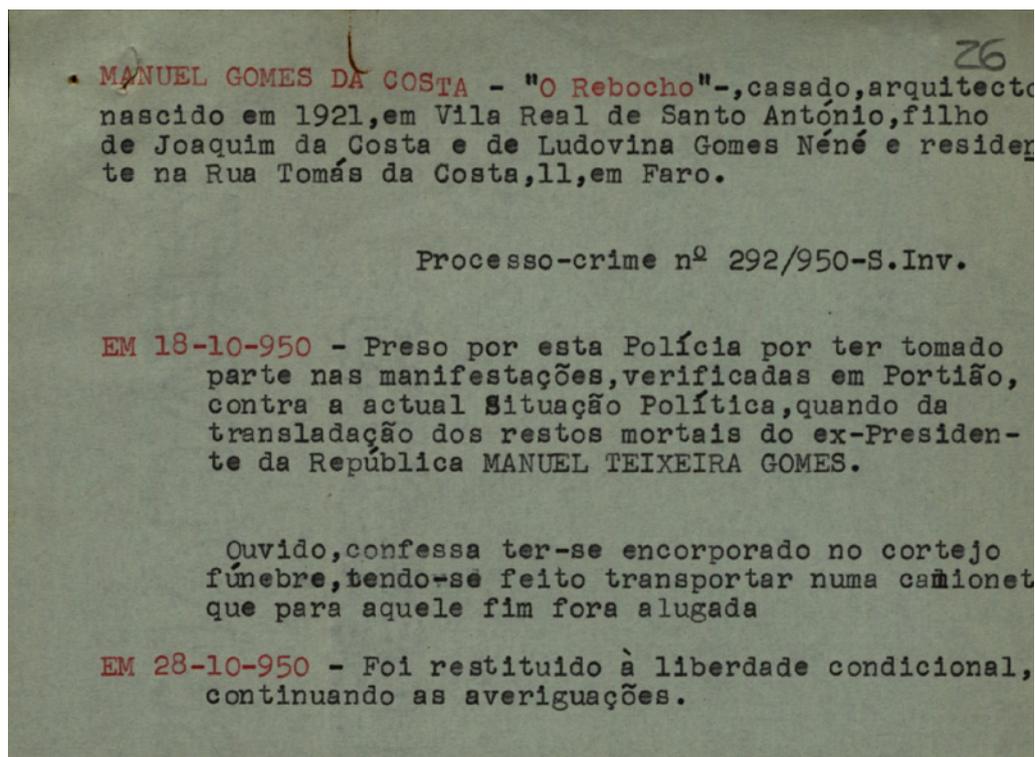


fig. 15 Processo-crime nº 292/950-S.inv.. fonte: PIDE/DGS-Torre do Tombo (2017)

1.2.2. Entropias Políticas

Tendo já sido mencionado diversas vezes no decorrer da investigação as motivações políticas da personalidade biografada, seria de se esperar que daquele contexto político e social surgissem problemas – e surgiram! A 18 de Outubro de 1950, Manuel Gomes da Costa, ainda estudante e já pai de família foi preso por ter tomado parte nas manifestações em Portimão contra a ‘Situação Política’ daquela altura, por ocasião da transladação dos restos mortais do Ex-presidente da República Manuel Teixeira Gomes. “O Rebocho” - nome pelo qual Costa era designado - foi ouvido e confessou ter-se deslocado num autocarro que para aquele fim fora alugado. Apesar de curta a estada no Forte de Caxias, valeu pelo susto. Passados dez dias foi-lhe restituída a liberdade condicional a 28 daquele mês.⁷⁵ (fig. 15)

A eventualidade da sua prisão representou o início da caçada daquele que era tido como um “professante dos ideais democráticos”⁷⁶ (fig. 16). Nos anos que se seguiram até ao advento do 25 de Abril, Costa passou a ser um elemento bastante referenciado nos autos da PIDE, estando o seu nome sempre que mencionado, destacado pelo característico lápis azul, como se pode ver em quase todos os arquivos consultados para esta investigação, presente nos anexos. Não sendo o suficiente, além do aspirante a arquitecto, a sua família também passou a ser referenciada nos autos das diversas “diligências e de outros serviços extraordinários” da polícia do regime, nos vários postos de vigilância do Algarve⁷⁷.

⁷⁵ Anexo 9, p.129 | PIDE/DGS, Serviços Centrais, Boletim 11266. Processo-crime nº 292/950-S.Inv. Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo

⁷⁶ *Idem, ibidem*, p.140 | PIDE/DGS, Serviços Centrais, Boletim 11266. Ofício Confidencial nº 723/58 S.R. de 19 de Agosto de 1958. Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo

⁷⁷ O Relatório Semanal nº 19/60 S.R. de 23 de Março de 1960 presente Anexo 9, p.135, é o exemplo máximo do quão o arquitecto e a sua família eram alvo das inúmeras investidas de vigilância da PIDE.

Luz (Vlm)
P. 248-1.R/51
P. 292/50
P. 558/50-S.C.T.
L. 24/8/58

Luzina
ao Pra.
30-8-58
gloriana 41

S. R.

POLÍCIA INTERNACIONAL E DE DEFESA DO ESTADO
CONFIDENCIAL
N.º 722/58

Roga-se que na resposta se indiquem os números e a data deste ofício.

POLÍCIA INTERNACIONAL E DE DEFESA DO ESTADO
SERVIÇOS DE SEGURANÇA
Divisão de Informação - Secção Reservada
ENTRADA N.º 84541 S. R.
Recebido em 21 8 158

POLÍCIA INTERNACIONAL E DE DEFESA DO ESTADO
SERVIÇOS DE SEGURANÇA
SECÇÃO CENTRAL
21 8 15.3
ENTRADA N.º 13674

Med. 147 - 50.000 ex. - 2-58 - Sociop

Excelentíssimo Senhor

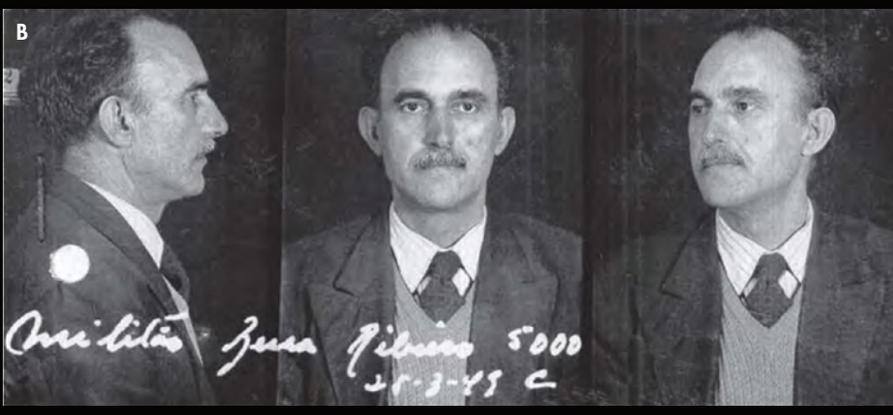
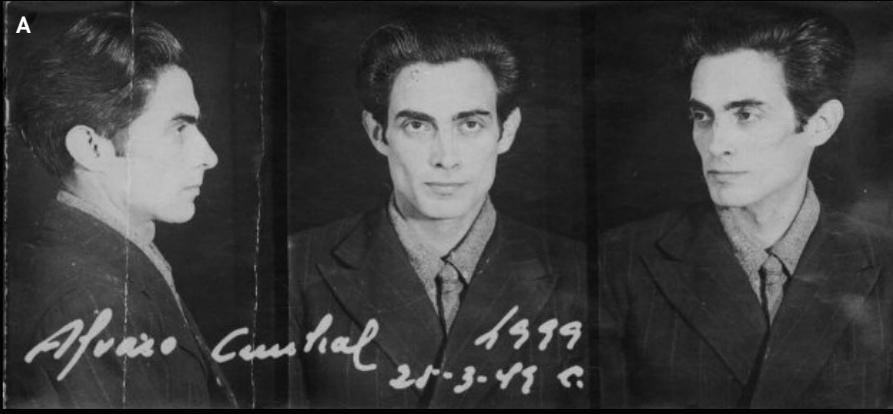
Em conformidade com o determinado no ofício confidencial nº 4.765-S.R., da Direcção, datado de 18 do mês em curso, tenho a honra de informar V.Ex.ª da identidade do nacional a que se refere o supracitado ofício.

Trata-se de MANUEL GOMES DA COSTA "O REBOCHO", casado, arquitecto, nascido a 1 de Janeiro de 1921, em Vila Real de Santo António, filho de Joaquim da Costa e de Ludovina Gomes Néné, residente nesta cidade de Faro, na Rua José Tomás da Costa, nº 11, e não José, como por lapso foi indicado.

Moralmente, nada se apurou em seu desabono. **T**

Politicamente, é adversário da actual situação, sendo considerado como elemento professante de ideias democráticas. Já esteve detido nesta Polícia a quando do funeral, realizado em Portimão, do Dr. Teixeira Gomes.

A BEM DA NAÇÃO
Faro, Posto de Vigilância da PIDE, 19 de Agosto de 1958
Ao Exmo Senhor DIRECTOR-GERAL DA PIDE
L I S B O A



← **fig. 16** Ofício Confidencial nº 723/58 S.R. de 19 de Agosto de 1958. fonte: Arquivo PIDE/DGS - Torre do Tombo (2017)

↙ **fig. 17 A.** Álvaro Cunhal - Registro Geral de Presos. **B.** Militão Bessa Ribeiro. fonte: Partido Comunista Português (2010)

Já outros manifestantes e professantes comunistas não tiveram a mesma sorte de Gomes da Costa. Álvaro Cunhal (**fig. 17A**) na mesma época tinha sido preso e o olvidado Militão Bessa Ribeiro tinha morrido em condições desumanas a 02 de Janeiro do mesmo ano, após meses de tortura, privações de cuidados médicos e de alimentação condigna enquanto prisioneiro da Colónia Penal do Tarrafal⁷⁸ (**fig. 17B**). No caso do Algarvio terá sido apenas uma questão de sorte ou poderá ter sido uma questão de influências externas? Segundo se sabe, o seu irmão Joaquim da Costa Rebocho trabalhava para o Estado e conhecia bem os corredores da política da época, o que poderá ter beneficiado o irmão mais novo na resolução das entropias em que terminava sempre envolvido.

Os inúmeros adjetivos que foram utilizados para se referirem à pessoa de Gomes da Costa nos tempos da repressão, hoje, em nada desmerecem a sua reputação, tampouco a sua memória, só o elevam e corroboram com a linha narrativa desta investigação – que de facto Manuel Gomes da Costa foi uma personalidade ímpar para a sociedade. As suas inquietações, as suas motivações e a sua experiência de vida acumuladas nos primeiros 30 anos, resumem a personalidade de um Homem que esteve para além das questões da arquitectura, mas que utilizava-a como meio de propagar os seus ideais democráticos, partilhando semelhanças nas causas combatidas pelo excelso arquitecto brasileiro, Oscar Niemeyer, no tocante à questão dos direitos do Homem.

1.3. Do Porto a Lisboa

1.3.1. Saída da EBAP

Com a vida ocupada, as obrigações e os encargos familiares tornaram-se cada vez mais prioritários na agenda do quase-arquitecto, que começava a dar os primeiros passos na carreira fora da academia. As idas e vindas ao Algarve e sobretudo a Lisboa, tornaram-se uma constante, prejudicando o seu desempenho curricular no 2º ciclo do curso. Se no Porto foram necessários 4 anos para cumprir o programa curricular do Curso Especial, para o Curso Superior foram precisos 6 para a maioria das cadeiras, querendo isto dizer que a produtividade na Escola foi decrescendo de ano para ano, embora sem prejuízo das notas. No ano lectivo de 1945/1946, Gomes da Costa conseguiu participar em 6 concursos, obtendo a nota mais alta daquele ano, 20 valores no Projecto de Grande Composição, pelo Mercado Municipal já mencionado. Em 1946/1947 e 1948/1949 ao contrário do primeiro ano lectivo deste ciclo, a participação caiu para apenas 2 concursos, por ano, sendo um deles alvo de exposição da IV EGAP de 1949, também referida nas páginas anteriores. Por fim, em 1947/1948 e 1949/1950 o número de participações atingiu o mínimo, de 1 por cada ano, nesta ordem (**fig. 13**). Do último concurso participado até ao desvinculo desta escola passariam 1 ano e 6 meses ausente de quaisquer actividades curriculares.⁷⁹

⁷⁸ Partido Comunista Português. (Janeiro e Fevereiro de 2010). *Efeméride Edição nº 304*. Obtido em 24 de Maio de 2017, de O Militante: goo.gl/1UaSLv

⁷⁹ Informação contida no Certificado para fins de matrícula na EBAL, enviado pela direcção da EBAP a 29 de Setembro de 1951. Anexo 7, folha pp.81-83 | Documentos dos Serviços Internos da EBAL. Fonte: FAUL

→ **fig. 18** Declaração de Manuel Laginha a Comprovar o tirocínio de MGC no seu atelier, 1953. fonte: FAUL (2017)

Os principais motivos da ausência, cada vez maior no Curso Superior, para além dos de foro familiar foram:

- Um elevado número de trabalhos que requereram urgência no tratamento, vindo esta situação a arrastar-se desde o princípio de 1946;⁸⁰
- Ter passado a colaborar a partir da segunda metade dos anos 40 com o seu colega Jorge de Oliveira, em projectos realizados em Faro;⁸¹
- Ter passado a colaborar em 1950 com o arquitecto Fernando Silva, responsável pelo Cinema São Jorge, que inclusive recebeu o Prémio Valmor daquele ano;⁸²
- Ter iniciado em Fevereiro de 1951 o período de tirocínio no atelier do colega de curso Manuel Maria Cristóvão Laginha, diplomado pela EBAP a 11 de Julho de 1947⁸³ (fig. 18).

Diante da impossibilidade de cumprir a agenda académica por conflito da agenda familiar e profissional, a 29/09/1951 foi efectuada a transferência para aquela EBAL⁸⁴ de onde há quase 11 anos tinha saído por ser oposto aos valores e aos métodos de ensino, contrários aos seus ideais.

1.3.2. Regresso à EBAL. Preparação para o CODA

De volta à Escola de Belas Artes de Lisboa, passados quase 11 anos do seu desvinculo a esta, o ambiente pouco ou nada mudou, e o país muito menos. O classicismo ainda imperava nas salas de aula e o regime que já ia perto do seu vigésimo aniversário, com a ocupação temporária da chefia do Estado por parte de Salazar, passou a demonstrar ainda mais força e brutalidade. Quanto ao trigenário algarvio, se por um lado a mudança de escola ajudou no cumprimento da sua agenda laboral, por outro não desafogou a sua agenda académica. Foram precisos mais dois anos para que Gomes da Costa conseguisse concluir as duas cadeiras de Urbanismo em falta para iniciar a Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, também designado por CODA – Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto – trabalho este que iria reflectir a transição entre a actividade académica e a actividade profissional após o "tirocínio". Aqui o aluno Manuel Gomes da Costa, teria que demonstrar ser possuidor dos conhecimentos e competências adquiridas ao longo do curso, trazendo todo o seu esforço num trabalho original e pessoal, capaz de levantar novas questões para o debate arquitectónico.

Dois dias após a conclusão do "tirocínio" no atelier do colega arquitecto Manuel Laginha, a 26 de Março de 1953, Costa apresentou à EBAL o programa do seu trabalho final, vindo a ser deferido a 27 do mês seguinte. O trabalho teve como título "Um Clube Recreativo e Cultural", pensado e projectado para a pequena e erma aldeia

⁸⁰ Os encargos com a profissão e com a família foram de tal ordem que Gomes da Costa, na impossibilidade de deslocar-se ao Porto, outorgou por escrito ao "Sr. Lourenço" - pessoa esta da sua confiança - a responsabilidade de o inscrever no ano lectivo de 1947/1948. Anexo 8, pp.1150-120 | Documentos dos Serviços Internos da EBAP. Fonte: Serviço de Documentação e Informação da FBAUP

⁸¹ Agarez, R. C. (2016). *Algarve building: modernism, regionalism and architecture in the south of Portugal, 1925-1965*. New York: Routledge. p.211

⁸² Vargas, G. (2010), op. cit. p.42

⁸³ Declaração redigida pelo próprio arquitecto e colega Manuel Laginha. Anexo 7, p.87 | Documentos dos Serviços Internos da EBAL. Fonte: FAUL.

⁸⁴ Anexo 7, p.84 | Documentos dos Serviços Internos da EBAL. Fonte: FAUL



20

27 3 5-

Declaração

Manuel Maria Gustavo Laginha,
arquitecto diplomado pela Escola de Belas
Artes do Porto, declara por sua honra
que Manuel Gomes da Costa tiroucinou
no seu "ateliu", desde Fevereiro de 1951,
até a presente data, laborando projectos
sob minha direcção e acompanhando as
respectivas obras, com muita competência
e probidade.

Lisboa, 26 de Março de 1953

Manuel Maria Gustavo Laginha

Recebeu-se a assinatura de Laginha

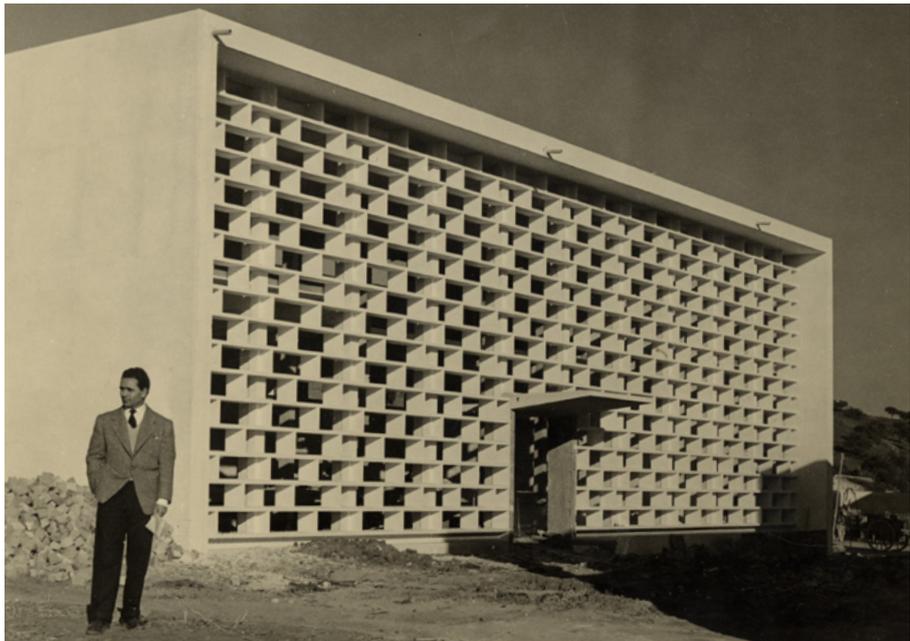
1.º cartório notarial de Lisboa a cargo do Notário

Dr. Fausto Vianna, aos 27 de março de 1953

Emol. ado. e selo 300 Registo n.º 237

O Ajudante

fig. 19 MGC junto ao projecto da Cooperativa Agrícola de Santa Catarina da Fonte do Bispo, na década de 1950. fonte: Arquivo Gonçalo Vargas



de Santa Catarina da Fonte do Bispo.⁸⁵ As despesas envolvidas na elaboração do projecto foram todas elas pagas pela Cooperativa, incluindo os desenhos e as maquetes.⁸⁶ Os resultados colhidos para além da obtenção do CODA, foi a concretização do mesmo fora do circuito académico, embora com alterações significativas no programa e nos espaços (fig. 19).

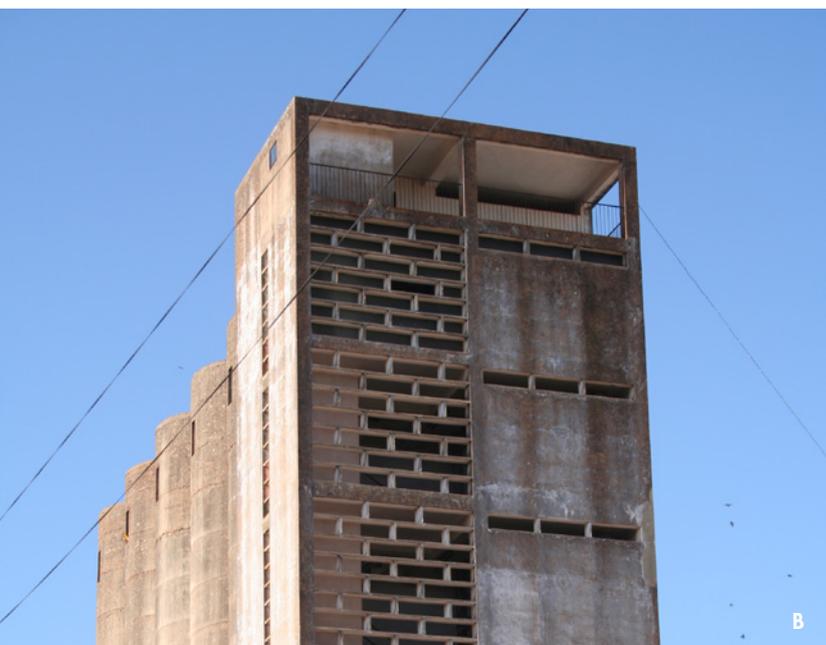
Para a academia, o programa do edifício contemplava para a planta térrea, um hall com vestiários, balneários, três salas: uma de estar, uma de jogos (onde incluíam ping-pong e bilhares) e outra de conferências, festas e projecções. Por fim, não menos importante, um buffet. Para o piso superior, uma biblioteca, sala de leitura, gabinete para a direcção e cabine para o projector.⁸⁷ Nesta proposta digna dos novos tempos, Costa idealizava tudo aquilo que inexistia naquela que era uma das zonas mais remotas do Algarve, carente de todas as actividades lúdicas presentes nas principais cidades e vilas do litoral. Por contraposição ao modelo apresentado na academia, o projecto construído em 1957, apresentava um programa mais funcional e industrial do que propriamente lúdico como se tinha pensado inicialmente, embora necessário e atrelado às necessidades locais (fig. 20 A-C). A temática do lazer daria espaço a um motor de transformação da matéria-prima local, numa autêntica unidade fabril complexa, pensada para todas as etapas da campanha do trigo após a colheita, indo desde o armazenamento e processamento ao ensacamento e distribuição do insumo, num eixo de operações sucessivas que tinham em vista a maximização da eficiência de uma das principais *commodities* do país na época – o trigo (fig. 21 A-C).

Voltando o foco para o projecto apresentado ao painel de jurados da EBAL, este era composto por peças escritas e desenhadas, para além da maquete à escala, que garantiam a leitura e o pleno entendimento do maior ao menor detalhe de toda a composição, a fim esclarecer quaisquer dúvidas que se apresentassem pertinentes e essenciais para o entendimento do trabalho. Como praxe, os elementos apresentados foram: memória descritiva e justificativa, medições, orçamentos; caderno de encargos; peças

⁸⁵ *Idem, ibidem*, pp.88,89

⁸⁶ Informação obtida na entrevista não-estruturada, feita ao filho mais velho do arquitecto, Alexandre Gomes da Costa, no dia 20 de Dezembro de 2016 | Anexo 3.

⁸⁷ Anexo 5, folha 27 | Documentos dos Serviços Internos da EBAL. Fonte: FAUL



desenhadas de diversas escalas e temáticas, onde estavam incluídas Plantas e Cortes à escala 1:500 e 1:100, “(...) abrangendo a disposição dos compartimentos e arranjo do mobiliário, com as respectivas dimensões indicadas.”⁸⁸

Não menos importante, o compromisso firmado no plano de trabalho de Gomes da Costa para o seu trabalho final, revelavam o calibre do arquitecto que estaria por vir e o empenho que este viria a ter na profissão,

“Pormenores e desenhos complementares a escalas convenientes e em tamanho natural, de todos os pontos do projecto cuja leitura ou esclarecimento se julgue necessário facilitar e evidenciar para completo entendimento e justificação das soluções apresentadas e garantia de perfeita execução da obra.”⁸⁹

Seguro de si mesmo quanto às suas capacidades, Manuel Gomes da Costa foi aprovado com 16 valores numa instituição que não dava notas superiores a 12 aos alunos vindos do Porto⁹⁰, licenciando-se então em Arquitectura pela EBAL com o diploma nº 151, a 12 de Agosto de 1953⁹¹, sendo um dos dezasseis alunos diplomados naquela

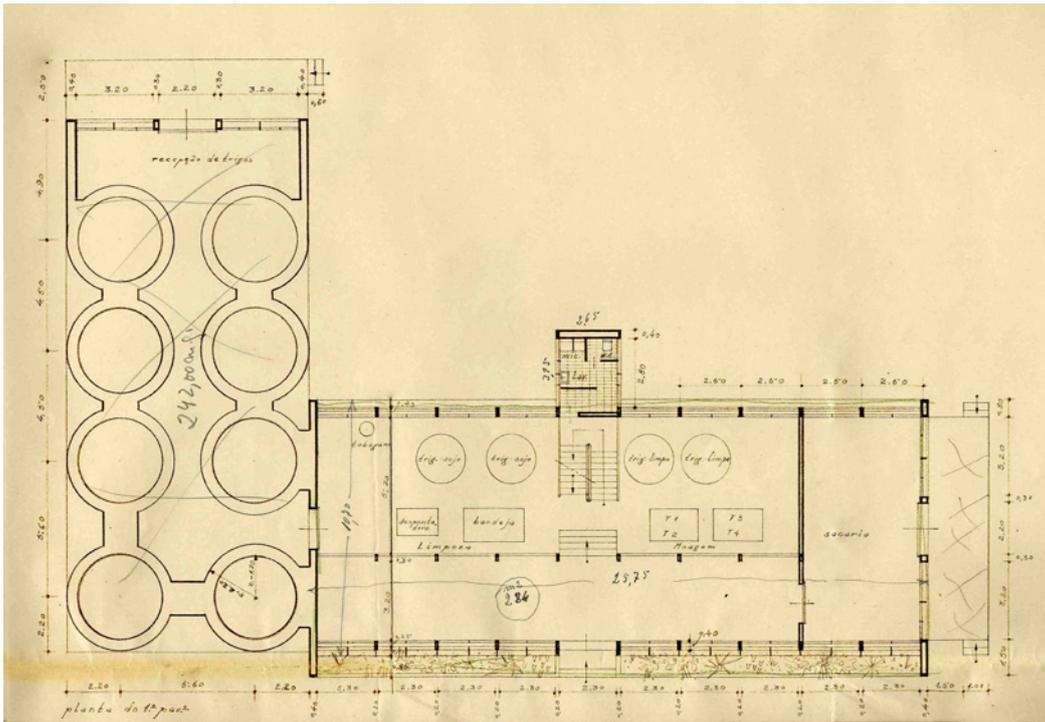
fig. 20 A-C Silos da Cooperativa Agrícola de Santa Catarina da Fonte do Bispo, na década de 1950. fonte: Arquivo Gonçalo Vargas

⁸⁸ Manuel Gomes da Costa, 28 de Março de 1953. Anexo 7, p.89 | Documentos dos Serviços Internos da EBAL. Fonte: FAUL

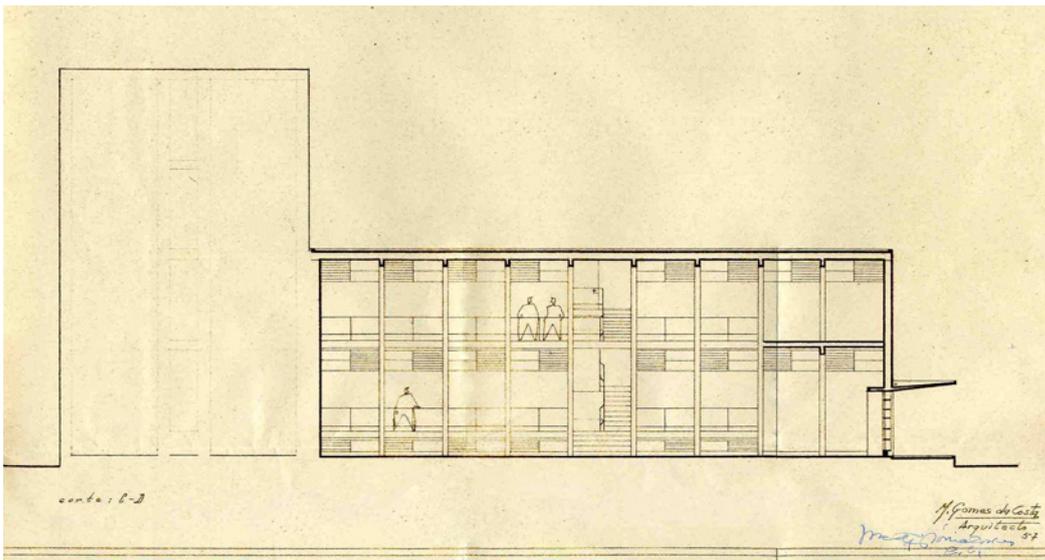
⁸⁹ *Idem, ibidem*

⁹⁰ Vargas, G. (2010), op. cit. p.42

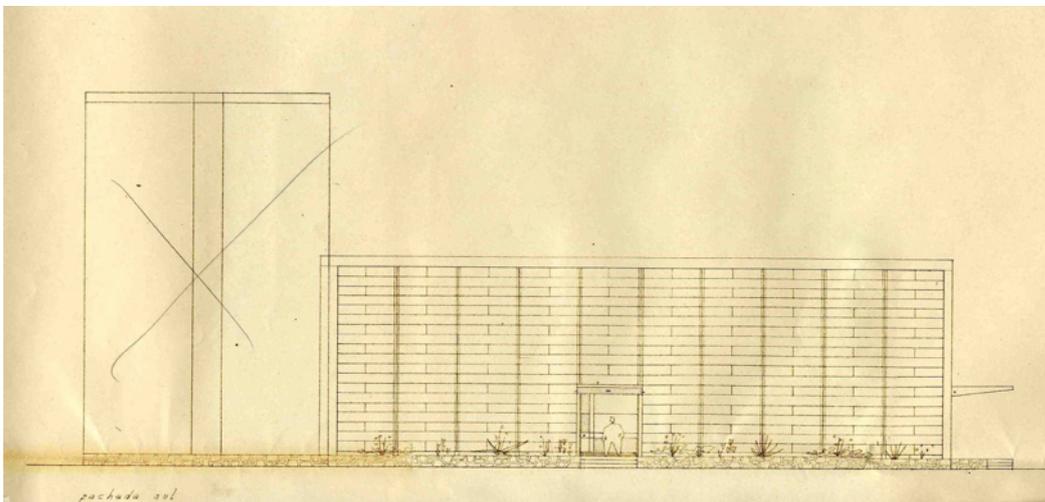
⁹¹ Anexo 10, pp. 160-161 | Proposta nº 181 do extinto Sindicato Nacional dos Arquitectos. Fonte: Ordem dos Arquitectos



A



B



C

instituição, naquele ano⁹². Foi definitivamente considerado apto a exercer actividade enquanto Arquitecto⁹³, após a inscrição e aprovação no Sindicato Nacional dos Arquitectos a 30 de Outubro seguinte, sob número de sócio 74.⁹⁴

↳ **fig. 21** A. Planta; B. Corte; C. Alçado da Cooperativa Agrícola de Santa Catarina da Fonte do Bispo, 1957. fonte: Arquivo Gonçalo Vargas

O ano de 1953 que já se apresentava auspicioso por diversos motivos, ficou ainda melhor - Gomes da Costa além de ter sido pai pela terceira vez, foi nomeado professor provisório do 3º grupo do 2º grau na Escola Industrial e Comercial de Faro, tendo vindo a exercer docência nos dois anos seguintes, acumulando mais uma valia no seu currículo⁹⁵.

1.4. Regresso às origens. Estabelecimento em Faro

Com o diploma na mão e de regresso ao Algarve, o já Arquitecto estabeleceu-se definitivamente em Faro, tendo sido esta decisão tomada em detrimento da sua terra natal, pelo facto de encontrar na capital de Distrito, alguma centralidade e por estarem reunidos potenciais clientes da sua nova arquitectura. Foi atento a esta necessidade cada vez maior de novas construções por parte de “gentes esclarecidas” e da burguesia desenraizada, que Gomes da Costa conseguiu atrair novos interessados pela sua arquitectura vanguardista, símbolo máximo da modernidade. Passados seis anos desde o regresso definitivo da capital e com alguns projectos já desenvolvidos, registou-se como Técnico de Obras no Município de Faro, condição esta necessária para a submissão dos seus projectos para a apreciação dos serviços municipais⁹⁶.

Com a imagem de um Algarve rural e piscatório cada vez mais concorrida pela do Algarve balnear e sua extensa semântica veraneante, estariam reunidas as condições ideais para a entrada do modernismo na região. Faro que já se demonstrava incapaz de responder a uma demanda cada vez maior de novas habitações e de serviços que uma cidade em expansão necessitava, para atender ao crescente fluxo migratório do interior para o litoral, foram surgindo novas obras das mais diversas funções e configurações até então inéditas naquele meio. Envolto neste ciclo de bonança, o arquitecto usufruiu da sua boa reputação para consolidar uma vida estável e longe de apuros financeiros, pese embora tenha chegado a cogitar, mudar de vez para as terras *tupiniquins* em 1973, após o convite de um amigo que iria abrir uma sucursal de venda de automóveis no Rio de Janeiro. Uma vez no Rio, terá inclusive prospectado com o filho mais velho, o mercado da construção civil na região, a fim de estabelecer com a sua família uma nova vida na capital carioca.⁹⁷ Ironias do destino, estaria Costa a livrar-se de uma ditadura para

⁹² Calado, M., & Ferrão, H. (2013). Da Academia à Faculdade de Belas Artes. In *A Universidade de Lisboa nos séculos XIX-XX* (Vol. II, pp. 1107-1151). Lisboa: Universidade de Lisboa. p.1128

⁹³ Em harmonia com o Artigo 4º do Decreto-lei nº 23050, de 23 de Setembro de 1933 | “São condições obrigatórias para o exercício da profissão de arquitecto, em Portugal, a posse do respectivo diploma (...) passado por qualquer das Escolas de Belas-Artes do País, ou escolas estrangeiras de idêntica categoria, dos países que admitam a reciprocidade”. Fonte: Sindicato Nacional dos Arquitectos. (1934). Estatuto do Sindicato Nacional dos Arquitectos. Lisboa.

⁹⁴ Anexo 10, pp.160-161 | Proposta nº 181 do extinto Sindicato Nacional dos Arquitectos. Fonte: Ordem dos Arquitectos

⁹⁵ Anexo 11, p.163 | Processo individual. Direcção Geral do Ensino Técnico Profissional. Fonte: Agrupamento de Escolas Tomás Cabreira

⁹⁶ O registo de Técnico de Obras é referente ao registo enquanto trabalhador independente, obrigatório durante muitos anos para todos os técnicos que submetiam projectos de obras particulares à apreciação dos serviços municipais. Manuel Gomes da Costa que nunca foi funcionário do município, registou-se como Técnico de Obras no dia 06 de Junho de 1959 de acordo com o Registo de Técnico de Obras (1950-1983), presente no Arquivo Histórico Municipal de Faro | Referência: PT/MFAR/CMFAR/L-E/003/0001

⁹⁷ Anexo 3.

mergulhar numa outra que já fizera vítimas pelo tão infamado Acto Institucional nº5, que suspendia por decreto a democracia brasileira, subjugando a população às determinações do regime militar.⁹⁸

Ilusões caídas por terra, tal como Salazar errou a cadeira ao ponto de afastá-lo do poder e que culminou anos mais tarde no “25 de Abril”⁹⁹, a experiência de Costa no Brasil fora relativamente curta: duas semanas aproximadamente. Nesse interregno pode ver de perto as obras que desde sempre alimentaram o seu imaginário, não assinalando à partida, quaisquer contactos com os mestres brasileiros.¹⁰⁰ De volta a Portugal, retoma as rédeas da sua profissão com total empenho num período que se prefigurava diferente das décadas anteriores, por motivos que veremos adiante.



fig. 22 A. Cartaz da exposição *Moderno ao Sul* decorrida em Faro em 2009; B. O Arquitecto na exposição de Vila Real de Santo António em 2010; C. Exposição no Espaço + em Aljezur fonte: Arquivo António Rosa da Silva

O fim do Estado Novo que fora recebido com um tímido entusiasmo, não aumentou com o avançar dos tempos, pois o já quinquagenário arquitecto achava ainda que as mazelas da sociedade persistiam apesar dos significativos avanços nas questões da liberdade. Assim, recatado no espaço de trabalho, passou as décadas seguintes longe dos holofotes, enquanto as obras de seus colegas contemporâneos eram estudadas, publicadas e ensinadas no meio académico. Por ocasiões muito particulares o seu nome vinha à tona, não ultrapassando meia dezena delas, que a título de exemplo surgem a Menção Honrosa da Câmara Municipal de Faro em 1991 pelo Edifício principal da Urbanização do Montinho¹⁰¹; a entrega do título de Membro Honorário da Ordem dos Arquitectos, decorrida em 2005 na Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve em Faro, pelo reconhecimento tardio da sua importância para a arquitectura moderna portuguesa¹⁰² e por fim, pelas iniciativas particulares que levaram ao conhecimento da população local, a sua obra na região, destacando-se a exposição itinerante ‘Moderno ao Sul’, decorrida entre 2009 e 2011, comissariada pelo jovem arquitecto Gonçalo Vargas¹⁰³ (fig. 22 A-C).

⁹⁸ Valle, F. (13 de Dezembro de 2013). *O AI-5 mergulhou o país na escuridão*. Obtido em 4 de Abril de 2017, de Zonacurva: goo.gl/t3mgkA

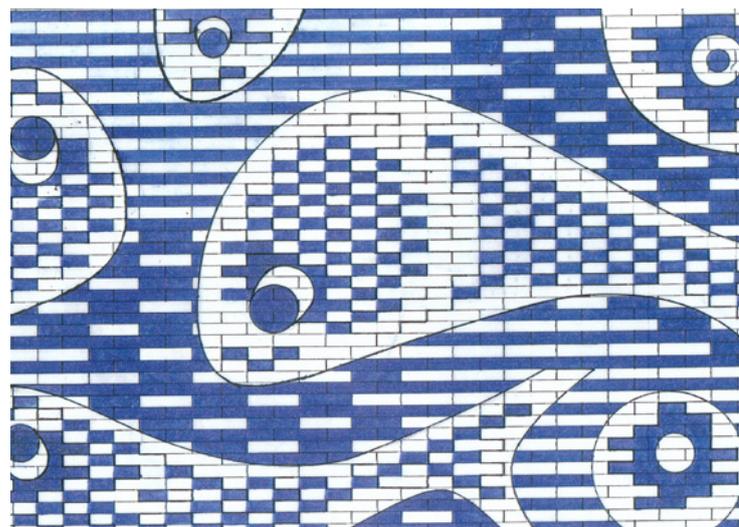
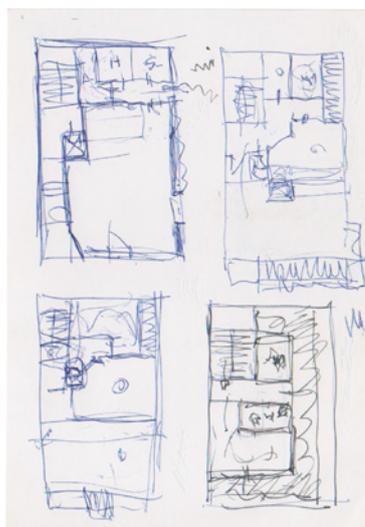
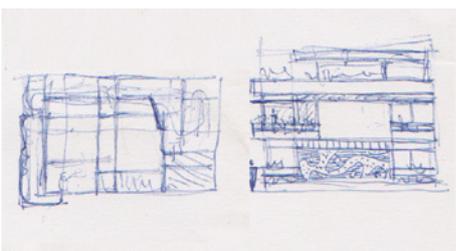
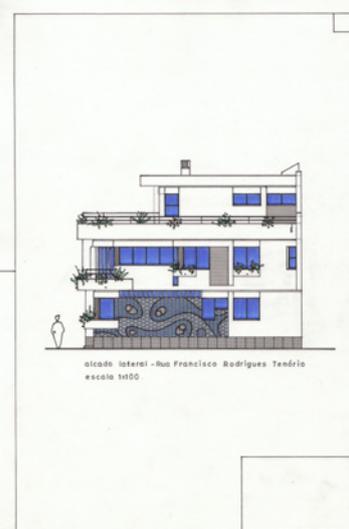
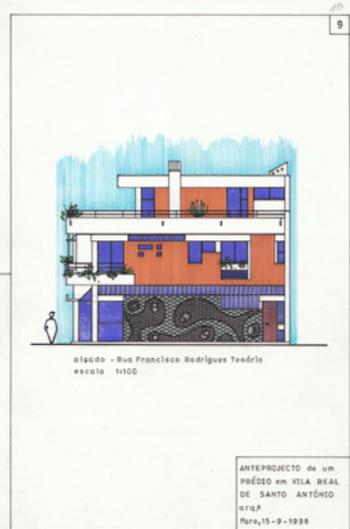
⁹⁹ Jornal de Notícias. (1 de Agosto de 2008). *Salazar caiu da cadeira faz domingo 40 anos*. Obtido em 4 de Abril de 2017, de Jornal de Notícias: goo.gl/w5oN7

¹⁰⁰ Segundo o filho mais velho do arquitecto, Alexandre Gomes da Costa | Anexo 3.

¹⁰¹ Existe uma placa trabalhada em pedra a rematar a entrada do edifício, que assinala o prémio atribuído ao arquitecto.

¹⁰² Ordem dos Arquitectos. (2005). *Boletim Arquitectos nº152*. (J. Afonso, J. Braga, & J. Ribeiro, Edits.) Lisboa: Silvadesigners. Obtido em 2016, de <https://issuu.com/globept/docs/boletim152/3>

¹⁰³ Ordem dos Arquitectos. (2011). *Boletim Arquitectos nº217*. (C. Menezes, Ed.) Lisboa: Atelier Pedro Falcão. Obtido de <https://goo.gl/pM34ea>



Do seu regresso ao Algarve aos anos que se seguiram, culminando no seu falecimento aos 95 anos, a 18 de Junho de 2016¹⁰⁴, foram somadas inúmeras superlatividades à sua extensa biografia que serão comprovadas nos tópicos seguintes – quer em quantidade, quer em qualidade dos dados. Do Barlavento ao Sotavento foram mais de 50 anos em pleno exercício da função, interrompida apenas em 2002 pela implacável degeneração da mácula¹⁰⁵, que o privou daquela que se comprovou ser a principal ferramenta de trabalho de um arquitecto – a visão! O seu último olhar para arquitectura foi aquele que viria a ser o seu último projecto elaborado, justamente para a cidade que o vira nascer no longínquo ano de 1921. Nesta relutante despedida ao labor, foi concretizada em 2005 a modificação do projecto inicial da sua casa de férias, iniciada em 1998, localizada na principal avenida da frente marítima de Vila Real de Santo António¹⁰⁶ (fig. 23A-C). A casa que fora pensada nos mais ínfimos detalhes em prol do descanso e do convívio, seria ao mesmo tempo um símbolo da sua ascensão na vida em todos os sentidos e do desejo subconsciente de retornar à sua terra natal.

fig. 23 Peças desenhadas da casa de férias em VRSA: A. Estudo de alçados; B. Esboços; C. Desenho do pormenor do painel de azulejos
fonte: Arquivo Gonçalo Vargas

¹⁰⁴ Anexo 2, p.14 | Averbamento nº 3, de 2012-06-22. Assento de Óbito nº 130 de 2016 da Conservatória do Registo Civil e Predial de Tavira. Fonte: Conservatória do Registo Civil/Predial/Comercial de Vila Real de Santo António

¹⁰⁵ Segundo o filho mais velho do arquitecto (Alexandre Gomes da Costa), o arquitecto teve o primeiro impacto da doença enquanto regressava à Faro após um passeio em VRSA. Neste que se revelou o seu verdadeiro “Ensaio sobre a cegueira”, Gomes da Costa fez o trajecto quase às cegas, com o auxílio da esposa na orientação do veículo | Anexo 3.

¹⁰⁶ Existe alguma discordância em relação às datas finais: Bañón afirma que fora em 2005 ao passo que Agarez afirma 2002 como o último ano em que Costa exercera actividade. Bañón, J.J. (2016). Principios arquitectónicos de Manuel Gomes da Costa. In *ACCA 015. Análisis y comunicación contemporánea de la arquitectura* (pp.97-124). Sevilla: Departamento de Expresión Gráfica Arquitectónica de la Universidad de Sevilla & RU Books. p.99. e Agarez, R. C. (2016). Algarve building: modernism, regionalism and architecture in the south of Portugal, 1925-1965. New York: Routledge. p.216



fig. 24 Casa de Férias em VRSA que ainda hoje preserva o seu estado original fonte: Autor (2017)

Embora nunca tenha vindo a residir neste seu último projecto, feito especialmente para si mesmo, o programa da habitação demonstrava o fulgor com que ainda era impelido já na fase tardia da sua carreira. Para esta pequena – embora muito bem pensada e maximizada – moradia de três pisos, estava contemplado para o térreo, um escritório envidraçado com estreita relação de proximidade com a confluência da rua Francisco Rodrigues Tenório com a Avenida da Liberdade, onde Gomes da Costa esperava posicionar o seu atelier (fig. 24).

Tanto o projecto da sua primeira habitação na Rua Reitor Teixeira Guedes, em Faro, quanto o projecto da sua habitação de férias em Vila Real de Santo António, demonstravam que a força e dedicação à profissão permanecia a mesma, apesar dos mais de 30 anos que as separavam, justamente por atrelar o tema ‘trabalhar’ ao tema ‘habitar’ em ambas, sendo este um exemplo de um arquitecto que viveu para o trabalho e pelos seus ideais, não conseguindo desprender-se de dois temas tão essenciais e que normalmente requerem alguma distância de harmonia. Neste caso a máxima de Benjamin Franklin replicada na obra de Max Weber prefigura-se perfeitamente à pessoa de Manuel Gomes da Costa. **“O trabalho dignifica o Homem”**. A fronteira entre o criador e a obra no estudo deste arquitecto deve por obrigação ser assumida como ténue, indelével e porventura indistinguível para uma real compreensão do verdadeiro pensamento Gomesdacostiano.¹⁰⁷

¹⁰⁷ Termo emprestado do Catedrático da Universidad de Sevilla, José Joaquín Parra Bañón, autor de alguns dos estudos realizados sobre a obra de Gomes da Costa no Algarve, consultados para esta investigação. Fonte: Bañón, J.J. (2016). op. cit. p.115

CAPÍTULO II

Noosfera Gomedacostiana

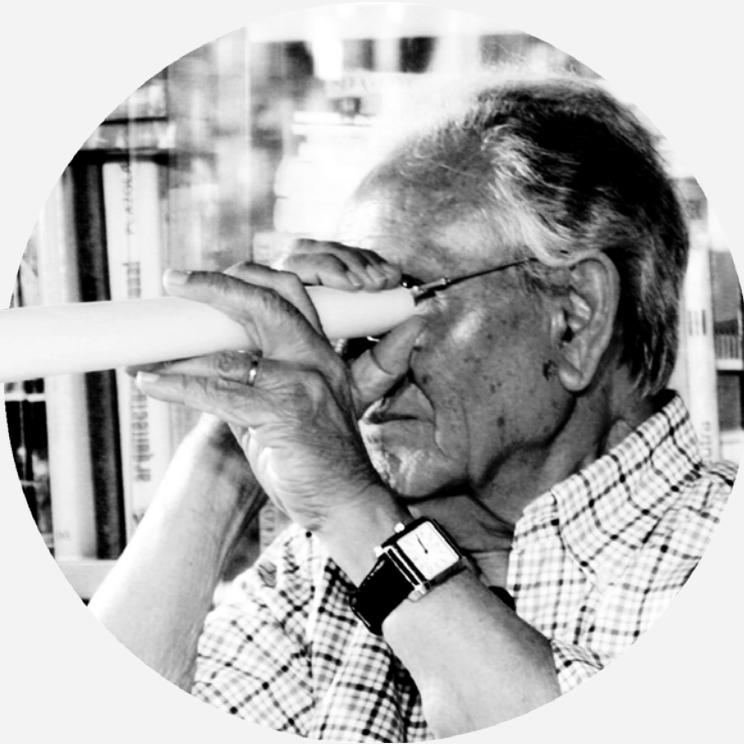




fig. 26 Trabalho elaborado para o concurso de Projecto de Grande Composição de 1949, seleccionado posteriormente para ilustrar a capa da revista que tinha como destaque a IV Exposição Geral de Artes Plásticas de 1949 fonte: *Arquitectura* nº30 (1949)



← **fig. 25** Separador C2 Manuel Gomes da Costa no seu atelier na Rua Reitor Teixeira Guedes, Faro, 2009. fonte: Arquivo António Rosa da Silva

02. DO ESQUIÇO AO PRUMO

2.1. Pensamento Moderno

2.1.1. Enquanto Aluno

Embevecido pelo entusiasmo académico, Manuel Gomes da Costa trouxe das salas de aula para terreno novas abordagens à profissão até então inéditas em Faro. Esta transição do domínio teórico para o campo profissional, que por vezes se demonstra uma experiência bastante impiedosa para com os seus tirocinantes, não pareceu abalar as convicções do mestre algarvio. O fulgor encontrado nas salas de aula, onde reina uma maior liberdade programática, por norma cede o lugar à uma infindável lista de restrições e encargos burocráticos, e quando não, às vontades pré-determinadas dos clientes. No que normalmente resulta em frustração, no caso particular de Costa, o seu imaginário e as suas motivações pareceram incólumes perante as determinações alheias. Faro que vivia um período de prosperidade e de expansão pela campina¹⁰⁸, associada à sede do neófito arquitecto em divulgar o seu trabalho, resultou na adagial união do útil ao agradável. Aparentemente estariam reunidas todas as condições para o progresso da arquitectura moderna na cidade e a passagem entre estes dois meios (académico e profissional) revelam a tónica espartana que permeou toda a sua carreira.

Naquele que foi o seu primeiro trabalho publicado numa revista de arquitectura, 'A casa de um pilar', foi seleccionada para ilustrar a capa do trigésimo número da Revista Arquitectura, que tinha como destaque a IV Exposição Geral de Artes Plásticas decorrida em 1949¹⁰⁹. Este trabalho pertencente à cadeira de Projectos de Grande Composição e sob a orientação do professor Carlos Ramos, deu a Gomes da Costa não só 17 valores¹¹⁰, mas também um lugar de destaque entre tantos notáveis da época numa revista assumidamente moderna (fig. 26).

O trabalho que não terá sido seleccionado por acaso, ilustrava - e bem - todo o conteúdo da revista, que em tom de manifesto, falava da necessidade da abertura da sociedade ao pensamento moderno. Ousada e provocadora, a casa tinha um compromisso com o risco e com a experimentação, pondo-se entre os grandes nomes da arquitectura moderna, tais como Walter Gropius e Le Corbusier. Neste número, MGC desenvolveu uma habitação sustentada por apenas um pilar, libertando a planta térrea numa clara alusão a um dos 'Cinco Pontos da Nova Arquitectura.'¹¹¹ Este trabalho de uma ousadia extrema, ou mesmo quimérica, se não ignorava, afirmava-se perante a engenharia. Foi nesta proposta provocadora e provavelmente inserida numa paisagem algarvia, que Costa deu a sua primeira grande cartada.

¹⁰⁸ Trata-se de uma extensão do território localizada na vertente Norte do concelho, conhecida pelos terrenos planos e férteis com enorme potencial agrícola, que muito embora estejam em declínio quer pelo surgimento de novas actividades económicas na cidade, quer pela contaminação do seu aquífero por elevadas concentrações de nitratos, provenientes da intensa actividade agrícola levada a cabo na região no último século. Fonte: CCDR Algarve. (2005). *Relatório do Estado do Ambiente do Algarve 2003*. Faro: Ideias em Baú. Obtido em 17 de Abril de 2017, de goo.gl/br3gj1. pp. 25-32

¹⁰⁹ Exposição esta que contou com a participação de Francisco Keil do Amaral, Lima de Freitas, Júlio Pomar e Vasco Pereira da Conceição. Fonte: *Arquitectura* n.º30. (Ano 22, 2ª Série, Abril e Maio de 1949). op. cit. p.18

¹¹⁰ Ver figura 13 da página 31, que corresponde ao Cronograma das inúmeras premiações de MGC, recebidas na escola do Porto.

¹¹¹ Conceitos lançados por Le Corbusier em 1926 na revista *L'Esprit Nouveau* propondo os cinco pontos fundamentais para uma nova arquitectura: 1º Solo livre; 2º Plantas livres; 3º Fachadas livres; 4º Janelas livres e 5º, Coberturas livres.

A ilustração divide-se em três: uma perspectiva cónica oblíqua com dois pontos de fuga, um alçado lateral e uma planta. Neste projecto nunca realizado, o ainda estudante dispôs todo o programa da habitação em dois terços da plataforma do piso superior, equipando-a com um quarto, cozinha, casa-de-banho, sala de refeições e outra de estar, reservando para o restante terço, um terraço coberto de dimensões generosas, suportado por tirantes em V que trespassavam a laje maciça indo em direcção ao solo. De modo expedito, o piso superior assemelhava-se a uma caixa de vidro de enorme transparência, dividida por lâminas provavelmente trabalhadas em metal ou betão armado, cujo $\frac{2}{3}$ da cobertura inclinava-se para o interior¹¹², abarcando toda organização espacial interna, onde as áreas de maior solicitação estrutural encontravam-se condensadas no centro da plataforma.

O aspecto lúdico esteve fortemente representado na ilustração: no térreo, pavimentado por ladrilhos quadrangulares, encontravam-se pessoas deitadas, sentadas e em pé num ambiente descontraído, evocando claramente o tema balnear tipicamente algarvio, reforçado por uma pequena embarcação de velas em riste, localizada atrás da figura humana em pé do lado direito (Fig. 28).

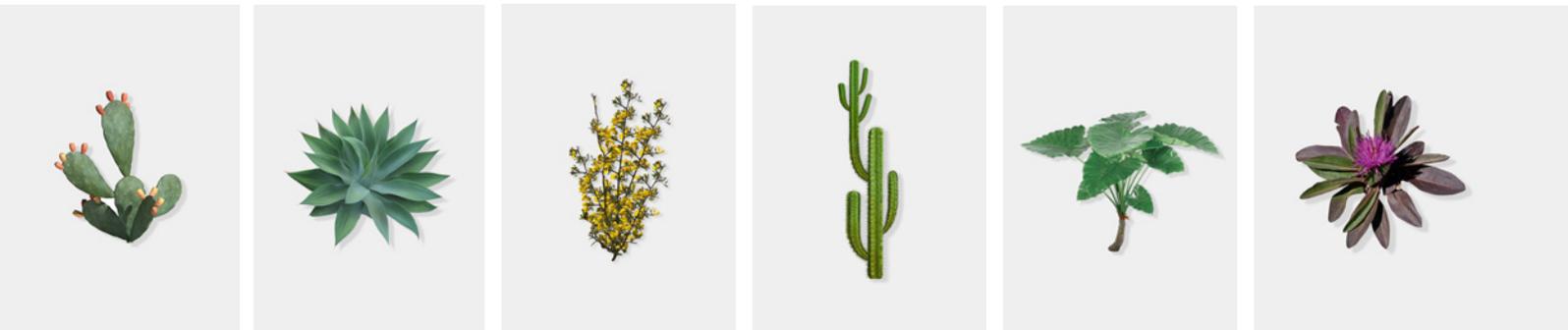


fig. 27 A. *Opuntia ficus-indica*; B. *Agave attenuata*; C. *Genista polyanthos*; D. *Cereus repandus*; E. *Colocasia esculenta*; F. *Klasea algarbiensis*. fonte: Autor (2017)

No aspecto da sustentabilidade, que naqueles tempos era uma miragem à luz do conhecimento actual, vemos frondosas árvores a ladear a casa, protegendo-a da irradiação directa do Sol e que certamente garantiriam o conforto térmico por evapotranspiração¹¹³, caso fosse materializada. A vegetação arbustiva dispersa trazia alguma privacidade, e no canteiro repleto de exemplares da flora característica do Algarve, marcadamente xerófitas¹¹⁴, podíamos ver uma Figueira-da-Índia, uma Agave-Dragão, uma Giesta-Brava e um exemplar de Cacto-do-Peru¹¹⁵, que dariam alguma cor e ambiência ao espaço (fig. 27 A-F). Voltando ao piso superior, o terraço aproveitava-se da semântica do piso inferior, sendo possível ver um casal a falar descontraidamente, junto a uma floreira que se desenvolvia na totalidade do comprimento da fachada, replicando o elenco vegetal localizado no piso inferior.

¹¹² Para fins de ilustração, assemelhava-se a um meio telhado-borboleta.

¹¹³ Evapotranspiração é um termo bastante utilizado em Arquitectura Paisagista que define uma das propriedades da vegetação a respeito do benefício desta na paisagem urbana e natural. Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, o termo remete à “(...) perda de água para a atmosfera por evaporação do solo e por transpiração das plantas”. | Priberam. (2008-2013). Obtido em 2017, de Dicionário Priberam de Língua Portuguesa: <http://www.priberam.pt>

¹¹⁴ Do grego *xerós* (seco) + *phytón* (planta), trata-se das espécies vegetais adaptadas aos climas secos de locais semiáridos ou desérticos e que demandam pouca ou nenhuma manutenção. | Infopédia. (2003-2017). Obtido em 2017, de Infopédia. Dicionários Porto Editora: www.infopedia.pt

¹¹⁵ O nível de detalhe reservado ao elenco vegetal não deixa dúvidas, Gomes da Costa possuía conhecimento da imagética da flora regional, que listam-se segundo a ordem apresentada no texto: *Opuntia ficus-indica*; *Agave attenuata*; *Genista polyanthos*; *Cereus repandus*. Alguma destas espécies não são essencialmente autóctones do Algarve, porém pela introdução da mão humana num passado longínquo neste território, assilvestraram-se e adaptaram-se às condições locais. Outra espécie que se pode identificar na imagem, é a do Inham-dos-Açores (*Colocasia esculenta*) que possui folhas largas, ideais para ambientes em sombra.

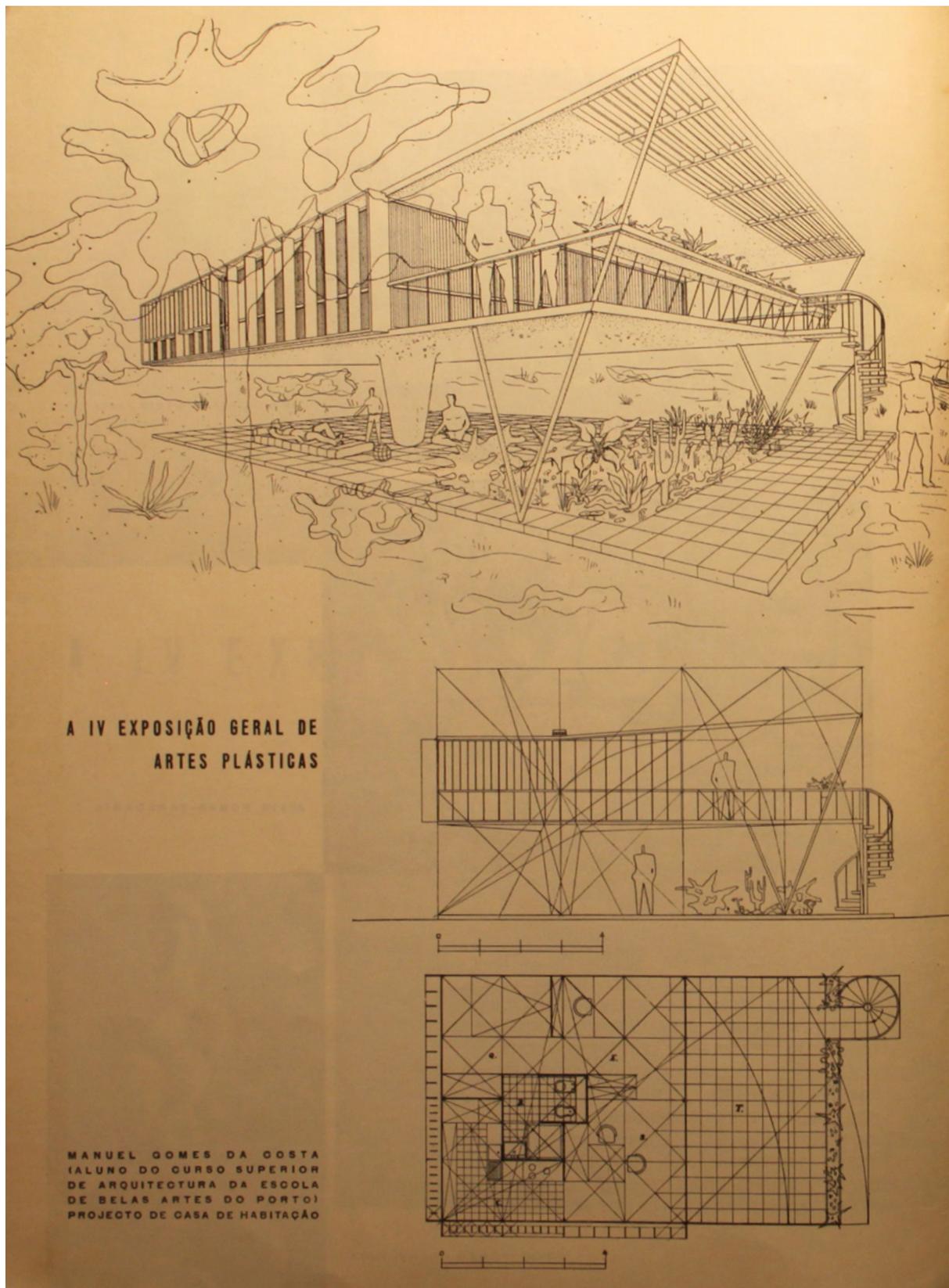


fig. 28 Perspectiva, Alçado lateral e Planta do projecto da "Casa de um pilar".
fonte: Arquitectura nº30 (1949)

O acesso entre os dois pisos fazia-se através de uma escada helicoidal, sendo esta, um gesto de contemplação do edifício e da sua envolvente, invocando a máxima da *promenade architecturale*¹¹⁶. Não menos importante, o projecto regia-se sob as leis do rectângulo de ouro, evocando o movimento eterno através das medidas proporcionais que se multiplicavam harmoniosamente. Esta casa rompedora e libertária, provocava e abalava as regras da arquitectura impostas pelo Estado Novo, que tinha valores pré-determinados, baseados numa imagética idealista de uma nação dos tempos de glória¹¹⁷.

A investida de MGC no curso de arquitectura não se limitou a esta icónica casa, enquanto aluno desenvolveu o supracitado projecto para o Mercado de Vila Real de Santo António, onde obteve a sua 1ª Medalha de Mérito pelos 20 valores¹¹⁸, e o projecto da Cooperativa que não só rendeu uma boa classificação, como foi construída, o que faz desta última uma ponte entre a academia e a profissão.

Sabendo das dificuldades encontradas nas salas de aula, terá o arquitecto conseguido levar adiante os fundamentos académicos para o domínio profissional? Posteriormente, já no início de carreira, esta seria destacada inúmeros projectos – como poderemos constatar na Parte III deste trabalho – mas até que ponto terá Manuel Gomes da Costa conseguido exercer funções de acordo com os seus princípios?

2.1.2. Enquanto Profissional

A entrada de Manuel Gomes da Costa no cenário regional após a conclusão do curso, ficou desde a partida marcada por polémicas, não pela sua conduta propriamente dita, mas pelas dificuldades que encontrou e as defrontou para conseguir legitimar os seus princípios. No centro das atenções estava uma habitação que fugia aos cânones habituais da época. A casa baptizada como ‘Milagre em Faro’, retratava mais que uma casa, retratava um episódio divisor de águas na sociedade algarvia e na carreira do próprio arquitecto. Este foi um dos seus primeiros projectos fora do circuito académico, onde trouxe as aprendizagens da sala de aula para o contexto real, lançando bases que terá insistido ao longo da sua vida¹¹⁹.

O título pelo qual se tornou conhecida surgiu na revista a Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação nº 3 e 4 de 1953 (fig. 29), que retratava a casa em tom de denúncia perante o “alisboamento criminoso” da provinciana capital do Algarve, repartindo a culpa entre as Câmaras pouco esclarecidas, que obrigavam o uso de soluções tradicionais e regionais, e entre os arquitectos que compactuavam com o sistema imposto sem se debruçarem sobre a pertinência de tais imposições¹²⁰. Manuel Gomes da Costa à margem do conformismo é exaltado pela sua resistência.

¹¹⁶ *Promenade architecturale* ou passeio arquitectónico numa tradução livre, é um conceito utilizado por Le Corbusier, para demonstrar que os acessos devem ser utilizados em benefício da arquitectura, como forma de causar espanto e surpresa ao observador, pela contemplação gradual dos espaços envolventes.

¹¹⁷ Pereira, L. P. (2011). *Arquitectura portuguesa anos 30-50: Atitude e crise de identidade: Elementos para a construção de um percurso*. Tese de Doutoramento, Universidade Lusíada de Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes, Lisboa. Obtido de goo.gl/nUQATn. p. 57-61

¹¹⁸ Vargas, G. (2010), op. cit. p.42

¹¹⁹ Bañón, J. J. (2016). Principios arquitectónicos de Manuel Gomes da Costa. In *ACCA 015. Análisis y comunicación contemporánea de la arquitectura* (pp. 97-124). Sevilla: Departamento de Expresión Gráfica Arquitectónica de la Universidad de Sevilla & RU Books. p.102

¹²⁰ “Milagre em Loulé. Moradia pelo Arquitecto Gomes da Costa”. (1953). *A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação: habitação e artes domésticas* (3 e 4). p. 13-16



fig. 29 Capa da revista que ilustra o inaudito caso do "Milagre em Faro".
fonte: A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação: habitação e artes domésticas (1953)

“A paciência, a persistência, o tempo perdido são de poucos. Meter-se na província a projectar honestamente equivale a um verdadeiro apostolado; hoje as cruzadas são incómodas. A moradia de Gomes da Costa, clara, elegante, muito certa, cheia de frescura e de imaginação, seria já excepcional numa Lisboa nova feita por arquitectos, em Loulé Faro é um milagre”.¹²¹

Este tom prosaico e épico dado ao acontecimento é desmistificado por Ricardo Agarez, que verificou que na realidade, além das irregularidades comprovadas, o motivo por detrás do chumbo das obras na câmara, não iam contra o modernismo de Costa, mas sim

[t.l.²] **“... à sua tendência para empurrar os limites das regulamentações legais, numa altura em que tais regulamentos estavam a ser aplicados de forma mais rigorosa (...) os órgãos governamentais locais e os seus agentes centraram-se com mais determinação em normas técnicas e dimensionais. Com excepções ocasionais, os projectos de Costa, opostos em tudo, foram indeferidos mais pela resistência técnica do que pela resistência estética.”¹²²**

O Arquitecto vendo um dos seus primeiros projectos a ser indeferido pela Câmara Municipal de Faro, que não dispunha de arquitectos para a análise de projectos, apenas de um engenheiro (o que tornava a actividade reguladora ilegal), aliando ao facto deste projectar para fora e de se saber a quatro ventos, foi feita uma sindicância à câmara, sendo o engenheiro Manuel Almeida Carrapato exonerado do seu cargo.¹²³ Com isto o projecto foi reapreciado e aprovado. Por ocasião desta vitória sobre o sistema, MGC remeteu a cópia do trabalho para o então Sindicato dos Arquitectos¹²⁴ e para os parceiros Victor Palla e Bento D’Almeida - responsáveis pela revista¹²⁵ - que publicaram o facto de forma bastante enaltecedora.

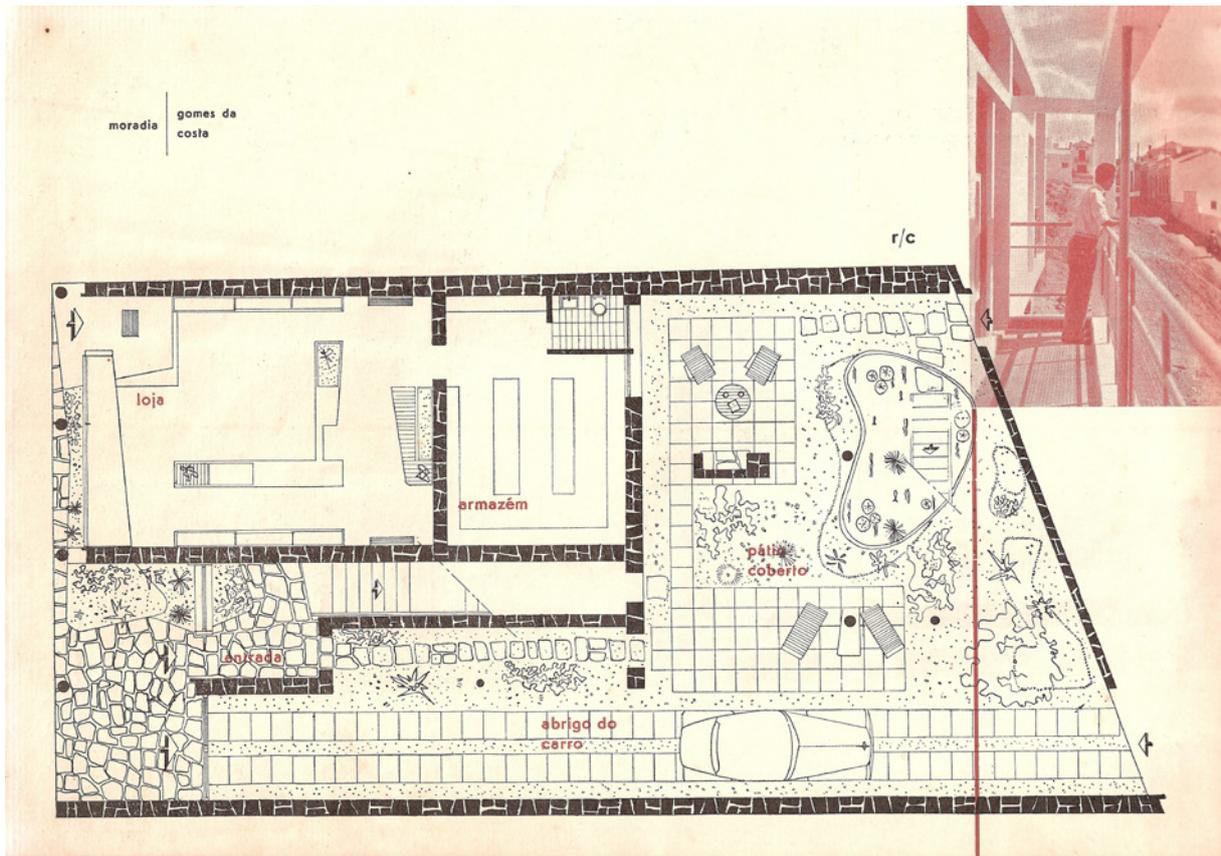
¹²¹ *Idem, ibidem*, p. 13-16

¹²² [t.l.²] Tradução livre de Agarez, R. C. (2016), op. cit. p.223

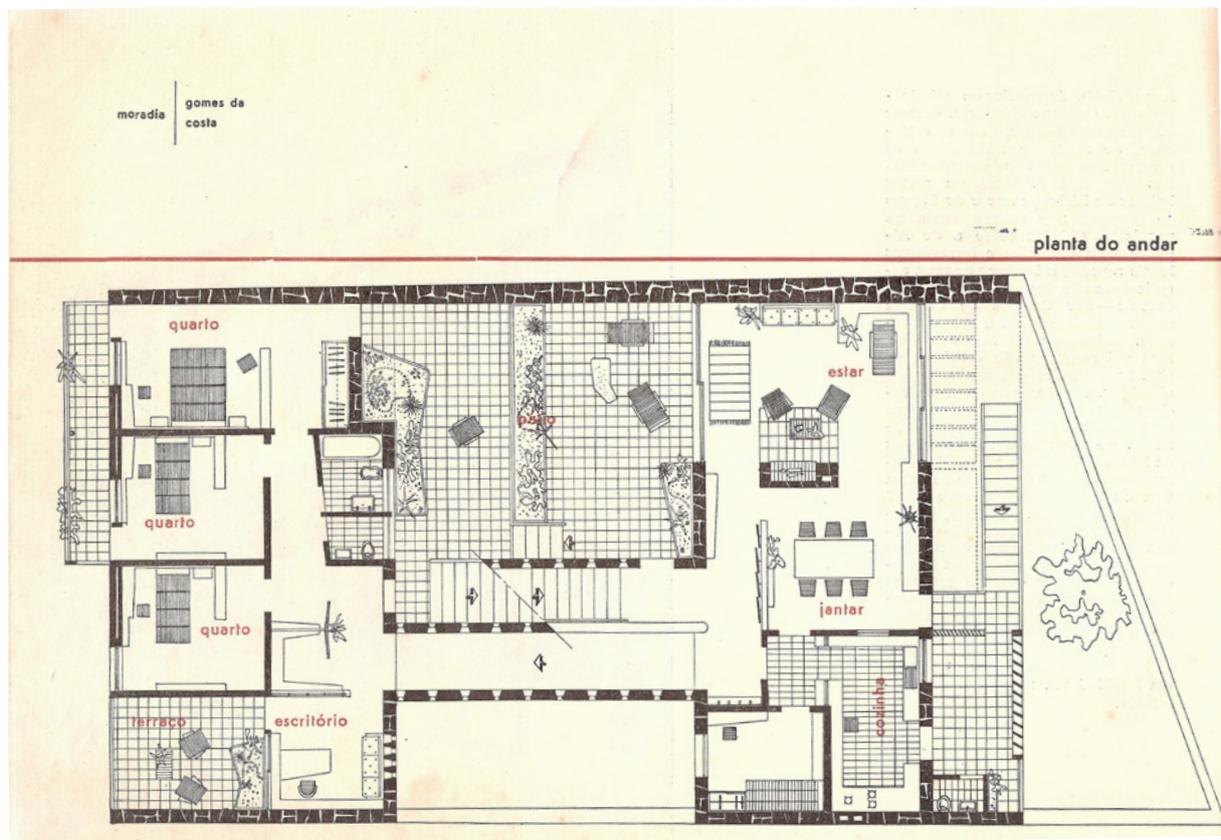
¹²³ *Idem, ibidem*, p. 217

¹²⁴ Anexo 1 | Costa, M. G. (2009), op. cit.

¹²⁵ Informação colectada na exposição do legado “Victor Palla e Bento d’Almeida” decorrida entre 11/04 e 18/06/2017 na Garagem Sul do CCB, com a curadoria de Patrícia Bento d’Almeida e João Palla Martins. Aqui, pôde-se observar as correspondências entre diversos arquitectos da época com a dupla lisboeta, incluindo as de Gomes da Costa em duas ocasiões distintas: a primeira, datada de 1949, por conta da publicação da “Casa de Um Pilar, e a segunda pela afamada “Casa Milagre” em 1953. Nestas duas missivas enviadas por Costa à dupla, que era responsável pela edição da Revista, puderam-se observar os textos na sua versão embrionária, onde Costa desenhava o seu perfil biográfico, e que mais tarde vieram a ser publicados nos dois números.



A



B

fig. 30 Casa "Milagre": **A.** Planta do térreo; **B.** Planta do 1º piso.
 fonte: A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação: habitação e artes domésticas (1953)

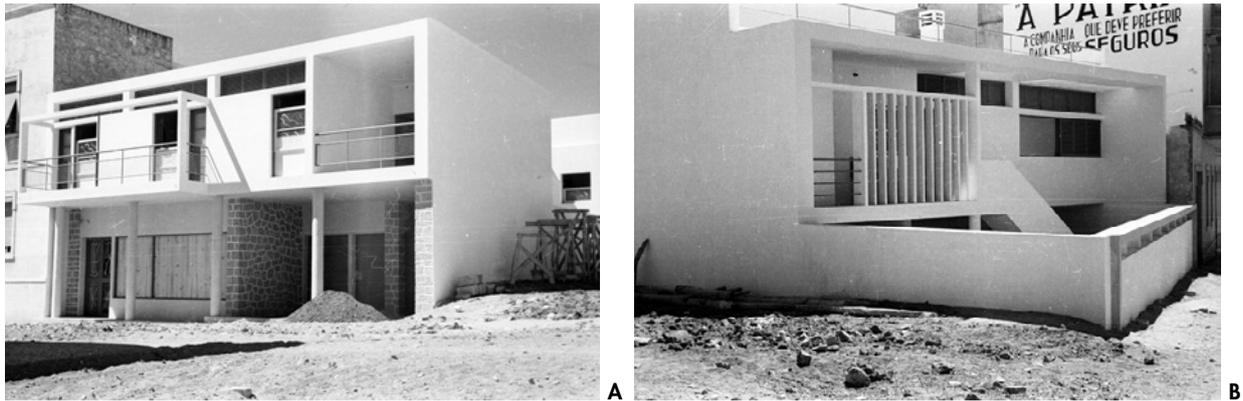


fig. 31 Casa "Milagre" em fase de acabamentos, em meados da década de 1950: **A.** Alçado principal; **B.** Alçado tardoz. fonte: Arquivo Gonçalo Vargas

A casa de difícil compreensão dentro dos saberes formatados daquela época, hoje é facilmente desmistificada por estarmos habituados com uma linguagem e um modo de habitar que se tornou comum, acessível e inteligível por todos nós como um dado adquirido. A casa encomendada pelo casal Guerreiro em 1950¹²⁶, dividia-se em dois pisos rectangulares implantados num lote trapezoidal, exposto para as duas ruas opostas em relação ao quarteirão (fig. 31 A,B). No alçado principal, marcado pelos pilotis na planta térrea, tínhamos do lado esquerdo um estabelecimento comercial, com arrecadação interna e acesso aos fundos; no centro, o núcleo de acessos composto por um hall de entrada, marcado por um canteiro florido que rematava a transição entre o público e privado, permitindo tanto o acesso ao piso superior quanto à garagem localizada mais à direita da parcela, que terminava no pátio coberto localizado nos fundos (Fig. 30 A). Os espaços verdes neste piso dividiam-se em quatro: o já mencionado anteriormente; outro que rematava toda a vitrine do lado exterior da sala de comércio; um pequeno canteiro que ornava o acesso aos fundos, onde se encontrava o quarto e maior de todos. Neste último, os elementos vivos, estavam dispostos numa aparente aleatoriedade, de forma muito natural e descontraída.

A área lúdica desenvolvia-se com maior folga, sobrando espaço para uma lareira, cadeiras e espreguiçadeiras; um jardim com um elenco vegetal de porte arbustivo e um pequeno tanque de peixes ornamentais à Burle Marx. Dos limites do tanque surgiam as escadas exteriores de acesso ao primeiro piso. Classificando este jardim numa tipologia arquitectónica, assemelhava-se a um pátio inglês¹²⁷, que visto da fachada tardoz¹²⁸, tinha a sua privacidade garantida por um muro de alvenaria (fig. 30 A).

Deslocando a vista para o segundo piso, a lógica alterava-se, a métrica espacial completamente autónoma da inferior, tornava esta casa um 'estranho no ninho' do que se fazia até então no Algarve. Subindo as escadas, encontrávamos à esquerda a sala-de-estar contígua à sala-de-jantar, interrompida por uma lareira rectangular; à direita, uma cozinha com um quarto de arrumos e na fachada tardoz tínhamos a varanda e as escadas de acesso ao grande jardim inferior, descrito no parágrafo anterior. Da sala, paralelamente e no sentido oposto ao lanço de escadas, dávamo-nos para o maior pátio interior a céu aberto, dividido em dois níveis com um desnível inferior a um metro¹²⁹. No lado oposto, tínhamos um corredor-rampa parcialmente fenestrado, que fazia a separação entre as

¹²⁶ Agarez, R. C. (2016), op. cit. p. 208

¹²⁷ Tradução Livre: "Pátio Inglês é o espaço ao ar livre, aberto junto a um edifício e semienterrado, que pode dar a espaços públicos ou privados, e que serve para providenciar a iluminação, acesso ou ventilação ao piso situado ao nível do sótão ou semisótão" | Aranda, Ó. R., & Fajardo, R. M. (2007). *Madrid Modernista: Guia de Arquitectura* (2ª ed.). Madrid: Tébar. p. 211

¹²⁸ Fachada oposta à fachada principal também designado Alçado Posterior

¹²⁹ Com base na quantidade de degraus e pela razão espelho/cobertor de 0,64m na fórmula de Blondell, teremos um desnível entre os 0,75m a 0,90m

áreas sociais e privadas da casa. À saída do corredor, já numa cota mais elevada, tínhamos um espaço de transição que articulava a relação entre os três quartos (dois deles com varandas floridas) com as duas casas-de-banho de uso comum, e um pequeno escritório igualmente frenestrado numa das superfícies e completamente aberto para o terraço uma vez e meia maior que o espaço antecedente (fig. 30 B).

Como se pôde constatar, a composição espacial da casa era completamente inovadora e de difícil legibilidade para os agentes camarários, que não tinham instrução suficiente para avaliar a pertinência e a exequibilidade do projecto, somando o facto de Gomes da Costa opor-se completamente aos regulamentos camarários, tendo sido portanto mais fácil inferir que procurar junto do arquitecto conhecer melhor o conceito proposto. A natureza conceptual da casa também não abonou a seu favor, visto que o seu entusiasmo académico no contexto real foi encarado com descrença e descrédito, sobretudo na época em que fora feita, em que transgredia completamente senso comum vigente, que era totalmente norteado ao vernáculo e ao gosto clássico¹³⁰.

Em suma, na casa ‘Milagre’, os elementos tectónicos foram feitos através das formas e técnicas racionais, muito definidas, havendo porém, aspectos subtís que à partida nos remetem a algum tradicionalismo, como no caso das grandes superfícies de alvenaria de pedra rústica. Nesta senda, a casa pode ser sintetizada em dois escopos: no aspecto formal e no aspecto simbólico. Segundo Bañón para o aspecto formal

[t.1.3] **“Deste primeiro projecto, onde foram já experimentadas algumas das propostas arquitectónicas sobre as quais MGC terá insistido na sua obra, poderia destacar-se tanto a fragmentação quadripartida do primeiro piso, que garantia a iluminação e a ventilação de todas as dependências numa sucessão de cheios e de vazios (...) Embora o maior destaque, e com maiores consequências para a sua obra posterior, foi a composição da fachada e do seu jogo de entradas e saídas alternadas, num vaivém que acontece em ambas as plantas: isto é, as relações que estabelece entre cheios e vazios, entre os elementos superficiais e os lineares.”**¹³¹

Ainda segundo Agarez para o aspecto simbólico,

[t.1.4] **“De acordo com o relato de Gomes da Costa sobre a sua carreira, a casa “Milagre” nasceu entre dificuldades e resistências oficiais: isso se tornou a pedra fundamental da narrativa da obra da sua vida, um momento altamente simbólico quando seus princípios éticos e políticos foram combinados com sua educação arquitectónica e determinação para superar o conservadorismo. Como resultado, a casa “Milagre” foi apresentada como um ponto de viragem mítico, embora isso mal possa ser substanciado como um fato histórico.”**¹³²

Na sequência deste episódio, Costa foi conquistando cada vez mais clientes: pessoas interessadas e informadas do novo movimento que começava a dar frutos naquela região¹³³, sobretudo a confiança destes ao relegarem ao arquitecto a execução dos projectos de acordo com os seus princípios, fazendo da cidade e da grande demanda da construção civil o seu laboratório de ensaios, onde pode experimentar, afinar, aprimorar, avançar e recuar em diferentes linguagens ao ponto de conceber o seu próprio estilo, heterogéneo e inconfundível.

¹³⁰ Fernandes, J. M. (2006). De Jorge de Oliveira a Gomes da Costa: dois autores e duas concepções da arquitectura no século XX em Faro. In *Monumentos nº24* (pp. 140-147). Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. p. 140

¹³¹ [t.1.3] Tradução livre de Bañón, J.J. (2016). Principios arquitectónicos de Manuel Gomes da Costa., op. cit. p. 102

¹³² [t.1.4] Tradução livre de Agarez, R. C. (2016), op. cit. pp. 215, 216

¹³³ Anexo 1 | Costa, M. G. (2009), op. cit.



A

fig. 32 Casa Tengarrinha em Portimão, em meados na década de 1950: **A.** Pré-existências; **B.** Proposta de MGC.
fonte: Arquivo Gonçalo Vargas



B

Aprofundando ainda mais no pensamento do arquitecto, a casa 'Milagre' apenas pode responder pela sua determinação modernista enquanto exemplo de construção feita de raiz. Posto isto, como lidava o arquitecto com exemplares de arquitectura mais antigas ou até mesmo com valor patrimonial agregado? Estaria a sensibilidade do arquitecto direccionada para o que hoje designamos Regionalismo Crítico¹³⁴? De antemão a resposta é não. Como exemplo temos a Casa Tengarrinha, que embora estivesse localizada fora da cidade de Faro, esta faz-se pertinente para validar a linha de pensamento construída neste tópico.

Localizada na Praia da Rocha em Portimão, a Casa Tengarrinha tratou-se da remodelação de um antigo chalé de inspirações românticas, que apesar da actualização levada a cabo pelo mestre moderno nos anos 50, restaram para a posteridade apenas registos escritos e fotográficos, uma vez que foi demolida para dar lugar a novas construções.

O gerente do Banco de Portugal, o Dr. José Mendes Tengarrinha incumbiu em 1952, ao então estagiário Gomes da Costa, a responsabilidade de elaborar um projecto de remodelação dentro das linhas modernas para a sua casa de praia¹³⁵ (fig. 32 A,B). A casa original era composta por três volumes intersectados, sendo dois deles rectangulares, dispostos nas extremidades, onde o maior organizava grande parte do programa da habitação, e o pequeno, a cozinha e outras dependências. O terceiro volume, octogonal, funcionava como um mirante, com escadas de acesso ao seu topo que se desenvolviam em hélice do lado exterior. Todos os volumes, à excepção do mais pequeno, continham dois pisos.

¹³⁴ Termo cunhado por Alexander Tzonis e Liane Lefaivre e posteriormente utilizado por Kenneth Frampton em inúmeras publicações à volta do tema, que tinha como alvo a indiferença da arquitectura moderna perante o contexto da sua inserção.

¹³⁵ Informação obtida no arquivo da exposição Moderno ao Sul a respeito da Casa Tengarrinha, da autoria de Ricardo Costa Agarez. 2009



A



Nesta casa despreziosa e talvez de gosto bastante *Naif*¹³⁶, destacaram-se no volume maior, o telhado de duas águas adornado por lambrequins, e não menos importante, o conjunto de merlões e ameias a coroar a torre, que tinha no seu segundo piso uma janela de arco ogival (fig. 32 A).

A proposta de Costa passou por reorganizar a espacialidade interna da casa, que se encontrava implantada sobejamente num dos principais corredores da cidade, maximizando as relações com o meio, sobretudo com o mar localizado a Sul, que entrava visualmente pela sala envidraçada. Contudo, é nos aspectos plásticos do exterior que voltamos a atenção, pois é aqui que melhor vemos o pensamento de Gomes da Costa materializado. Por comparação às pré-existências, a casa remodelada sofreu uma enorme depuração das formas e a remoção completa dos adornos anacrónicos, revelando o gosto do estagiário pelas formas geométricas puras, que iam de acordo com a imagética do Estilo Internacional. Por sua vez, a volumetria do conjunto aparentava pouca mudança, isto por ter sido uma exigência dos regulamentos camarários, uma vez que a proposta foi apresentada como um 'Projecto de Alterações' ao invés de 'Nova Construção', caso contrário, as alterações teriam sido ainda mais significativas¹³⁷ (fig. 32 B).

A composição dos quatro alçados nesta casa também mereceu uma maior atenção do arquitecto. Na fachada principal, o alpendre proposto avançava-se até ao limite da propriedade, marcada por um enorme muro branco. O alpendre, mais uma vez, encontrava-se circunscrito pela característica moldura branca com reticulado de betão-armado, que vieram a fazer parte do léxico arquitectónico de Costa nas décadas seguintes, variando apenas em dimensões, materiais e feitios. As pequenas janelas de batente deram lugar às enormes superfícies envidraçadas no alçado principal e, às janelas verticais de persianas na torre e alçados laterais, estando desenhadas com contornos puramente ortogonais (fig. 33 A).

¹³⁶ Tomemos este rótulo como apreciativo, não pejorativo.

¹³⁷ Anexo 12, pp.165-168, Processo de Obra da Casa Tengarinha em Portimão, 1950's. Fonte: Arquivo Gonçalo Vargas

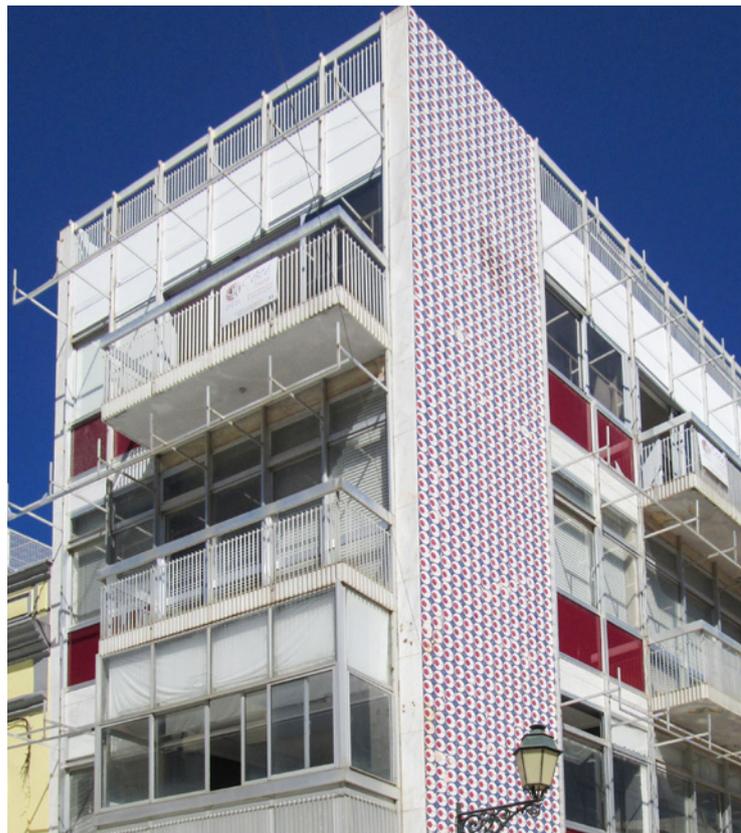


A torre, cujas escadas de acesso ao terraço se fazia pela direita, passou a fazer-se pela esquerda, e no topo desta, surgia então uma pala Corbusiana que garantiria eventualmente as condições de permanência no ponto mais alto da casa, com um ângulo de visão de 360°. Ainda nesta, no alçado principal, tínhamos um enorme painel de azulejos ao estilo de Candido Portinari, envolvido por uma moldura amarela que dava alguma profundidade à composição artística. Pertinente será referir que as torres desta casa e da Casa do Povo de Moncharapacho, do arquitecto Jorge de Oliveira (1907-1989) partilhavam semelhanças¹³⁸. Quanto ao cromatismo, a casa usou e abusou das cores vivas e contrastantes que iam desde o verde para as persianas ao ocre-avermelhado para o interior do pendre (fig. 33 A-C).

fig. 33 Casa Tengarrinha em Portimão: **A.** Enquadramento; **B.** Toque no muro e a singeleza da pala; **C.** Painel de azulejos na entrada da garagem. fonte: Arquivo Gonçalo Vargas

Como pudemos ver, as alterações levadas a cabo pelo arquitecto, nesta que foi uma das suas primeiríssimas obras de reabilitação, foram drásticas, anulando por completo a identidade pré-existente. Esta casa representava mais que o objecto em si, representava a euforia pós-formação de um aluno que ao ter encontrado as condições que qualquer arquitecto sonharia – principalmente em início da carreira - não se furtou em ir além do necessário, ao ponto de conceber uma arquitectura experimentalista e alheia ao passado, excepto ao seu próprio pensamento. Os recursos financeiros de um cliente bem posicionado na sociedade e uma paisagem esplêndida deram azo à criatividade fértil de Gomes da Costa, que ansiava por pôr à prova as capacidades adquiridas ao longo da sua formação académica, no entanto, não sendo suficiente mais uma vez para responder por todo o percurso do arquitecto, terá sido esta casa um exemplo único? Ou terá Manuel Gomes da Costa insistido em levar o modernismo adiante a todo o custo, alijando-se do ‘Espírito do Lugar’?

¹³⁸ SIPA: IPA.00025825 – Ricardo Agarez, 2007 | Fonte: Direcção-Geral do Património Cultural. (2016). *Sistema de Informação para o Património Arquitectónico*. (Ministério da Cultura) Obtido em 2017, de Inventário do Património Arquitectónico: goo.gl/dVojTn



↑ **fig. 34** Edifício Nogueira.
fonte: Autor (2017)

↗ **fig. 35** Edifício no gaveto da rua
1º de Dezembro c/ a Rebelo da
Silva. fonte: Autor (2017)

Desta vez em Faro, numa fase mais avançada da sua carreira, podemos ainda verificar a tentativa do arquitecto de imprimir a identidade moderna em zonas de extrema sensibilidade patrimonial. O Edifício Nogueira¹³⁹ (1966-1967) localizado entre belos casarões setecentistas¹⁴⁰, no término da Praça da Liberdade com a entrada da Rua de Santo António, evidencia o contraste entre o *Genius loci*¹⁴¹ local e o projecto proposto. Alheio à envolvente, este edifício marcado pelas fachadas-cortina e pelos brise solail, não só destoava pelos seus 7 pisos, numa zona onde a norma eram 2 e no máximo 3, como também destoava pela sua imagética, cuja materialidade era completamente alienígena e diáfana, perante singelas obras construídas à base da alvenaria de pedra, terra e cal. Concebido para abrigar serviços e escritórios, o Edifício Nogueira além de rematar o início de uma rua, onde o comércio tradicional era dominante, assentava-se na Zona Geral de Protecção do Solar dos Pantojas, solar este elevado a Monumento de Interesse Público em 2014¹⁴². (fig. 34)

Não bastando, Costa conseguiu encaixar no epicentro histórico, de matriz seiscentista¹⁴³, na confluência das ruas 1º de Dezembro com a Rebelo da Silva, um edifício de linguagem altamente sofisticada perante a envolvente sedimentada no vernáculo. Este edifício datado de 1971, de 4 pisos, superfície avermelhada, metálica e de diferentes níveis de opacidade, afrontavam o carácter e a identidade envolvente. Era o moderno pelo moderno, a todo custo (fig. 35).

¹³⁹ CMF/SOP Processo de Obra Particular 575/1966.

¹⁴⁰ SIPA: IPA.00025914 – Ricardo Agarez, 2007 | Fonte: Direcção-Geral do Património Cultural. (2016).

¹⁴¹ Ver Glossário

¹⁴² Monumento de Interesse Público, Portaria n.º 91/2014, DR, 2.ª série, n.º 28 de 10 Fevereiro 2014 | SIPA: IPA.00004561 – Francisco Lameira, 2007 | *Idem, ibidem*

¹⁴³ SIPA: IPA.00025905 – Ricardo Agarez, 2007 | *Idem, ibidem*

Mais adiante, no final da década de 1970, mais propriamente em 1979, instalou-se uma nova polémica: a construção de um edifício de 16 pisos no lugar de um palácio muito referenciado localmente, conhecido por Palácio Lã¹⁴⁴. O Edifício Tridente, nome pelo qual se veio designar, desfez quaisquer dúvidas que pudéssemos ter quanto às predeterminações do arquitecto: era destruir ao invés de adaptar e recuperar. Deste ímpeto, restou para a posteridade, apenas memórias e fotografias de um edifício que representava o apogeu comercial que a cidade vivia, naquela primeira metade de século¹⁴⁵.

Esta falta de sensibilidade terá partido apenas do arquitecto ou terá sido resultado de uma intensa especulação e pressão imobiliária? Podemos não saber ao certo, mas é certo de que Faro estava a passar por profundas modificações, abandonando a sua identidade secular em detrimento de outras novas. O caso do Edifício Tridente, como tantos outros, representa o preço do progresso com o aval de uma má gestão urbana, que nunca se dispôs a pensar o concelho a longo prazo, com vista em salvaguardar o património arquitectónico na sua matriz original, sem prejuízo de outras novas em áreas expectantes no entorno da cidade.

As palavras de Manuel Gomes da Costa prestadas ao noticiário do Barlavento em 2010 resumem a sua postura pétreia perante o *Status quo* vigente

“O que eu fazia era novidade, mas também era diferente das normas. Tive alguns problemas, mas resolvi sempre tudo e nunca cedi a qualquer imposição, porque sabia que tinha que fazer o que tinha estudado, o que tinha aprendido”¹⁴⁶

Esta fé cega nos seus princípios, como poderemos observar mais adiante, tiveram efeitos não só na sua linguagem idiossincrática, como serviu de mote para a transformação definitiva da identidade de Faro, portanto não será de todo incorrecto afirmar que a atenção ao Espírito do Lugar no acto de projectar não fosse uma das suas maiores preocupações, uma vez que a hipótese de recriar o passado fosse inconcebível para um modernista nato. Na verdade, Costa esteve mais preocupado em criar novos lugares antropológicos, numa tentativa de afirmar a sua época, do que arrastar o passado à sua geração. Isto poderá ser encarado como uma contra-resposta à situação política da época, pois Portugal, sobretudo o Algarve permanecia cristalizado à imagem do passado. Gomes da Costa, mais que do modernista era um progressista - contribuiu para o actual estilo de vida contemporâneo e metropolitano que hoje encontramos na cidade, da macro à micro-escala. Faro hoje é o resultado de um longo processo de evolução e transformação, que embarca não só aspectos culturais, como também pensamentos de personalidades que estiveram à frente do seu tempo. Desta postura lacónica para com o passado, consequente e conscientemente Gomes da Costa consumou definitivamente a alforria da tradição.

¹⁴⁴ Grade, F. S. (2010). *Palácio do Lã - Os últimos dias*. Obtido em 25 de Novembro de 2016, de A Defesa de Faro: goo.gl/aB2ZNh

¹⁴⁵ Segundo alguns artigos publicados nos principais blogs de Faro, a polémica da demolição do Palácio mantém-se bastante acesa na memória dos munícipes, que não acolheram a obra de bom agrado. Os comentários exaltam as qualidades estéticas e a importância da obra demolida no prolongamento da avenida. É unânime que se Faro tivesse crescido de forma harmoniosa, hoje teria um zona histórica muito mais ampla do que a que possui actualmente | Fonte: Grade, F. S. (2010), op. cit.

¹⁴⁶ Barlavento. (28 de Fevereiro de 2010). *Primeira paragem de 'MGC - Moderno ao Sul' é em Vila Real de Santo António*. Obtido em 26 de Setembro de 2016, de Barlavento - Semanário Regional do Algarve: <https://goo.gl/n3Y4Q5>

2.2. Metodologia de trabalho

Ao contrário de alguns dos principais ateliers do país, onde existe uma equipa composta por técnicos de diferentes áreas e especialidades, no de Gomes da Costa o mesmo era composto por um colaborador apenas: o próprio! Esta particularidade tornava a sua arquitectura hermética em relação às interferências de terceiros, pois todas as etapas e decisões de projecto começavam e terminavam em si mesmo. A certa altura, terá tentado trabalhar em conjunto, mas segundo o próprio, a experiência não foi muito frutífera:

“Ainda experimentei desenhadores, mas só me faziam perder tempo e resolvi eu mesmo fazer todo o meu trabalho desde o principio ao fim - desde os esboços, desenhar a lápis tudo a limpo e depois, nesse mesmo movimento eu ia fazendo alterações até chegar ao projecto definitivo que era passar à tinta, tudo com o máximo cuidado, vendo todos os pormenores”¹⁴⁷

Esta capacidade fora do comum para a profissão, obrigava-o a ser mais que um projectista, obrigava-o a ser também fiscal das suas próprias obras, de modo a que estas fossem executadas de acordo com as suas determinações. A sua arquitectura pode-se dizer, era fruto apenas do seu intelecto e da sua autoria, não havendo hipóteses de envolvimento de terceiros na identidade desta, ficando os constrangimentos apenas no carácter e na finalidade da obra, pois Gomes da Costa acumulou ao longo do tempo uma carteira de clientes fieis e satisfeitos com o seu profissionalismo e comprometimento, que em muitas das vezes relegavam as suas vontades pessoais em função do gosto do arquitecto. Estes requisitavam o seu trabalho justamente pela sua identidade marcada.

Para os projectos das diferentes especialidades, Gomes da Costa contava sempre com os mesmos parceiros, pois somente estes conseguiam dar alento à sua imaginação, compreendendo acima de tudo o que o arquitecto pretendia. Deste exercício multidisciplinar desenvolvido em obra, partilhavam-se soluções e novas possibilidades. Por outro lado as amizades, embora estivessem grande parte delas circunscritas ao local de trabalho e de se contarem nos dedos, foram sempre muito bem estimadas.

fig. 36 Casa e Atelier do Arquitecto MGC em Faro. fonte: Arquivo António Rosa da Silva



¹⁴⁷ *Idem, ibidem*

O tema habitar e trabalhar coexistiam no mesmo espaço, estando o estúdio separado da casa por alguns passos de distância (fig. 36). A falta de alguém com quem trocar ideias ou para buscar de sugestões era compensada pela pesquisa e leitura de revistas e livros de arquitectura¹⁴⁸. Nestes livros, o arquitecto encontrava soluções para os problemas que surgissem, ou simplesmente procurava estar actualizado com as principais novidades e soluções técnicas da época. Por ter trabalhado sozinho, não deixou “discípulos” ou seguidores da sua doutrina, tal como ocorreu com Távora, Siza e Moura nesta sequência genealógica. A sua arquitectura neste aspecto acaba por ser única e fortemente pessoal, tendo porém surgido posteriormente novos projectos que não seus, assumidamente inspirados na sua imagética.

A embalar a saga laboral, a música clássica não só preenchia o ambiente de trabalho como dava ritmo ao desenvolvimento dos projectos. A par desta aparente tranquilidade, o quotidiano de Gomes da Costa era bastante rígido e raramente fugia do registo habitual: trabalhava oito horas por dia, que em salvas excepções poderiam alongar-se noite dentro, no entanto jamais ultrapassando a meia-noite. As horas restantes eram usadas em função da família e do lazer pessoal, destinando por norma quatro horas diárias para leitura, sobretudo de assuntos políticos. Costa encarava a aprendizagem como um item essencial e indispensável na formação e orientação humana, buscando informar-se de assuntos de diversas naturezas e origens. Como dito, a política era uma constante na sua vida, além de partidário das causas comunistas, procurava estar sempre a par das questões mundanas do seu tempo.

“...depois tinha então a parte da leitura também, independente da profissional, que eu achava que era conveniente e que despertou em mim, também uma vontade grande de não ficar às escuras completamente”¹⁴⁹

2.3. Preocupações inerentes ao acto de projectar

“A preocupação técnica é sempre desde que se começa até que se acaba a profissão, tem que se andar sempre a par de todos os conhecimentos, tudo o que há de novo que aparece, tem que ser sempre assimilado para se saber o que se conta e o que se pode fazer mais, e é assim que a própria arquitectura vai evoluindo, vai sendo a expressão dessas novas coisas, das novas necessidades humanas, e das novas capacidades apresentadas pela técnica de construção e tudo mais.”¹⁵⁰

A arquitectura de Manuel Gomes da Costa para além de ter reflectida em si mesma a sua confiança, o seu gosto e as suas influências, tinha também muito das suas preocupações. O aspecto da sustentabilidade era apenas uma delas. Procurava sempre que possível utilizar a vegetação em benefício da estética e do conforto, pois esta era capaz de tornar a arquitectura mais humana entre tantos planos frívolos e artificiais. Segundo Lousame, [t.l.5]“...em algumas ocasiões, o desejo consciente de que a vegetação participasse na arquitectura, chegava mesmo a condicionar a sua forma e a sua estrutura”¹⁵¹. Em auxílio ou na ausência desta, estavam sempre presentes as grelhagens, e quando não, os

¹⁴⁸ Anexo 1 | Costa, M. G. (2009), op. cit.

¹⁴⁹ *Idem, ibidem.*

¹⁵⁰ *Idem, ibidem.*

¹⁵¹ [t.l.5] Tradução livre de Gutiérrez, M. L. (2016). Manuel Gomes da Costa, un universo en bocetos. In E. E. Valiente, & E. C. Perea (Edits.), *El arquitecto, de la tradición al siglo XXI: docencia e investigación en expresión gráfica arquitectónica. 16º Congreso Internacional de Expresión Gráfica Arquitectónica* (Vol. II, pp. 1033-1041). Alcalá de Henares: Fundación General de la Universidad de Alcalá. p. 1035



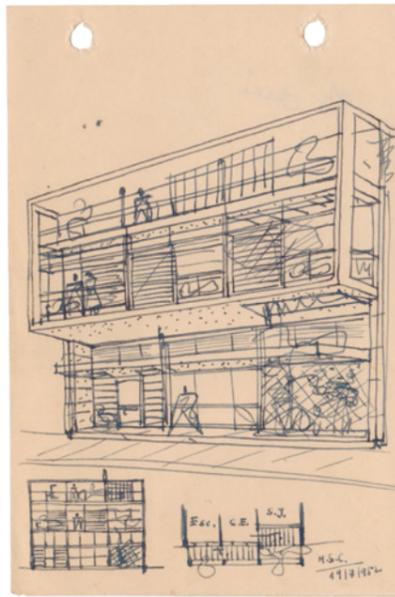
fig. 37 A. Edifício em Faro, na rua Ataíde de Oliveira nº 124; B. Edifício em VRSA; C. Gaveto da rua 1º de Maio em Tavira. fonte: Arquivo António Rosa da Silva

Cobogós¹⁵² tão utilizados na arquitectura brasileira, que de tão adaptados e funcionais no clima algarvio, foram empregados despididamente. Estes elementos vazados não só davam uma carga plástica à composição como davam privacidade aos usuários, que podiam estar descansados na sua intimidade sem se preocuparem com os olhares indiscretos. A ausência de muros elevados nas habitações unifamiliares, o posicionamento, a selecção e as dimensões dos diferentes elementos de protecção contra o Sol na fachada, tanto aproximavam determinadas áreas da casa com a rua, como por outro lado afastavam as áreas de maior demanda de privacidade (fig. 37 A-C).

¹⁵² O termo “Cobogó” tem origem na soma das iniciais dos apelidos dos seus três criadores: Amadeu Coimbra, Ernest August Boeckmann e António de Góis. Trata-se de blocos modulares vazados, feitos em betão ou cerâmica, que quando empilhados formam uma parede freneestrada que permitem a passagem controlada da luz e do ar, propiciando a ventilação natural dos espaços internos. Estes elementos são de uma grande valia em climas quentes, sobretudo no Algarve. Por norma não possuem propriedades estruturais, pelo que devem ser aplicados com cautela. | Priberam. (2008-2013). Obtido em 2017, de Dicionário Priberam de Língua Portuguesa: <http://www.priberam.pt>



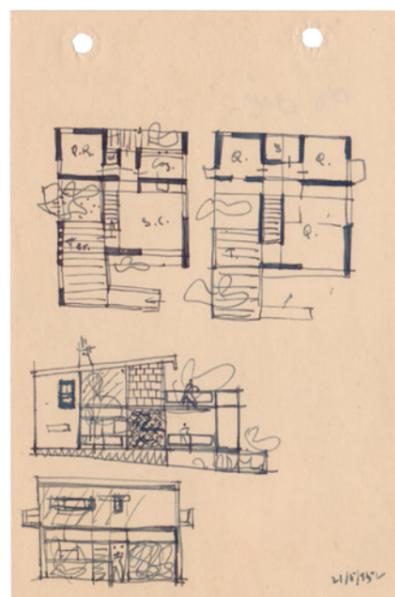
H. G. ...
1/1/52



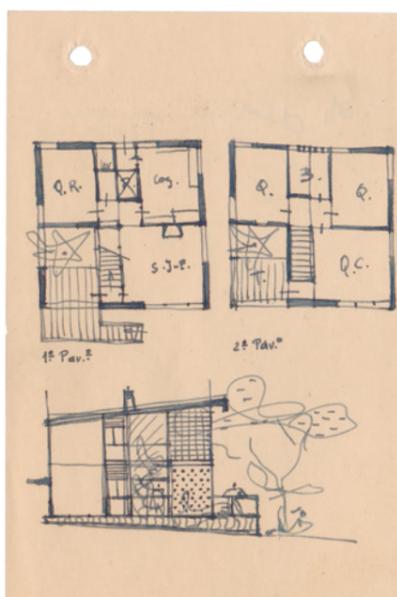
Esc. C.E. S.J.
H.S.C.
4118/1952



H. G. ...
1/1/52



1/1/52



1º Pav.
2º Pav.



H. G. ...
1/1/52

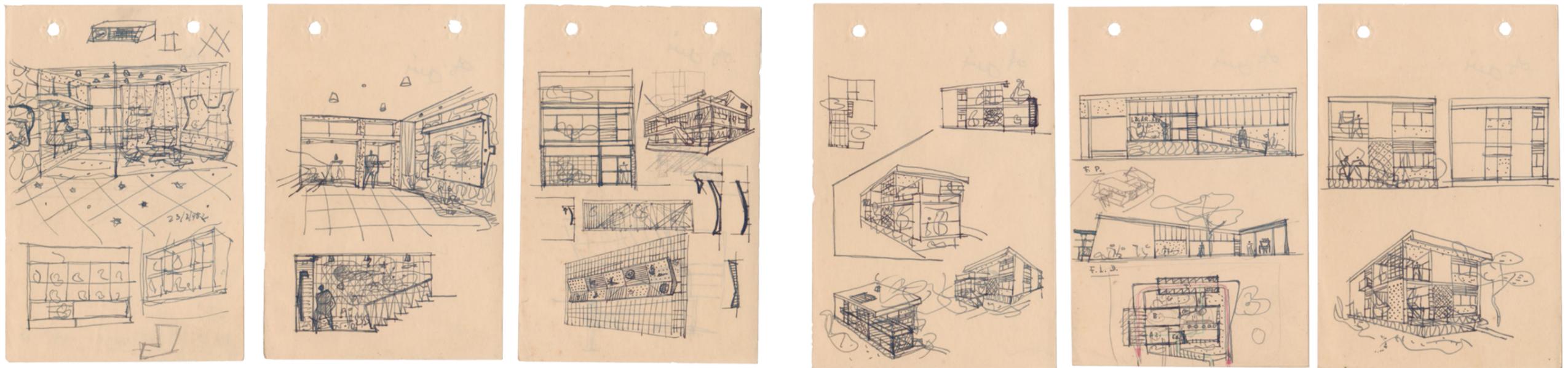


fig. 38 A-L Esquços elaborados entre Janeiro e Agosto de 1952 nas constantes visitas à livraria Silva em Faro, tendo sido guardados pelo amigo Duarte Infante
fonte: Arquivo Gonçalo Vargas; Arquivo António Rosa da Silva

A luz que é um elemento indispensável na arquitectura e por esta abundar nas terras algarvias¹⁵³, faz da sombra um objecto de cobiça, embora muito mal conseguida na maior parte da arquitectura feita por terceiros nas últimas décadas. Foi ciente deste facto que o arquitecto soube tão bem apropriá-la e manipulá-la, o que reflectia a sua sensibilidade para estas questões que foram e ainda continuam a ser sumariamente vilipendiadas, sobretudo na actualidade, quando debate sobre o aquecimento global nunca foi tão aceso.

A par das questões da sustentabilidade enquanto objecto de preocupação, outros aspectos importantes tidos em conta pelo arquitecto foi o acompanhamento da sua arquitectura em relação ao tempo. Estas eram reflexo das mais recentes novidades técnicas e materiais que se podia alcançar, o que contribuiu para uma modernizada na imagem de um Algarve de pedra e cal. Materiais tão improváveis quanto o vidro, o plástico e o alumínio passaram a ser um denominador comum no horizonte da cidade de Faro e claro, do léxico identitário do arquitecto. A popularidade destas novas aplicações foi de tal ordem que outros arquitectos vieram à beber da fonte de Gomes da Costa¹⁵⁴. Por ter sido pioneiro no uso destes materiais e por ter conseguido usá-los de diferentes formas e feitios, o que surgiu depois assemelhava-se uma cópia depauperada num domínio onde o arquitecto veterano já era autoridade.

A relação com o meio, embora parecesse litigiosa, era preocupada e ponderada. Os limites entre o domínio público e privado foram alvo de uma enorme reflexão, e carregavam em si um idealismo democrático ao ponto de ambas esbaterem-se e tornarem-se numa só, o que fazia da sua arquitectura parte integrante da cidade e não um elemento isolado nesta. Em suma, Manuel Gomes da Costa preocupava-se com o progresso da sociedade e a sua arquitectura foi apenas uma ferramenta para alavancar a região do passado. Equipou-a para o futuro! Faro que até então era movimentada com alguma parcimónia, passou a exibir longos eixos viários e enormes prédios com usos tão diversificados que condensavam em si mesmo praticamente todos os serviços e comércios distribuídos pela cidade. Esta visão *avant-garde* para a sociedade aproximava-se - embora numa escala muito mais modesta - ao futurismo lloydiano.

O desenho, por fim, representava mais que uma pretensão, representava o seu pensamento. A diferença entre o desenho do projecto, a obra executada e o esboço inicial, era apenas o rigor, pois em todas eram claras o pensamento e a linguagem do arquitecto. A organização espacial, a composição das fachadas e a imagética do conjunto eram transversais em todas as etapas da concepção arquitectónica, desde o esboço ao prumo. No projecto, na sua forma mais primordial, conseguimos distinguir todas as saliências, planos, texturas e decisões, que jamais fugiam deste registo holístico (fig. 38 A-I). Talvez esta versatilidade em representar de forma tão clara e directa, o ajudou a conquistar a confiança dos clientes, visto que o desenho era tão fiel ao resultado final, que não deixava espaço para equívocos ou dúvidas quanto ao aspecto que este poderia ter após a conclusão.

¹⁵³ O Algarve possui em média 3339 horas de luz solar por ano. Por comparação Lisboa possui 2829h e Porto 2540h. | Informação obtida pelo cruzamento de Oliveira, P. (2013). *Considerações sobre o clima do Algarve*. Relatório, MAMAOT, Direção Regional de Agricultura e Pescas do Algarve, Faro. Obtido de goo.gl/mfNvfP e, WeatherOnline. (2017). *Calculador do Clima. Análise Anual*. Obtido em Maio de 2017, de goo.gl/bdxLYP

¹⁵⁴ Julgando por inúmeras construções de terceiros, provavelmente não só Arquitectos, como também Engenheiros Cívicos, Desenhadores ou mesmo Agentes Técnicos de Arquitectura e Engenharia terão se inspirado no léxico arquitectónico de Costa.



↑ **fig. 39** Casa Baptista Dóres na Rua Frei Lourenço Santa Maria nº 36-40, Faro. fonte: Google Maps [2017]

↗ **fig. 40** Casa na África do Sul, Rex Martiessen, 1940. fonte: <https://goo.gl/kW6lgi> > acedido a 14 de Junho de 2017

2.4. Principais influências

O conjunto da obra de Gomes da Costa está carregado de signos que nos remetem aos maiores nomes da arquitectura moderna - alguns deles emprestados, outros apropriados e adaptados ao contexto local. Num breve passeio pelo legado do arquitecto tanto em Faro, como noutras cidades algarvias, é possível verificar inúmeras referências modernistas, sejam elas técnicas ou linguísticas. Estes predicados importados e incorporados à sua obra, com o tempo foram refinados, depurados e transformados numa linguagem cada vez mais pessoal. Para finalmente compreendermos o resultado da sua obra, importa olhar para onde o arquitecto olhava nas diferentes épocas, pois este exercício de adentrar no seu pensamento, ajudar-nos-á a definir e a contextualizar a sua obra. Sem recorreremos a exaustão, elencaremos algumas delas, consideradas importantes para o enquadramento dos capítulos seguintes, e claro, dos próprios casos de estudo.

No início da carreira de Gomes da Costa podemos ver uma certa exaltação nos seus projectos, aos nomes consagrados da arquitectura mundial. A Casa Baptista-Dóres, projectada em simultâneo com a casa “Milagre”, revela as influências do arquitecto num dos elementos mais determinantes da sua obra: composição da fachada. Nesta habitação, a fachada assimétrica, porém extremamente racionalizada na sua geometria, remete-nos à fachada da casa do arquitecto sul-africano Rex Martiessen em Joanesburgo¹⁵⁵. Avido leitor de revistas de arquitectura, MGC nas palavras de Agarez, pode ter ficado impressionado pela lógica de Martiessen aplicada na fachada de sua casa, geometricamente contida numa moldura extrudida, onde organizava com toda clareza os vãos igualmente extrudidos, e a varanda livre em forma de L, assemelhando-se a uma gaveta aberta. Esta desconstrução e abstracção do cânone clássico atraíam Costa para a concepção de uma arquitectura desprendida de dogmas ultrapassados (fig. 39, 40).

O texto da qual o arquitecto se inspirou para a composição das suas fachadas, datado 1946, encontra-se no artigo póstumo do próprio Martiessen no “South African Architectural Record”, no qual este membro do CIAM explicou os seus princípios de design, nomeadamente a abstracção da moldura rectangular. ¹⁵⁶ Esta influência apesar de forte e com efeitos directos na sua obra finda apenas na organização dos alçados, contudo é

¹⁵⁵ Agarez, R. C. (2016), op. cit. pp. 211-215

¹⁵⁶ *Idem, ibidem*



no preenchimento dos seus limites que encontramos as maiores influências de Costa: o modernismo brasileiro. Aqui, as referências foram tantas que abarcavam não só mestres da arquitectura como também da pintura e do paisagismo.

Partindo pela arquitectura, a capela da Casa de Retiros e Colónia de Férias em Alcantarilha (1957) replica – ainda que numa escala modesta – a Igreja de São Francisco de Assis em Belo Horizonte (1942/1943), do Arquitecto Oscar Niemeyer. As diferenças entre estas duas construções feitas sobre um parabolóide hiperbólico, ficam-se pelo tratamento dos alçados, pelas aberturas zenitais e pelo acesso à nave central. Na de Gomes da Costa, a fachada encontra-se pintada de branco, enquanto na homónima brasileira a mesma encontra-se revestida de azulejos e mosaicos nos alçados principais e laterais respectivamente; por sua vez, as aberturas zenitais distinguem-se pela quantidade e pela disposição – Gomes da Costa opta por uma sequência de faixas envidraçadas na cobertura, o que banha toda a nave com a luz natural, enquanto Niemeyer opta por localizar o vão na intersecção dos dois cilindróides opostos que formam o parabolóide, resultando numa luz indirecta que em determinadas horas do dia incide pontualmente no altar. Por fim, a capela algarvia, ao contrário da capela mineira, não possui um alçado principal, mais sim, um corredor fechado que une o nártex ao corpo principal do Retiro (fig. 41, 42).

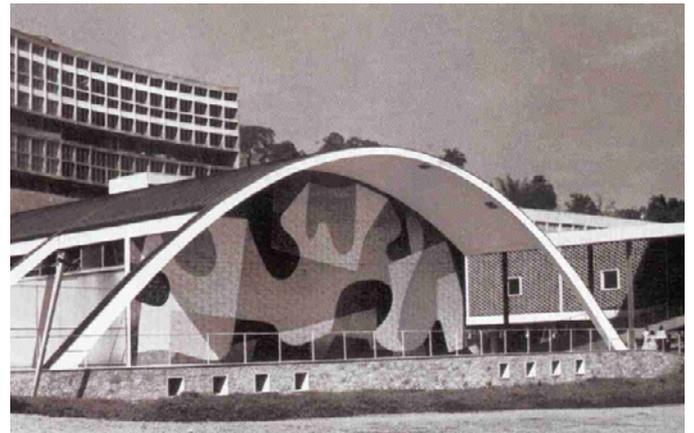
Ainda no campo semântico de Niemeyer, Costa apropria-se sobretudo nas duas primeiras décadas de actividade, de alguns dos signos contidos nalgumas das obras iniciais do arquitecto brasileiro, nomeadamente o formato trapezoidal da Residência Prudente Moraes Neto (1943) e da própria casa do Pritzker, em Mendes (1949) que terão sido aculturadas ao ambiente algarvio para as denominadas Casas Folque (Vila Real de Santo António); Pato Nunes e Rosa Mendes (Vila Nova de Cacela)¹⁵⁷ (fig. 43, 44). Não bastando, aproveita-se também da linguagem do Centro Técnico da Aeronáutica em São José dos Campos para a composição do projecto da Creche em Aljezur.

As afinidades com a arquitectura brasileira não terminam aqui, para além de Niemeyer, outro arquitecto que teve um impacto sem precedentes na linguagem de Costa, foi

↖ **fig. 41** MGC: Capela da Casa de Retiros e Colónia de Férias de Alcantarilha, 1957 - 60. fonte: Arquivo Gonçalo Vargas

↑ **fig. 42** Oscar Niemeyer: Igreja de São Francisco de Assis, amplamente conhecida por Igreja da Pampulha, localizada em Belo Horizonte, Brasil, 1943 fonte: <https://goo.gl/gWYM9D> > acedido a 14 de Junho de 2017

¹⁵⁷ A Casa Folque foi encomendada pelo Dr. Raul Folque de Brito em 1956, tendo sido construída no ano seguinte e demolida em 1990 para dar lugar a uma nova habitação desprovida de qualquer interesse arquitectónico. Por outro lado, a Casa Pato datada de 1957 perdura até aos dias actuais | Fonte: Bañón, J. J. (2016). Manuel Gomes da Costa. Cuatro Casas de Sección Trapezoidal. In *ACCA 015. Análisis y comunicación contemporánea de la arquitectura* (pp. 125-151). Sevilla: Departamento de Expresión Gráfica Arquitectónica de la Universidad de Sevilla & RU Books. pp. 131-139



↑ **fig. 43** MGC: Casa Rosa Mendes em Vila Nova de Cacela, 1957
fonte: Arquivo Gonçalo Vargas

↗ **fig. 44** Oscar Niemeyer: Casa em Mendes, no estado Rio de Janeiro 1949 fonte: <http://www.niemeyer.org.br/obra/pro034> > acedido a 14 de Junho de 2017

← **fig. 45** MGC: Ginásio do Colégio do Alto, Faro, 1960. fonte: Arquivo António Rosa da Silva

→ **fig. 46** Affonso Eduardo Reidy: Conjunto do Pedregulho, Rio de Janeiro, 1947. fonte: <https://goo.gl/jbmfMD> > acedido a 15 de Junho de 2017

Affonso Eduardo Reidy, autor do Conjunto do Pedregulho (1947). Localizado na capital do estado Rio de Janeiro, este edifício representa um dos pilares fundamentais para compreensão da obra de Gomes da Costa - além de 'doar' quase toda a arquitectura do Ginásio carioca para o Ginásio do Colégio do Alto em Faro (fig. 45, 46), o Conjunto empresta a sua principal característica: o Cobogó!

Reidy usou e abusou dos ditos Cobogós, para a composição da fachada do edifício serpenteado num terreno bastante demarcado pela orografia. Estes grandes panos de alvenaria treliçada ou reticulada, como queiramos chamá-la, permitia domesticar a luz em benefício do conforto e do espectáculo pela sua constante mudança, isto é, o edifício embora estático, possuía uma dinâmica própria pelo movimento do Sol. Estes elementos cerâmicos vazados além de funcionais, evocavam os saberes vernaculares, tão comuns na arquitectura mediterrânica quanto na brasileira. Foi consciente da aplicabilidade destes materiais em contextos tão distantes, embora próximos no que toca à insolação, que Gomes da Costa passou a utilizá-los exaustivamente na sua obra, combinando com outras soluções, que visassem a mesma função, ao ponto de criar uma linguagem cada vez mais pessoal, em que os elementos variavam tanto em materiais quanto na quantidade, na forma, na dimensão e na disposição.

Adiante, o gosto pela arquitectura brasileira estendeu-se ainda a outros mestres, onde foram verificados alguns traços identitários da arquitectura de Vilanova Artigas na de Gomes da Costa, onde este poderá ter-se inspirado no telhado da Casa Álvaro de Sá em São Paulo (1949) para a execução do seu telhado-borboleta no prolongamento da Rua de Berlim em Faro, que por constrangimentos fortuitos, não foi levado a cabo. Não olvidando, Burle Marx fez-se presente na linguagem de Costa, sobretudo na arbitrariedade do desenho dos jardins, desenhados em formatos amebóides, que nas suas concavidades, encaixavam-se as áreas de estadia e que no aspecto geral dariam uma aparente naturalidade na disposição do elenco vegetal. (fig. 47, 48)

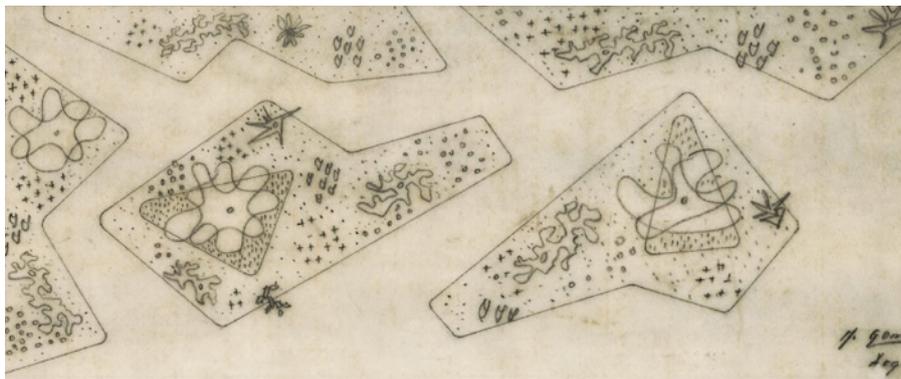


fig. 47 MGC: Planta do piso térreo do Centro de Assistência Social Polivalente de Aljezur, 1957. fonte: Arquivo Gonçalo Vargas

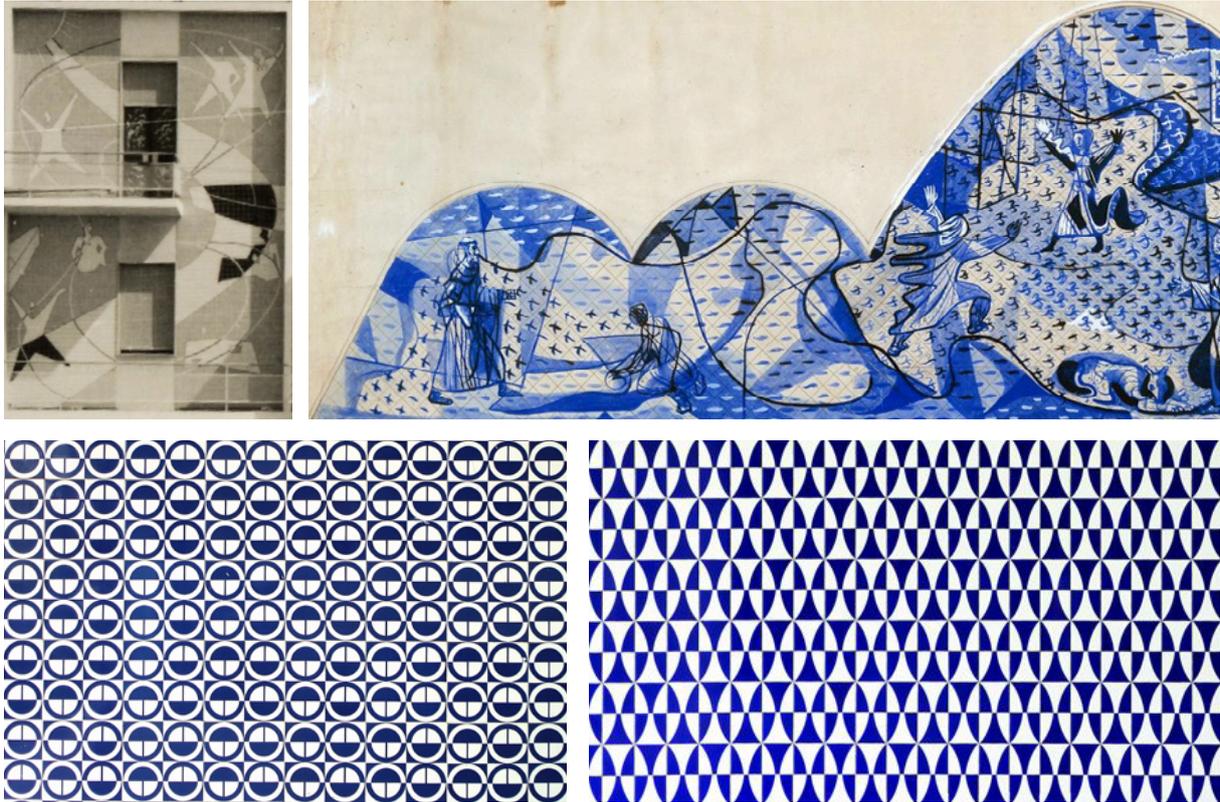


fig. 48 Burle Marx: Projecto da Praça Duque de Caxias, Rio de Janeiro, 1948. fonte: <https://goo.gl/82dq3L> > acedido a 15 de Junho de 2017

Transpondo para outros domínios, tal como na arquitectura moderna brasileira, onde as outras artes complementavam e davam valor ao conjunto da obra, na arquitectura de Gomes da Costa não foi diferente. Sempre que possível, os seus projectos eram rematados por belos planos azulejados, cabendo a diferença apenas no autor das composições, isto é, no caso brasileiro tínhamos sempre grandes nomes da pintura da época a tingir a arquitectura de seus colegas vanguardistas, enquanto no caso do arquitecto algarvio, era o próprio – até ao que se pode verificar – que concebia toda a arte. Aqui a predilecção por estes elementos quadrangulares, enquadrava a obra com o local de implantação e com a própria época.

Numa primeira fase, nota-se um gosto pela expressão espontânea dos elementos identitários do Algarve, traçando correspondências directas com o estilo de Cândido Portinari, que com maestria ilustrava num azul típico da azulejaria portuguesa, temas ligados ao mar, com conchas, peixes, pescadores, seres mitológicos e embarcações, numa linguagem próxima ao do cubismo. Como tal, a relação iconográfica entre os elementos marinhos com a pintura, eram transversais aos dois países, por terem ambas, grandes ligações com o mar. (fig. 49, 50)

Mais tarde, o gosto de Costa pelo virtuosismo de Portinari sofreu uma depuração, aproximando-se mais à linguagem do pintor Athos Bulcão, que utilizava formas completamente repetitivas e abstractas nas suas composições. Neste caso, a arte muralista do primeiro para ser entendível, só o era através da leitura do conjunto, pois determinados elementos representados, englobavam uma grande quantidade de azulejos, enquanto que a do segundo, continha a sua essência apenas num único módulo, que era multiplicado até à exaustão por toda a fachada, fazendo desta uma representação puramente abstracta. (fig. 52)



↑ **fig. 49** MGC: Painel de azulejos da torre da Casa Tengarrinha em Portimão, na década 1950. fonte: Arquivo António Rosa da Silva

↗ **fig. 50** Cândido Portinari: Painel de azulejos da Igreja da Pampulha, 1940-42. fonte: <https://goo.gl/nc5WC5> > acessado a 16 de Junho de 2017

← **fig. 51** MGC: Painel de azulejos à entrada da casa do Arquitecto em Faro, na Rua Reitor Teixeira Guedes, Faro 1966. fonte: Autor (2016)

→ **fig. 52** Athos Bulcão: Painel de azulejos, Brasília Palace Hotel, 1958. fonte: <http://fundathos.org.br/galeriavirtual> > acessado a 16 de Junho de 2017

Para os casos de Portinari temos o mural do Palácio de Capanema e os da Igreja da Pampulha, que visualmente remetem-nos para o mural da Casa Tengarrinha e para a casa do arquitecto em Vila Real de Santo António. Por outro lado, para o estilo marcado de Bulcão temos o enorme plano cerâmico do Brasília Palace Hotel e o Hospital da Lagoa que nos levam ao Edifício Nogueira e à própria habitação de Gomes da Costa em Faro. (fig. 51, 52)

No extremo oposto da cronologia da sua carreira, mais precisamente na última década, vemos uma das últimas influências externas na sua obra, já quando esta era completamente própria e idiossincrática. Costa trouxe para Faro uma pequena referência do brutalismo inglês, onde se apoderava do desenho das varandas do Barbican Estate em Londres para as do edifício Quarteirão Branco e até mesmo para o principal edifício da Urbanização do Montinho. Os elementos por terem sido empregados de forma tão dissimulada nestes dois projectos e por conterem algum desfazamento temporal com a versão original, facilmente passaram despercebidos: ao contrário do grupo *Chamberlin, Powell and Bon Architects*, que utilizou betão armado em todos os planos, Costa reduziu a carga tectónica com materiais mais leves e económicos (alvenaria de tijolo para as paredes não-estruturais) assim como também utilizou a cor branca nas superfícies, para este mesmo efeito.

Do que se pode concluir deste subtópico é que mesmo numa fase avançada da sua carreira, Costa não hesitou em arriscar e explorar novas linguagens, provando mais uma vez que sempre esteve atento às novidades e aos gostos da época, mas foi no modernismo brasileiro que encontrou grande parte das suas ferramentas de trabalho. Foi talvez pela partilha de afinidades numa arte que é tão portuguesa quanto brasileira e por representar o ambiente e a cultura local de uma forma tão moderna, que Gomes da Costa absorveu estes signos artísticos nas suas obras. Por serem maiores as semelhanças que as diferenças na arquitectura "d'aquém e d'além mar", que tais apropriações linguísticas tiveram sucesso na empreitada regional.

CAPÍTULO III

Legado em Faro



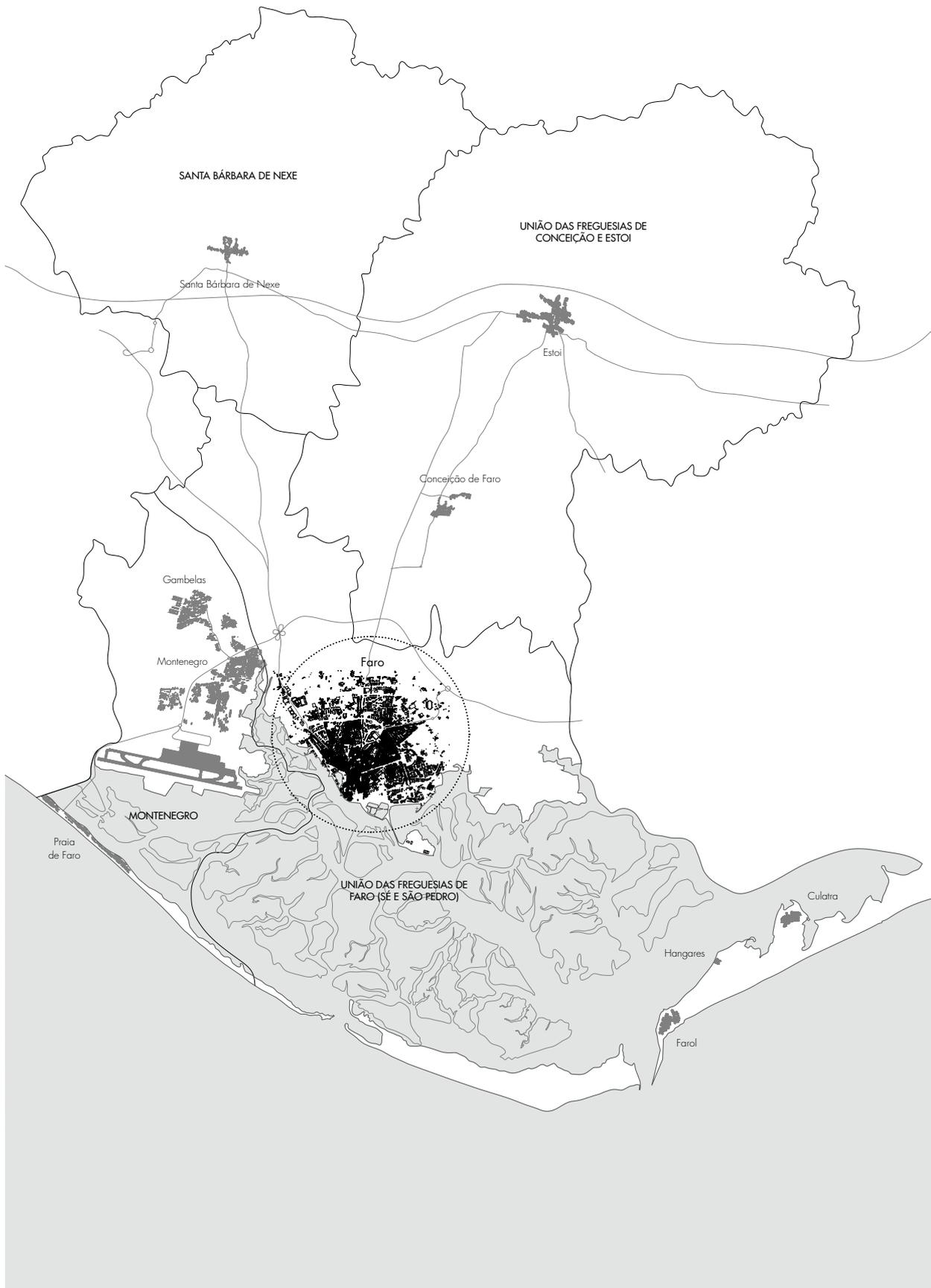


fig. 54 Concelho de Faro e as suas respectivas freguesias com a área de estudo circunscrita. fonte: Autor (2017)

0 500 2000m



03. LEGADO ARQUITECTÓNICO DE MGC EM FARO

3.1. Enquadramento

Uma vez abordada a biografia e a esfera intelectual de Manuel Gomes da Costa, o presente capítulo parte para a identificação, localização e catalogação do seu legado construído, assim como do não construído na cidade de Faro. A janela temporal deste inventário abarca as cinco décadas em que o arquitecto exerceu actividade nesta capital de Distrito, desde o seu regresso definitivo de Lisboa. Ainda assim, importa mencionar que, o volume total apresentado neste estudo representa apenas valores relativos, não devendo os resultados serem encarados como valores absolutos, devido à enorme dificuldade em consultar na totalidade, as diferentes fontes de arquivo, dentro do tempo útil do desenvolvimento desta Dissertação.

Como recurso para a elaboração do inventário, foi feito um trabalho de compilação, tratamento e posteriormente de cruzamento de diversas fontes, entre elas arquivísticas e bibliográficas, tendo como ponto de partida, o catálogo rubricado pela própria esposa de MGC, datado de 2005 e que mais tarde, em 2008, deu origem ao inventário da delegação algarvia da Ordem dos Arquitectos¹⁵⁸. Através desta matriz foram acrescentadas e confrontadas com outras fontes de consulta, alguns projectos que careciam de maiores informações. A proveniência de cada dado estará toda ela elencada numa lista final, para que a par do carácter informativo do seu conteúdo, possamos identificar a sua origem, e claro, dar os devidos créditos aos autores que os encontraram, fazendo deste catálogo, um verdadeiro compêndio de todos os projectos realizados por Gomes da Costa em Faro.

A inventariação segue a mesma métrica ao longo das páginas, contendo cada projecto o seu próprio número de identificação, organizado cronologicamente e estruturado segundo critérios que foram considerados importantes para esta investigação, das quais listam-se a categoria, composição, localização, coordenadas, cliente e notas. Nesta ordem, o critério que diz respeito à Categoria, divide-se em quatro grandes grupos dominantes, sendo estes: a Habitação Unifamiliar, Habitação Multifamiliar, Serviços e Comércio, e Equipamentos. A Composição, por sua vez indicará o número de pisos que compõem o projecto. No tópico da Localização, estarão identificadas todas as ruas que circundam o edifício, incluindo as suas respectivas numerações policiais¹⁵⁹. As Coordenadas serão um complemento à localização, servindo sobretudo para facilitar a identificação do edifício da qual diz respeito. A vantagem da georreferenciação em detrimento da localização nominal, é que esta indica directamente a coordenada da soleira do edifício, ao invés de um ponto indefinido num mapa digital. Sempre que possível estarão também mencionados os Clientes, que porventura poderão sugerir pistas para futuras investigações. Por último, como complemento estarão as Notas que irão informar, sempre que necessário, dados como o nome do edifício, estado de conservação e outros apontamentos que se julgarem pertinentes.

¹⁵⁸ Produzido pela equipa técnica onde se destaca a professora catedrática Ana Tostões enquanto Comissária Científica.

¹⁵⁹ Obtidas em Divisão de Sistemas de Informação e Comunicações do Município de Faro. (2017). *Mapas de Faro*. (Sistemas de Informação, Lda) Obtido em Maio de 2017, de <http://mapas.cm-faro.pt>

Neste catálogo, as informações estarão marcadas por três cores diferentes: **preto**, **azul** e **cinzento**. Para a primeira, estarão assinalados todos os edifícios enquadrados em Faro dentro dos limites da Sé e São Pedro, que condensam em si, toda a cidade. A cinzento estarão assinalados os exemplares de edifícios pertencentes ao concelho de Faro, mas que no entanto situam-se fora da área de estudo¹⁶⁰. Por último, a azul estarão destacados os exemplares que serão alvos de uma análise mais aprofundada, a constar na IV e última parte, respeitante ao Casos de Estudo.

A par de toda informação escrita, estarão peças desenhadas como elementos de suporte, permitindo pela primeira vez, quantificar espacialmente no território, não só o legado do arquitecto, como também a evolução da cidade entre 1947 e 2017, década a década. Este estudo nunca antes feito para este período, tanto para a cidade, quando para a obra de Gomes da Costa permitir-nos-á mensurar a grandeza do seu legado para a cidade, à medida que esta evoluía no decorrer do tempo. No final do tópico geral, estará a interpretação quer do catálogo, quer das plantas da cidade onde serão extraídos os seus resultados, que irão indicar as pertinências a serem usadas como objecto de estudo no capítulo seguinte.

O que o conteúdo deste capítulo terá de riqueza, terá de rigor.

¹⁶⁰ Conceição, Estoi, Montenegro e Santa Bárbara de Nexe

1940 – 1950

1940 – 1950

3.2. Período pré-MGC

Nesta década, Gomes da Costa ainda não tinha começado a actuar de forma autónoma na cidade, pelo que nesta altura existia apenas com um arquitecto de formação a projectar no concelho. Este arquitecto, Jorge de Oliveira, destacou-se pela arquitectura de Estado, e pelo gosto revivalista inspirada na arquitectura oitocentista¹⁶¹. No final dos anos 40, teve a colaborar consigo o ainda estudante Gomes da Costa, tendo este contribuído para a modificação da linguagem de Oliveira nas décadas seguintes. Até aqui os restantes projectos eram elaborados por engenheiros e quando não, por saberes ancestrais dos técnicos de obras.

Em termos gerais, a arquitectura apresentava-se bastante tradicional, embora tivessem sido já construídas arquitecturas de novos estilos nas décadas anteriores, destacando-se as de *Art-Déco* com as suas traças altamente estilizadas e geometrizadas, numa simplificação das formas até comum na arquitectura tradicional, exceptuando pela sua coloração garrida.

O Liceu neste período encontrava-se isolado no Alto de Santo António, e no sentido oposto, até ao cruzamento da avenida 5 de Outubro com a Rua Ataíde de Oliveira, quase não existiam edifícios, porém, já se notava a abertura de novas vias em terrenos de matriz agrícola, formando aqueles que são hoje os principais eixos viários da cidade. Uma das principais novidades da época foi o surgimento do Mercado Municipal nas imediações da Capela de São Luís, concluída em 1947¹⁶².

O total de habitantes nesta década atingiu a marca dos 31856 indivíduos¹⁶³, numa área cujo centro urbano se apresentava bastante condensada, sendo nítidas a divisão entre o meio urbano e rural. Por sua vez, o perímetro urbano – Campina de Faro - encontrava-se envolvido por extensas propriedades agrícolas de pomares de sequeiro, que associadas a estas, estavam alguns palacetes e casarões que ainda hoje persistem alguns dos seus exemplares, embora engolidos pela cidade.

¹⁶¹ Fernandes, J. M. (2006). De Jorge de Oliveira a Gomes da Costa: dois autores e duas concepções da arquitectura no século XX em Faro. In *Monumentos nº24* (pp. 140-147). Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. p.140

¹⁶² Segundo a ficha apresentada por Patrícia Viegas (2000) e Paulo Fernandes (2001), a apresentação do projecto inicial data o ano de 1943, tendo sido concluído em 1947. No início dos anos 2000 o edifício primitivo é inteiramente destruído, sendo substituído por um imóvel integralmente novo, cuja composição arquitectónica e volumétrica cita o traçado da obra destruída. Fonte: Direcção-Geral do Património Cultural. (2016). *Sistema de Informação para o Património Arquitectónico*. (Ministério da Cultura) Obtido em 2017, de Inventário do Património Arquitectónico: goo.gl/dVojTn

¹⁶³ INE. (Dezembro de 1950). *LX Recenseamento Geral da População*. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: <https://goo.gl/99rViX>



1940 - 1950

fig. 55 Faro até finais de 1940, período que antecede a entrada de Manuel Gomes da Costa em actividade. fonte: Autor (2017)

Recursos

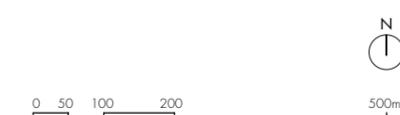
- Câmara Municipal de Faro**
- Cartografia Vetorial 1997-2017 CMF-SIG
 - Processos de Obras Particulares
 - Divisão de Sistemas de Informação e Comunicações do Município de Faro. (2017). Mapas de Faro. (Sistemas de Informação, Lda) Obtido em Maio de 2017, de <http://mapas.cmf-faro.pt>

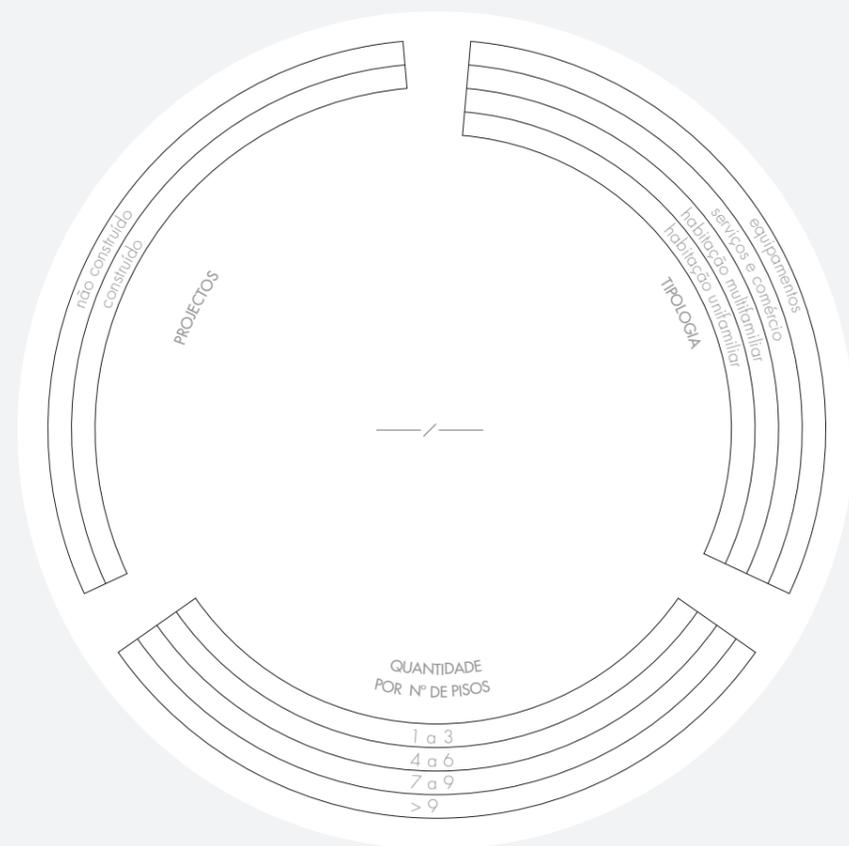
Centro de Informação Geoespacial do Exército

- Fotografia nº 54-5067 de 1947 da Royal Air Force
- Fotografia nº 344 do voo SPAL

Google Earth

- 4216 imagens combinadas com base nos vértices do polígono em 37.0447562, -7.9543215 e 37.0077448, -7.9122162. Data de captação: Março de 2017





graf. 01 Legado de MGC em Faro na década de 1940
 fonte: Autor (2017)

1950 – 1960

1950 – 1960

3.3. Entrada de MGC no panorama regional

A década entre 1950 e 1960 marca neste estudo a entrada de Manuel Gomes da Costa no panorama regional, que enquanto arquitecto, optou por fixar residência e actividade na cidade de Faro por esta oferecer melhores perspectivas de trabalho. Os primeiros projectos realizados para esta cidade levam a data de 1950 e 1951, em que foram construídos o edifício FIAAL e a Casa Baptista-Dores, que muito embora tenham sido assinados pelo Engenheiro João Baleizão, houve um contributo do ainda neófito arquitecto na execução dos desenhos¹⁶⁴. É de ressaltar que a segunda casa participou da exposição de 1951 da ODAM, decorrida no Ateneu Comercial do Porto, apesar do arquitecto não ter sido um membro efectivo da Organização¹⁶⁵.

Pelo seu estatuto de capital de distrito e pela sua centralidade na região, a expansão da cidade já era uma realidade tida em conta pelo arquitecto, e os números comprovam-no. Nesta década a população residente cresceu 5,63%, valor este que se traduzem em 1902 habitantes num total de 35651 registado no princípio da década de 1960¹⁶⁶. A nível urbano, começaram a surgir as primeiras edificações habitacionais no entorno do Liceu, e na avenida que neste termina, começaram a destacar novas construções, sobretudo casarões da burguesia ligada ao comércio. Outro grande destaque foi o início da construção da Junta de Província do Algarve, levada a cabo pelo arquitecto Jorge de Oliveira, com uma traça completamente revivalista e ecléctica¹⁶⁷, e por outro lado, da construção do Museu Marítimo Almirante Ramalho Ortigão, junto à Doca de Faro, em estreita proximidade com a Ria Formosa¹⁶⁸. Por último, destacaram-se as novas habitações do bairro Bom João.

O turismo balnear e veraneante começava a dar as suas cartas na região. Faro procurava adaptar-se às novas necessidades, e prova disso foram as habitações encomendadas a Gomes da Costa, para a ilha de Faro, que se estenderam algumas outras pela década seguinte. Face às novas demandas vieram outras arquitecturas, sobretudo de habitações permanentes, e somente Costa elaborou 13 projectos para o concelho, dos quais 12 foram construídos. As tipologias mais abordadas pelo arquitecto neste período foram as de habitação Unifamiliar e Multifamiliar, contando cada uma com 4 projectos. Somando à conta foram também realizados mais 3 projectos de Serviços e Comércio e 2 de Equipamentos. Até aqui, a sua arquitectura apresentava-se modesta em parâmetros de escala, onde era fácil alcançar os três pisos.

¹⁶⁴ Agarez, R. C. (2016), op. cit. pp. 221, 222

¹⁶⁵ *Idem, ibidem*, p. 209

¹⁶⁶ Conclusões extraídas INE. (Dezembro de 1960). *X Recenseamento Geral da População*. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: goo.gl/A5WGsp

¹⁶⁷ Ficha redigida por Daniel Giebels (2005) Fonte: Direcção-Geral do Património Cultural. (2016). *Sistema de Informação para o Património Arquitectónico*. (Ministério da Cultura) Obtido em 2017, de Inventário do Património Arquitectónico: goo.gl/dVojTn

¹⁶⁸ Inaugurado em 1962.



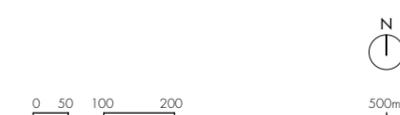
1950 - 1960

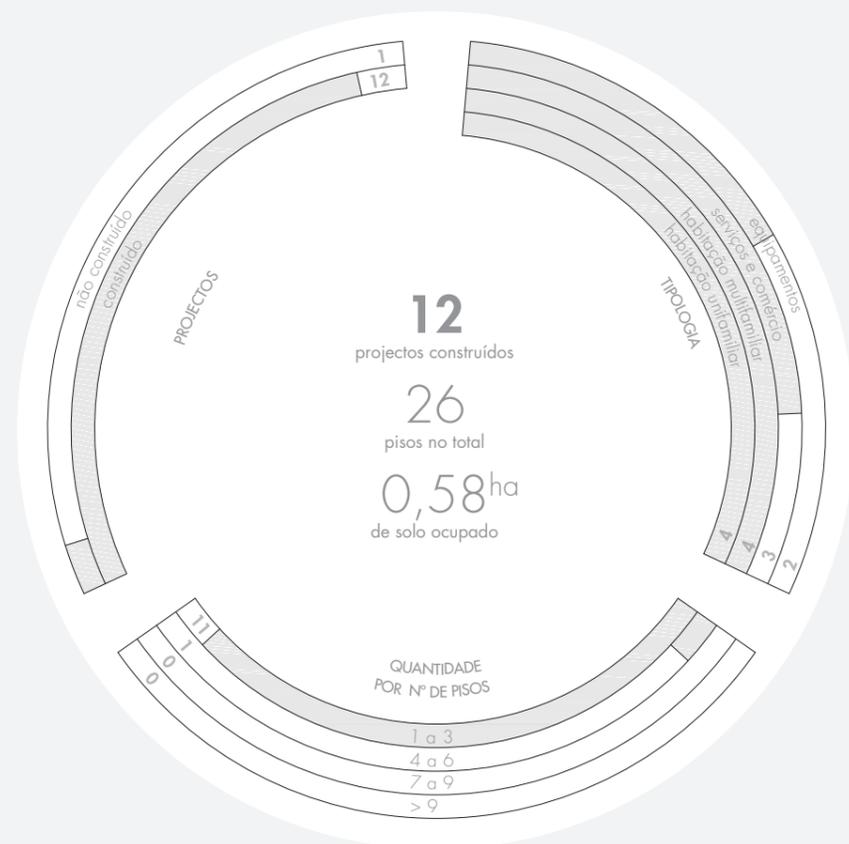
fig. 56 Conjunto da obra de Manuel Gomes da Costa em Faro na década de 1950, que marca o início da carreira do arquitecto pós-academia.
 fonte: Autor (2017)

- Recursos**
- Câmara Municipal de Faro**
- Cartografia Vetorial 1997-2017 CMF-SIG
 - Processos de Obras Particulares
 - Divisão de Sistemas de Informação e Comunicações do Município de Faro. (2017). Mapas de Faro. [Sistemas de Informação, Lda] Obtido em Maio de 2017, de <http://mapas.cm-faro.pt>

- Centro de Informação Geoespacial do Exército**
- Fotografia nº 9008 do Voo 3 de 1958 da United States Air Force à escala 1:26000
 - Fotografia nº 344 do voo SPAL

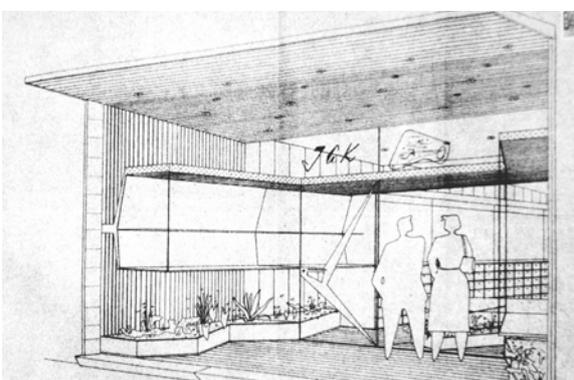
- Google Earth**
- 4216 imagens combinadas com base nos vértices do polígono em 37.0447562, -7.9543215 e 37.0077448, -7.9122162. Data de captação: Março de 2017





graf. 02 Legado de MGC em Faro na década de 1950
fonte: Autor (2017)

NÚMERO	DESCRIÇÃO	FIGURA
001	<p>ANO 1950</p> <p>CATEGORIA Serviços + Comércio</p> <p>COMPOSIÇÃO Edifício de 2 pisos</p> <p>LOCALIZAÇÃO Largo Dr. Francisco Sá Carneiro nº 13</p> <p>COORDENADAS 37.020323, -7.929177</p> <p>CLIENTE n/d</p> <p>NOTAS Edifício FIAAL</p>	
002	<p>ANO 1950 - 1951</p> <p>CATEGORIA Habitação Multifamiliar</p> <p>COMPOSIÇÃO Edifício de 2 pisos</p> <p>LOCALIZAÇÃO Rua Frei Lourenço Santa Maria nº 36 - 40</p> <p>COORDENADAS 37.023533, -7.934477</p> <p>CLIENTE Frorival Mendes Baptista e Luíz António das Dores</p> <p>NOTAS Apresentada na Exposição de 1951 da ODA</p>	
003	<p>ANO 1950 - 1952</p> <p>CATEGORIA Habitação Unifamiliar + Comércio</p> <p>COMPOSIÇÃO Edifício de 2 pisos</p> <p>LOCALIZAÇÃO Rua Reitor Teixeira Guedes e Rua Eça de Queirós nº5</p> <p>COORDENADAS 37.018535, -7.926845</p> <p>CLIENTE Casal Guerreiro</p> <p>NOTAS "Milagre em Faro"; Participação na "Revista Arquitectura" de 1953</p>	
004	<p>ANO 1950 - 1952</p> <p>CATEGORIA Habitação Unifamiliar + Comércio</p> <p>COMPOSIÇÃO Edifício de 2 pisos</p> <p>LOCALIZAÇÃO Rua de São Gonçalo de Lagos nº 23</p> <p>COORDENADAS 37.022745, -7.934354</p> <p>CLIENTE n/d</p> <p>NOTAS Edifício André - Em Parceria com J.S Baleizão</p>	

NÚMERO	DESCRIÇÃO	FIGURA
005	<p>ANO 1952</p> <p>CATEGORIA Habitação Unifamiliar</p> <p>COMPOSIÇÃO 2 Edifícios de 1 piso</p> <p>LOCALIZAÇÃO Rua Manuel Ascensão, nº 18 - 24</p> <p>COORDENADAS 37.023585, -7.937841</p> <p>CLIENTE n/d</p> <p>NOTAS Em parceria com B.V. Louro</p>	
006	<p>ANO 1953</p> <p>CATEGORIA Comércio</p> <p>COMPOSIÇÃO Edifício de 2 pisos</p> <p>LOCALIZAÇÃO Rua D. João de Castro nº 4</p> <p>COORDENADAS 37.017194, -7.931278</p> <p>CLIENTE Pires & Mendonça Lda.</p> <p>NOTAS Garagem e Oficinas Rover</p>	
007	<p>ANO 1955</p> <p>CATEGORIA Comércio</p> <p>COMPOSIÇÃO Rés-do-Chão</p> <p>LOCALIZAÇÃO Rua de Santo António nº 15-17</p> <p>COORDENADAS 37.016164, -7.933236</p> <p>CLIENTE n/d</p> <p>NOTAS Sapataria Jak</p>	
008	<p>ANO 1955 - 1956</p> <p>CATEGORIA Habitação Multifamiliar</p> <p>COMPOSIÇÃO Edifício de 2 pisos</p> <p>LOCALIZAÇÃO Rua General Humberto Delgado c/ Praceta Pires Viegas nº 17</p> <p>COORDENADAS 37.019202, -7.927428</p> <p>CLIENTE Alfredo Gago Rosa</p> <p>NOTAS Edifício Gago Rosa</p>	

NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****009**

ANO **1957 - 1959**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
LOCALIZAÇÃO Av. 5 de Outubro c/
Av. Dr. Júlio de Almeida Carrapato
COORDENADAS 37.018321, -7.922879
CLIENTE António Pinheiro Brandão
NOTAS Edifício Brandão

**010**

ANO **1957 - 1959**
CATEGORIA **Equipamento Social**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 3 pisos**
LOCALIZAÇÃO Praceta Engenheiro Duarte Pacheco
nº 2 - 3
COORDENADAS 37.019164, -7.924705
CLIENTE Diocese do Algarve
NOTAS Casa de Santa Zita

**011**

ANO **1959**
CATEGORIA **Habitação Unifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua de Berlim nº 15
COORDENADAS 37.020248, -7.922314
CLIENTE n/d
NOTAS Casa Brandão

**012**

ANO **1959**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua de Berlim nº 13
COORDENADAS 37.020203, -7.922466
CLIENTE n/d
NOTAS Casa Dias Brandão



NÚMERO

DESCRIÇÃO

FIGURA

013

ANO **1959**

CATEGORIA **Equipamento Balnear**

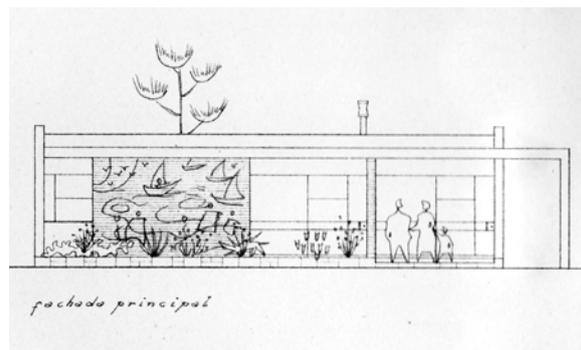
COMPOSIÇÃO **Programa Múltiplo**

LOCALIZAÇÃO Praia de Faro

COORDENADAS n/d

CLIENTE n/d

NOTAS Não executado



1960 – 1970

1960 – 1970

3.4. Início da verticalização da cidade

Esta década ficou marcada pelo início de um novo Algarve, com a inauguração do Aeroporto Internacional de Faro em 1965, que contribuiu para a internacionalização da região, contudo, registou-se no município, um decréscimo populacional de 13,12%, representando uma perda de quase cinco mil habitantes fixos num espaço de 10 anos¹⁶⁹. Apesar desta ressalva, a cidade continuava a crescer, iniciando uma campanha de expansão sobre a campina, o que não só provocava a difusão dos seus limites pela construção nas zonas mais periféricas, como também acarretava o surgimento de novas ruas, avenidas e quarteirões. É de se destacar a transformação do horizonte da cidade, quer pela arquitectura em altura, quer pela imagética associada a esta, tida como moderna e rompedora de um paradigma que esteve em voga durante séculos. A arquitectura com telhados de tesouro passou a competir com as novas de coberturas planas, e as pequenas habitações com horta associada, passaram a dar lugar a habitações geminadas e quando não, construídas em altura. Tanto a campina quanto o céu passaram a ser alvo de enormes cobiças, facto era que a cidade crescia nos 3 eixos geométricos: em largura, em comprimento e em altura.

Perpendicular à rua Ataíde de Oliveira, surgiram quatro novas ruas, todas elas com novas habitações, das quais, algumas delas foram projectadas por Costa. A cidade que carecia de grandes equipamentos, passou a contar com o maior Hotel alguma vez construído naquelas bandas. O Hotel Eva – nome pelo qual veio designar-se - tanto trouxe turistas como ajudou a levá-los, pela anexação de um Terminal Rodoviário no seu piso térreo. Este progresso era um forte indicador de que o motor económico da cidade estava a mudar, e no meio desta revolução, MGC participou com 45 projectos, onde 2 não saíram do papel. Como resposta às novas necessidades que a cidade enfrentava, só pelas mãos do arquitecto foram projectadas 33 habitações multifamiliares em detrimento das 4 unifamiliares. Por sua vez foram construídos 2 edifícios destinados inteiramente a Serviços e Comércio, que embora parecesse pouco, representou muito pela sua dimensão e pela falta que faziam. Os equipamentos, que no total foram 6, representaram o máximo alcançado pelo arquitecto numa mesma década, em toda a sua carreira.

¹⁶⁹ Conclusões extraídas de INE. (Dezembro de 1970). *XI Recenseamento Geral da População*. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: goo.gl/mKNyNN



1960 - 1970

fig. 57 Conjunto da obra de Manuel Gomes da Costa em Faro na década de 1960.
 fonte: Autor (2017)

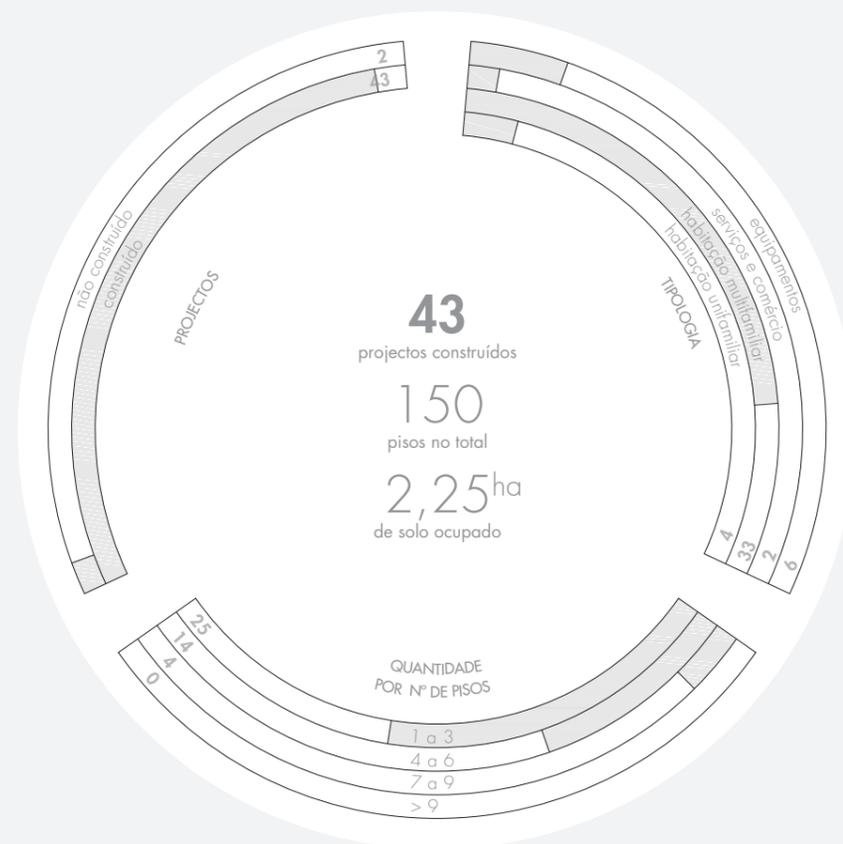
Recursos

- Câmara Municipal de Faro**
 - Cartografia Vetorial 1997-2017 CMF-SIG
 - Processos de Obras Particulares
 - Divisão de Sistemas de Informação e Comunicações do Município de Faro. (2017). Mapas de Faro. (Sistemas de Informação, Lda) Obtido em Maio de 2017, de <http://mapas.cm-faro.pt>

- Centro de Informação Geoespacial do Exército**
 - Fotografia nº 9658 do Voo 15 de 1969 da Força Aérea Portuguesa à escala 1:25000

- Google Earth**
 - 4216 imagens combinadas com base nos vértices do polígono em 37.0447562, -7.9543215 e 37.0077448, -7.9122162. Data de captação: Março de 2017





graf. 03 Legado de MGC em Faro na década de 1960
fonte: Autor (2017)

NÚMERO	DESCRIÇÃO	FIGURA
014	<p>ANO 1960 - 1961</p> <p>CATEGORIA Habitação Unifamiliar</p> <p>COMPOSIÇÃO Edifício de 2 pisos</p> <p>LOCALIZAÇÃO Rua Reitor Teixeira Guedes nº 65</p> <p>COORDENADAS 37.019267, -7.926462</p> <p>CLIENTE José António Carlos Afonso</p> <p>NOTAS Edifício Afonso</p>	
015	<p>ANO 1960 - 1964</p> <p>CATEGORIA Habitação Multifamiliar</p> <p>COMPOSIÇÃO Edifício de 3 pisos e Garagem</p> <p>LOCALIZAÇÃO Praceta Eng. Duarte Pacheco nº 15</p> <p>COORDENADAS 37.019364, -7.924016</p> <p>CLIENTE C.M.Faro</p> <p>NOTAS Casa dos Magistrados</p>	
016	<p>ANO 1960 - 1965</p> <p>CATEGORIA Equipamento Escolar + Equipamento Desportivo</p> <p>COMPOSIÇÃO 1 Edifício de 2 Pisos + Ginásio</p> <p>LOCALIZAÇÃO Colégio de Nossa Senhora do Alto</p> <p>COORDENADAS 37.019998, -7.918027</p> <p>CLIENTE Sr. Bispo do Algarve D. Francisco Rendeiro</p> <p>NOTAS —</p>	
017	<p>ANO 1961</p> <p>CATEGORIA Habitação Multifamiliar</p> <p>COMPOSIÇÃO Edifício de 2 pisos</p> <p>LOCALIZAÇÃO Rua José Joaquim de Moura nº 12 - 28</p> <p>COORDENADAS 37.020910, -7.926191</p> <p>CLIENTE n/d</p> <p>NOTAS Edifício Correia</p>	

NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****018**

ANO **1962**
CATEGORIA **Equipamento Turístico**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua de Berlim n° 37 - 39
COORDENADAS 37.020263, -7.920838
CLIENTE n/d
NOTAS Residencial York

**019**

ANO **1962**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua D. Jerónimo Osório n° 12 -18
COORDENADAS 37.021388, -7.926112
CLIENTE n/d
NOTAS Philippe Christian Frederic Piquet

**020**

ANO **1962**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
LOCALIZAÇÃO Av. 5 de Outubro n° 15
COORDENADAS 37.017463, -7.927869
CLIENTE Pires & Mendes
NOTAS —

**021**

ANO **1963**
CATEGORIA **Habitação Unifamiliar**
COMPOSIÇÃO **n/d**
LOCALIZAÇÃO Praia de Faro
COORDENADAS n/d
CLIENTE Engenheiro Aníbal de Brito
NOTAS —

NÚMERO

DESCRIÇÃO

FIGURA

022

ANO **1963**
 CATEGORIA **Edifício Multifamiliar + Comércio**
 COMPOSIÇÃO **Edifício de 3 pisos**
 LOCALIZAÇÃO Rua do Lethes n° 51
 COORDENADAS 37.017906, -7.932535
 CLIENTE n/d
 NOTAS Edifício Mendonça - Pereira



023

ANO **1963**
 CATEGORIA **Equipamento Turístico**
 COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
 LOCALIZAÇÃO Rua Gonçalo Barreto n° 14 c/
 Rua Brito Cabreira
 COORDENADAS 37.020178, -7.932247
 CLIENTE Sr. Manuel Pires Mendonça
 NOTAS Residencial Condado



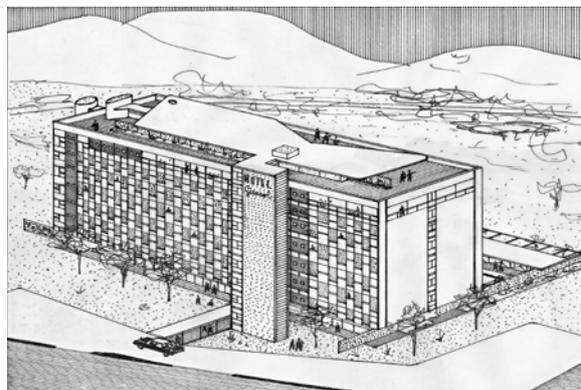
024

ANO **1963**
 CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
 COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 Pisos**
 LOCALIZAÇÃO Rua do Alportel n° 2 - 4
 c/ Rua Baptista Lopes
 COORDENADAS 37.018140, -7.933664
 CLIENTE Sr. José dos Santos Bernardo
 NOTAS —



025

ANO **1964**
 CATEGORIA **Equipamento Turístico**
 COMPOSIÇÃO **Edifício de 8 pisos e andar recuado**
 LOCALIZAÇÃO Entrada Poente de Faro, EN-125
 COORDENADAS n/d
 CLIENTE Amadeu André
 NOTAS "Hotel Girassol"
 Ante-Projecto; não executado



NÚMERO

DESCRIÇÃO

FIGURA

026

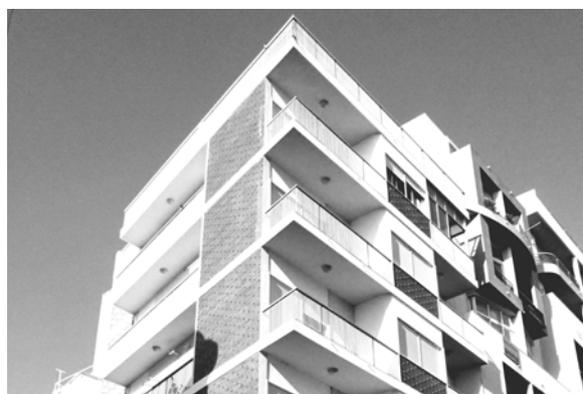
ANO	1965
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar
COMPOSIÇÃO	Edifício de 4 pisos e andar recuado
LOCALIZAÇÃO	Rua Ataíde de Olivera n° 124 c/ José Joaquim de Moura 2A
COORDENADAS	37.020500, -7.926682
CLIENTE	José Azinheira Leal
NOTAS	Edifício Azinheira

**027**

ANO	1965 - 1967
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 7 Pisos e andar recuado
LOCALIZAÇÃO	Av. 5 de Outubro c/ Av. Dr. Júlio de Almeida Carrapato
COORDENADAS	37.018865, -7.923108
CLIENTE	Aníbal Rosa da Silva; José Brandão Pinheiro
NOTAS	Edifício Silva-Pinheiro

**028**

ANO	1965 - 1966
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 6 pisos e andar recuado
LOCALIZAÇÃO	Rua de Portugal n° 2 c/ Rua de Santo António
COORDENADAS	37.016491, -7.931530
CLIENTE	João Dias Pires
NOTAS	Edifício Sol

**029**

ANO	1966 - 1967
CATEGORIA	Serviços + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 6 pisos e andar recuado
LOCALIZAÇÃO	Rua de Santo António n° 68 c/ Praça da Liberdade
COORDENADAS	37.016351, -7.931626
CLIENTE	Dr. Nogueira
NOTAS	"Edifício Nogueira"



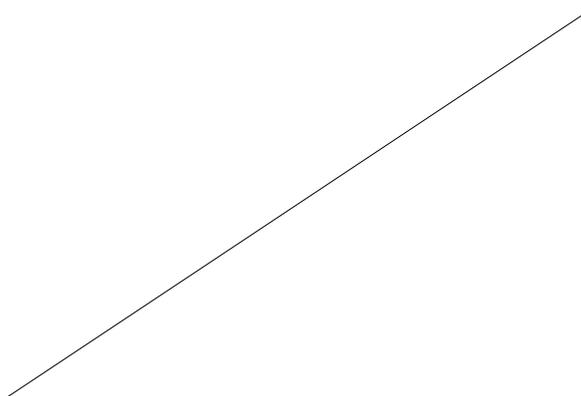
NÚMERO

DESCRIÇÃO

FIGURA

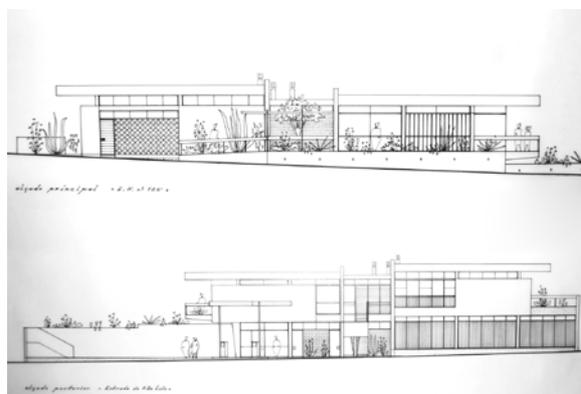
030

ANO **1966**
 CATEGORIA **n/d**
 COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 pisos**
 LOCALIZAÇÃO Estoi
 COORDENADAS n/d
 CLIENTE Albertino Bota
 NOTAS Ampliação e Remodelação de Edifício de 2 Pisos



031

ANO **1966**
 CATEGORIA **Comércio**
 COMPOSIÇÃO **Estação de Serviço c/ Café-Bar**
 LOCALIZAÇÃO Estrada de S. Luis c/ EN-125
 COORDENADAS n/d
 CLIENTE Alfredo Gago Rosa
 NOTAS Não executado



032

ANO **1966**
 CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
 COMPOSIÇÃO **Edifício de 3 Pisos**
 LOCALIZAÇÃO Rua Ataíde de Oliveira nº 120
 COORDENADAS 37.020356, -7.926554
 CLIENTE n/d
 NOTAS Edifício Mendonça



033

ANO **1966**
 CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
 COMPOSIÇÃO **Edifício de 5 pisos**
 LOCALIZAÇÃO Rua Conselheiro Bivar nº 67
 COORDENADAS 37.017313, -7.936101
 CLIENTE Companhia de Seguros Garantia
 NOTAS —



NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****034**

ANO **1966**
CATEGORIA **Habitação Unifamiliar + Serviço**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Reitor Teixeira Guedes
n° 42 - 44
COORDENADAS 37.020035, -7.925111
CLIENTE Arq.º Manuel Gomes da Costa
NOTAS Casa do Arquitecto

**035**

ANO **1967**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 Pisos e andar recuado**
LOCALIZAÇÃO Rua José Estevão n° 3A
COORDENADAS 37.017594, -7.933956
CLIENTE Sr. Pacheco
NOTAS —

**036**

ANO **1968**
CATEGORIA **Equipamento Industrial**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 Pisos**
LOCALIZAÇÃO Zona Indústrial do Bom-João
COORDENADAS 37.013413, -7.923736
CLIENTE Carmo & Braz Lda.
NOTAS Decretado Falência a 10/07/2006
Parte dos Armazéns foi consumido
pelas chamas a 04/07/2007

**037**

ANO **1969**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 Pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Aboim Ascensão n° 15
COORDENADAS 37.021336, -7.938470
CLIENTE n/d
NOTAS —



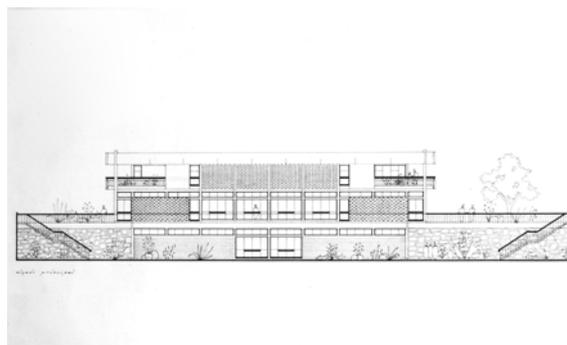
NÚMERO

DESCRIÇÃO

FIGURA

038

ANO **1969**
 CATEGORIA **Equipamento Industrial**
 COMPOSIÇÃO **n/d**
 LOCALIZAÇÃO Gambelas
 COORDENADAS n/d
 CLIENTE José Custódio
 NOTAS Fábrica de Refrigerantes SOFRUTOS



039

ANO **DÉCADA DE 1960**
 CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
 COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
 LOCALIZAÇÃO Rua Aboim Ascensão nº 64 c/ Rua Manuel Ascensão nº 8
 COORDENADAS 37.021319, -7.935932
 CLIENTE n/d
 NOTAS —



040

ANO **DÉCADA DE 1960**
 CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
 COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 Pisos**
 LOCALIZAÇÃO Rua de Berlim nº 9 - 11
 COORDENADAS 37.020129, -7.922604
 CLIENTE n/d
 NOTAS —



041

ANO **DÉCADA DE 1960**
 CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
 COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 pisos**
 LOCALIZAÇÃO Rua de Berlim nº 29
 COORDENADAS 37.020347, -7.921411
 CLIENTE n/d
 NOTAS —



NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****042**

ANO **DÉCADA DE 1960**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua de Berlim nº 49-51
COORDENADAS 37.019922, -7.920268
CLIENTE n/d
NOTAS —

**043**

ANO **DÉCADA DE 1960**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua de Berlim nº 53-55
COORDENADAS 37.019796, -7.920153
CLIENTE n/d
NOTAS —

**044**

ANO **DÉCADA DE 1960**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua de Berlim nº 57-59
COORDENADAS 37.019698, -7.920055
CLIENTE n/d
NOTAS —

**045**

ANO **DÉCADA DE 1960**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua de Berlim nº 61-63
COORDENADAS 37.019575, -7.919978
CLIENTE n/d
NOTAS —



NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****046**

ANO **DÉCADA DE 1960**
CATEGORIA **Habitação Unifamiliar**

COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 pisos**

LOCALIZAÇÃO Rua de Berlim n° 5-7

COORDENADAS 37.020102, -7.922783
CLIENTE Sr. Aníbal de Sousa Guerreiro

NOTAS —

**047**

ANO **DÉCADA DE 1960**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**

COMPOSIÇÃO **2 Edifícios de 4 Pisos**

LOCALIZAÇÃO Rua Actor Nascimento Fernandes n° 32-34 c/ Rua D. Jerónimo Osório

COORDENADAS 37.020745, -7.925255
CLIENTE n/d

NOTAS —

**048**

ANO **DÉCADA DE 1960**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**

COMPOSIÇÃO **3 Edifícios de 2 pisos**

LOCALIZAÇÃO Rua Ataíde de Olivera n° 114 c/ Rua Actor Nascimento Fernandes

COORDENADAS 37.020010, -7.926245
CLIENTE n/d

NOTAS —

**049**

ANO **DÉCADA DE 1960**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**

COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**

LOCALIZAÇÃO Rua Ataíde de Olivera n° 115 c/ Rua Actor Nascimento Fernandes

COORDENADAS 37.020188, -7.926426
CLIENTE n/d

NOTAS —



NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****050**

ANO **DÉCADA DE 1960**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**

COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 pisos**

LOCALIZAÇÃO Rua Ataíde de Olivera n° 138 c/
Rua Emiliano da Costa

COORDENADAS 37.021143, -7.927256
CLIENTE n/d

NOTAS —

**051**

ANO **DÉCADA DE 1960**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**

COMPOSIÇÃO **Edifício de 3 pisos**

LOCALIZAÇÃO Rua Reitor Teixeira Guedes n° 3-5

COORDENADAS 37.017020, -7.929556
CLIENTE n/d

NOTAS —

**052**

ANO **DÉCADA DE 1960**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**

COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**

LOCALIZAÇÃO Rua Reitor Teixeira Guedes
c/ Rua João de Deus

COORDENADAS 37.017091, -7.929446
CLIENTE Construções Urbalgar Lda.
Sr. Francisco Viegas Pereira

NOTAS —

**053**

ANO **DÉCADA DE 1960**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**

COMPOSIÇÃO **Edifício de 3 pisos**

LOCALIZAÇÃO Rua Almeida Garrett n° 4 c/ Rua
Reitor Teixeira Guedes

COORDENADAS 37.016929, -7.929694
CLIENTE Sr. Mateus do Carmo Bolas

NOTAS Projecto de ampliação



NÚMERO

DESCRIÇÃO

FIGURA

054

ANO **DÉCADA DE 1960**
 CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
 COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
 LOCALIZAÇÃO Rua Brites de Almeida n° 2 c/ Rua do Pé da Cruz n° 32
 COORDENADAS 37.015712, -7.929927
 CLIENTE n/d
 NOTAS —



055

ANO **DÉCADA DE 1960**
 CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
 COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 Pisos**
 LOCALIZAÇÃO Rua do Pé da Cruz n° 28
 COORDENADAS 37.015802, -7.930167
 CLIENTE n/d
 NOTAS —



056

ANO **DÉCADA DE 1960**
 CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
 COMPOSIÇÃO **Edifício de 8 Pisos**
 LOCALIZAÇÃO Largo Dr. Francisco Sá Carneiro n° 59 - 63
 COORDENADAS 37.019815, -7.928125
 CLIENTE Sr. Murta
 NOTAS —



057

ANO **DÉCADA DE 1960**
 CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
 COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 pisos**
 LOCALIZAÇÃO Rua D. Jerónimo Osório n° 32 c/ Rua Actor Nascimento Fernandes
 COORDENADAS 37.020853, -7.925353
 CLIENTE Engenheiro Apolónia
 NOTAS —



NÚMERO

DESCRIÇÃO

FIGURA

058

ANO **DÉCADA DE 1960**

CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**

COMPOSIÇÃO **Edifício de 5 pisos**

LOCALIZAÇÃO Rua do Pé da Cruz nº 25

COORDENADAS 37.016068, -7.930609

CLIENTE n/d

NOTAS Edifício Picanço



1970 – 1980

1970 – 1980

3.5. Auge da carreira

Esta década é marcada por grandes números, tanto a nível urbano quanto a nível pessoal na carreira do arquitecto. A cidade presenciou uma explosão demográfica em comparação às décadas anteriores: 43,63%! Em 10 anos somaram-se à população anterior mais de 14 mil novos habitantes, totalizando 45109 no princípio dos anos 80¹⁷⁰. Este elevado acréscimo populacional pouca relação teve com o sector turístico, coube sobretudo ao esforço dos agentes políticos de organizarem o território a nível administrativo, reforçando o seu papel de Capital de Distrito com a instalação de novos serviços de Administração Pública. Com esta nova medida, Faro conseguiu atrair novos investidores, interessados numa expansão económica da cidade a médio-longo prazo, tais como serviços administrativos, bancários e logísticos, que por sua vez induziram a atracção de novos habitantes que foi prontamente atendido pelo mercado imobiliário, que se dispôs a resolver um eventual problema da habitação. Como reflexo destes novos números, surgiram novas habitações, serviços e comércios, destacando-se a construção de raiz do novo Hospital Distrital de Faro¹⁷¹.

Atendendo ainda a uma necessidade cada vez maior de se legitimar no país, foi inaugurada em 1979 a Universidade do Algarve, que ajudou a trazer novos habitantes e a instruir a população local para os novos desafios que a região enfrentava¹⁷². Com isto as antigas quintas e hortas que envolviam a cidade passaram a ceder lugar aos novos quarteirões, ruas e praças, que por questões de relação com o lugar, acabaram por absorver os nomes das antigas propriedades (ex: Horta do Rodolfo, Vale Carneiros, etc). Não bastando, irrompeu-se um novo limite na cidade, o seu 4º anel de evolução urbana, tendo este enorme marco, desenhado um enorme eixo viário que passou a envolver toda a vertente Norte, de nascente a poente num semicírculo quase perfeito. A avenida Dr. Júlio Almeida Carrapato e Avenida Calouste Gulbenkian, nomes pela qual hoje designam-se, vieram a cortar definitivamente as relações da cidade com o campo¹⁷³.

Este crescimento desenfreado não só excluiu a contemplação de novos espaços verdes na traça urbana como também motivou a paulatina ocupação e impermeabilização dos espaços de logradouro. Simultaneamente a cidade ganhava e perdia qualidades, revelando uma certa má gestão dos recursos edáficos e que hoje prefigura-se como um dos maiores desafios do concelho.

Como tal, esta maré de progressos e retrocessos que a cidade vivia, teve imensa repercussão na vida do arquitecto. Ao todo Costa, só nesta década, concebeu 61 projectos, dos quais 55 foram construídos. Aqui, mais uma vez a habitação multifamiliar liderou a lista - foram 51 em comparação aos 7 da habitação unifamiliar e 3 de Serviços e Comércio. Pela primeira vez, ao contrário das décadas anteriores, não houve quaisquer equipamentos na sua lista de projectos construídos para esta cidade. Contudo, importa destacar que a sua arquitectura nesta década atingiu um novo patamar: uma verticalização sem precedentes. No total foram 3 edifícios acima dos 9 pisos e 42 edifícios entre os 4 e 9 pisos.

¹⁷⁰ Conclusões extraídas de INE. (Março de 1981). *XII Recenseamento Geral da População*. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: goo.gl/ZWrvKU

¹⁷¹ Câmara Municipal de Faro. (1996). *Plano Estratégico de Faro*. (A. Salsinha, Ed.) Faro: Omeleta Publicidade Lda. p.35

¹⁷² *Idem, ibidem*, p.35

¹⁷³ Na verdade trata-se do mesmo prolongamento viário, interrompida apenas pela rotunda da Penha



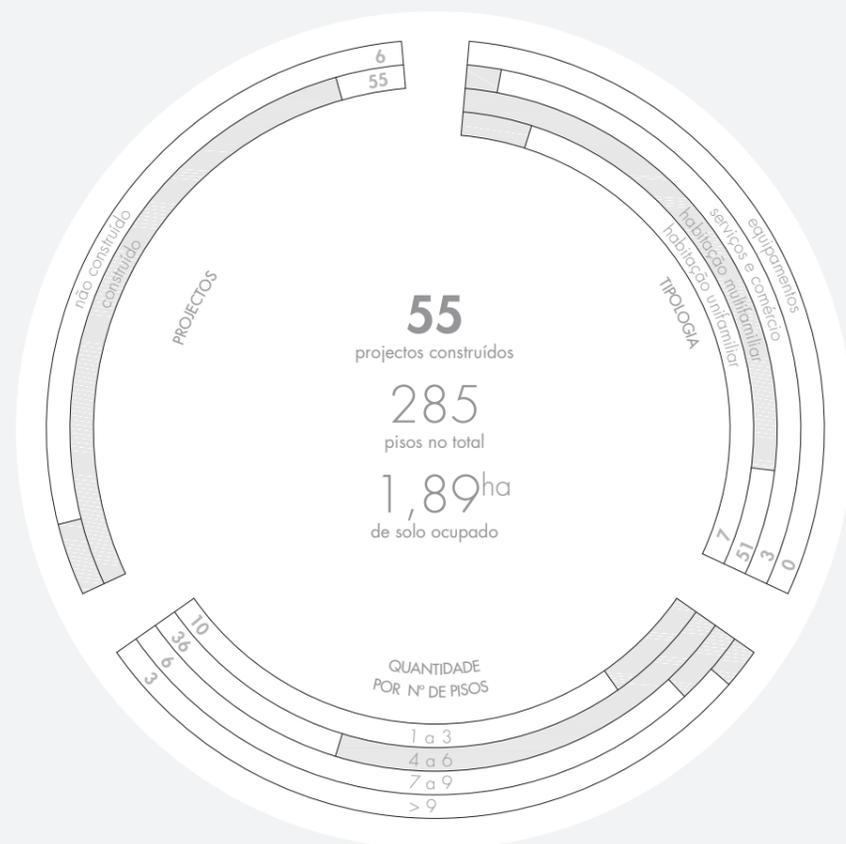
1970 - 1980

fig. 58 Conjunto da obra de Manuel Gomes da Costa em Faro na década de 1970.
 fonte: Autor (2017)

- Recursos**
- Câmara Municipal de Faro**
- Cartografia Vetorial 1997-2017 CMF-SIG
 - Processos de Obras Particulares
 - Divisão de Sistemas de Informação e Comunicações do Município de Faro. (2017). Mapas de Faro. (Sistemas de Informação, Lda) Obtido em Maio de 2017, de <http://mapas.cm-faro.pt>

- Centro de Informação Geoespacial do Exército**
- Fotografia nº 7098 do Voo 17 de 1972 da Força Aérea Portuguesa à escala 1:25000
 - Fotografia nº 6276 do Voo 22 de 1976 da Força Aérea Portuguesa à escala 1:25000

- Google Earth**
- 4216 imagens combinadas com base nos vértices do polígono em 37.0447562, -7.9543215 e 37.0077448, -7.9122162. Data de captação: Março de 2017



graf. 04 Legado de MGC em Faro na década de 1970
 fonte: Autor (2017)

NÚMERO	DESCRIÇÃO	FIGURA
059	ANO 1970	
	CATEGORIA Habitação Multifamiliar + Comércio	
	COMPOSIÇÃO Edifício de 4 pisos	
	LOCALIZAÇÃO Rua do Alportel nº 88	
	COORDENADAS 37.020594, -7.933265	
	CLIENTE Sr. Afonso Marins Bernardo e Sr. José dos Santos Bernardo	
NOTAS Livraria Simões		
060	ANO 1970	
	CATEGORIA Habitação Multifamiliar	
	COMPOSIÇÃO Edifício de 4 pisos	
	LOCALIZAÇÃO Rua Dr. José de Matos nº14	
	COORDENADAS 37.015553, -7.924724	
	CLIENTE Francisco de Sousa Correia	
NOTAS —		
061	ANO 1970	
	CATEGORIA Habitação Multifamiliar + Comércio	
	COMPOSIÇÃO Edifício de 4 pisos	
	LOCALIZAÇÃO Rua General Teófilo da Trindade nº 46	
	COORDENADAS 37.020211, -7.931362	
	CLIENTE Manuel Pires Mendonça	
NOTAS Difícil de reconhecer por haver demasiadas marquises		
062	ANO 1970	
	CATEGORIA Habitação Multifamiliar	
	COMPOSIÇÃO Edifício de 8 pisos	
	LOCALIZAÇÃO Rua Capitão José Vieira Branco nº 16	
	COORDENADAS 37.022641, -7.924482	
	CLIENTE Construções Urbalgar Lda. Sr. Luiz das Dores	
NOTAS —		

NÚMERO

DESCRIÇÃO

FIGURA

063

ANO	1970
CATEGORIA	Habituação Multifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 5 Pisos
LOCALIZAÇÃO	Rua Dr. Coelho de Carvalho nº1 c/ Rua Reitor Teixeira Guedes
COORDENADAS	37.018087, -7.928367
CLIENTE	Sr. Veríssimo Gonçalves Júnior
NOTAS	—

**064**

ANO	1970
CATEGORIA	Habituação Multifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 3 Pisos
LOCALIZAÇÃO	Rua Castilho nº 4 c/ Rua Manuel Belmarço nº 28 c/ Travessa Castilho
COORDENADAS	37.015420, -7.933115
CLIENTE	Apolónia Correia, José dos Santos Bernardo e Afonso Martins Bernardo
NOTAS	—

**065**

ANO	1970
CATEGORIA	Habituação Multifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 4 pisos
LOCALIZAÇÃO	Rua Dr. João Lúcio nº 19 c/ Rua Dom João de Castro
COORDENADAS	37.017367, -7.930832
CLIENTE	Sr. Américo Guerreiro de Sousa
NOTAS	—

**066**

ANO	1971
CATEGORIA	Habituação Multifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	2 Edifícios de 4 pisos
LOCALIZAÇÃO	Rua do Alportel nº 85 e 87
COORDENADAS	37.021356, -7.933206
CLIENTE	Sr.ª D.ª Maria Isaura Mateus Ribeiro e Sr. Francisco Mateus Ribeiro
NOTAS	—



NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****067**

ANO **1971**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Cândido Guerreiro nº39 c/
Rua Reitor Teixeira Guedes
COORDENADAS 37.018327, -7.927709
CLIENTE Construções Urbalgar Lda.
Sr. Luiz das Dores
NOTAS —

**068**

ANO **1971**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 5 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua João de Deus nº 22 c/
Mouzinho de Albuquerque nº 5-7
COORDENADAS 37.018522, -7.930017
CLIENTE Francisco Fonseca
NOTAS —

**069**

ANO **1971**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Jornal O Algarve nº 76 e 74
COORDENADAS 37.028808, -7.925385
CLIENTE Sr. José dos Santos Silva
NOTAS Rua Projetada ao Monte Estanqueiro

**070**

ANO **1971**
CATEGORIA **Serviços + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 5 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Rebelo da Silva nº 3
COORDENADAS 37.015776, -7.933341
CLIENTE Eng. José Apolónia Correia
Sr. José dos Santos Bernardo
NOTAS —



NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****071**

ANO **1971**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 7 Pisos**
LOCALIZAÇÃO Praceta Projectada à
Rua Miguel Bombarda
COORDENADAS 37.021872, -7.940727
CLIENTE n/d
NOTAS —

**072**

ANO **1971**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 Pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Gonçalo Barreto nº 1A
COORDENADAS 37.019920, -7.932494
CLIENTE Sr. Manuel Pires Mendonça
NOTAS —

**073**

ANO **1972**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 6 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Baptista Lopes nº 36 c/
Largo do Sol Posto
COORDENADAS 37.017977, -7.933250
CLIENTE n/d
NOTAS —

**074**

ANO **1972**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 8 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Capitão José Vieira Branco
nº 18
COORDENADAS 37.022528, -7.924448
CLIENTE Construções Urbalgar Lda.
Sr. Duarte M.
NOTAS —



NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****075**

ANO **1972**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 8 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Ataíde de Olivera
COORDENADAS 37.020605, -7.927058
CLIENTE Sr. Custódio Viegas Charneca e Sr. João Rodrigues de Sousa
NOTAS —

**076**

ANO **1972**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 3 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Eça de Queirós n° 12
COORDENADAS 37.018626, -7.926223
CLIENTE Sr. Manuel Pires Mendonça
NOTAS —

**077**

ANO **1972**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 3 pisos**
LOCALIZAÇÃO Travessa Castilho n° 12-14
COORDENADAS 37.015204, -7.932611
CLIENTE Eng. José Apolónia Correia
NOTAS —

**078**

ANO **1972**
CATEGORIA **Habitação Unifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Moradia de 1 Piso**
LOCALIZAÇÃO Santa Bárbara de Nexe
COORDENADAS n/d
CLIENTE n/d
NOTAS —



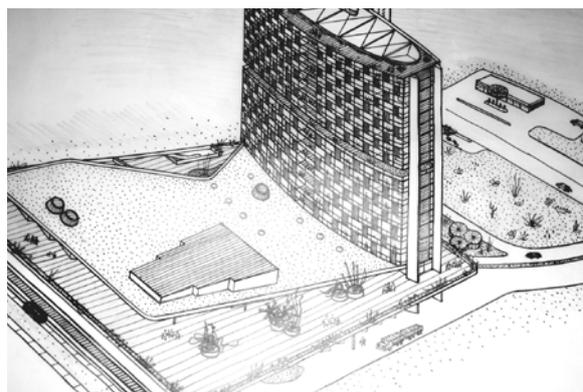
NÚMERO

DESCRIÇÃO

FIGURA

079

ANO **1972**
 CATEGORIA **Habituação Multifamiliar + Comércio**
 COMPOSIÇÃO **n/d**
 LOCALIZAÇÃO EN 125 km 102
 COORDENADAS n/d
 CLIENTE Companhia da Bolacha Nacional
 NOTAS —



080

ANO **1972**
 CATEGORIA **Habituação Multifamiliar + Comércio**
 COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 Pisos**
 LOCALIZAÇÃO Av. Dr. Júlio Almeida Carrapato c/
 Estrada São Luís nº 70
 COORDENADAS 37.023282, -7.925646
 CLIENTE Sr. João Rodrigues de Sousa
 NOTAS Antiga Avenida Olivença



081

ANO **1972 - 1976**
 CATEGORIA **Habituação Multifamiliar + Comércio**
 COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
 LOCALIZAÇÃO Rua do Alportel nº 99A
 COORDENADAS 37.021482, -7.933189
 CLIENTE n/d
 NOTAS —



082

ANO **1972 - 1976**
 CATEGORIA **Habituação Multifamiliar**
 COMPOSIÇÃO **Edifício de 8 pisos**
 LOCALIZAÇÃO Rua Capitão José Vieira Branco nº17
 c/ Rua Dorília Carmona
 COORDENADAS 37.022917, -7.924357
 CLIENTE Construções Urbalgar Lda.
 NOTAS —



NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****083**

ANO **1972 - 1976**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Frei Lourenço Santa Maria n°
10 - 14
COORDENADAS 37.021916, -7.934141
CLIENTE n/d
NOTAS —

**084**

ANO **1972 - 1976**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua do Bocage n° 30 - 32 c/
Rua Caçadores Quatro n° 45 - 51
COORDENADAS 37.014223, -7.931707
CLIENTE Sr. Dr. Brito da Mana
NOTAS —

**085**

ANO **1972 - 1976**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
LOCALIZAÇÃO Av. Dr. Júlio Almeida Carrapato c/
Rua Nova de São Luís n° 43
COORDENADAS 37.022956, -7.925367
CLIENTE Construções Urbalgar Lda.
Sr. Fonseca
NOTAS —

**086**

ANO **1972 - 1976**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 5 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua do Bocage n° 55 c/
Praça Alexandre Herculano
COORDENADAS 37.014647, -7.931444
CLIENTE Sr. Eng. Marreiros Leite
NOTAS —



NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****087**

ANO **1973**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 12 Pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Frei Lourenço Santa Maria n° 2
c/ Rua Aboim Ascensão n° 95
COORDENADAS 37.021409, -7.934152
CLIENTE Correia, Pires e Guerreiro Lda.
NOTAS Sede da Pires & Brito Lda.

**088**

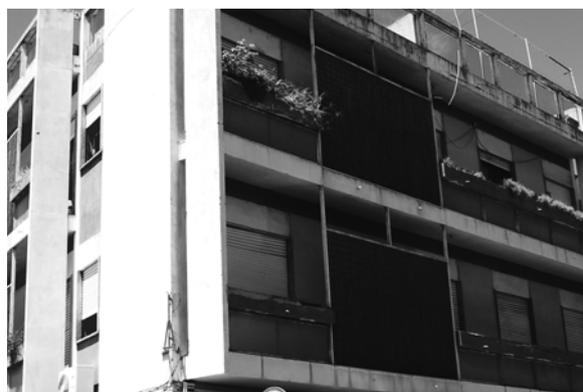
ANO **1973**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **2 Edifícios de 4 Pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Mouzinho de Albuquerque c/
Rua Almeida Garrett n° 30
COORDENADAS 37.018226, -7.930428
CLIENTE Construções Urbalgar Lda.
Sr. Hilário André
NOTAS —

**089**

ANO **1973**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
LOCALIZAÇÃO Praceta do Colégio Militar n° 18-20
COORDENADAS 37.022333, -7.923966
CLIENTE Construções Urbalgar Lda.
Sr. Fonseca
NOTAS —

**090**

ANO **1973**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua do Alportel n° 1
COORDENADAS 37.018165, -7.933793
CLIENTE Sr. João Rodrigues de Sousa,
Américo Guerreiro de Sousa
NOTAS —



NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****091**

ANO **1973**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua D. João de Castro c/
Rua Dr. João Lúcio nº 13
COORDENADAS 37.017156, -7.930824
CLIENTE Sr. Manuel Pires Mendonça
NOTAS —

**092**

ANO **1973**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Gago Coutinho nº 4 c/
Estrada Senhora da Saúde nº 28
COORDENADAS 37.022672, -7.938724
CLIENTE Construções Urbalgar Lda.
NOTAS —

**093**

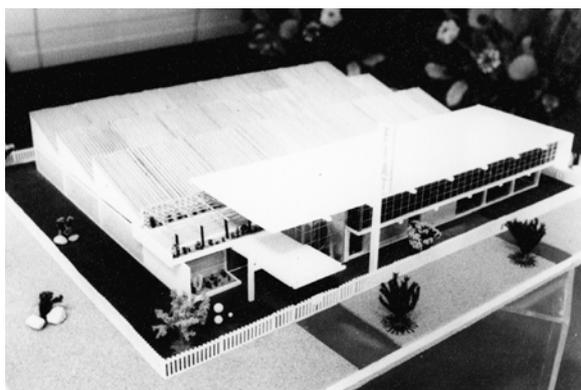
ANO **1973**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 3 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Dr. Coelho de Carvalho nº 2
c/ Rua Reitor Teixeira Guedes
COORDENADAS 37.018030, -7.928148
CLIENTE Corluz Lda.
NOTAS —

**094**

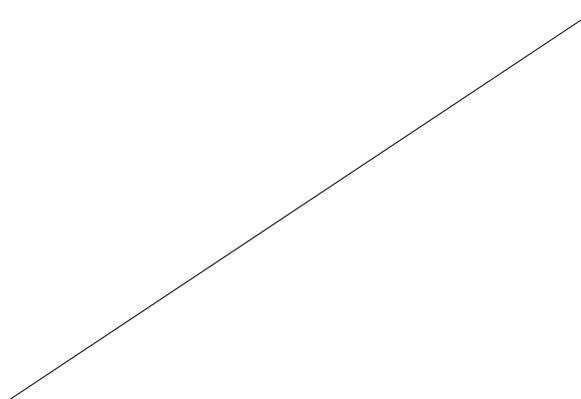
ANO **1973**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 pisos**
LOCALIZAÇÃO Sítio do Patacão
COORDENADAS n/d
CLIENTE Sr. Artur Brazuca
NOTAS —

NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****095**

ANO **1973**
CATEGORIA **Serviços + Comércio**
COMPOSIÇÃO **n/d**
LOCALIZAÇÃO n/d
COORDENADAS n/d
CLIENTE Sr. Albertino F. Bota
NOTAS Instalações FIAT

**096**

ANO **1973**
CATEGORIA **n/d**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 Pisos**
LOCALIZAÇÃO Sítio Braciais, Patacão
COORDENADAS n/d
CLIENTE Construções Marefa
NOTAS —

**097**

ANO **1973**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 8 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Gago Coutinho N° 28
COORDENADAS 37.023264, -7.937037
CLIENTE Construções Urbalgar Lda.
Sr. André
NOTAS —

**098**

ANO **1973 -1976**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Almeida Garrett n° 12 - 16
c/ Largo das Alcaçarias
COORDENADAS 37.017250, -7.929855
CLIENTE D. Emília Maria da
Encarnação A. Custódio
NOTAS —



NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****099**

ANO **1973 -1976**
CATEGORIA **Habitação Unifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 pisos**
LOCALIZAÇÃO Estrada da Penha nº 123
COORDENADAS 37.027466, -7.924949
CLIENTE n/d
NOTAS Completamente desfigurada

**100**

ANO **1973 -1976**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
LOCALIZAÇÃO Estrada da Senhora da Saúde nº 10
COORDENADAS 37.022074, -7.938420
CLIENTE Viegas & Rosa Lda.
NOTAS —

**101**

ANO **1973 -1976**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Aboim Ascensão nº 56
COORDENADAS 37.021302, -7.936432
CLIENTE n/d
NOTAS —

**102**

ANO **1974**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Gago Coutinho nº 32
COORDENADAS 37.023372, -7.936827
CLIENTE Construções Urbalgar Lda.
Sr.Hilário André
NOTAS —



NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****103**

ANO **1974**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 10 Pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Dr. José de Matos nº 19 - 25
COORDENADAS 37.015979, -7.925883
CLIENTE Sr. Eng. Eugénio
Almeida de Jesus Gago
NOTAS Edifício Eugénio Gago

**104**

ANO **1976**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 5 Pisos**
LOCALIZAÇÃO Estrada da Senhora da Saúde nº 9
COORDENADAS 37.021627, -7.938389
CLIENTE Srs. Franklin Madeira Bento,
Armando de Jesus Madeira
NOTAS —

**105**

ANO **1976**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Castilho nº 10 c/
Travessa Castilho nº 16-18
COORDENADAS 37.015456, -7.932605
CLIENTE Sr. Eng. José Apolónia Correia,
José dos Santos Bernardo
NOTAS —

**106**

ANO **1976**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
LOCALIZAÇÃO Praceta dos Ferroviários, Lote 5 e 6
COORDENADAS 37.021339, -7.940424
CLIENTE Cesário e Cª Lda.
NOTAS —



NÚMERO	DESCRIÇÃO	FIGURA
107	<p>ANO 1976</p> <p>CATEGORIA Habitação Unifamiliar</p> <p>COMPOSIÇÃO Edifício de 2 pisos</p> <p>LOCALIZAÇÃO Estrada Municipal, Braciais, Patação</p> <p>COORDENADAS n/d</p> <p>CLIENTE Sr. Alexandre Baptista</p> <p>NOTAS —</p>	
108	<p>ANO 1977</p> <p>CATEGORIA Serviços + Comércio</p> <p>COMPOSIÇÃO n/d</p> <p>LOCALIZAÇÃO Praia de Faro</p> <p>COORDENADAS n/d</p> <p>CLIENTE n/d</p> <p>NOTAS Não executado</p>	
109	<p>ANO 1977</p> <p>CATEGORIA Habitação Multifamiliar + Comércio</p> <p>COMPOSIÇÃO Edifício de 4 pisos</p> <p>LOCALIZAÇÃO Rua de Portugal nº 16 c/ D. João de Castro nº 2 A</p> <p>COORDENADAS 37.017155, -7.931614</p> <p>CLIENTE Sr. José dos Santos Bernardo</p> <p>NOTAS —</p>	
110	<p>ANO 1977</p> <p>CATEGORIA Habitação Multifamiliar + Comércio</p> <p>COMPOSIÇÃO Edifício de 6 pisos</p> <p>LOCALIZAÇÃO Rua D. Frei João de Faro nº 34 e Praceta Henrique Bernardo Ramos nº 2 - 8</p> <p>COORDENADAS 37.023776, -7.934142</p> <p>CLIENTE Pires & Brito Lda.</p> <p>NOTAS —</p>	

NÚMERO

DESCRIÇÃO

FIGURA

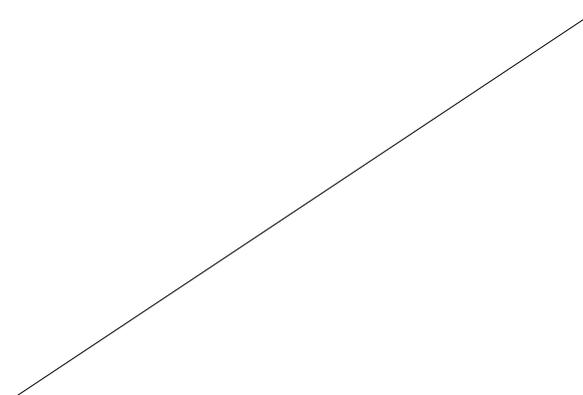
111

ANO **1978**
 CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
 COMPOSIÇÃO **n/d**
 LOCALIZAÇÃO Quinta Comandante Nascimento
 COORDENADAS n/d
 CLIENTE Coobital Lda.
 NOTAS Loteamento Coobital.
 Não executado



112

ANO **1978**
 CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
 COMPOSIÇÃO **Edifício de 16 pisos**
 LOCALIZAÇÃO EN 125 km 102, 900
 COORDENADAS n/d
 CLIENTE Sr. Albertino F. Bota
 NOTAS Não executado



113

ANO **1978**
 CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
 COMPOSIÇÃO **Edifício de 5 pisos**
 LOCALIZAÇÃO Rua Cândido Guerreiro n° 7 c/
 Rua Reitor Teixeira Guedes
 COORDENADAS 37.018257, -7.927849
 CLIENTE Cesário e Cª Lda.
 NOTAS —



114

ANO **1979**
 CATEGORIA **Habitação Unifamiliar**
 COMPOSIÇÃO **Moradia de 2 pisos**
 LOCALIZAÇÃO Rua Almada Negreiros n° 28
 Quinta do Eucalipto, Montenegro
 COORDENADAS 37.027111, -7.970788
 CLIENTE Sr. Manuel Domingos Sequeira
 NOTAS —



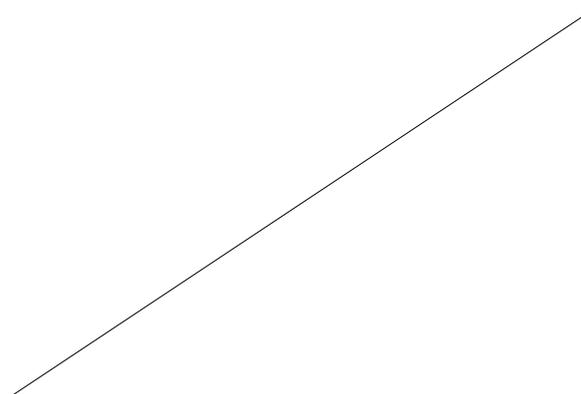
NÚMERO

DESCRIÇÃO

FIGURA

115

ANO	1979
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 16 pisos
LOCALIZAÇÃO	Largo do Mercado e Ruas Mouzinho de Albuquerque e Dr. Justino Cumano
COORDENADAS	n/d
CLIENTE	Companhia Cine-Teatro Farense
NOTAS	Não executado

**116**

ANO	1979
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 16 pisos
LOCALIZAÇÃO	Av. 5 de Outubro c/ Rua Dr. Cândido Guerreiro, Rua R. Teixeira Guedes
COORDENADAS	37.017600, -7.927450
CLIENTE	Construções Silva e Guerreiro Lda.
NOTAS	"Edifício Tridente"

**117**

ANO	DÉCADA DE 1970
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar
COMPOSIÇÃO	5 Edifícios de 4 pisos
LOCALIZAÇÃO	Rua de Berlim nº 81 - 89
COORDENADAS	37.018079, -7.920152
CLIENTE	Associação de Moradores Bons Camaradas
NOTAS	—

**118**

ANO	DÉCADA DE 1970
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 4 pisos
LOCALIZAÇÃO	Rua Rui Barreto nº 19 e Rua do Alto de Rodes nº 20-22
COORDENADAS	37.024704, -7.933962
CLIENTE	Construções Urbalgar Lda. Sr. Luiz das Dores
NOTAS	—



NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****119**ANO **DÉCADA DE 1970**CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**COMPOSIÇÃO **Edifício de 5 Pisos**LOCALIZAÇÃO Rua João de Deus nº 45-49 c/
Mouzinho de Albuquerque

COORDENADAS 37.018455, -7.930027

CLIENTE n/d

NOTAS —



1980 – 1990

1980 – 1990

3.6. Último Equipamento

Nesta década em comparação à anterior, Faro cresceu apenas 12,52%, perfazendo aproximadamente 51 mil habitantes¹⁷⁴. A nível urbano ocorreram algumas mudanças, tendo surgido no antigo campo de tiro um enorme aglomerado de edificação de alto rendimento, e na vertente Nordeste, deu-se a proliferação de novas construções, motivadas pela instalação do campus universitário da Penha nas imediações. A extensão da Avenida Calouste Gulbenkian que até ao findar da década passada permanecia expectante, ficou caracterizada por um modelo urbano diferente do que se verificava nas áreas mais antigas, em que esta se apresentava altamente densificada. Nestes novos quarteirões passaram a dominar as novas habitações multifamiliares, e junto a estas, novos comércios.

A par do abrandamento demográfico, o volume de obras requisitadas ao arquitecto também diminuiu. Em comparação aos 61 projectos da década anterior, foram projectadas apenas 31 edifícios, dos quais 30 foram construídos, representando uma quebra de volume de 30 projectos numa década. À parte desta quebra de produção, este período representou a fase mais “verticalista” da arquitectura de Gomes da Costa na cidade de Faro. 4 edifícios ultrapassaram a marca dos 9 pisos, 13 dos 7 pisos e 8 edifícios dos 4 pisos. Por tipologia, mais uma vez as habitações multifamiliares dominaram: 23 contra 4 de habitação unifamiliar e de 3 serviços e comércios. Por fim, esta década assinala também o último equipamento desenvolvido pelo arquitecto, tratando-se do projecto de um enorme complexo desportivo para o Sporting Clube Farense, adossado ao estádio de São Luís. Até aqui, passados quase 40 anos das primeiras obras levantadas pelo arquitecto, muitas foram alvo de constantes alterações e remodelações, descaracterizando-se quase por completo da sua traça original.

¹⁷⁴ Conclusões extraídas de INE. (Abril de 1991). *XIII Recenseamento Geral da População*. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: goo.gl/6AyTEm



1980 - 1990

fig. 59 Conjunto da obra de Manuel Gomes da Costa em Faro na década de 1980.
 fonte: Autor (2017)

Recursos

Câmara Municipal de Faro

- Cartografia Vetorial 1997-2017 CMF-SIG
- Processos de Obras Particulares
- Divisão de Sistemas de Informação e Comunicações do Município de Faro. (2017). Mapas de Faro. (Sistemas de Informação, Lda) Obtido em Maio de 2017, de <http://mapas.cm-faro.pt>

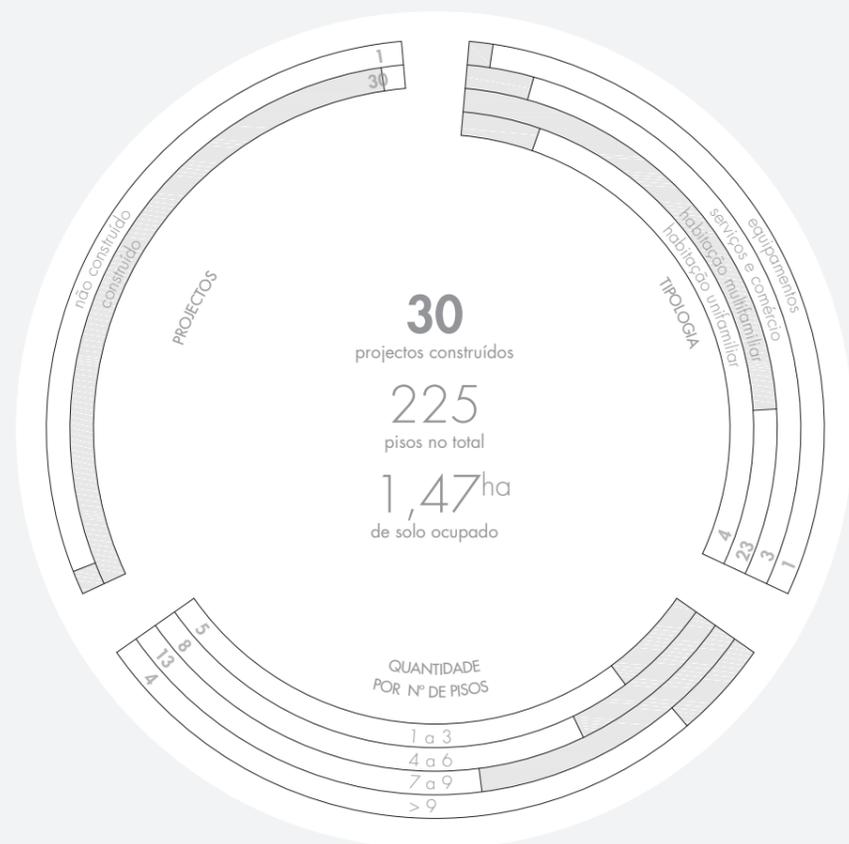
Direção Geral do Território

- Fotografia do Voo 44 de 1989 da Força Aérea Portuguesa à escala 1:10000

Google Earth

- 4216 imagens combinadas com base nos vértices do polígono em 37.0447562, -7.9543215 e 37.0077448, -7.9122162. Data de captação: Março de 2017





graf. 05 Legado de MGC em Faro na década de 1980
fonte: Autor (2017)

NÚMERO	DESCRIÇÃO	FIGURA
120	<p>ANO 1980</p> <p>CATEGORIA Habitação Multifamiliar + Comércio</p> <p>COMPOSIÇÃO Edifício de 8 Pisos</p> <p>LOCALIZAÇÃO Rua Francisco Barreto nº 6</p> <p>COORDENADAS 37.018339, -7.938899</p> <p>CLIENTE Construções Urbalgar Lda. Sr. Luiz António das Dores</p> <p>NOTAS —</p>	
121	<p>ANO 1980</p> <p>CATEGORIA Habitação Multifamiliar + Comércio</p> <p>COMPOSIÇÃO Edifício de 4 pisos</p> <p>LOCALIZAÇÃO Rua de Portugal nº 20 c/ D. João de Castro nº 1</p> <p>COORDENADAS 37.017247, -7.931645</p> <p>CLIENTE Sr. José dos Santos Bernardo</p> <p>NOTAS —</p>	
122	<p>ANO 1980</p> <p>CATEGORIA Serviços + Comércio</p> <p>COMPOSIÇÃO Armanzéns de 1 Piso</p> <p>LOCALIZAÇÃO Rua Diogo Mendonça Corte Real nº 73- 87</p> <p>COORDENADAS 37.023282, -7.933618</p> <p>CLIENTE Pires & Brito Lda.</p> <p>NOTAS Urbanização do Montinho - Alto Rodes</p>	
123	<p>ANO 1980</p> <p>CATEGORIA Habitação Multifamiliar + Comércio</p> <p>COMPOSIÇÃO Edifício de 8 pisos</p> <p>LOCALIZAÇÃO Rua D. Frei João de Faro c/ Praceta Henrique Bernardo Ramos nº 18-24</p> <p>COORDENADAS 37.023868, -7.933534</p> <p>CLIENTE Pires & Brito Lda.</p> <p>NOTAS Urbanização do Montinho - Alto Rodes</p>	

NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****124**

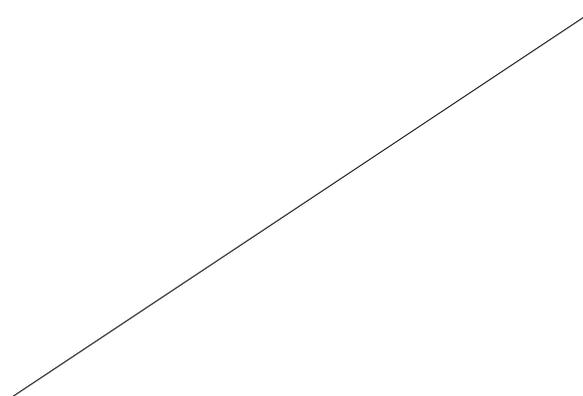
ANO **1980**
CATEGORIA **Habitação Unifamiliar**

COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 pisos**

LOCALIZAÇÃO Estrada do Aeroporto

COORDENADAS n/d
CLIENTE Sr. José dos Santos Bernardo

NOTAS —

**125**

ANO **1980**
CATEGORIA **Habitação Unifamiliar**

COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 pisos**

LOCALIZAÇÃO Rua Almada Negreiros nº 20
Quinta do Eucalipto, Montenegro

COORDENADAS 37.0271 30, -7.970925
CLIENTE Sr. Armando J. Madeira,
Laurinda S. Faísca

NOTAS —

**126**

ANO **1981**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**

COMPOSIÇÃO **Edifício de 5 pisos**

LOCALIZAÇÃO Rua Sebastião Teles nº 7 c/
Rua António Cabreira nº 12

COORDENADAS 37.019827, -7.938993
CLIENTE Viegas & Rosa Lda.

NOTAS —

**127**

ANO **1981**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**

COMPOSIÇÃO **Edifício de 5 Pisos**

LOCALIZAÇÃO Praceta Henrique Bernardo Ramos,
Lote 3 - Urbanização do Montinho

COORDENADAS 37.023603, -7.933094
CLIENTE Sr. Hilário e André Lda.

NOTAS —



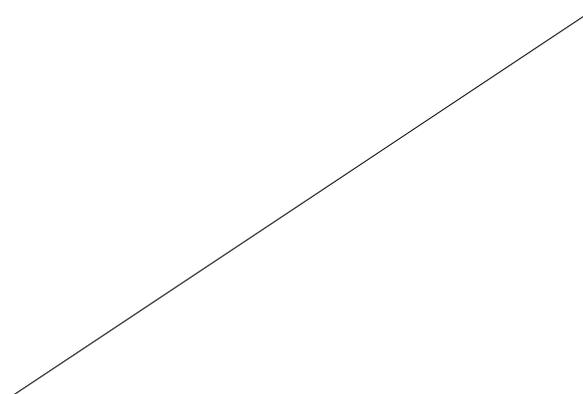
NÚMERO

DESCRIÇÃO

FIGURA

128

ANO	1981
CATEGORIA	Serviços + Comércio
COMPOSIÇÃO	n/d
LOCALIZAÇÃO	Rua Mouzinho de Albuquerque c/ Rua Dr. Justino Cumano
COORDENADAS	n/d
CLIENTE	Companhia Cine-Teatro Farense
NOTAS	Não executado

**129**

ANO	1983
CATEGORIA	Equipamento Desportivo + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 5 pisos
LOCALIZAÇÃO	Praça de Tanger Zona da antiga Carreira de Tiro
COORDENADAS	37.023538, -7.929330
CLIENTE	Sporting Clube Farense
NOTAS	—

**130**

ANO	1984
CATEGORIA	Serviços + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 8 pisos
LOCALIZAÇÃO	Rua Baptista Lopes c/ Largo do Sol Posto
COORDENADAS	37.017931, -7.933018
CLIENTE	J.P. Marum e F.M.G. Pires
NOTAS	—

**131**

ANO	1984
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 7 pisos
LOCALIZAÇÃO	Rua D. Frei João de Faro n° 40 Pcta H. Bernardo Ramos n°10 - 16
COORDENADAS	37.023883, -7.933878
CLIENTE	Pires & Brito Lda.
NOTAS	—



NÚMERO

DESCRIÇÃO

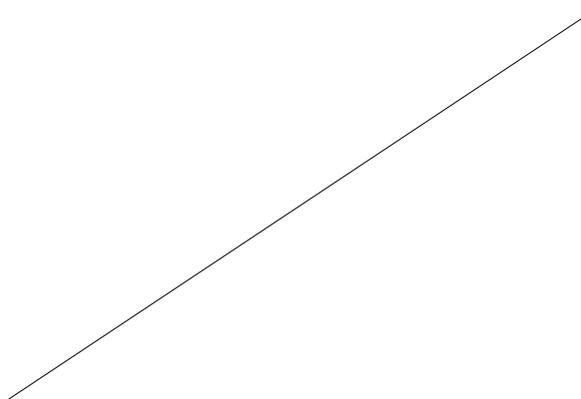
FIGURA

132

ANO	1985
CATEGORIA	Habituação Multifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 9 pisos
LOCALIZAÇÃO	Urbanização do Montinho, Lote 1 -J
COORDENADAS	37.023268, -7.933245
CLIENTE	Pires & Brito Lda.
NOTAS	—

**133**

ANO	1985
CATEGORIA	Habituação Unifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 2 pisos
LOCALIZAÇÃO	Quinta da Conceição Freguesia de Conceição de Faro
COORDENADAS	n/d
CLIENTE	Dr. Joaquim Leal Brito da Mana
NOTAS	Ampliação e Remodelação de Moradia

**134**

ANO	1985
CATEGORIA	Habituação Multifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 13 pisos
LOCALIZAÇÃO	Urbanização do Montinho, Lote H nº 9-17
COORDENADAS	37.023528, -7.933263
CLIENTE	Pires & Brito Lda.
NOTAS	Menção Honrosa da Câmara Municipal de Faro em 1991

**135**

ANO	1987
CATEGORIA	Habituação Multifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 10 Pisos
LOCALIZAÇÃO	Av. 5 de Outubro nº 24 , Rua Alameda nº 5-15 e Rua M. Arriaga nº 17
COORDENADAS	37.016998, -7.928307
CLIENTE	Pires & Brito Lda.
NOTAS	"Quarteirão Branco"



NÚMERO

DESCRIÇÃO

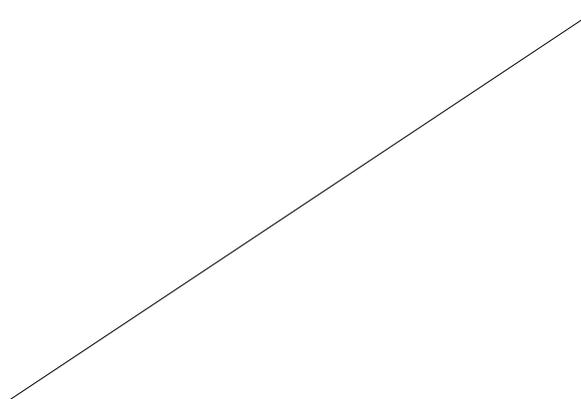
FIGURA

136

ANO	1988
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 8 Pisos
LOCALIZAÇÃO	Lejana de Baixo Lote 1, Av. Calouste Gulbenkian
COORDENADAS	37.026054, -7.935362
CLIENTE	Cesário e C ^o Lda.
NOTAS	—

**137**

ANO	1988
CATEGORIA	Habitação Unifamiliar
COMPOSIÇÃO	Edifício de 1 piso
LOCALIZAÇÃO	Conceição Freguesia de Conceição de Faro
COORDENADAS	n/d
CLIENTE	n/d
NOTAS	Ampliação e Remodelação de Moradia

**138**

ANO	1988
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar
COMPOSIÇÃO	Edifício de 6 pisos
LOCALIZAÇÃO	Avenida Heróis da Pátria c/ Rua de Angola (Lejana de Baixo)
COORDENADAS	37.026768, -7.935436
CLIENTE	Cesário e C ^o Lda.
NOTAS	—

**139**

ANO	1989
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar
COMPOSIÇÃO	Edifício de 8 pisos
LOCALIZAÇÃO	Praceta Dr. António Agostinho Júnior n.º 8
COORDENADAS	37.026035, -7.928769
CLIENTE	Sr. José dos Santos Bernardo Lda.
NOTAS	—



NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****140**

ANO	1989
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar
COMPOSIÇÃO	Edifício de 8 pisos
LOCALIZAÇÃO	Praceta Dr. António Agostinho Júnior n.º 3
COORDENADAS	37.026020, -7.928519
CLIENTE	Viegas & Rosa Lda.
NOTAS	—

**141**

ANO	Década de 1980
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 12 pisos
LOCALIZAÇÃO	Largo do Carmo c/ Largo de São Pedro
COORDENADAS	37.019181, -7.934156
CLIENTE	Sr. J. J. Marques
NOTAS	"O Seu Café"

**142**

ANO	Década de 1980
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 13 pisos
LOCALIZAÇÃO	Rua Guilherme Centazzi n.º 18
COORDENADAS	37.023512, -7.931135
CLIENTE	n/d
NOTAS	Zona do Antigo Campo de Tiro de Faro

**143**

ANO	Década de 1980
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar
COMPOSIÇÃO	Edifício de 4 Pisos
LOCALIZAÇÃO	Rua Dorília Carmona n.º 3 c/ Capitão José Vieira Branco
COORDENADAS	37.022784, -7.924053
CLIENTE	Construções Urbalgar Lda. Sr. António André
NOTAS	—



144

ANO	DÉCADA DE 1980
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar
COMPOSIÇÃO	Edifício de 5 Pisos
LOCALIZAÇÃO	Rua Actor Nascimento Fernandes n° 45-49 c/ Rua D. Jerónimo Osório
COORDENADAS	37.020941, -7.925144
CLIENTE	n/d
NOTAS	—

**145**

ANO	DÉCADA DE 1980
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar
COMPOSIÇÃO	Edifício de 7 pisos
LOCALIZAÇÃO	Praceta Dr. António Agostinho Júnior n° 9 c/ Rua Pintor Artur Costa
COORDENADAS	37.026190, -7.928705
CLIENTE	n/d
NOTAS	—

**146**

ANO	DÉCADA DE 1980
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar
COMPOSIÇÃO	Edifício de 7 pisos
LOCALIZAÇÃO	Praceta Dr. António Agostinho Júnior n° 6
COORDENADAS	37.025877, -7.928830
CLIENTE	n/d
NOTAS	—

**147**

ANO	DÉCADA DE 1980
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar
COMPOSIÇÃO	Edifício de 7 pisos
LOCALIZAÇÃO	Praceta Dr. António Agostinho Júnior n° 4-5
COORDENADAS	37.025847, -7.928616
CLIENTE	n/d
NOTAS	—



NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****148**

ANO **DÉCADA DE 1980**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 5 pisos**
LOCALIZAÇÃO Urbanização do Montinho nº 3 - 7
COORDENADAS 37.023531, -7.933709
CLIENTE n/d
NOTAS —

**149**

ANO **DÉCADA DE 1980**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 7 pisos**
LOCALIZAÇÃO Urbanização do Montinho nº 2
COORDENADAS 37.023878, -7.932959
CLIENTE Manuel Pires Mendonça
NOTAS Difícil de reconhecer devido ao excesso de marquises.

**150**

ANO **DÉCADA DE 1980**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **6 Edifícios de 6 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua de São Luís c/ Praça da Paz c/ Av. República Federal Alemã
COORDENADAS 37.021753, -7.928499
CLIENTE Cooperativa de Habitação CHASFA
NOTAS —



1990 – 2000

1990 – 2000

3.7. Últimos projectos/reforma

A cidade de Faro que até aqui foi alavancada pelas mãos do arquitecto, passou a receber outras arquitecturas que não as suas. A cidade face à década anterior cresceu 14,36% (pouco mais de sete mil habitantes), e a sua população residente que marcava os 50761 em 1991, em 2001 marcava os 58051¹⁷⁵. A arquitectura realizada na cidade estava cada vez mais descaracterizada e despreocupada com o meio envolvente, havendo algumas de gosto bastante duvidoso. Começaram também a surgir novos centros comerciais que entraram em disputa com o comércio local instalado no centro histórico – este cada vez mais desertificado.

É de se constatar também uma brusca quebra na produção na carreira de Gomes da Costa, que estava em evidente abrandamento – apenas 12 projectos elaborados e construídos na década de 90. Mais uma vez, a habitação multifamiliar dominou a ocupação do arquitecto. 11 contra 1 de habitação unifamiliar. Ao contrário das décadas anteriores, não foram projectados nenhuma tipologia de Serviços e Equipamentos. 7 edifícios situavam-se entre os 4 e 6 pisos, enquanto 4, entre os 7 e 9 e por fim, 1 entre o 1 e 3 pisos.

No virar do milénio, em 2003, Manuel Gomes da Costa, após cinquenta anos de intensa actividade, dava por encerrada a sua carreira na cidade com apenas três projectos construídos, sendo destes três, 2 de habitação multifamiliar e 1 de reintegração de uma moradia a um armazém. Este encerrar de um ciclo seria marcado por projectos de peso e porte: 1 com mais de 7 pisos e 1 com mais de 4. Faro, por sua vez, em 30 anos apresentava um abrandamento no crescimento populacional. Em comparação aos 14,36% da década anterior, em 2011 registou-se apenas 11,21%¹⁷⁶. A cidade não crescia o esperado, como perdia um dos seus principais impulsionadores. Estava decretada o fim da era Gomesdacostiana.

¹⁷⁵ Conclusões extraídas de INE. (Março de 2001). *XIV Recenseamento Geral da População*. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: goo.gl/hXaAqn

¹⁷⁶ Conclusões extraídas de INE. (Março de 2011). *XV Recenseamento Geral da População*. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: goo.gl/TBBYQy



1990 - 2000

fig. 60 Conjunto da obra de Manuel Gomes da Costa em Faro na última década em exercício de laboral. fonte: Autor (2017)

Recursos

Câmara Municipal de Faro

- Cartografia Vetorial 1997-2017 CMF-SIG
- Processos de Obras Particulares
- Divisão de Sistemas de Informação e Comunicações do Município de Faro. (2017). Mapas de Faro. (Sistemas de Informação, Lda) Obtido em Maio de 2017, de <http://mapas.cm-faro.pt>

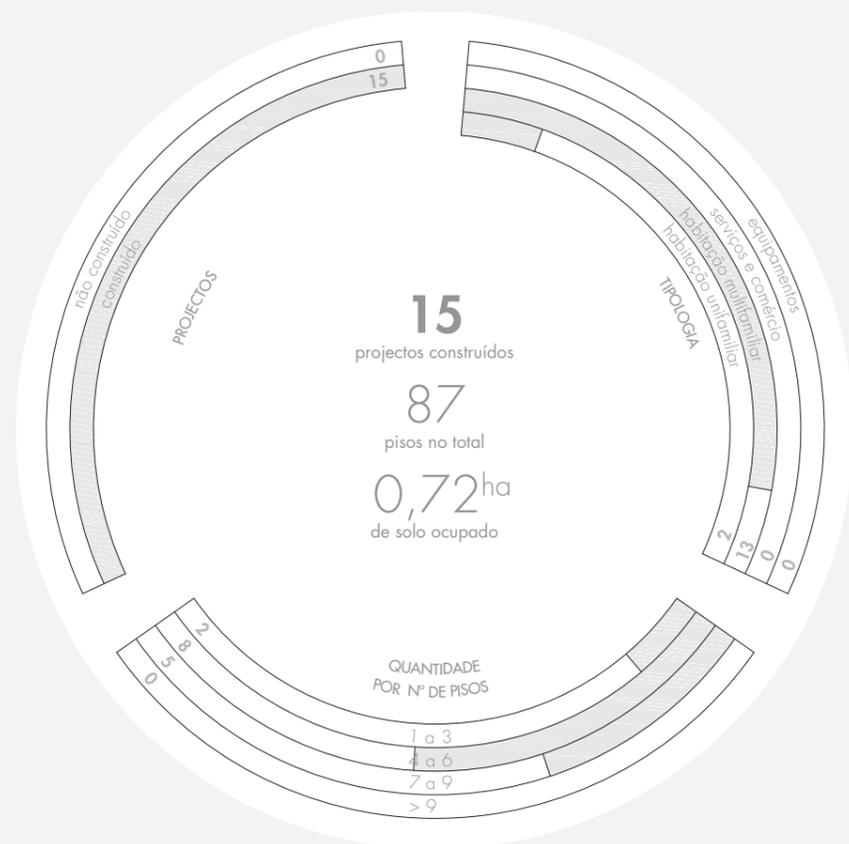
Direção Geral do Território

- Ortoimagem do ano de 1995

Google Earth

- 4216 imagens combinadas com base nos vértices do polígono em 37.0447562, -7.9543215 e 37.0077448, -7.9122162. Data de captação: Março de 2017





graf. 06 Legado de MGC em Faro na década de 1990
fonte: Autor (2017)

NÚMERO	DESCRIÇÃO	FIGURA
151	<p>ANO 1991</p> <p>CATEGORIA Habitação Multifamiliar</p> <p>COMPOSIÇÃO Edifício de 9 Pisos</p> <p>LOCALIZAÇÃO Avenida Heróis da Pátria, Lote R</p> <p>COORDENADAS 37.027474, -7.935933</p> <p>CLIENTE Construções Urbalgar, Lda.</p> <p>NOTAS —</p>	
152	<p>ANO 1992</p> <p>CATEGORIA Habitação Multifamiliar + Comércio</p> <p>COMPOSIÇÃO Edifício de 6 Pisos</p> <p>LOCALIZAÇÃO Rua Dr. José Filipe Álvares e Jornal O Algarve nº 62</p> <p>COORDENADAS 37.027763, -7.925540</p> <p>CLIENTE Sr. José dos Santos Bernardo Lda.</p> <p>NOTAS —</p>	
153	<p>ANO 1992</p> <p>CATEGORIA Habitação Multifamiliar + Comércio</p> <p>COMPOSIÇÃO Edifício de 5 pisos</p> <p>LOCALIZAÇÃO Rua Aboim Ascensão nº 13A</p> <p>COORDENADAS 37.021347, -7.938565</p> <p>CLIENTE Pires & Brito Lda.</p> <p>NOTAS —</p>	
154	<p>ANO 1993</p> <p>CATEGORIA Habitação Multifamiliar + Comércio</p> <p>COMPOSIÇÃO Edifício de 5 pisos</p> <p>LOCALIZAÇÃO Rua Conselheiro Sebastião Teles nº 27</p> <p>COORDENADAS 37.020337, -7.939525</p> <p>CLIENTE Pires & Brito Lda.</p> <p>NOTAS —</p>	

NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****155**

ANO **1993**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 4 pisos**
LOCALIZAÇÃO Estrada da Senhora da Saúde nº 84
COORDENADAS 37.027824, -7.939764
CLIENTE D. Celeste de Jesus Costa
NOTAS —

**156**

ANO **1995**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 5 pisos**
LOCALIZAÇÃO Rua Manuel Ascensão, Lotes 2 e 3 nº 42 - 50
COORDENADAS 37.022858, -7.936790
CLIENTE Pires & Brito Lda.
NOTAS —

**157**

ANO **1996**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 6 pisos**
LOCALIZAÇÃO Gaveto das Ruas Dr. Justino Cumano c/ João de Deus nº 28
COORDENADAS 37.018903, -7.930360
CLIENTE Pires & Brito Lda.
NOTAS —

**158**

ANO **1996**
CATEGORIA **Habitação Unifamiliar**
COMPOSIÇÃO **Edifício de 2 pisos**
LOCALIZAÇÃO Sítio da Senhora da Saúde
COORDENADAS n/d
CLIENTE Sr. Manuel Raposo Coelho
NOTAS —

159

ANO	1996
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 8 Pisos
LOCALIZAÇÃO	Largo Dr. Francisco Sá Carneiro n°47 c/ Rua Ataíde de Oliveira n° 109
COORDENADAS	37.020962, -7.927399
CLIENTE	Pires & Brito Lda.
NOTAS	Empreendimento "Bicéfalo" Edifício Ágora

**160**

ANO	1998
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 6 Pisos
LOCALIZAÇÃO	Rua Frederico Lecor, lote 1, n° 53
COORDENADAS	37.023529, -7.935698
CLIENTE	Pires & Brito Lda.
NOTAS	—

**161**

ANO	DÉCADA DE 1990
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 8 pisos
LOCALIZAÇÃO	Rua Pintor Artur Costa n°41-32 c/ Praceta Melvin Jones n°2
COORDENADAS	37.026349, -7.929200
CLIENTE	n/d
NOTAS	—

**162**

ANO	DÉCADA DE 1990
CATEGORIA	Habitação Multifamiliar + Comércio
COMPOSIÇÃO	Edifício de 8 pisos
LOCALIZAÇÃO	Praceta Melvin Jones n°1
COORDENADAS	37.026061, -7.929379
CLIENTE	n/d
NOTAS	—



NÚMERO**DESCRIÇÃO****FIGURA****163**

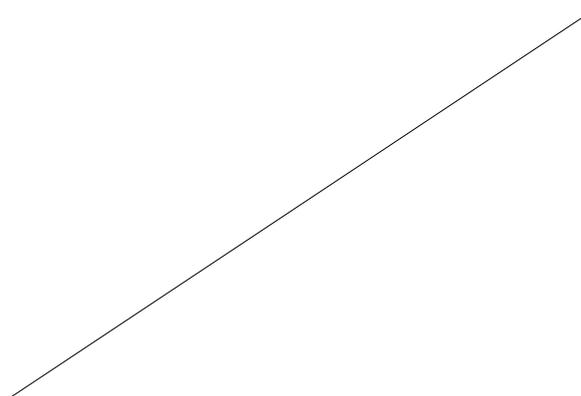
ANO **2001**
CATEGORIA **Habitação Unifamiliar**

COMPOSIÇÃO **n/d**

LOCALIZAÇÃO Sítio do Besouro

COORDENADAS n/d
CLIENTE Sr. Dr. Joaquim Leal Brito da Mana

NOTAS Projecto de Reintegração de Moradia e Armazém

**164**

ANO **2001**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**

COMPOSIÇÃO **Edifício de 6 pisos**

LOCALIZAÇÃO Rua Frederico Lecor, Lote 4, nº 51

COORDENADAS 37.023339, -7.935627
CLIENTE Pires & Brito Lda.

NOTAS —

**165**

ANO **2002**
CATEGORIA **Habitação Multifamiliar + Comércio**

COMPOSIÇÃO **Edifício de 9 pisos**

LOCALIZAÇÃO Av. Calouste Gulbenkian
c/ Estrada da Senhora da Saúde
c/ Emissor Regional do Sul

COORDENADAS 37.025264, -7.939561
CLIENTE Pires & Brito Lda.

NOTAS Edifício D. Afonso I



1940 – 2017
Síntese

1940 – 2017

3.8. Síntese

Apesar deste estudo, numa primeira instância, deitar por terra a hipótese dos “300 projectos só em Faro” - valor este citado por Vargas e por outros investigadores como Bañón e Lousame - instiga-se para que se continuem os trabalhos de investigação quantitativa e qualitativa do arquitecto, nesta e noutras localidades algarvias. Assim, respondendo à primeira das duas principais questões de investigação, ao todo, **o contributo de Manuel Gomes da Costa para a cidade de Faro foi de 155 edifícios**, de um total de 165 projectos, dos quais apenas 10 não foram construídos. Se desdobrarmos o número de edifícios contidos dentro de um mesmo processo de obra, este valor poderá duplicar e por fim igualar ou superar a hipótese colocada pelos diferentes autores, porém, como um projecto só o é considerado pela soma total das partes que o integra e não pelas partes isoladas, seria um erro contabilizar o número de edifícios pelas diferentes partes que o compõem, já que poderá haver dentro do mesmo projecto, dois ou mais edifícios, tal como o caso do projecto do Colégio de Nossa Senhora do Alto (nº16, 1960-1965) que é composto por um edifício com salas de aulas e por um ginásio destinado às actividades físicas. Assim, por não existir prova ao contrário, a hipótese dos 300 ou mais edifícios construídos somente em Faro está errada.

Destes 165 projectos, dos quais 10 não foram construídos, podemos extrair inúmeros resultados que nos ajudarão a compreender a sua obra a nível quantitativo. O primeiro dado que salta à vista é a tipologia dominante, onde a habitação multifamiliar ultrapassa com grande folga as restantes tipologias, contando ao todo com 124 projectos face aos 21 de habitação unifamiliar, 11 de serviços e comércio e 9 equipamentos. Se nos aprofundarmos nos números, os resultados tornam-se ainda mais surpreendentes, vejamos:

A década em que Gomes da Costa mais trabalhos desenvolveu foi a de 1970 com 61 projectos, dos quais 6 não foram construídos. Em seguida a década de 1960 com 45 projectos, 1980 com 31, 1950 com 13 e por fim 1990 com 15 projectos, dos quais 3 são do início da década seguinte. Nesta última década contam-se poucos projectos pelo facto do arquitecto ter cessado actividade ainda nos primeiros três anos do novo milénio, caso contrário, o legado provavelmente teria sido ainda maior.

Outro parâmetro que se pôde averiguar e extrair um resultado expressivo foi a quantidade de projectos por número de pisos, revelando que Gomes da Costa foi um arquitecto que teve mais contacto com a verticalidade do que com a horizontalidade propriamente, facto este apontado pelos 67 projectos com 4 a 6 pisos, 28 com 7 a 9 pisos e 7 acima dos 9 face aos 53 projectos com número de pisos entre 1 e 3. Entre todos, dois dos edifícios que mais se destacaram pela verticalidade e presença no panorama urbano foram o nº 87 (Pires & Brito) com 12 pisos e o nº 116 (Tridente) com 16. A partir daqui, se somarmos o número de pisos erguidos em cada década, a que mais se destaca é a de 1970-1980 com o total de 285, enquanto que o intervalo da década seguinte contam-se 225, ao passo que entre 1960 e 1970 o valor decresce para os 150 pisos e, por fim, as décadas de 1990 e 1950 apenas com 87 e 26 pisos respectivamente. Deste avultado legado, foram erguidos ao todo 773 pisos!

Por fim, extrapolando os valores, por total de área construída ao nível térreo, ou seja, por ocupação de solo, a década entre 1960 e 1970 é a que ocupa uma maior faixa, somando aproximadamente 22500m²; em seguida está a década de 1970 com 18905m²; 1980 com aproximadamente 14700m², 1990 com 7232m² e, por último, a década entre 1950 e 1960 com 5754m² de área em lote urbano. A soma destes valores resultam em 69045,43m² de área construída a nível térreo, o que equivale a quase 7 hectares.



1940 - 2017 Síntese

fig. 61 Conjunto da obra de Manuel Gomes da Costa em Faro em actualidade.
 fonte: Autor (2017)

Recursos

Câmara Municipal de Faro

- Cartografia Vetorial 1997-2017 CMF-SIG
- Processos de Obras Particulares
- Divisão de Sistemas de Informação e Comunicações do Município de Faro. (2017). Mapas de Faro. (Sistemas de Informação, Lda) Obtido em Maio de 2017, de <http://mapas.cm-faro.pt>

Direcção Geral do Território

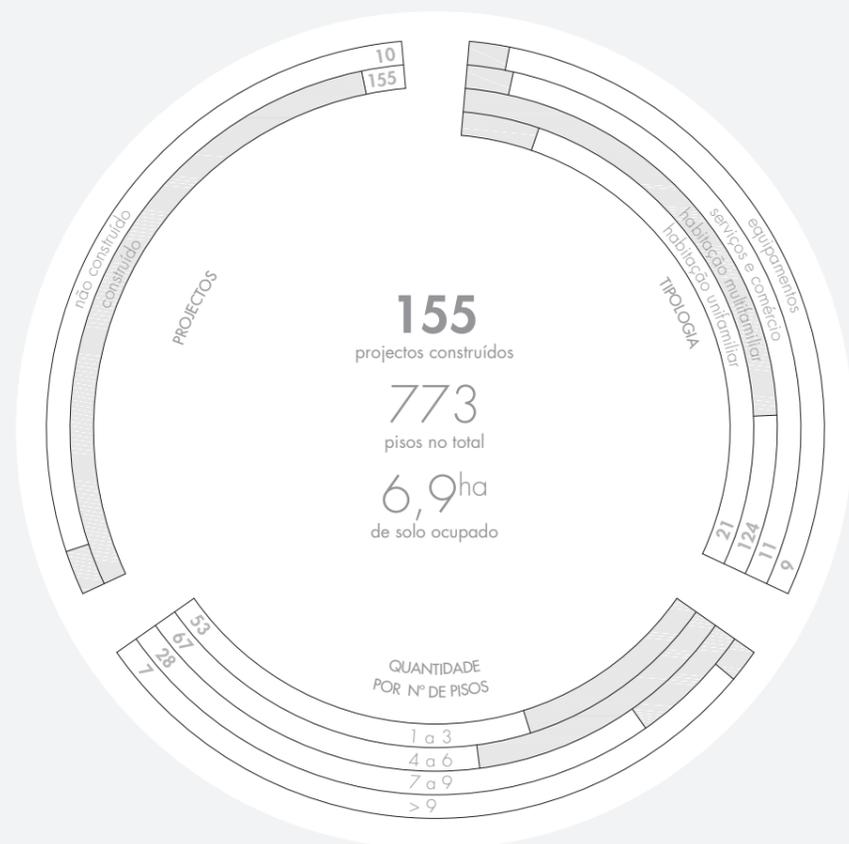
- Ortoimagem do ano de 1995

Google Earth

- 4216 imagens combinadas com base nos vértices do polígono em 37.0447562, -7.9543215 e 37.0077448, -7.9122162. Data de captação: Março de 2017.



0 50 100 200 500m



graf. 07 Legado de MGC em Faro entre 1940 e 2017
fonte: Autor (2017)

Década	nº Projectos			Edifícios por tipologia				Edifícios por nº de pisos				Total nº de pisos	Ocupação do Solo		
	C	NC	Total	HU	HM	SC	E	1 a 3	4 a 6	7 a 9	> 9		m²	hectare	
1940/1950	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/
1950/1960	12	1	13	4	4	3	2	11	1	0	0	26	5754,25	0,58	
1960/1970	43	2	45	4	33	2	6	25	14	4	0	150	22459	2,25	
1970/1980	55	6	61	7	51	3	0	10	36	6	3	285	18905	1,89	
1980/1990	30	1	31	4	23	3	1	5	8	13	4	225	14694	1,47	
1990/2000	15	0	15	2	13	0	0	2	8	5	0	87	7233	0,72	
1940 - 2017 Síntese	155	10	165	21	124	11	9	53	67	28	7	773	69045	6,9	

Edifícios por tipologia contabilizam-se os construídos e não construídos

Edifícios por nº de pisos; Total nº de pisos; Ocupação do solo contabilizam-se apenas os construídos

/ nenhum
C Construído
NC Não Construído
HU Habitação Unifamiliar
HM Habitação Multifamiliar
SC Serviços e Comércio
E Equipamento

tab. 02 Tabela quantitativa do legado de Manuel Gomes da Costa em Faro
fonte: Autor (2017)

Ano	nº Habitantes	nº Médio de Habitantes	Diferença	%
1940	31747			
		32748	2002	6,3
1950	33749			
		34700	1902	5,63
1960	35651			
		33312	-4678	-13,12
1970	30973			
		38041	14136	45,63
1981	45109			
		47938	5652	12,52
1991	50761			
		54406	7290	14,36
2001	58051			
		61306	6509	11,21
2011	64560			
1940-2011 síntese	—	—	32813	103,35

tab. 03 População residente em Faro entre 1940 e 2011
fonte: Autor (2017) adaptado do VIII ao XV Recenseamento Geral da População INE, Gabinete de Estudos Demográficos

CAPÍTULO IV

Estudo de Casos



← **fig. 62 Separador C4** Fachada principal do Edifício Silva-Pinheiro. fonte: Autor (2017)

04. CASOS DE ESTUDO

4.1. Critérios Selecção e de Análise

Concluídas três das quatro fases da investigação, onde pudemos desvendar os aspectos da vida, do pensamento e do legado do arquitecto, o presente capítulo, o último desta investigação, irá desvendar de que forma é que a linguagem da arquitectura de Gomes da Costa reflectia na funcionalidade do edifício e de que forma é que as necessidades específicas de cada Caso determinavam o uso das mais distintas soluções técnicas, que contribuíram para o aspecto iconográfico da sua obra, tornando-a fortemente pessoal e característica como já tivemos oportunidade de verificar até aqui. Com as ilações resultantes deste e dos capítulos anteriores, poderemos por fim, descodificar¹⁷⁷ os pontos-chave da sua arquitectura na Conclusão deste IV capítulo.

Tendo já a investigação conquistado um conhecimento acumulado do conjunto da obra, suficientes para estabelecer critérios e diferentes níveis de prioridades, foram listados aqueles projectos que, de alguma forma participaram e que ainda hoje participam do desempenho urbano e que passadas décadas, ficaram popularmente conhecidos como ícones da cidade, tanto pela linguagem, quanto pela localização nos principais eixos nobres da cidade que, somados, tornaram-se referências entre os cidadãos na orientação das suas necessidades quotidianas.

Com base nas conclusões do capítulo anterior, conseguiu-se estabelecer uma série de critérios de selecção dos Casos de Estudo, dos quais os projectos de Habitação Multifamiliar destacaram-se com enorme notoriedade no vasto leque de trabalhos desenvolvidos pelo arquitecto, sendo desde já, este o principal critério de escolha. Sabendo à partida que, as restantes tipologias tais como Equipamentos ou Comércio, não continham amostras suficientes para encetar uma análise à qual pudessem ser extraídas conclusões com o mesmo rigor e qualidade se comparadas com a tipologia dominante, optou-se por aquela em que os valores foram absolutos.

Sendo grande o número de projectos de Habitação Multifamiliar, das mais variadas escalas e configurações e não obstante, das mais variadas épocas, debruçar-nos-emos somente aquelas que foram concebidas nas duas décadas em que se registaram maiores volumes de obras construídas, enquadradas entre 1960-1970 e 1970-1980, em que foram desenvolvidos 33 e 51 projectos respectivamente, na tipologia seleccionada. Aqui, mais uma vez serão eleitos os projectos de maior destaque para a identidade urbana do período moderno, tanto pela verticalidade quanto pela linguagem arquitectónica. Embora se tratem de obras diferentes umas das outras em diversos aspectos, as relações partilhadas entre elas fundamentam a selecção, que de modo ponderado contemplam os seguintes pontos, que são os **Critérios de Selecção**:

- Pertencerem ao período de maior produtividade da carreira do Arquitecto;
- Pertencerem às mesmas décadas;
- Pertencerem a uma mesma tipologia dominante – neste caso a Habitação Multifamiliar;
- Serem construções verticais;

¹⁷⁷ "Código: Coleção de leis; coleção de regras, preceitos, fórmulas, etc.; Sistema de símbolos que permite interpretar, transmitir uma mensagem, representar uma informação de dados; Sistema convencional, rigorosamente estruturado, de símbolos ou de sinais e de regras combinatorias integrado no processo da comunicação" | Priberam. (2008-2013). Obtido em 2017, de Dicionário Priberam de Língua Portuguesa: <http://www.priberam.pt>

- Terem 6 ou mais pisos;
- Terem como preocupação a eficiência na rentabilização do espaço (número de habitantes por metro²);
- Estarem localizados nos principais eixos viários da cidade, logo, possuírem um papel de destaque no horizonte urbano;
- Serem desconhecidas do meio académico em termos gerais;
- Serem dinâmicos no desempenho urbano;
- Serem exemplares de real valor arquitectónico;
- Importarem para o enquadramento e caracterização da obra do arquitecto;
- Por último, por conterem dados que irão responder e concluir a questão de investigação remanescente.

Assim, de acordo com os critérios de selecção, afiguram-se as seguintes obras que irão constituir os Casos de Estudo desta investigação:

- O **edifício nº 27** da lista, designado **Silva-Pinheiro** – situado no gaveto da Avenida 5 de Outubro com a Avenida Dr. Júlio de Almeida Carrapato, desenvolvido entre 1965-1967, composto por 7 pisos e um andar recuado;
- O **edifício nº 87** – que leva o nome da sede da empresa **Pires & Brito**, situado no gaveto da Rua Frei Lourenço Santa Maria com a Rua Aboim Ascensão desenvolvido entre 1969-1973, composto por 12 pisos;
- O **edifício nº 116** composto por 16 pisos, conhecido por **Edifício Tridente**, iniciado em 1979, situado no gaveto da Avenida 5 de Outubro com a Rua Dr. Cândido Guerreiro e no Gaveto da Rua Dr. Cândido Guerreiro com a Rua Reitor Teixeira Guedes.

Na ordem que se apresentam, daqui adiante serão enumerados de 1 a 3, sendo o 1 para o edifício nº 27 e 3 para o edifício nº 116. Em suma, o estudo será realizado com base em cinco parâmetros de análise transversais aos três casos de estudo seleccionados, procurando de forma descritiva e explanatória, os pressupostos da sua obra, que finalmente irão responder a segunda questão de investigação. Desde modo, serão tidos em conta os seguintes pontos:

- **Contextualização e Localização**, onde será feita uma aproximação histórica da obra, revelando aspectos desconhecidos da sua origem que irão reportar uma maior pertinência para além daquelas que saltam à vista. Não obstante, será feita neste tópico o enquadramento espacial, de modo a compreender a participação desta na sua respectiva localização em confronto com a envolvente.
- **Organização do Espaço**, onde será verificada a organização das diferentes áreas internas e externas de cada caso, de modo a que possamos analisar as relações dos espaços com as diferentes soluções técnicas aplicadas. Como recurso, serão utilizadas cartas solares de modo a auferir o diálogo entre as técnicas e materiais com o desempenho plástico e funcional dos edifícios seleccionados. Para que este estudo não se resulte hermético e limitado, a análise da incidência solar poderá ser deslocada para outros tópicos, de acordo com a pertinência daquilo que se querará destacar.
- **Técnicas e Materiais**, em que serão analisados a gama de materiais utilizados e na forma como estes participam nas diferentes necessidades de um determinado ponto do edifício e do próprio edifício como um todo.
- **Proporção e Escala**, onde se espera compreender o quão refinado era o trabalho do arquitecto no tocante à proporção e à escala entre os detalhes e o conjunto da obra.

4.2. Casos

Caso nº 1

EDIFÍCIO SILVA-PINHEIRO

Ano: 1965

Categoria: Habitação Multifamiliar + Comércio

Composição: Edifício de 7 Pisos e Andar Recuado

Localização: Gaveto da Avenida 5 de Outubro com a Avenida Dr. Júlio de Almeida Carrapato

Coordenadas: 37.018865, -7.923108

Cliente: Aníbal Rosa da Silva e José Brandão Pinheiro

Processo CMF/SOP nº 700/65







← **fig. 63** Edifício Silva-Pinheiro em processo de conclusão de obra.
fonte: Arquivo Gonçalo Vargas

fig. 64 Planta de localização do Edifício Silva-Pinheiro, Faro
fonte: Autor (2017) adaptado de CMF-SIG: Cartografia Vetorial 1997-2017

Contextualização e Localização

Construído de frente ao Liceu, no Gaveto das avenidas 5 de Outubro com Dr. Júlio de Almeida Carrapato, o Edifício Silva-Pinheiro gozava de um particular privilégio por rematar a entrada de um dos principais eixos nobres da cidade, que remontava o final do século XIX (fig. 64). Em tempos, a primeira avenida que também se designava por Hintze Ribeiro¹⁷⁸, era pontuada por enormes casarões da nova burguesia ligada à produção agrícola, que no galope do tempo foram sendo abandonadas e substituídas por edifícios mais modernos, de máxima rentabilização, configurando a actual imagem que temos da avenida¹⁷⁹.

Anterior ao projecto de Gomes da Costa, para o mesmo local, tinha sido proposto em 1946, a construção de um edifício também de habitação - porém este de gosto puramente tradicional, ao estilo 'Português Suave' - que em nada seria exemplo para a nova empreitada, quer em linguagem, quer nos métodos construtivos. A proposta inicial que entrou para a aprovação na Câmara já natimorta, não melhorou na segunda tentativa. Em finais de agosto de 1946, o advogado António Neves Anacleto, no papel de requerente, submetia à apreciação da Câmara Municipal de Faro, o projecto de habitação e comércio para o lote comprado a esta, como oferta para os seus filhos Noémia e Francisco Anacleto. Aqui já se observavam as primeiras incongruências que no somar de todas, fariam com que o projecto fosse cancelado. No requerimento feito à Câmara pelo proprietário surgiam divergências com as peças desenhadas e escritas do projecto em anexo: enquanto o requerente submetia para apreciação um edifício de dois pisos no talhão nº 9, o construtor ou arquitecto¹⁸⁰ apontava um edifício de 3 pisos para o talhão nº 10. Equívocos à parte, tratavam-se do mesmo projecto.

Sem recorrermos à exaustão e para depressa seguirmos com o caso que realmente importa, o projecto que deu entrada em 1946 na Câmara e que em 1947 foi rectificada (fig. 65 e 66), na verdade era de 3 pisos, sendo pensado para o primeiro, dois estabelecimentos comerciais (um salão de chá e uma livraria) e para os dois restantes, duas habitações por piso com acesso independente, embora por escada comum. A construção tinha como base os princípios da arquitectura tradicional, em que as paredes exteriores seriam em alvenaria, com a característica espessura de um muro de carga com função estrutural, enquanto que as interiores seriam em alvenaria de tijolo maciço no térreo, e nos restantes pisos, de tijolo furado. Para a cobertura tinha-se contemplado as poucas ambiciosas armações de madeira com atelhamento convencional¹⁸¹ (fig. 68 e 69).

¹⁷⁸ Paula, R. M., & Paula, F. (1993). Faro, Evolução Urbana e Património (Câmara Municipal de Faro ed.). Vila Real de Santo António: Empresa Litográfica do Sul. p.310

¹⁷⁹ Por sua vez, a Avenida Dr. Júlio de Almeida Carrapato em tempos se designava inicialmente por Rua B. no plano inicial de urbanização daquela zona e posteriormente por Avenida de Olivença.

¹⁸⁰ A qualidade do projecto era tão duvidosa que a memória descritiva e as respectivas peças desenhadas não constavam a autoria do projecto, exceptuando as rúbricas que com alguma paciência na co-relação entre elas conseguiu-se depreender o nome "José Correia...", estando o apelido ilegível em todas elas.

¹⁸¹ CMF/SOP nº 63/47.

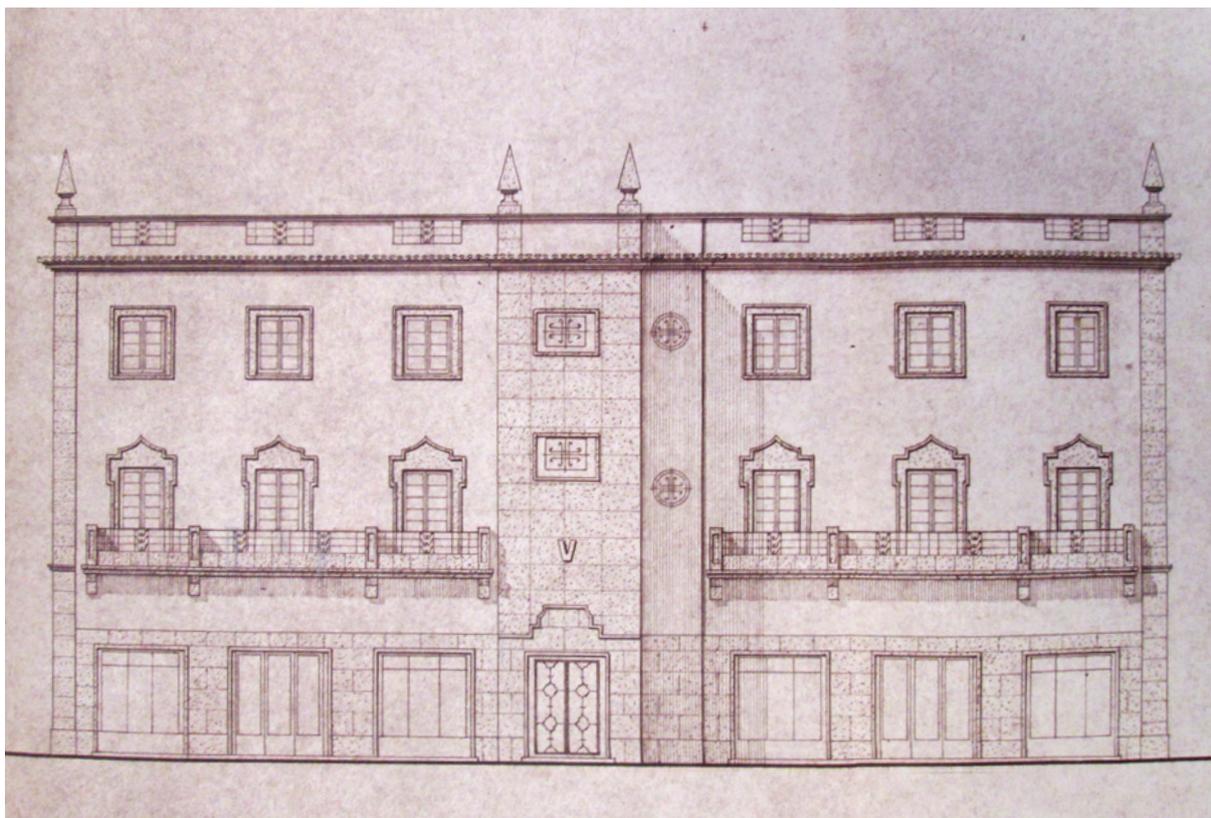
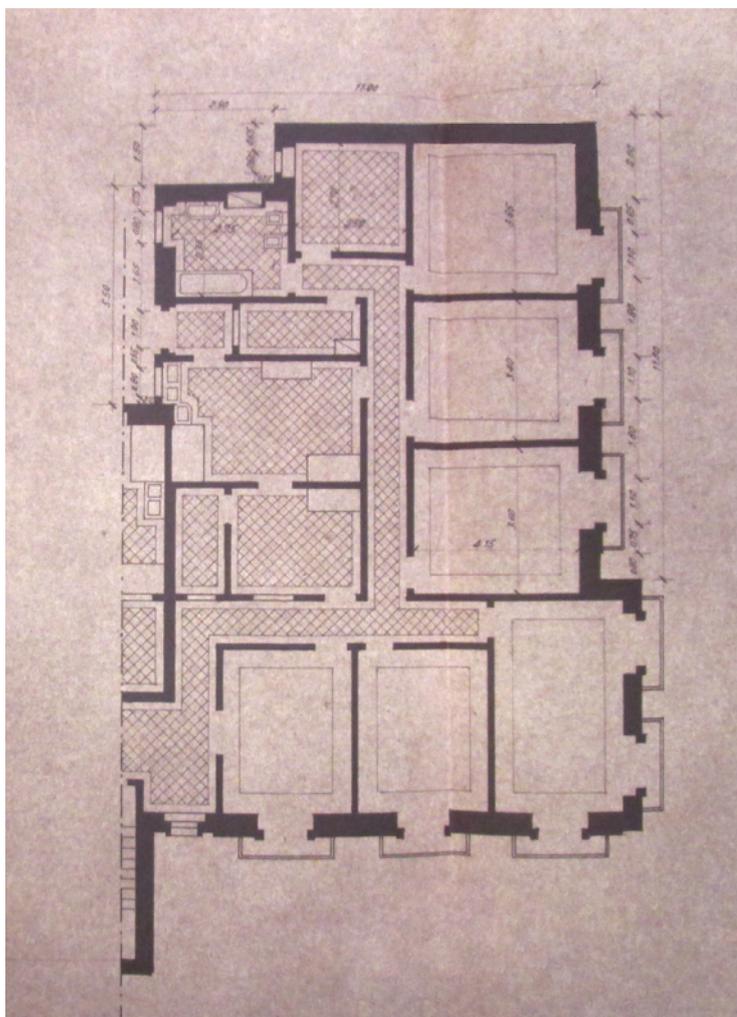
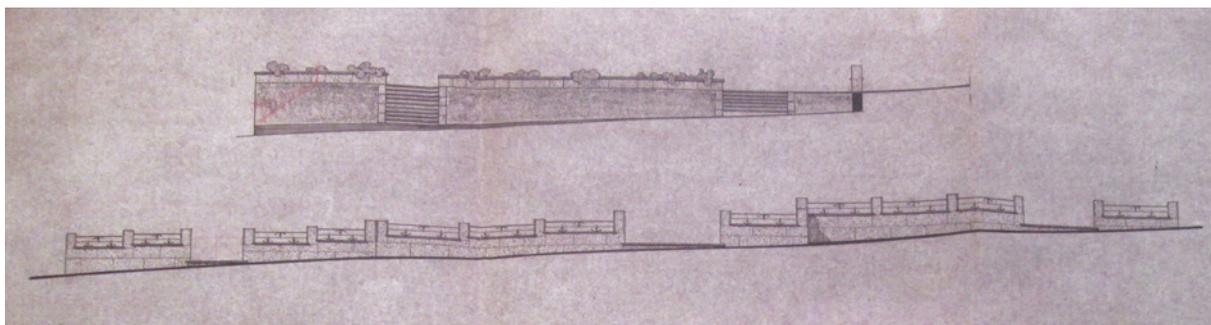


fig. 65 Alçado da segunda proposta para a actual localização do edifício Silva - Pinheiro, 1947. fonte: CMF/ SOP nº 63/47

fig. 66 Planta da segunda proposta para a actual localização do edifício Silva - Pinheiro, 1947. fonte: CMF/ SOP nº 63/47





A qualidade do projecto era tão duvidosa, para não dizer simplória que a Câmara viu-se constrangida em apontar os motivos do chumbo. Cita-se *ipsis litteris* o indeferimento:

“O projecto tem que sêr inteiramente remodelado para que possa merecêr aprovação. A distribuição em planta dos andares de habitação é defeituosa. O desenvolvimento da escada, servindo as quatro habitações é francamente de dimensões acanhadas e sem uma iluminação racional, origina ainda extensos e complexos corredores, intercalando-se arrecadações sem luz, o que não é de aconselhar, não se compreendendo que para efeito de fachada se sacrifique uma dependencia com a iluminação e arejamento dado por um óculo;

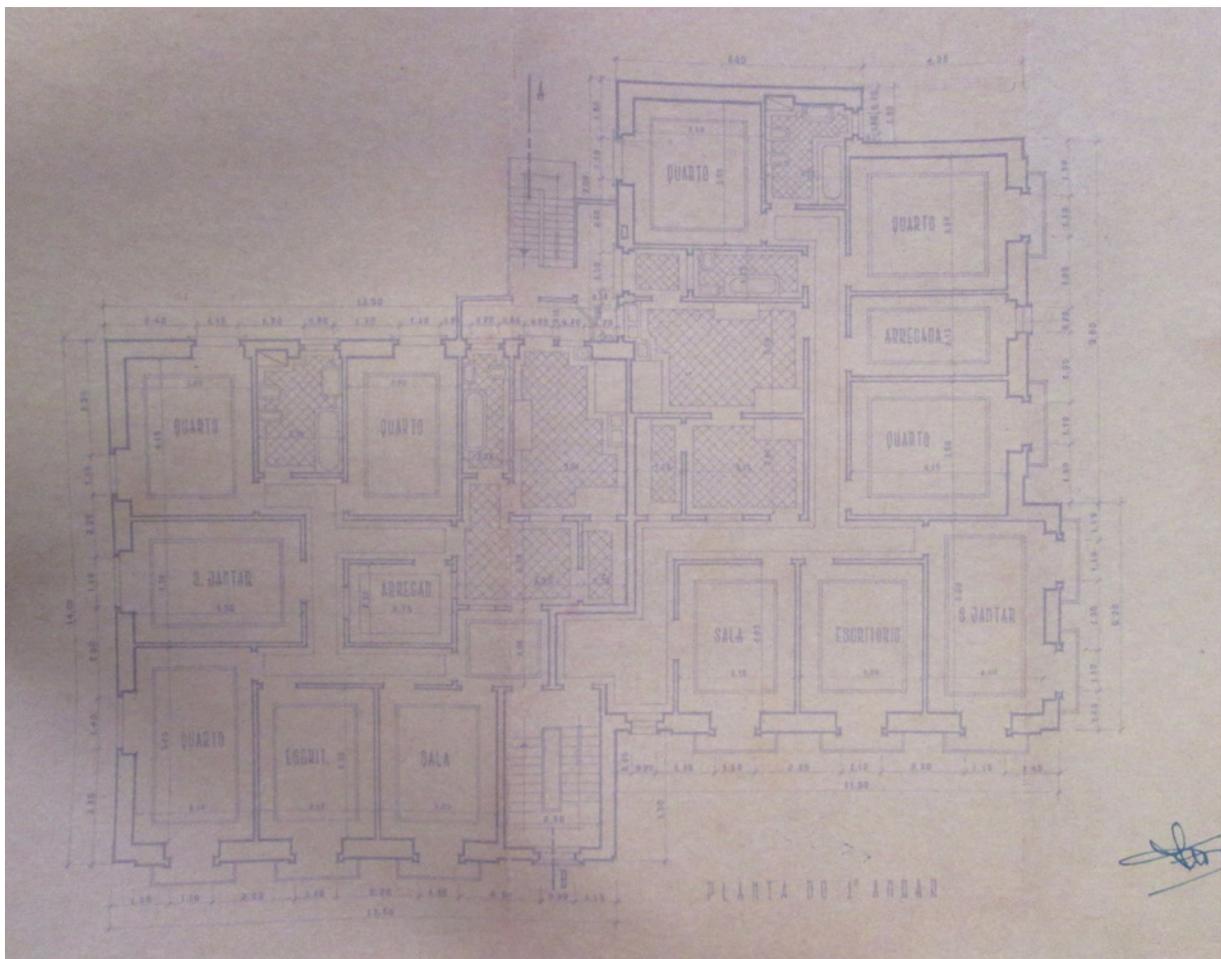
Para se conseguir a iluminação da casa de banho, deu-se um movimento de fachada, criando-se um corredor que não é permitido, oferecendo esta empena as condições para a ligação dos prédios que deverão formar um bloco conforme é previsto no Plano de Urbanização para esta zona. Na fachada, aliaz delineada com certo equilibrio, ressalta a falta de proporções dos pináculos, aconselhando-se ainda a substituição da platibanda pelo beiral, por corresponder melhor ás características da construção. O alçado lateral esquerdo deverá sêr mais cuidado architectonicamente.

O muro de vedação com frente para a Avenida atinge no seu extremo a altura de 2,25 mt o que não poderá ser autorizado.”¹⁸²

Como tal, a título de comparação, para além das diferenças entre a primeira proposta e a proposta de Gomes da Costa – como poderemos constatar adiante – as soluções entendidas para uma implantação considerada adequada foram também claramente opostas, pois enquanto que a primeira assentava-se sobre um pódium elevado, cujo acesso à cota soleira só seria possível através de escadas de acesso, a proposta de Costa assentava-se directamente na cota natural do terreno, demonstrando uma predisposição em solucionar as limitações altimétricas entre as frentes confrontantes das duas avenidas perpendiculares, ao contrário do primeiro, em que procurava nivelar pela cota mais alta às demais cotas. Assim, pela avenida Dr. Júlio Almeida Carrapato teríamos um acesso directo ao edifício, ao passo que pela avenida 5 de Outubro teríamos três escadarias com lanços de 1, 6 e 10 degraus respectivamente, para atingirmos a mesma cota base antes de chegarmos ao edifício em si (fig. 67). Claramente, Costa na sua proposta teve em especial atenção a harmonia do conjunto edificado com o meio envolvente, procurando esbater ao máximo a noção dos limites, ao contrário da primeira que implantava um muro que criava um efeito tampão no sistema de vistas ao nível da rua. De uma arquitectura desprezensosa ou talvez desleixada, a proposta ficava-se por um edifício defeituoso architectonicamente.

fig. 67 Segunda proposta: solução encontrada para a correcção do desnível do terreno, onde hoje se implanta o edifício Silva-Pinheiro. fonte: CMF/SOP nº 63/47

¹⁸² *Idem, ibidem*



Aqui, o alçado disposto simetricamente, com cantarias trabalhadas em pedra, beirados em telha-lusa e avarandamento apenas no 1º piso deu lugar, quase vinte anos depois, a uma arquitectura completamente diferente, nova e ponderada em todos os aspectos – a proposta de Gomes da Costa.

Em 1965, já com outros proprietários, inicia-se no gaveto a construção de mais uma obra moderna pelas mãos do arquitecto em estudo. Os requerentes e proprietários Aníbal Rosa da Silva e José Brandão Pinheiro deram entrada na Câmara Municipal a proposta de um projecto de habitação multifamiliar com sete pisos e cave, dividido em dois blocos, cada qual com frente voltada para as duas avenidas. Posteriormente, em Janeiro de 1968, foi acrescentado mais um andar recuado à cobertura, que anteriormente tinha sido pensada como local de lazer dos condóminos, sobretudo das crianças que habitariam o edifício, tal como Gomes da Costa fez questão de enfatizar na memória descritiva as suas intenções para aquele espaço. A implantação do edifício teve em conta a envolvente, procurando à partida, desenhar os contornos da rotunda Infante Dom Henrique em evidente harmonia com esta, estando o alçado principal configurado sob um arco de semicírculo de aproximadamente 90º, onde eventualmente se daria a intersecção dos alçados das avenidas perpendiculares, caso estes terminassem num ângulo recto. Resultado deste gesto: um edifício com uma fachada côncava (fig. 63).

O Edifício Silva-Pinheiro tratava-se na verdade da segunda intervenção levada a cabo na cabeceira da avenida, tendo o arquitecto Gomes da Costa, quase dez anos antes, proposto e construído um outro edifício no gaveto oposto, com algumas afinidades estéticas, pese embora, diferente em termos de escala e volumetria. Com a construção deste novo edifício, o arquitecto estabeleceu uma continuidade com o projecto do lado oposto, figurando uma nova entrada na mais emblemática avenida de acesso à baixa. Aproveitando-se do privilégio de estar de frente para o principal parque urbano da cidade – a Mata do Liceu – o arquitecto reverberou as suas potencialidades concebendo uma frente toda ela ajardinada tal como fizera no edifício oposto (fig. 70).

Confrontando ambos os projectos, tendo em conta os dez anos que os separavam, não só a escala mudou, como também houve progresso na linguagem e nos materiais utilizados. Com a construção dos demais edifícios que até então projectou para a avenida, Gomes da Costa marcaria a mudança do paradigma vigente naquele prolongamento: a afirmação do modernismo perante o gosto clássico. O Edifício Silva-Pinheiro, sem grandes dificuldades, poucos anos depois, teve aprovadas todas as licenças para a sua plena habitação, marcando aquele ano de 1965, três, o número de projectos desenvolvidos nesta avenida.

fig. 68 Alçado da primeira proposta para a actual localização do edifício Silva-Pinheiro, 1947. fonte: CME/SOP nº 63/47

fig. 69 Planta da primeira proposta para a actual localização do edifício Silva - Pinheiro, 1947. fonte: CME/SOP nº 63/47

1957 · Edifício Pinheiro Brandão

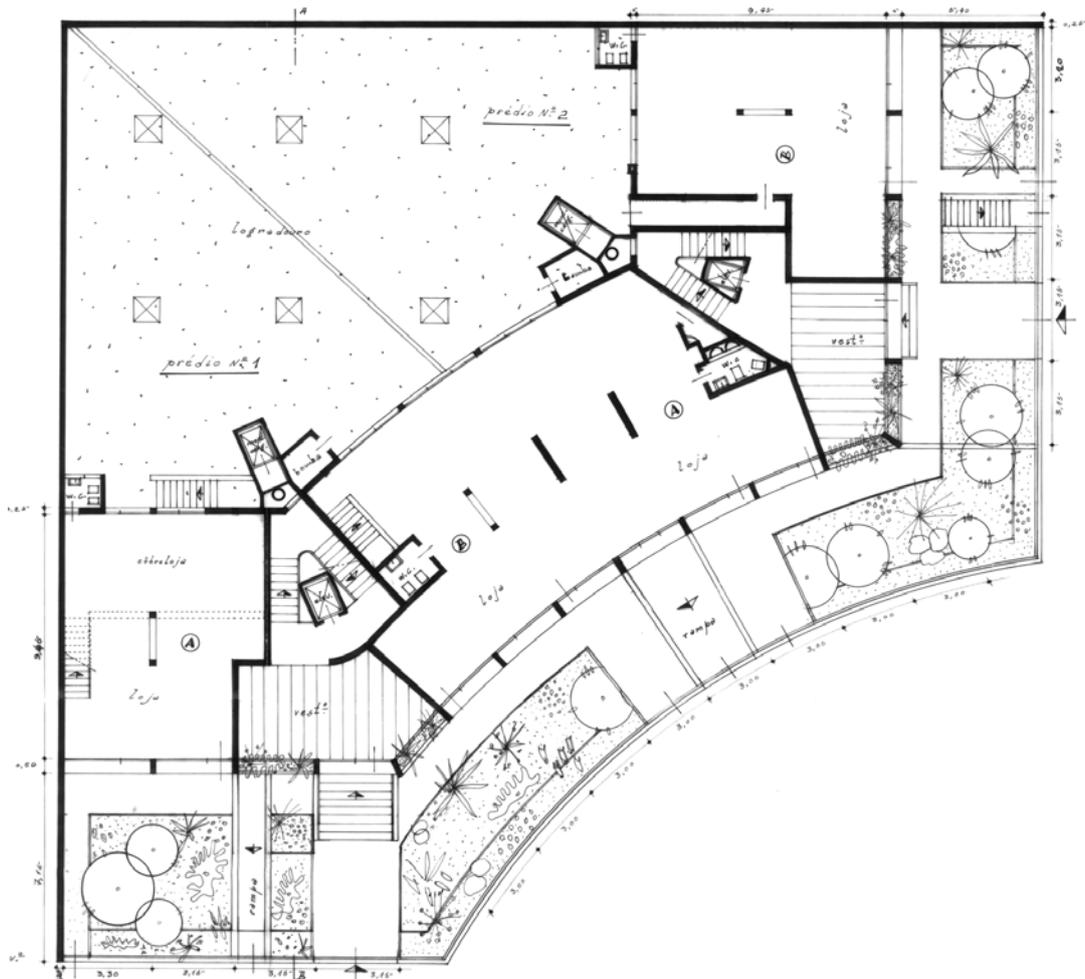


Rotunda
Infante D. Henrique

1965 · Edifício Silva-Pinheiro



fig. 70 Panorâmica da Rotunda Infante D. Henrique com a Avenida 5 de Outubro ao fundo. fonte: Autor (2017)



Organização do Espaço

fig. 71 Edifício Silva - Pinheiro, 1965: planta do piso térreo. fonte: CMF/SOP nº 700/65

Embora o edifício estivesse condicionado à difícil implantação em gaveto, numa das principais rotundas de Faro¹⁸³, vista de fora, a sua configuração sugeriria uma espacialidade interna bastante dinâmica e imprevisível. No piso térreo, Gomes da Costa procurou não só resolver a implantação como também procurou organizar o espaço de forma a que este não perdesse sua rentabilização comercial, permitindo com que ao mesmo tempo os Sistemas de Circulação se desenvolvessem com alguma folga, fazendo da entrada, um espaço integrante de cada apartamento (fig. 71). Aqui, de modo a evitar corredores extensos e complicados nos pisos superiores, Costa projectou dois acessos independentes (um por cada bloco), com escadas, elevador e monta-cargas. Os espaços comerciais foram divididos em três parcelas cujo acessos faziam-se pela cota natural do terreno, sendo o do meio substancialmente maior que os restantes. Os que estavam localizados nas extremidades eram de igual dimensão, estando o da esquerda dividido em dois pisos, criando um mezanino na qual o arquitecto ao longo da sua carreira atribuíu o título de “Sobreloja”, que neste caso em particular, ajudaria na regulação das proporções internas por conta do desajuste provocado pela topografia, em que o pé-direito aumentava à medida que o terreno ia descendo. Como resultado, tínhamos um mesmo espaço com duas cotas: o da entrada com duplo pé-direito e o dos

¹⁸³ Rotunda Infante D. Henrique



fundos, com um pé-direito regular, no qual foi projectado para ter usos diversos tais como arrumos ou estadia. Regra geral, neste edifício em particular, o pé direito é uma constante em todos os pisos, tendo todos eles 2,80m de altura, exceptuando o térreo e a cobertura (fig. 82).

fig. 72 Edifício Silva-Pinheiro, 1965: planta tipo (2º ao 7º piso). fonte: CMF/SOP nº 700/65

Nos fundos, os dois logradouros que juntos ocupavam $\frac{1}{3}$ do terreno, providenciavam a salubridade de todo o conjunto, tanto em luz quanto em ventilação. Deste alçado tardoz destacavam-se as caixas dos monta-cargas, que por estarem dispostos fora da linha de fachada, atribuíam uma particular plasticidade à fachada, rompendo com a monotonia característica de um alçado que estava fora da vista alheia. Referindo ainda as caixas dos monta-cargas, estas rematavam as semelhanças com o edifício implantado no lado oposto da avenida, que no lugar destas, estavam um par de escadas igualmente estruturantes e plásticas (fig. 73 e 74). Por último, visto da fachada principal, tínhamos uma rampa que confinava numa cave destinada aos arrumos de todo o conjunto, quer das lojas, quer das habitações, permitindo desafogar os espaços úteis de um edifício que esteve desde o princípio programado para rendas acessíveis, isto é, onde cada m² importava para a minoração dos custos.

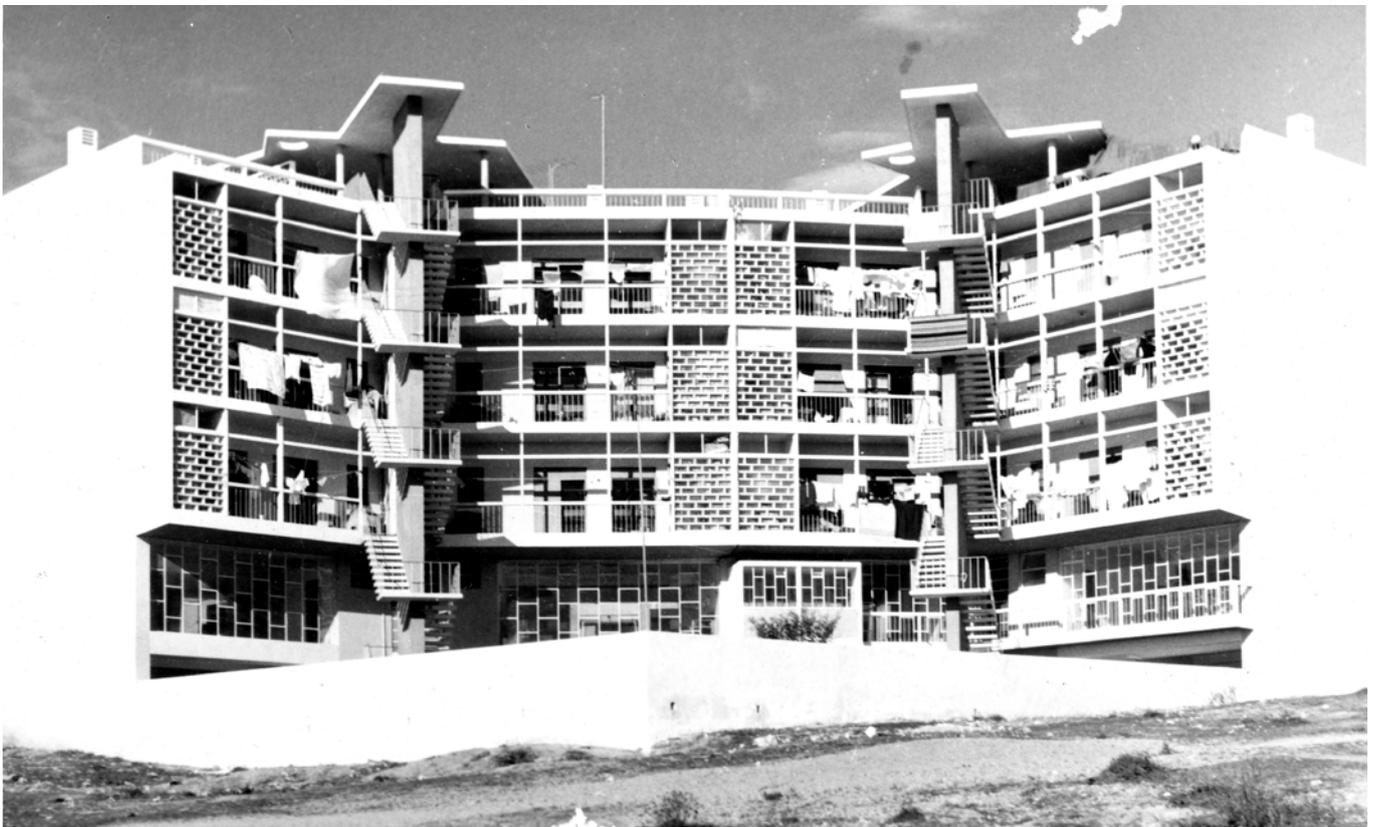


fig. 73 Fachada tardoz do edifício Pinheiro Brandão, 1957.
fonte: Arquivo Antônio Rosa da Silva



fig. 74 Fachada tardoz do edifício Silva-Pinheiro, 1965.
fonte: Arquivo Antônio Rosa da Silva

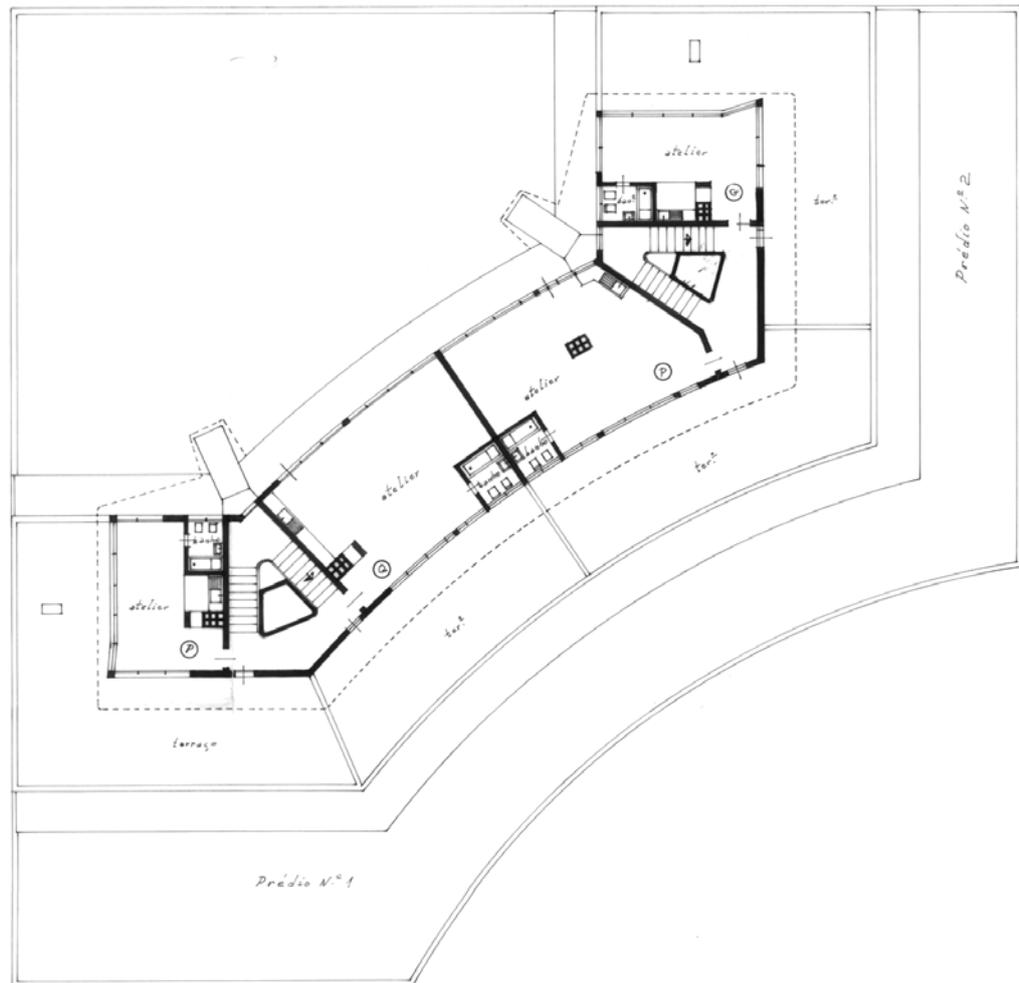


fig. 75 Edifício Silva-Pinheiro, 1965: planta do andar recuado / cobertura
 fonte: CMF/SOP n.º 700/65

Os restantes pisos – que iam do 1.º ao 6.º e que definiam a tipologia dominante de todo o conjunto – seriam de uso exclusivo da habitação, estando todos eles equipados com três quartos, excepto o da cobertura e o do apartamento localizado mais à direita do bloco voltado para a Avenida 5 de Outubro (fig. 72 e 75). Em termos gerais, apesar da organização espacial sugerir uma simetria entre todos os apartamentos, na verdade oscilavam nos tamanhos e na configuração dos espaços, nomeadamente no formato das salas-de-estar e das cozinhas. Apesar destas pequenas diferenças, todos possuíam um vestíbulo à entrada que articulava o acesso às demais dependências, para além de uma casa-de-banho, dois lavabos (um interno e outro externo), cozinha equipada com despensa e zona de arrumos, para além das varandas em ambos os alçados, independentemente de serem T2 ou T3.

Muito embora o edifício estivesse programado para a máxima rentabilização, os espaços foram desenvolvidos com relativa folga, resultando em quartos não muito grandes, mas também não muito pequenos, sendo porém suficientes para instalar outros móveis para além do roupeiro sem que houvesse um confinamento ou limitação nos acessos. As salas na maioria dos casos eram amplas e compridas, tomando o máximo partido da frente para as avenidas. Em termos de localização das zonas íntimas e sociais dos apartamentos, Gomes da Costa não assumiu preferência em resguardar os quartos à fachada



fig. 76 Edifício Silva - Pinheiro na actualidade.
fonte: Autor (2017)



fig. 77 A e B Soluções alimétricas.
fonte: Autor (2017)

tardoz, mas antes procurou providenciar a todos o máximo de salubridade com portas de correr envidraçadas tanto aos que estavam à frente quanto aos que estavam atrás. As janelas - as únicas existentes - encontravam-se nos lavabos exteriores e nos espaços de arrumos junto às cozinhas (ambos situados na varanda do alçado posterior). Quanto à largura das varandas, todas elas contavam com 1,50m, fazendo com que a fruição deste espaço como espaço de estadia fosse feita apenas no sentido longitudinal, isto é, de forma que fosse possível interligar todas as dependências de um apartamento que estivessem voltadas para a mesma fachada. Isto contribuía para alguma fluidez nas deslocções internas, que se ao invés das portas de correr estivessem janelas, a leitura seria completamente diferente, provavelmente mais “abafada” (fig. 76).

Se as varandas diziam respeito a cada apartamento, a cobertura, por outro lado, seria o espaço comum de todo o conjunto para além dos espaços de entrada. Por questões mais económicas que técnicas, foram acrescentados ainda na fase inicial, no Projecto de Alterações, estúdios T0 para habitação, equipados com cozinha e casa de banho, ao estilo *Kitchnet*, estando os maiores localizados no centro e os menores nas extremidades. Como resultado, passou-se a ter espaços internos exíguos e externos bastante amplos, com terraço de área total igual aos dos internos (fig.75).

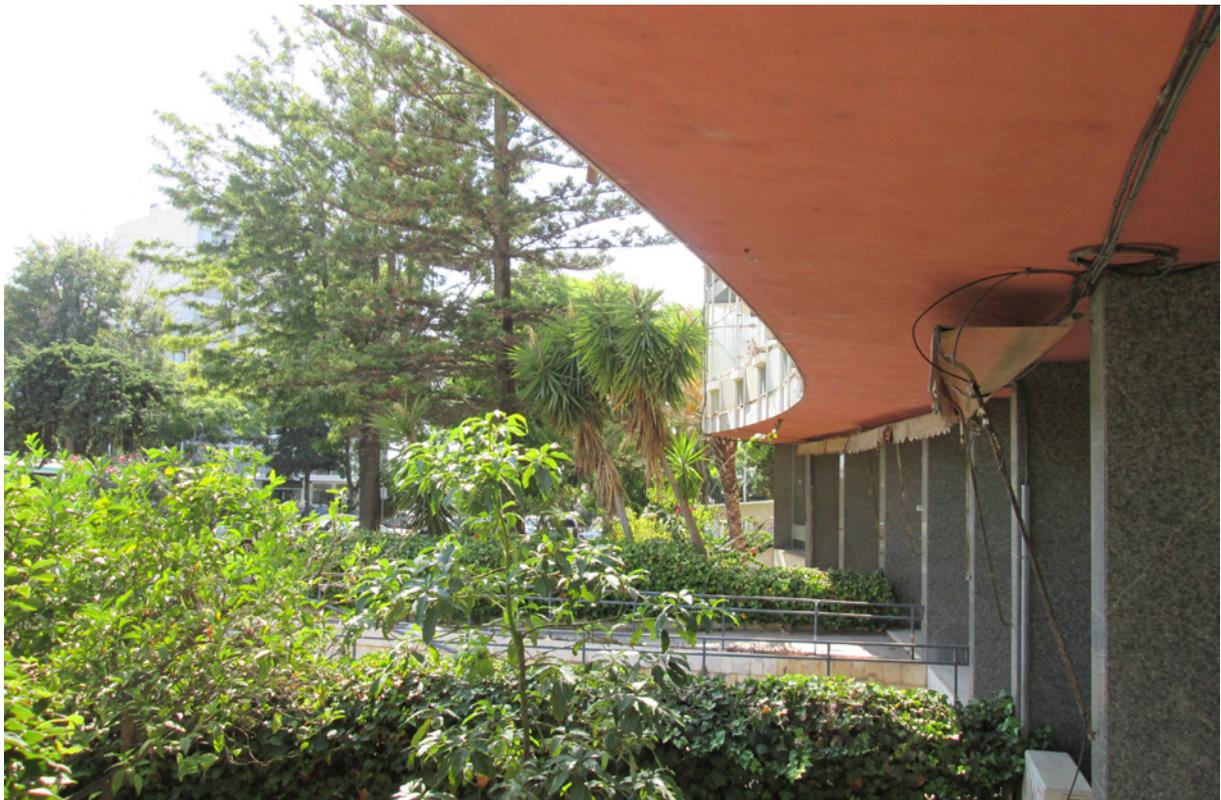
Técnicas e Materiais

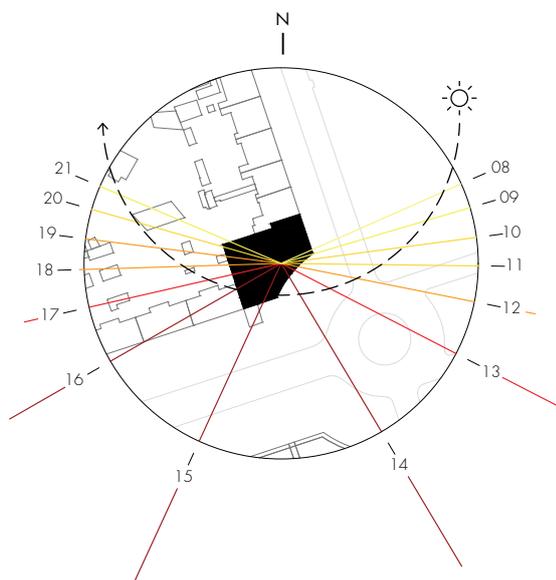
No aspecto construtivo, o edifício foi estudado de maneira a que os elementos estruturais permitissem uma maior leveza, economia e que também pudessem desempenhar o papel dos andaimes durante a construção tal como Gomes da Costa fez questão de destacar. Em grosso modo, para este edifício foram contemplados duas classes de materiais: os inertes e os não-inertes. A primeira leva-nos aos materiais tectónicos e a segunda leva-nos ao elenco vegetal utilizado no jardim à entrada (repleto de espécies exóticas) e às 114 floreiras que foram cuidadosamente distribuídas pelo alçado principal, que neste caso, além de ampliar a presença do jardim, dava textura à fachada, contribuindo também para uma ínfima climatização pela evapotranspiração (fig. 79 e 83). Na óptica da tectónica, a estrutura era toda ela convencional: nas fundações, os cabocos eram de alvenaria de pedra da região; as sapatas assim como toda a estrutura adjacente era toda ela trabalhada em betão armado enquanto que as paredes eram todas de alvenaria de tijolo furado, devidamente impermeabilizadas. A cobertura era igualmente em betão armado, porém revestida com tijoleira devidamente impermeabilizada – material este largamente encontrado nas açoteias da região. De forma a conter os custos com os acabamentos, no interior, o revestimento do chão era simples e não trazia nenhuma inovação, optando antes o arquitecto pelos mosaicos cerâmicos convencionais, de fácil aplicação e manutenção. No térreo, as colunas foram revestidas em mármore polido, e as caixilharias em alumínio anodizado. Já nos restantes pisos foi utilizada a madeira com perfis de alumínio anodizado para as caixilharias. Por sua vez, as persianas de correr que resguardavam os vãos, eram de plástico, material este aprovado pelo arquitecto pelo seu baixo custo e pela sua longa durabilidade.

Um aspecto a destacar na composição desta fachada é a preocupação do arquitecto relativamente à protecção das varandas que de uma só vez procurava resolver três questões: a protecção solar; a privacidade dos espaços internos e a correcção das escalas de todo o conjunto. Para tal foram eleitas as guardas metálicas e reixas de madeira pintadas na cor branca, que embora tivessem sido pensadas para serem móveis, por uma contenção de custos, foram substituídas pelas fixas (fig. 83 e 84).



fig. 78 A e B Gradiente entre ambientes:
edifício no jardim e jardim no edifício.
fonte: Autor (2017)





Data: 21 de Junho às 05:24 GMT+1* (Solstício de Verão)

Nascer do Sol: 07:12:20

Pôr do Sol: 21:54:47

*Em Portugal Continental, a referência é a hora de Lisboa, que equivale a GMT+0, que com o horário de verão adianta uma hora, equivalendo a GMT+1

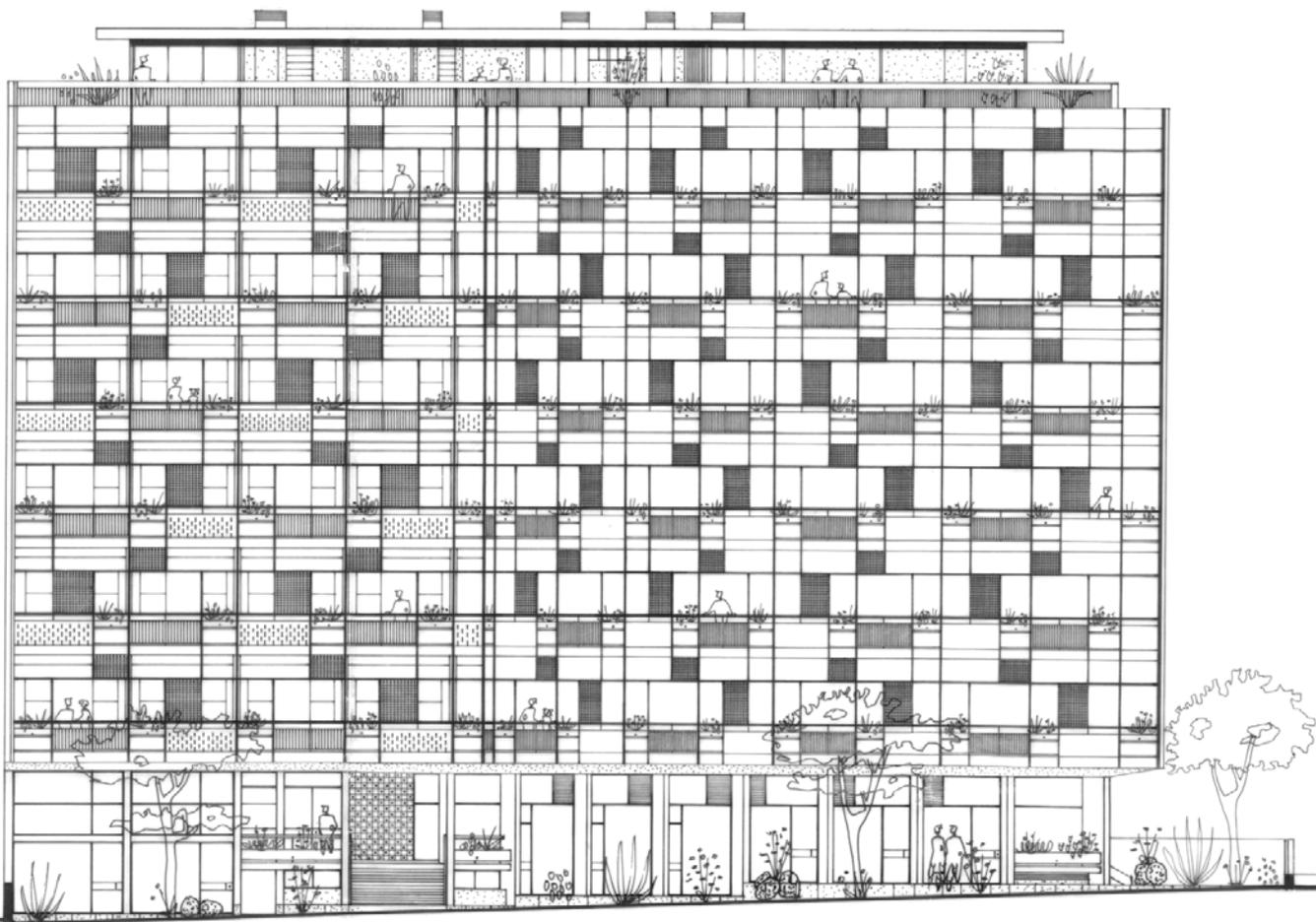


fig.79 Carta Solar para a localização do Edifício Silva-Pinheiro à data do Solstício de Verão. fonte: Autor (2017)

fig. 80 Edifício Silva-Pinheiro: incidência solar directa na fachada principal. fonte: Autor (2017)

O uso destes dispositivos por toda a fachada não só aumentava a privacidade como também protegia os espaços internos do Sol, que a propósito, neste caso foi um factor que pesou directamente nas decisões do arquitecto, pois estando ciente da orientação a Sudeste que o edifício tinha, anteviu um intenso alvejamento solar em grande parte do dia, sobretudo nas horas de maior intensidade, compreendidas entre as 11 e 16 horas (fig. 79). Para regular e domesticar a luz, Costa fez uso de uma série de técnicas, materiais e porque não de artificios, para torná-lo agradável à vivência humana, tais como as reixas e os frisos acima mencionados.

Embora estivesse o edifício próximo à Mata do Liceu, esta seria insuficiente para interceptar ou mesmo absorver a radiação solar nas horas de pico. Mesmo com um jardim pensado para ornamentar a entrada, o porte da vegetação nela utilizado não seria suficiente para proteger a fachada para além do piso térreo, exceptuando a enorme Araucária que traria alguma sombra no percurso do Sol no decorrer do dia (fig. 78 e 84). Menos problemática era a fachada posterior com perpendicular voltada a Noroeste, visto que o Sol apenas atingia esta face no seu ponto descendente do percurso, onde a curva energética era menor se comparada com a do alçado oposto. Embora existissem edifícios de menor altura na fachada tardoz, estes apenas contribuiriam para a interceptação do Sol no seu ponto mais baixo, ficando o edifício coberto pela penumbra no final da tarde, onde a luz seria quase irrelevante para fins de equações energéticas.

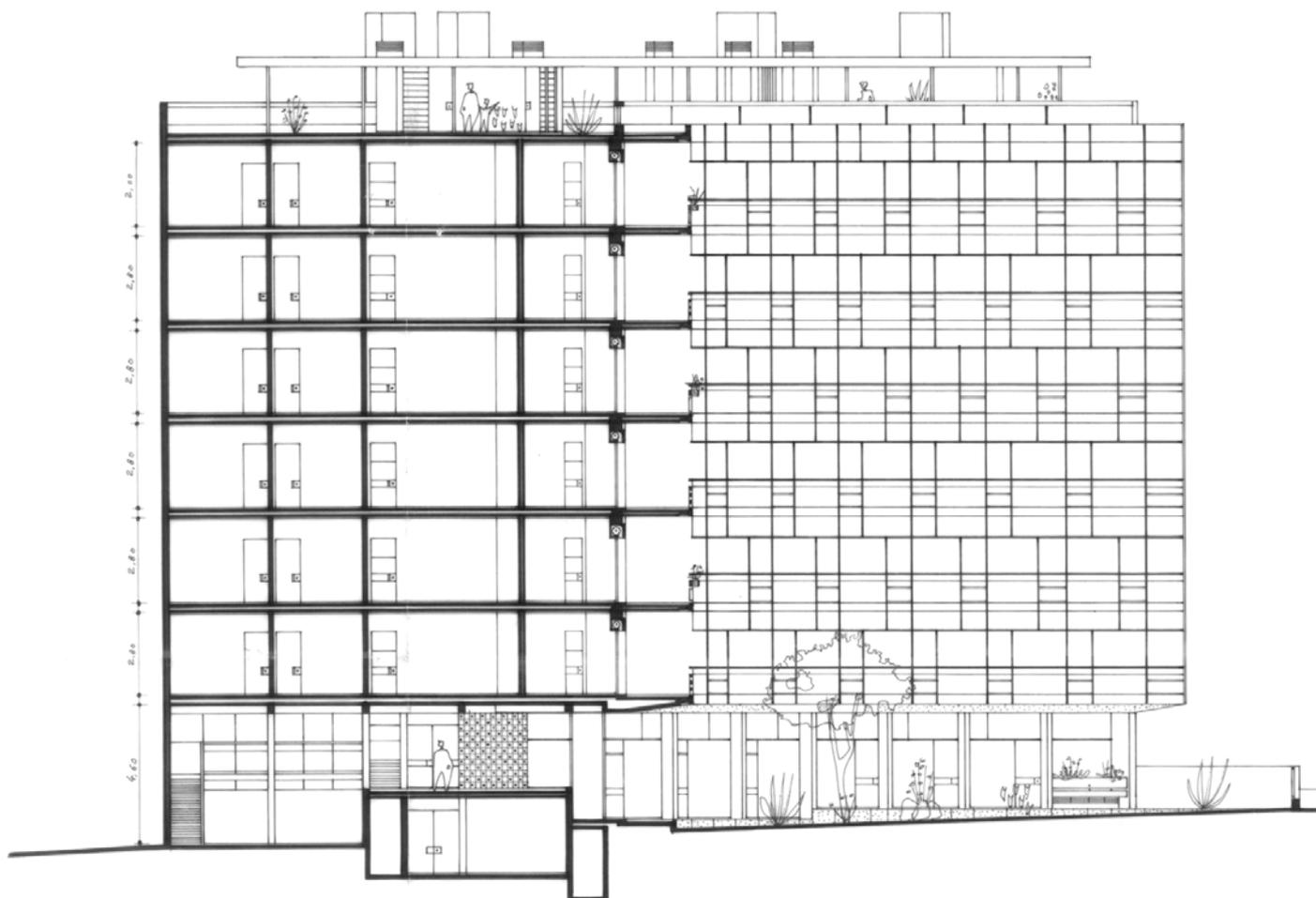


Proporção e Escala

fig. 81 Edifício Silva-Pinheiro, 1965: alçado da Avenida 5 de Outubro. fonte: CMF/SOP n.º 700/65

Neste projecto a noção da proporção não é clara, porém existe uma intenção de alcançar um equilíbrio, mesmo numa profusão de elementos que desenhavam a fachada. Como demonstrado, a leveza conseguida na composição do conjunto derivava do uso de materiais mais leves tais como a madeira para as reixas e alumínio para os perfis metálicos que desenhavam o alçado principal, que a propósito, foram utilizadas de forma a quebrar a horizontalidade marcada pela sucessiva multiplicação dos pisos. Estes perfis ou frisos metálicos como queiramos chamá-los, ajudavam a criar uma ordem na fachada, “amarrando” as diferentes proporções, mesmo que para o efeito tivesse que sacrificar o minimalismo (fig. 84). Resultado: uma fachada com ritmo e contraste entre luz-sombra-penumbra. Caso solução fosse a mesma que a do edifício vizinho, em que foram utilizados mosaicos de betão, o peso seria significativamente maior, tanto estrutural quanto visual.

Não obstante, a cor assume um duplo papel, entre elas, a demarcação dos planos horizontais e a manipulação dos aspectos sensoriais. Neste caso, a intensidade da luz variava dos planos superficiais para os planos de maior profundidade, revelando uma hierarquia, isto é, os planos que demarcavam os pisos – neste caso a própria laje – foram pintados de branco de modo marcar estes planos em relação aos anteriores que foram pintados num cinzento claro. Por outro lado, o tecto das varandas foram pintados num azul-índigo, de forma a aumentar o contraste e ampliar a profundidade dos recuos da fachada (fig. 78 e 83). Embora o azul no ponto de vista físico esteja associado a



uma maior absorção da luz, o que acarreta um acréscimo de temperatura da superfície tingida, Costa, para além do trabalho de escala, fez uso desta apelando à percepção sensorial, que não só realçava a sombra, como invocava uma sensação mais fria do espaço. A sensação provocada pelas cores quentes e frias era – e é – comumente utilizada para corrigir ou acentuar o ambiente das divisões de um edifício, em que nas divisões expostas a Norte, a aplicação de tons quentes poderia criar artificialmente a impressão de intimidade, calor e até mesmo luz, tal como é o caso do plano do piso térreo, que embora não estivesse voltado à Norte, estaria grande parte do tempo coberta pela sombra. Neste caso, o ocre utilizado no tecto do térreo, numa observação local, não só afirmava este plano comercial por oposição aos planos superiores, como também trazia alguma quentura a este nível demarcado pela sombra (fig. 78).

Em análise macro, o Edifício Silva Pinheiro, por ser tão complexo e arrojado, pode ser resumido como um edifício que condensa uma intensa dicotomia das noções que ajudam a qualificar e a distinguir uma obra de arquitectura da outra, isto é, o seu peso, a sua fragilidade, a sua densidade e a sua opacidade dependerão não só da hora do dia em que o observamos, como também dependerá sempre de quem o observa. A idiosincrasia deste edifício é o que distingue as obras do arquitecto Gomes da Costa dos demais, pois jamais indiferente, suscita debates e sentimentos opostos que acabam por criar um certo magnetismo aos olhares mais curiosos dos que perambulam pela cidade.

fig. 82 Edifício Silva-Pinheiro, 1965: corte C-D. fonte: CMF/SOP nº 700/65



fig. 83 Articulação entre diferentes elementos da fachada. fonte: Autor (2017)



fig. 84 A. Proporção entre diferentes elementos da fachada; B. *Araucaria heterophylla*. fonte: Autor (2017)

Caso nº 2

EDIFÍCIO PIRES & BRITO

Ano: 1973

Categoria: Habitação Multifamiliar + Comércio

Composição: Edifício de 12 Pisos

Localização: Gaveto da Rua Frei Lourenço Santa Maria nº2
com a Rua Aboim Ascensão nº 95

Coordenadas: 37.021409, -7.934152

Cliente: Correia, Pires e Guerreiro Lda.

Processo CMF/SOP nº 763/69





Vende
Andrés Rodríguez
913 898 833

Vende
Andrés Rodríguez
913 898 833
954444
339 870 180



0 50 100 200m

← **fig. 85** Edifício Pires & Brito.
fonte: Autor (2017)

fig. 86 Planta de localização do Edifício Pires & Brito, Faro
fonte: Autor (2017) adaptado de CMF-SIG: Cartografia Vetorial 1997-2017

Contextualização e Localização

O Edifício Pires & Brito posicionado na intersecção da Rua Aboim Ascensão com a Rua Frei Lourenço de Santa Maria (fig. 86) simbolizava mais que um gesto arquitectónico inaudito para a cidade, representava a comunhão ponderada entre a visão de um arquitecto com as necessidades comerciais de uma empresa ligada à construção civil. Como pudemos verificar no Capítulo III, a empresa liderada por uma família bastante importante para a economia local, assumiu uma presença bastante notável no catálogo de clientes do arquitecto, simbolizando uma longa e duradoura relação com inúmeros benefícios para ambas as partes. As condições de cada interveniente neste campo eram claras: cabia ao arquitecto conceber os projectos conforme o seu gosto e à empresa, o papel de tratar da construção e comercialização dos edifícios. Na consideração desta, os trabalhos de Costa eram vendáveis por serem sofisticados e singulares em relação aos que foram surgindo no mesmo período por outros desenhistas. Hoje avaliando fora da bolha, juntos estavam a dar resolução ao grande problema habitacional que a cidade vinha enfrentando, mesmo numa década marcada pelo forte recuo demográfico de quase 5 mil habitantes.

A história deste projecto tem como ponto de partida a primeira semana de Maio de 1969, data em que foi dada a entrada na Câmara, o pedido de autorização para a construção de um edifício de nove pisos no terreno do proprietário João Pinto Dias Pires para os três anos seguintes. A construção foi aprovada pouco mais de dois meses depois, cabendo ao Joaquim Lopes Belchior a responsabilidade pela demolição do prédio existente e pela construção do novo projecto assinado por MGC, não existindo para aquele local, quaisquer salvaguardas patrimoniais, visto que nas duas décadas anteriores a mesma envolvente era considerada o limite periurbano de Faro, ocupado sobretudo por terrenos expectantes - em alguns casos agricultáveis - por armazéns e por algumas habitações aglomeradas de baixa qualidade. A destacar, a Sul do local de implantação estava a Igreja de São Pedro e algumas habitações oitocentistas com telhados de tesoura.

Até aqui, o Edifício Pires & Brito foi o maior edifício em altura projectado por Gomes da Costa em toda a sua carreira, que apesar de ter sido destronado em 1983 com a conclusão do Edifício Tridente, permanece ainda hoje como o mais alto edifício erguido nesta rua, não havendo portanto, nenhum outro que igualasse em número de pisos. Antes de atingir os doze pisos e ultrapassar as limitações da Servidão Aérea do Aeroporto local, a proposta inicial apresentava não só um desenho mais complicado (e mais caro) como também dissonante para com a envolvente, resultando com que todo o processo se revelasse extenso pelos inúmeros projectos de alteração. Na primeira proposta datada de 25 de Maio de 1969, os nove pisos e andar recuado viriam - caso fosse levado adiante - a ter a mesma lógica do edifício construído, numa igual composição das fachadas, com elevada carga plástica através da repetição cadenciada dos avarandamentos.

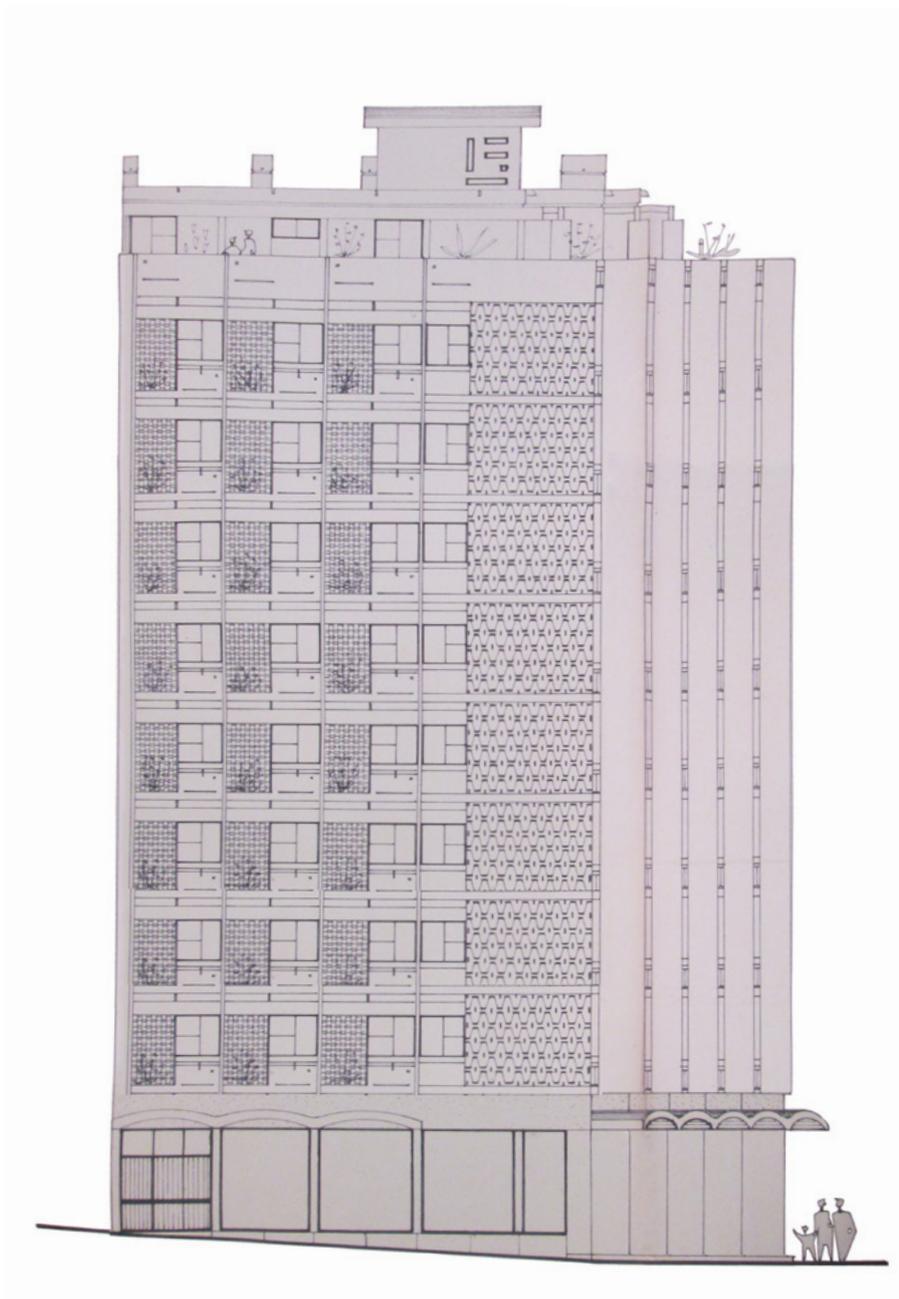
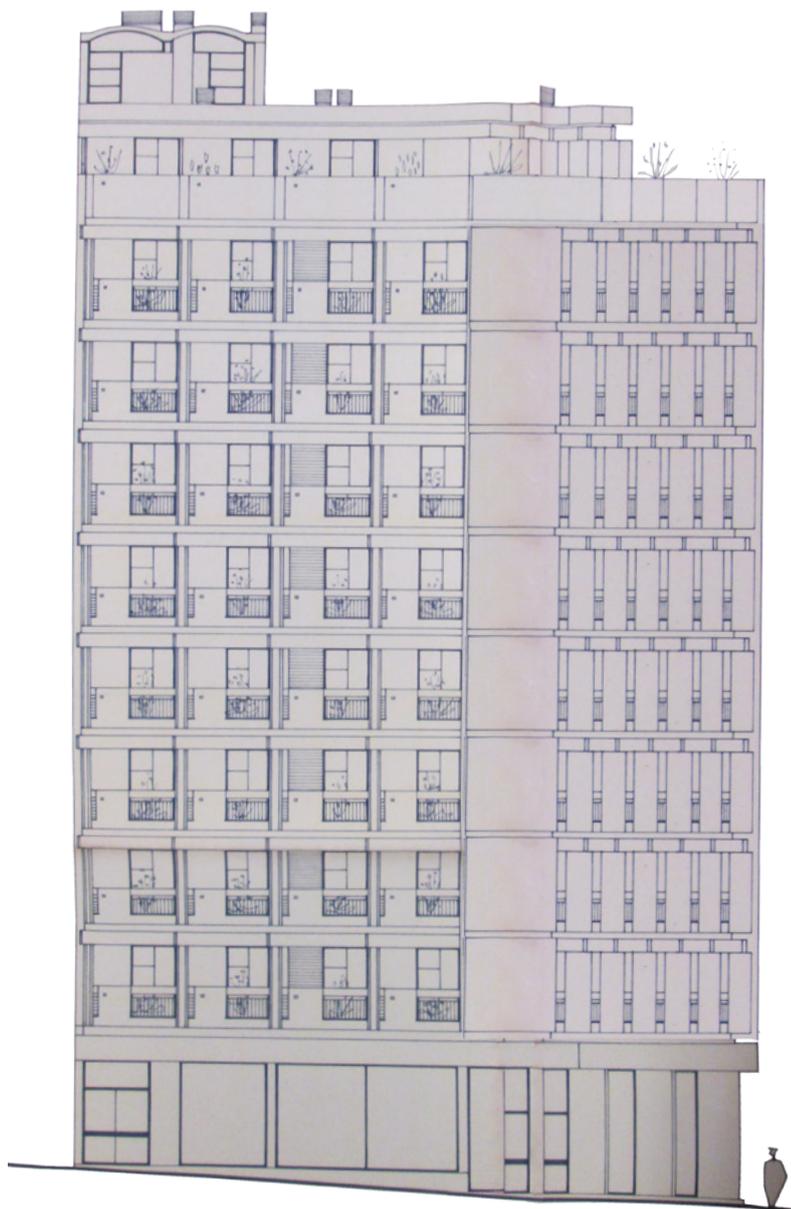


fig. 87 Primeira proposta para o edifício
Pires & Brito, 1969 fonte: CME/SOP n° 763/69



Até a proposta de 1973 ser consumada, o edifício que hoje temos passou por duas outras fases para além da de 1969. Pelo caminho houve a tentativa de 1970 e a de 1972, com mudanças mais funcionais que estéticas (fig. 87 e 88). Do ponto de vista funcional, achou-se necessário resolver a espacialidade do piso térreo (incluindo a do núcleo de acessos que estava voltada para a Rua Aboim Ascensão), a organização da cobertura, o aumento do número de pisos do conjunto, a organização interna dos apartamentos e a quantidade de varandas. Do ponto de vista plástico, entre a proposta de 1969 e a de 1973 notaram-se algumas alterações, entre elas o abandono das grelhagens cerâmicas pelas plásticas, os azulejos enquanto elemento compositivo da fachada e as abobadilhas do piso térreo que estranhamente foram consideradas, já que nunca pertenceram ao leque imagético desenvolvido por MGC nos seus 16 anos de carreira até então. Devaneio ou incursão por novas linguagens, não se sabe ao certo, o que prevaleceu deste primeiro projecto foi a fachada movimentada, o uso da vegetação nas varandas, a sobreloja no interior e um desenho bem conseguido face às condições ambientais locais. A verdade é que nas quatro propostas, de 69 a 73, notava-se uma intenção velada do arquitecto de construir uma "escultura habitada", tratando-se claramente que Gomes da Costa estava focado num processo maiêutico pela busca de um projecto depurado de artificios para além dos que diziam respeito ao foro arquitectónico.

fig. 88 Segunda proposta para o edifício Pires & Brito, 1970
fonte: CMF/SOP n.º 763/69

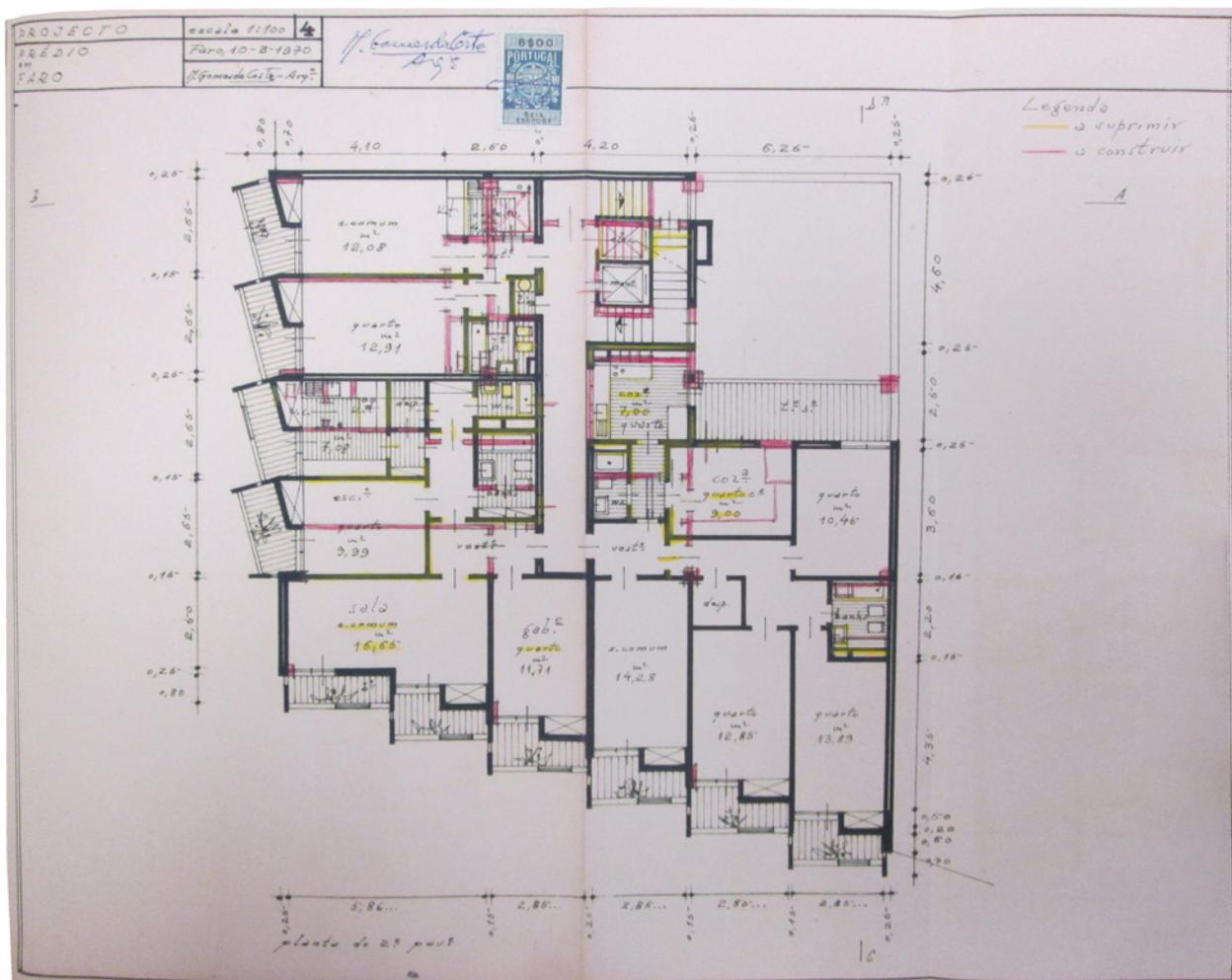


fig. 89 Projecto de alterações do edifício Pires & Brito datado de 1970, antes de chegar à sua versão final em 1973. fonte: CME/SOP n.º 763/69

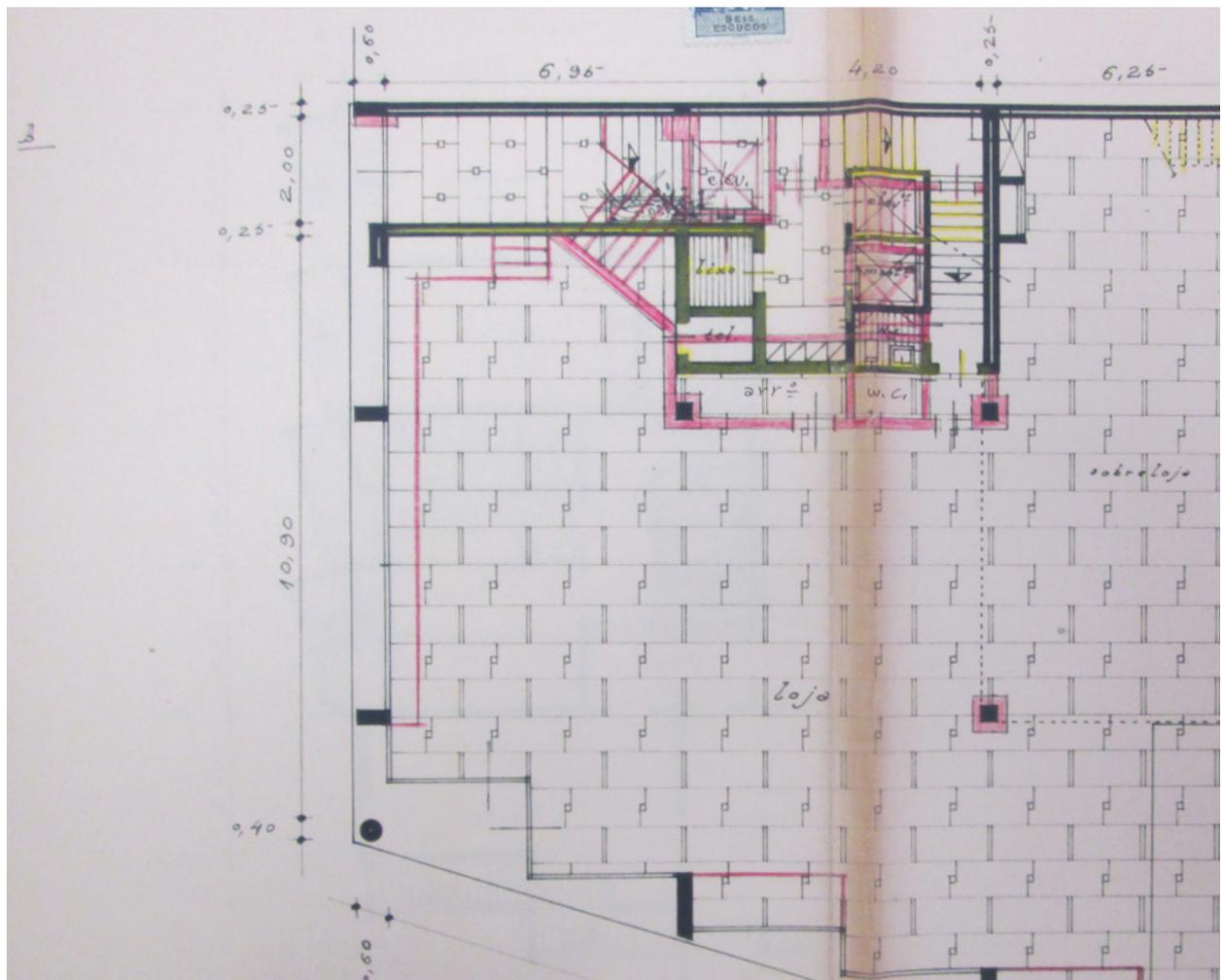


fig. 90 Pormenor da planta térrea do projecto de alterações do edifício Pires & Brito, datado de 1970, antes da versão final de 1973. fonte: CMF/SOP n.º 763/69



João Pires & Brito

Organização do Espaço

No que respeita à organização espacial, o edifício apresentava uma grande heterogeneidade, acusando de certa forma alguma flexibilidade nos usos de cada piso, apesar de terem todos 2,80m de pé direito. No térreo tínhamos uma área inteiramente dedicada ao comércio e subindo para o primeiro, tínhamos 3/4 da área reservada a escritórios, estando o restante 1/4 ocupado por um pequeno apartamento "T1". Nos restantes pisos os espaços seriam de uso exclusivo da habitação, variando apenas nas dimensões, pois enquanto que no 2º, 10º e 11º piso teríamos apenas dois apartamentos, do 3º ao 9º teríamos três (fig. 94). Esta decisão de organizar os pisos com dois ou três apartamentos, dos quais podiam ter até quatro quartos, tinha mais fundamento comercial que prático, porque visto da primeira, o único ponto favorável seria a criação de um maior leque de apartamentos à venda, porque visto do lado prático, a deslocação das áreas de uso comum da casa tais como a cozinha e casas de banho, poderiam ser um inconveniente em termos de ruído para os vizinhos dos pisos inferiores, em que teriam para o mesmo ponto um quarto ou uma sala.

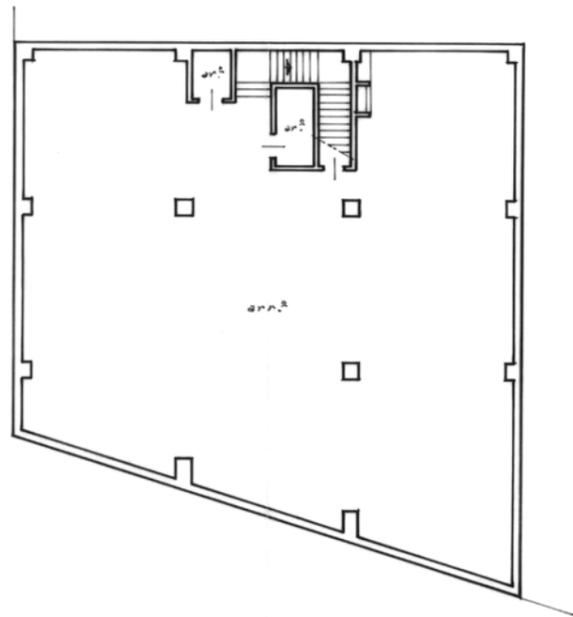
Todas as divisões estariam servidas de uma varanda, incluindo a cozinha, porém, dada a configuração em planta e do próprio desenho da fachada, os movimentos entre o interior e o exterior ficaram reduzidos, o que limitou por exemplo, a circulação entre os diferentes espaços internos através da varanda. Por outro lado, Costa voltou a evitar as janelas, optando antes pelas portas de correr envidraçadas, para que os ganhos solares fossem maiores e para que a sensação de enclausuramento fosse diminuído.

A cobertura que inicialmente fora projectada para ser habitada, deu lugar a uma área técnica circulável, cujo núcleo de acessos despontava da superfície quebrando a horizontalidade do coroamento. No extremo oposto, ou seja, no piso térreo e na cave, eram os espaços que mais se destoavam dos restantes pisos, pois além de serem de uso inteiramente comercial, tinham um núcleo de acessos que criava um dos dois momentos de torção de planos em todo o edifício, que exceptuando as varandas voltadas para a Rua Frei Lourenço Santa Maria, tinham todos os seus planos desenhados na mais rígida ortogonalidade. Aqui, a entrada demonstrava uma verdadeira consideração pelo habitante, visto que a sua cubicagem aproximava-nos mais para a escala doméstica que para a escala urbana – primeiro por voltá-la para a rua de menor tráfego e segundo por sermos recebidos na entrada por um pequeno canteiro florido que marcava a articulação deste piso com os adjacentes.

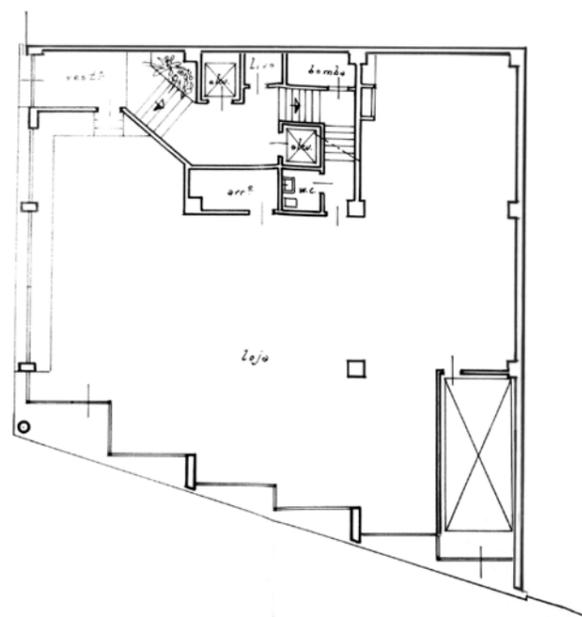
fig. 91 Alçado da Rua Frei Lourenço Santa Maria nas cores originais.
fonte: Arquivo Gonçalo Vargas



fig. 92 Edifício Pires & Brito visto da Igreja do Carmo.
fonte: Autor (2017)



Cave



1º Piso / Piso Térreo



2º Piso



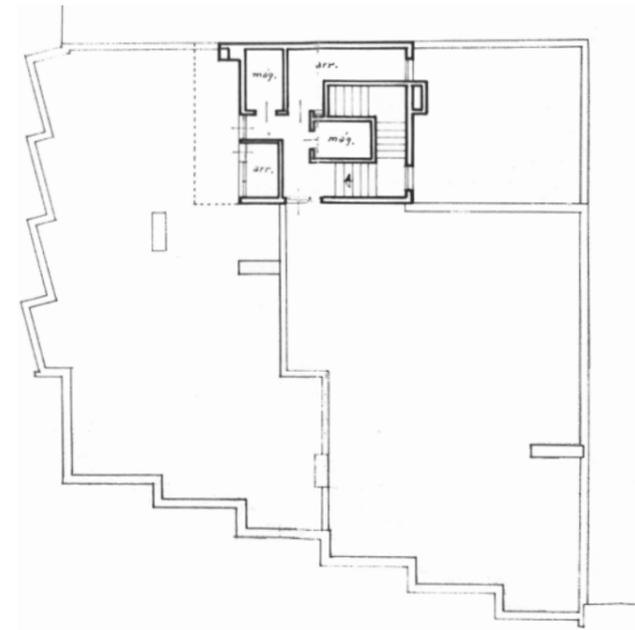
3º Piso



4º ao 10º Piso



11º ao 12º Piso



Cobertura

fig. 94 Plantas finais do edifício Pires & Brito, 1973: da cave à cobertura.
fonte: CMF/SOP nº 763/69

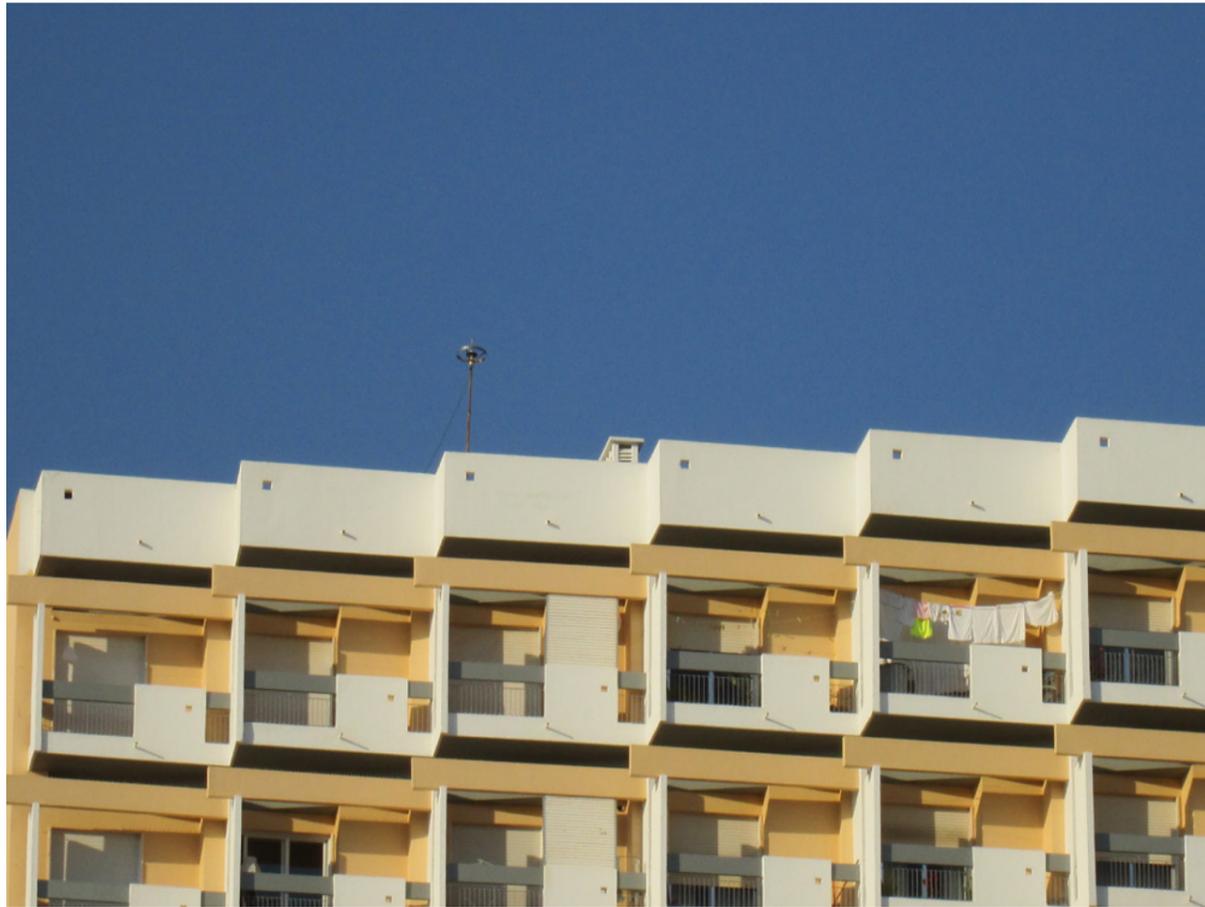


fig. 93 Edifício Pires & Brito: vista para a platibanda com destaque para a grelha localizada no centro-esquerdo da imagem.
fonte: Autor (2017)



fig. 95 Trabalho da luz nos diferentes planos.
fonte: Autor (2017)

Técnicas e Materiais

Nos aspectos técnicos e materiais o edifício apresentava uma estrutura convencional de betão armado, dos pilares às sapatas, ao passo que as paredes eram de tijolo furado. As fundações – também elas convencionais – eram em betão ciclópico previamente impermeabilizadas até à base das paredes. Diferentemente do resto do conjunto, no piso térreo existia um tecto falso que além de regular as cotas internas, permitiam conduzir todas as canalizações ao colectador geral (fig. 101). Neste plano, os pilares assim como os socos foram revestidos de granito polido, que contribuía para a valorização do espaço comercial que se encontrava inteiramente exposto para a rua pelos seus enormes planos envidraçados.

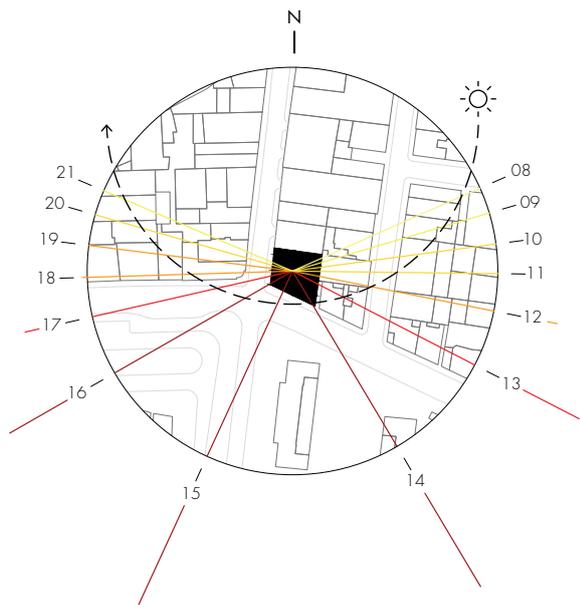
Nos pisos superiores a luz era igualmente tida em conta pelo uso de portas de correr envidraçadas, evitando nas duas fachadas quaisquer tipos de janelas. Nestas portas, o arquitecto optou pelas caixilharias de alumínio anodizado e persianas de correr em material plástico (fig. 95). As ombreiras assim como as soleiras e as vergas eram de cantaria brunida ao passo que os elementos horizontais pousados nas varandas, eram de betão descobrado. Embora o edifício acusasse uma certa ideia de construção modular, isto é, onde todos os espaços e todos os elementos que o compunham construtivamente eram feitos em série e repetitivamente, na verdade estes apresentam dimensões e configurações diferentes, sendo necessárias diferentes cofragens para um elemento que à primeira vista era igual a qualquer outro presente na fachada. Não muito grandes, as varandas projectadas não ultrapassavam um metro de largura (fig. 98).

Visto de fora, o emprego de grelhagens plásticas ficou reduzido apenas a duas por piso, divididas entre os dois alçados soalheiros que, embora protegessem os espaços internos do Sol, o seu uso prendia-se mais pelo aspecto plástico que funcional, uma vez que não foi programado para proteger um espaço em específico do apartamento, mas sim para quebrar a monotonia da exaustiva repetição das varandas (fig. 92).

Em matéria de protecção solar, a resposta estava na própria arquitectura e não nos materiais em si. Dada ao local de implantação, o edifício estava inteiramente exposto a Sul, sem quaisquer fontes de absorção (árvores ou outras construções) da radiação directa na sua face mais exposta, voltada à Rua Aboim Ascensão. Devido ao grande alveijamento solar que se esperava, o arquitecto fez uso de um complexo jogo de planos para uma maior protecção solar (fig. 97 e 98).

As faces voltadas a Norte e a Este eram quase na totalidade cegas, exceptuando o recuo voltado à primeira, em que tínhamos uma pequena varanda que na eventualidade de ser obstruída por um edifício de igual ou superior porte, ficaria sob a configuração de um poço zenital. Do lado poente, a única barreira que acabava por criar algum sombreamento para além dos dispositivos da própria arquitectura de Gomes da Costa, era o edifício de 10 pisos – dois a menos – onde ainda hoje encontra-se instalada a sede da empresa Metalofarense. Com esta barreira, a luz passou a ser retida das 17h até ao por do Sol¹⁸⁴ (fig. 96).

¹⁸⁴ Importa mencionar que as horas indicadas referem-se ao Solstício de Verão em que o número de horas de Sol chega quase às 15 horas. Como resultado, temos dias longos e noites curtas. Outro factor determinante no comprimento do dia é a alteração do horário de Verão, que nesta data encontra-se adiantado uma hora.



Data: 21 de Junho às 05:24 GMT+1* (Solstício de Verão)

Nascer do Sol: 07:12:22

Por do Sol: 21:54:50

*Em Portugal Continental, a referência é a hora de Lisboa, que equivale a GMT+0, que com o horário de verão adianta uma hora, equivalendo a GMT+1

fig. 96 Carta Solar para a localização do Edifício Pires & Brito à data do Solstício de Verão. fonte: Autor (2017)

fig. 97 Pires & Brito: contrastes luz-sombra na fachada. fonte: Autor (2017)





fig. 98 Luz, sombra, planos e densidades.
fonte: Autor (2017)



fig. 99 Verticalidades. fonte: Autor (2017)

Proporção e Escala

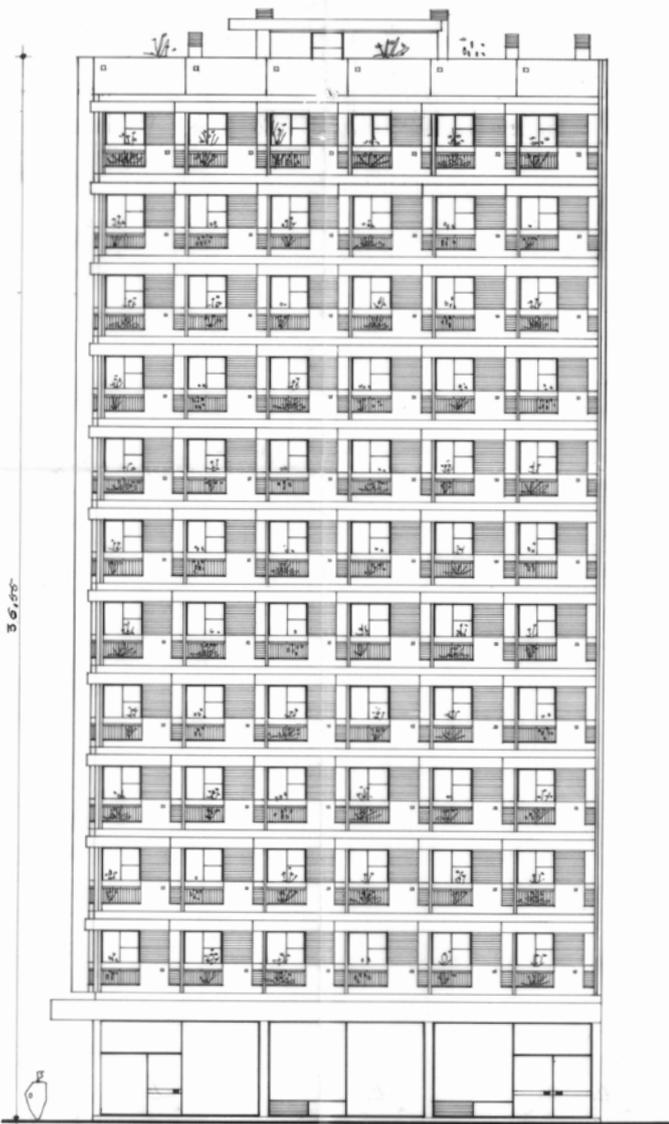
No que respeita à proporção e à escala, o edifício apresentava muito bem as duas: a urbana e a doméstica (fig. 99). A primeira por assumir claramente uma posição dominante no horizonte urbano, esmagando por completo a envolvente com o auxílio do edifício construído no lado oposto da rua; a segunda, por nos levar à escala doméstica, pelas varandas pensadas como uma extensão dos espaços internos, com o devido resguardo pelo complexo jogo de elementos verticais e horizontais que configuraram uma imagem pseudo-modular do conjunto (fig. 98). Ainda nesta, a vegetação rematava esse desejo de trazer um pouco do ambiente bucólico para o meio tectónico, confinado e racionalizado. Resultado deste complexo jogo de planos que ajudaram a definir o edifício no panorama urbano, Faro tem hoje uma obra ímpar (fig. 100).

Aparentemente esculpida, espanta pela desconstrução dos elementos estruturais com os inúmeros planos levitantes e suspensos numa assustadora fragilidade. O edifício nunca é o mesmo, ele modifica-se a cada hora do dia, a cada estação do ano, possuindo ritmo e movimento autónomo de toda a cidade, através das suas incontáveis varandas que atribuem uma carga dramática ainda maior à composição pelo sombreamento interno, mesmo quando exposta ao Sol directo (fig. 102). De forma a apaziguar os contrastes, a cor no projecto original procurava trazer alguma sobriedade e calor ao edifício já por si chamativo, contemplando uma gama de cores quentes, entre o castanho claro para as empenas e para os elementos horizontais, o branco para os elementos verticais das varandas e a cor ocre para os parapeitos (fig. 91).

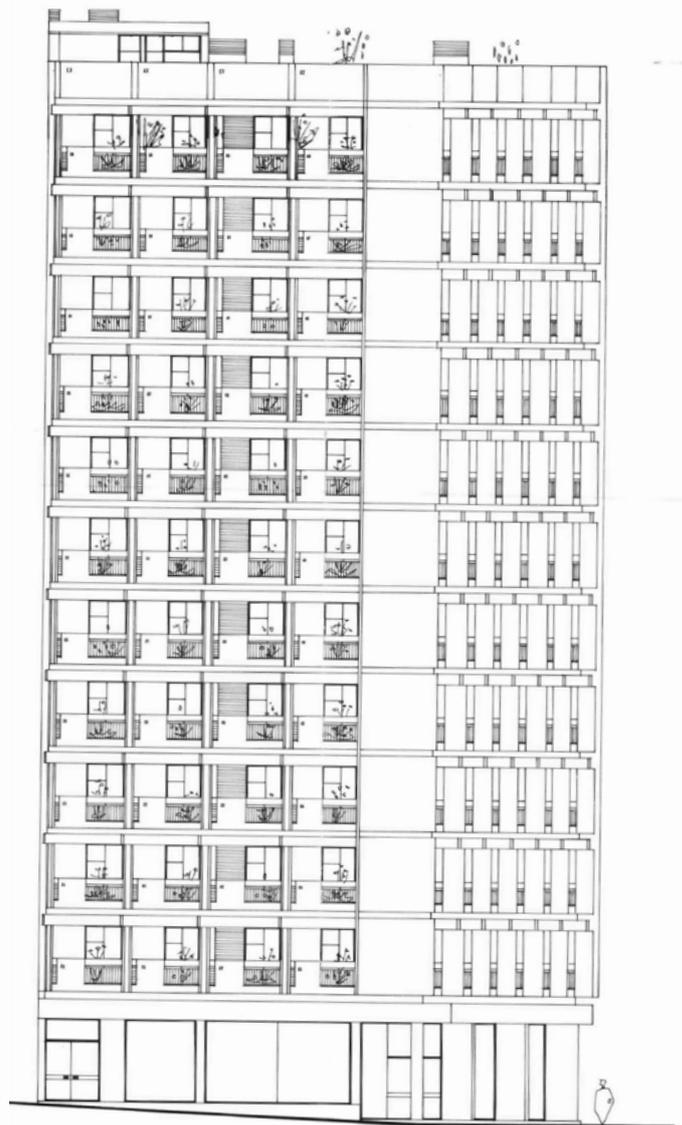
Na verdade, as palavras de Costa representavam a antítese do que foi construído, talvez como forma de defesa e de convencer os agentes camarários para o que iriam deparar na memória descritiva, da qual encerramos este segundo Caso com as palavras do próprio

"O aspecto arquitectónico foi tratado com todo o cuidado, não só de modo a dar movimento às fachadas como também de obter uma expressão de sobriedade, leveza, equilíbrio e harmonia, em especial de conseguir o aspecto típico das novas construções algarvias, como a simplicidade, o equilíbrio de proporções, a pureza dos volumes e que têm por resultado a leveza, a graciosidade, a humanização. Daí, o edifício apresentar um aspecto aligeirado e movimentado, mas calmo, de modo a conseguir aquele aspecto "típico" acima indicado¹⁸⁵."

¹⁸⁵ Manuel Gomes da Costa, 1969 em CMF/SOP nº 763/69 "Edifício Pires & Brito.

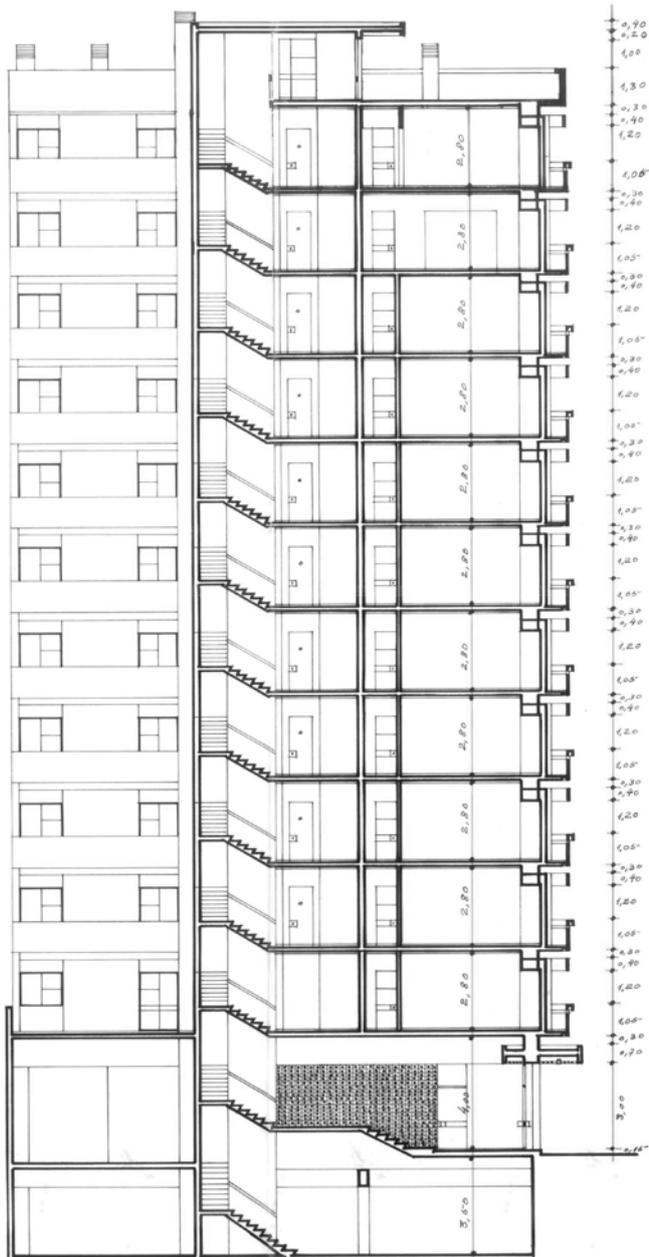


Alçado Principal (Rua Aboim Ascensão)

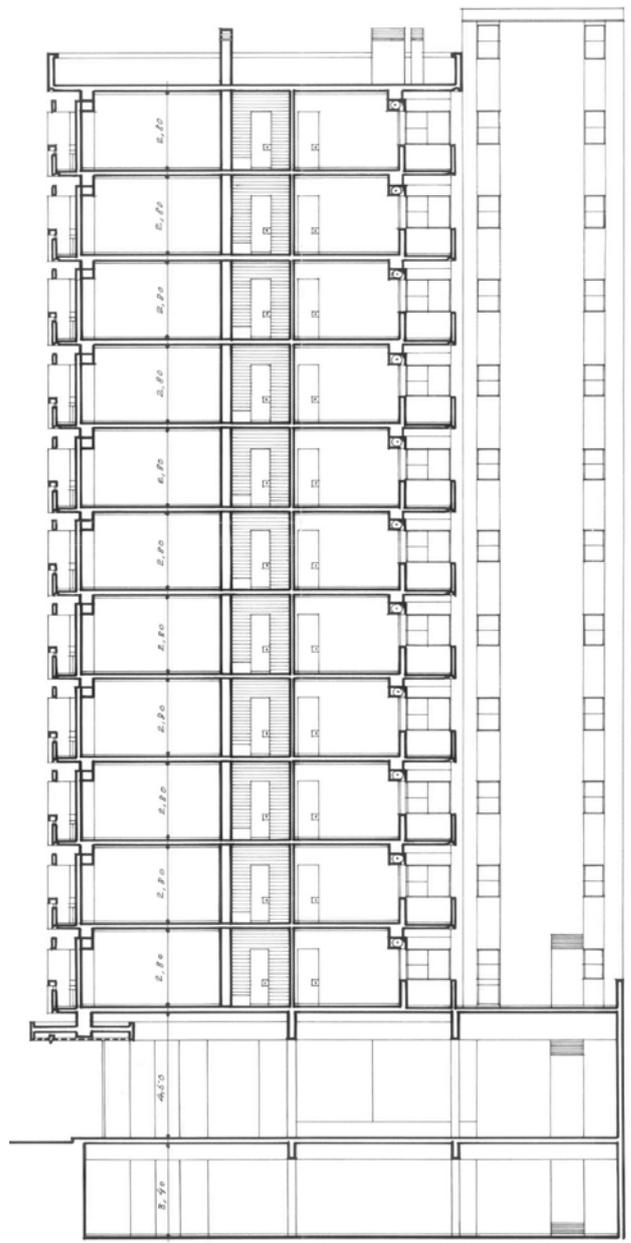


Alçado Lateral (Rua Frei Lourenço Santa Maria)

fig. 100 Pires & Brito: alçados. fonte: CMF/SOP n° 763/69



Corte A-B



Corte C-D

fig. 101 Pires & Brito: cortes. fonte: CMF/SOP n° 763/69



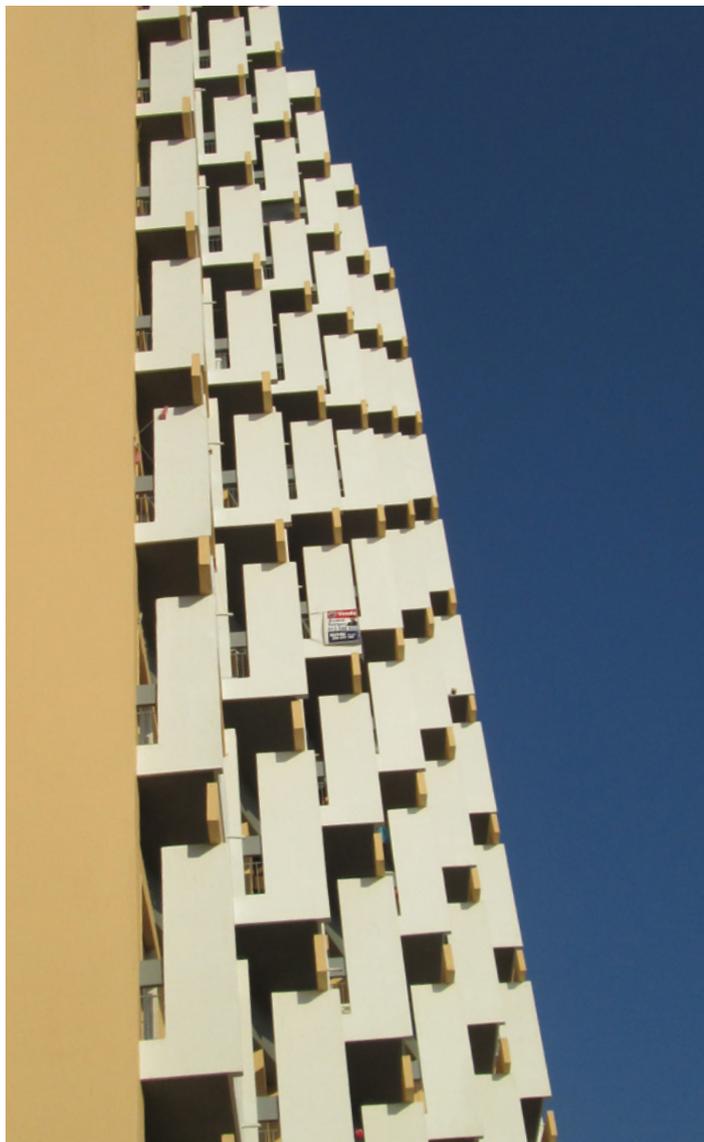


fig. 102 Pires & Brito: afirmação, ordem e ritmo.
fonte: Autor (2017)

Caso n° 3

EDIFÍCIO TRIDENTE

Ano: 1979

Categoria: Habitação Multifamiliar + Comércio

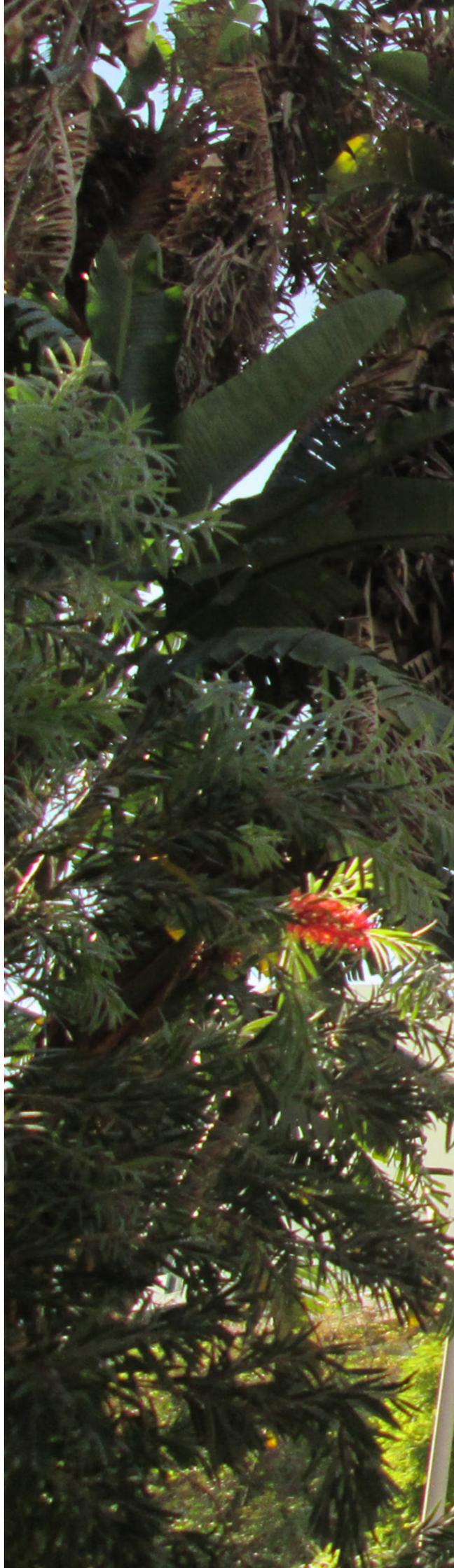
Composição: Edifício de 16 Pisos

Localização: Gaveto da Av. 5 de Outubro com a Rua Dr. Cândido Guerreiro; Gaveto da Rua Dr. Cândido Guerreiro com a Rua Reitor Teixeira Guedes

Coordenadas: 37.017600, -7.927450

Cliente: Construções Silva e Guerreiro Lda.

Processo CMF/SOP n° 2728/79





BPI

BPI



0 50 100 200m

← **fig. 103** Edifício Tridente.
fonte: Autor (2017)

fig. 104 Planta de localização do Edifício Tridente, Faro
fonte: Autor (2017) adaptado de CMF-SIG: Cartografia Vetorial 1997-2017

Contextualização e Localização

Em finais da década de 1970, uma pequena parte da população mais conservadora e um pequeno grupo de curiosos, procuravam através de esporádicas manifestações, salvaguardar um dos edifícios mais importantes do período recente da cidade. No centro da discórdia estava o Palácio da Família Lã, que se encontrava abandonado há pelo menos 20 anos e que ia ser demolido para dar lugar a um projecto que ao certo não se sabia qual, nem para quando. Quando o alvará foi publicado pelo subsequente deferimento dos responsáveis camarários no dia 30 de Outubro de 1979¹⁸⁶, uma nova manifestação foi marcada às portas do palácio, porém, a decisão já estava tomada e aprovada: ia ser construído um edifício de habitação multifamiliar de pelo menos 16 pisos com projecto assinado pelo Arquitecto Manuel Gomes da Costa, que já no alto dos 26 anos de carreira, passara a ser uma figura muito referenciada - positiva e negativamente - na cidade, pelos mais de cem edifícios construídos que provocaram uma grande transformação na identidade urbana¹⁸⁷.

Segundo o testemunho do erudito Vilhena Mesquita, professor da Universidade do Algarve, a residência apalaçada com gosto sevilhano foi construída por um rico empresário da nova burguesia desenraizada de Faro, Modesto Gomes Reis, personalidade de origens espanholas que pretendia afirmar a sua prosperidade económica e empresarial, ligada à indústria de fiação que se encontrava instalada na principal Avenida da cidade (fig. 105 e 106). Mais tarde, com a sua morte, as suas herdeiras viram-se na condição de vender o património ao empresário João Francisco Lã, cuja fortuna assentava no negócio de importação e exportação de produtos alimentares de primeira necessidade. Com algumas transformações resultantes desse processo de compra e venda, a casa passou a designar-se por “Palácio Lã”. A família Lã que mantivera a sua notoriedade na sociedade farenses entre as décadas de trinta e sessenta do século passado, aos poucos foi desaparecendo e diluindo-se pela sociedade ao ponto dos seus herdeiros verem-se também na condição de se desfazerem do património¹⁸⁸.

Na verdade, o processo que culminou na extinção do Palácio em 79 teve início em 1966, quando os três herdeiros remanescentes venderam a propriedade ao agente de seguros, José Neves Pestana Girão e à sociedade por cotas, Construções Urbalgar Lda. encabeçada por Amadeu Mendonça André¹⁸⁹, que tinham em vista um novo empreendimento imobiliário, pioneiro na região, marcado pela diversidade e pela ambição do programa.

¹⁸⁶ CMF/SOP nº 2728/79 “Edifício Tridente”, pasta 1979

¹⁸⁷ Dos quais 55 foram construídos somente em Faro entre 1970 e 1980 e dos quais 9 foram igual ou superior a sete pisos. Ver tabela síntese (tab. 02) Página 150.

¹⁸⁸ Vilhena Mesquita, J. C. (2009). A família Lã, e o seu palácio em Faro. Obtido em 25 de Novembro de 2016, de Algarve - História e Cultura: goo.gl/kP42HH

¹⁸⁹ Informação obtida pelo cruzamento de CMF/SOP nº 2728/79 “Edifício Tridente”, pasta 1966; e Conservatória do Registo Predial de Faro: Livro G, nº 20, folha 45.



fig. 105 A-D Palácio lã abandonado e vandalizado.
fonte: <https://goo.gl/gKHLAu> e <https://goo.gl/Z4Dqdg>



fig. 106 Palácio Lã visto da Avenida 5 de Outubro.
fonte: <https://goo.gl/gKHLAu>





“Juntando a fome com a vontade de comer”, Manuel Gomes da Costa, foi incumbido de elaborar o projecto e por trazer à superfície o potencial económico daquele lote urbano. Como resultado, desenvolveu aquele que é hoje considerado por muitos, um ícone da cidade, por ser, não só um dos principais pontos de referência pela sua posição dominante na paisagem urbana, mas também por condensar diversas funções para além do habitar, revelando a sua polivalência face às diferentes necessidades. (fig. 108)

O edifício que ainda hoje se conserva no seu estado quase inicial, excepto pela presença de algumas marquises nas varandas - as quais o arquitecto fazia questão de denunciar sempre que fosse necessário¹⁹⁰ - localiza-se no ponto central do principal eixo nobre da cidade, ocupando os dois gavetos da maior face do quarteirão, entre a Avenida 5 de Outubro com a Rua Dr. Cândido Guerreiro e a Rua Cândido Guerreiro com a Rua Reitor Teixeira Guedes (fig. 104). Com o concluir das obras, tornou-se o oitavo, num total de nove edifícios da sua autoria somente nesta avenida, fazendo desta uma verdadeira montra do seu percurso profissional, havendo casos para todas as décadas, exceptuando a última.

← **fig. 107** Verticalidade e neutralidade. fonte: Autor (2017)

fig. 108 Tridente: vista total a partir da Avenida 5 de Outubro. fonte: Autor (2017)

¹⁹⁰ Podemos ver a exposição do arquitecto na salvaguarda da qualidade plástica do Tridente na Resposta elaborada face o Ofício nº 2878, emitido pela Câmara Municipal de Faro a 21 de Abril de 1986. | CMF/SOP nº 2728/79 “Edifício Tridente”, pasta 1986.

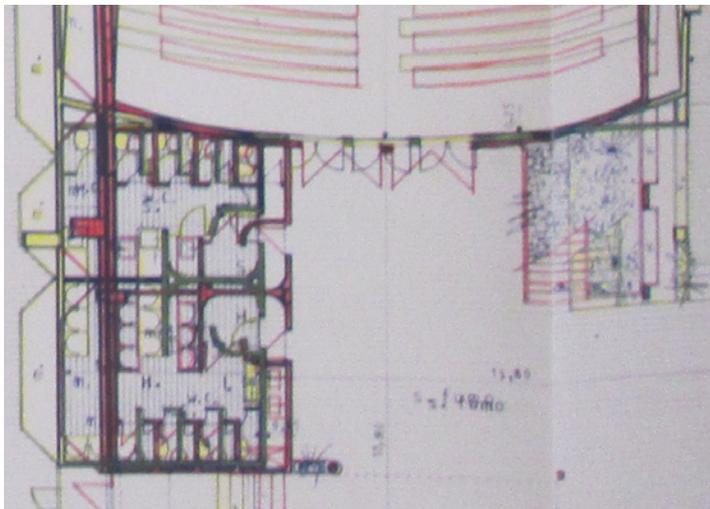
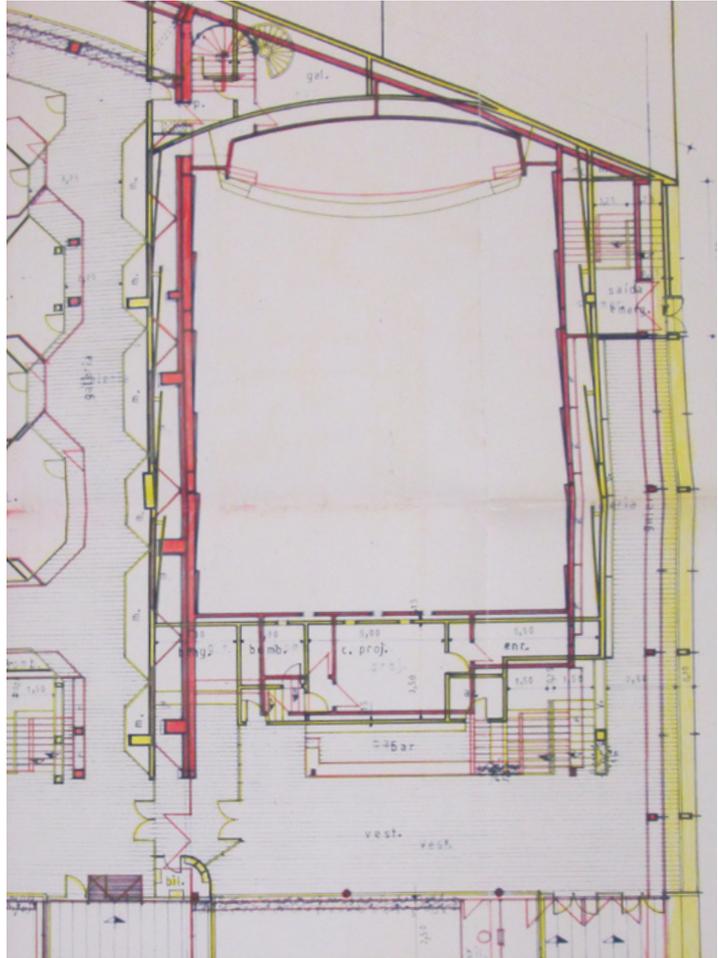
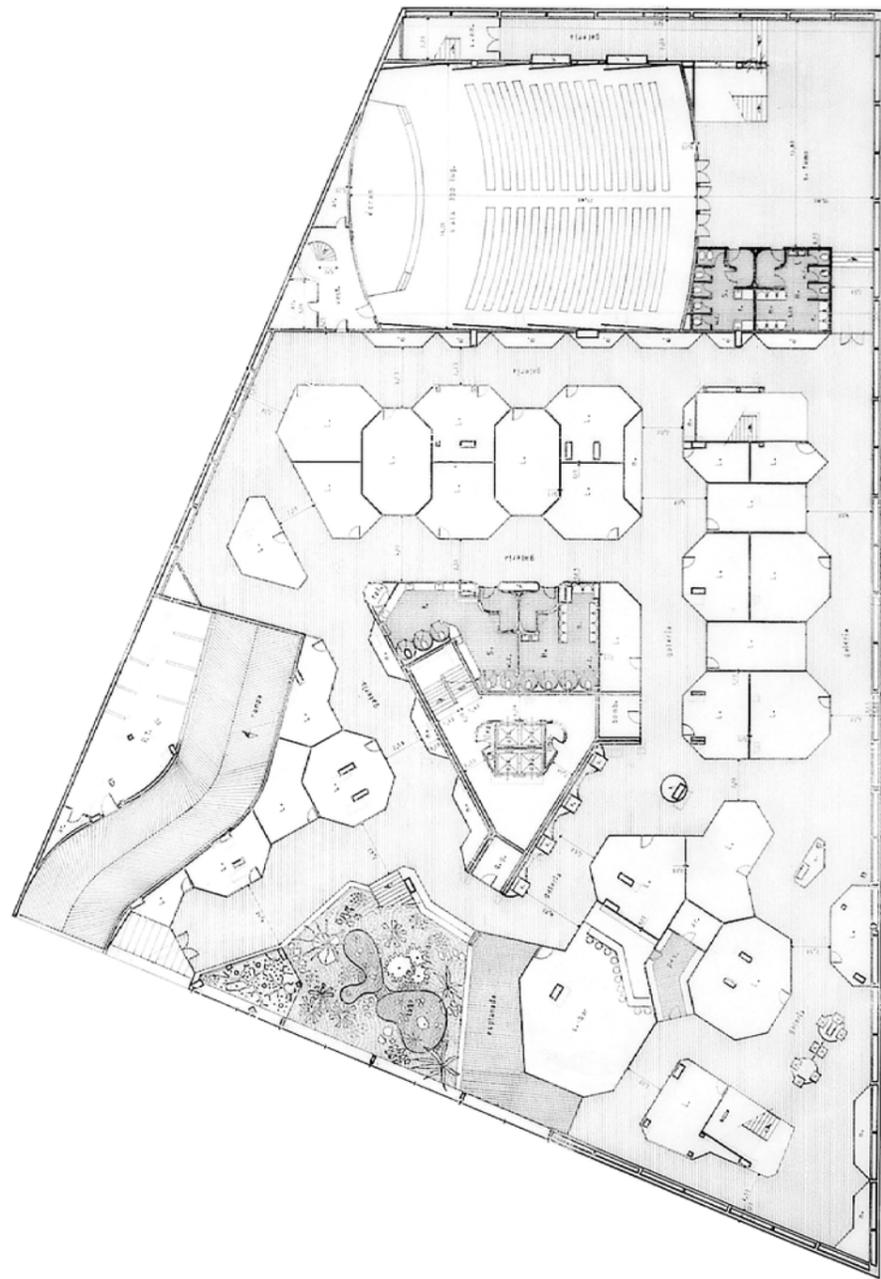


fig. 109 Projecto de alterações do edifício Tridente, 1979.
 fonte: CMF/SOP nº 2728/79



Cave



1º Piso / Piso Térreo

fig. 110 Edifício Tridente: plantas da cave e piso térreo, 1979.
fonte: CMF/SOP nº 2728/79

Organização do Espaço

Antes de chegarmos à versão definitiva, o Tridente passou por uma série de alterações, sobretudo na organização das áreas comerciais. Apesar de seguro e ciente desde o princípio da configuração final do edifício, o arquitecto teve que redesenhá-lo quase na sua totalidade, devido a um erro do levantamento topográfico que mencionava dimensões incorrectas em confronto com as do local de implantação. Deste lapso, resultaram largas e penosas horas de trabalho na elaboração de um incontável número de plantas de “Amarelos e Encarnados”¹⁹¹ (fig. 109). Se a leitura destas representava um sacrifício, pior terá sido a sua concepção, que partiu exclusivamente das mãos de Gomes da Costa, que como bem vimos, mantinha uma postura solitária no exercício laboral.

Ultrapassada a questão do erro do levantamento topográfico, o projecto passou a apresentar na sua versão definitiva novas áreas, nova organização do espaço e nova sistematização da estrutura e das restantes especialidades. Sistemáticamente, em termos de organização espacial, o edifício foi composto por um *pódio*, onde se desenvolviam no seu interior os espaços de comércio, arrumos e garagem e, na sua parte superior, três blocos de geometria triscelar organizados através de um único núcleo de acesso vertical, que condensava o programa habitacional. Nestes três blocos foram contempladas habitações das mais diferentes configurações, num complexo jogo de volumes que por vezes aumentavam os espaços internos e diminuía os externos e vice-versa.

A começar pelo piso térreo, isto é, pela cota de soleira do *pódio* voltada para a Avenida 5 de Outubro, tínhamos o acesso às galerias internas da cave (fig. 112), um centro comercial com 32 lojas organizadas em montras, bar, esplanada, instalações sanitárias colectivas e um anfiteatro com 300 lugares, equipado com sala de fumo e outros espaços de apoio¹⁹². Um nível abaixo, na sub-cave, tínhamos a extensão do primeiro espaço comercial, com 28 lojas, bar com serviço de esplanada e um jardim interno para além da duplicação dos demais espaços de apoio. Descendo para além da sub-cave, tínhamos um estacionamento para 130 automóveis servido por rampa, elevadores e escadas de acesso aos andares superiores (fig. 110); do lado de fora, na cobertura do dito *pódio*, a jóia da coroa: uma praça elevada que procurava satisfazer uma carência de espaços públicos no entorno do edifício (fig. 114). O programa proposto para este espaço na versão de 1979 - onde o arquitecto veio a insistir nas versões de 1982 e de 1985 - remetia-nos inequivocamente ao modelo da cobertura da Unidade Habitacional de Marselha¹⁹³, não tanto pela disposição do espaço, mas pelo ideal de um edifício colectivo e participativo nas necessidades dos seus habitantes de forma quase autónoma da cidade. Neste caso em particular, notava-se uma especial preocupação pelos futuros habitantes, não só com os adultos, mas também com as crianças. Nas palavras de Gomes da Costa o zelo pelos mais pequenos era claro:

“Esta solução poderá contribuir de certo modo para a criação de parques infantis em grandes blocos habitacionais, onde as crianças poderão brincar junto das suas habitações, permitindo ao mesmo tempo um convívio entre os próprios utentes e bom seria que despertasse neles o espírito de procurar atender, dentro do possível, os anseios mais prementes de todas as crianças.”¹⁹⁴

¹⁹¹ Peça técnica normalmente apresentada em projectos de alterações onde o Amarelo representa remoção/demolição e o Vermelho representa a construção.

¹⁹² Actualmente no mesmo espaço encontra-se um supermercado.

¹⁹³ Projecto concluído em 1952 na cidade de Marselha, França, da autoria de Le Corbusier.

¹⁹⁴ Manuel Gomes da Costa em CMF/SOP n.º 2728/79 “Edifício Tridente”, pasta 1979



fig. 111 Tridente: vista da entrada do centro comercial.
fonte: Autor (2017)



fig. 112 A-D Galeria Tridente.
fonte: Autor (2017)

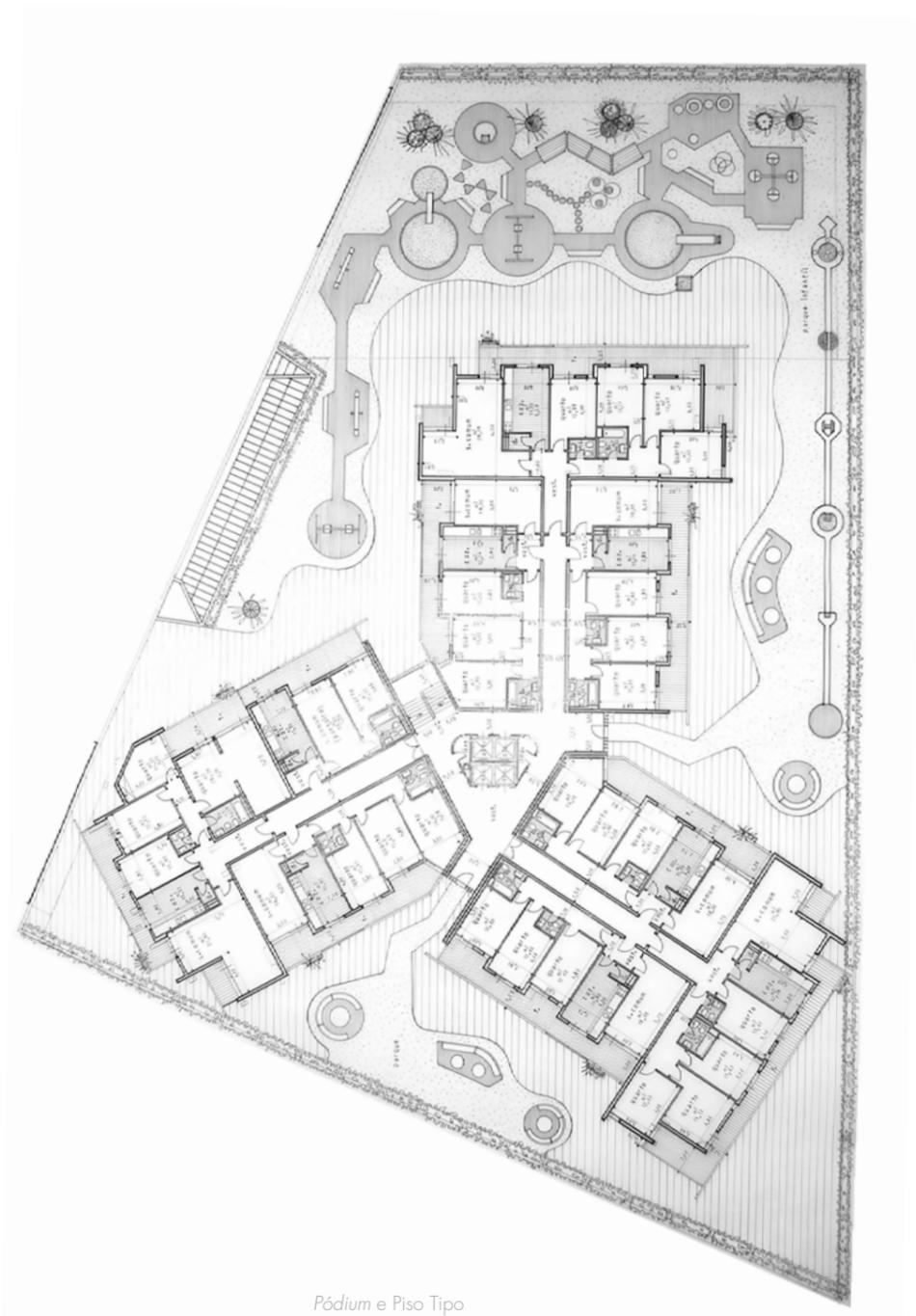
Em termos de desenho espacial deste enorme “parque infantil”, entendeu-se que a pretensão não seria apenas circular, mas também permanecer, resultando em arruamentos intercalados por espaços de estadia e de recreio, concebidos “**num exercício de geometria exemplar, distribuídos organicamente entre os três blocos de habitação que se elevavam a partir desta plataforma**”¹⁹⁵. A pontuar os espaços de estadia foram contemplados nos desenhos algumas *Yuccas*, plantadas em vasos que ainda hoje se preservam no local, para além do mobiliário exterior feito à medida e que no entanto não saiu do papel (fig. 113). A rematar todo este espaço, foi desenhado um extenso canteiro de flores que iria coroar todo o entorno do edifício, cujo propósito era não só afirmar este espaço como uma praça elevada, como também evitar o acesso à margem e uma eventual queda.

Apesar da ideia de habitar e partilhar um espaço comum não ser algo inovador na arquitectura, o conservadorismo dos habitantes do edifício tornaram esta enorme praça num enorme baldio construído. Deste espaço que um dia foi contemplado para o lazer, interacção e comunhão dos condóminos, tal como se de um bairro se tratasse, restam na cobertura estéril, apenas resquícios de uns poucos contornos desenhados no chão e de uma certeza de que passados quase quarenta anos a cidade cresceu e a sociedade pouco despertou para um novo olhar e para uma nova atitude na forma de habitar e viver o espaço.

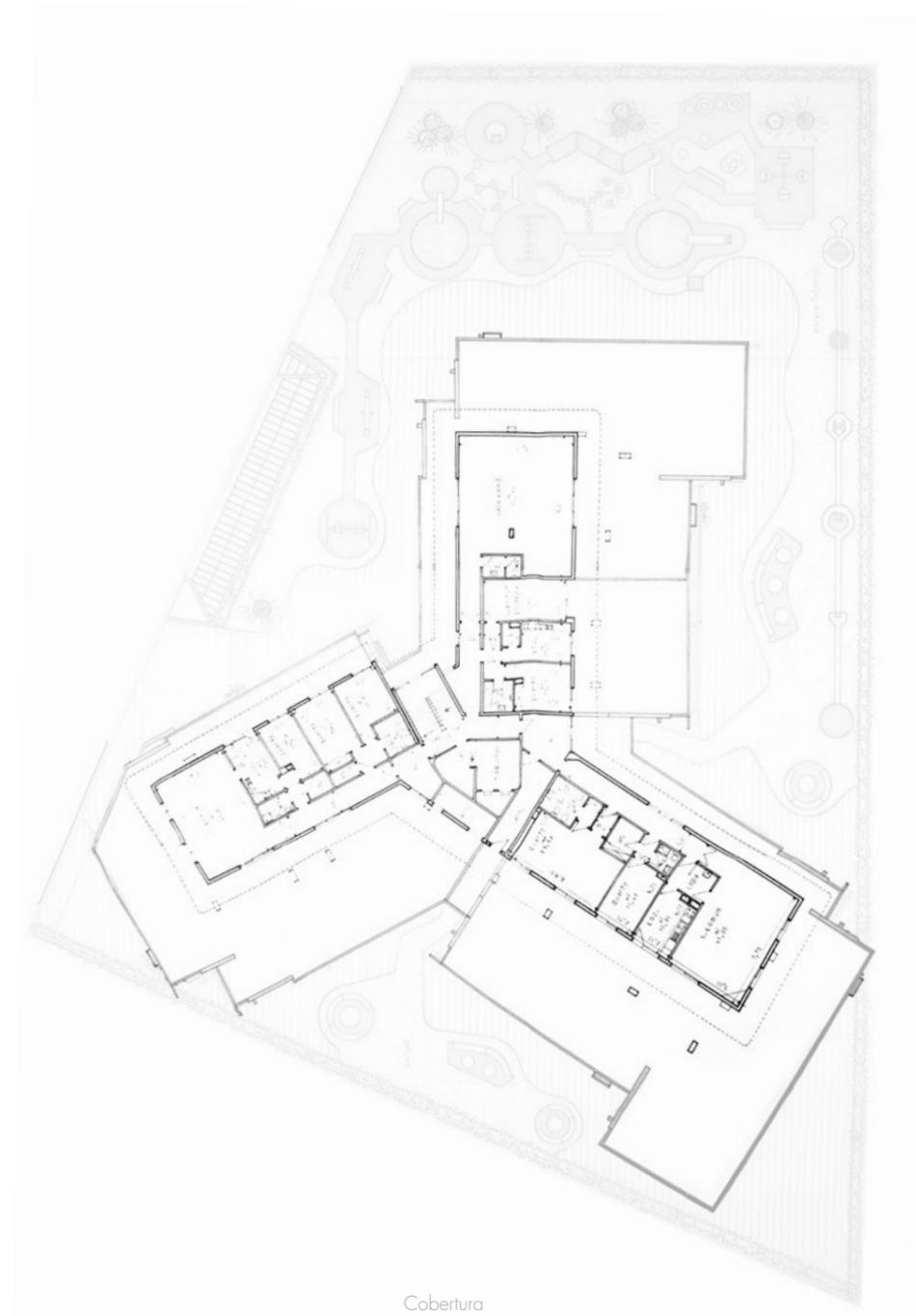


fig. 113 A-C Cobertura do pódium.
fonte: Autor (2017)

¹⁹⁵ António Rosa da Silva, na ficha C26 relativa ao Edifício Tridente, por ocasião da exposição Moderno ao Sul.



Pódium e Piso Tipo



Cobertura

fig. 114 Edifício Tridente: plantas do pódium e da cobertura, 1979.
fonte: CMF/SOP nº 2728/79

Saltando da plataforma para os blocos, do lado interno, o núcleo de circulação vertical funcionaria como o grande sistema nervoso central do edifício, do qual ramificariam os corredores para cada bloco, estando garantidos pelo menos três momentos de contemplação da paisagem pelos majestosos planos envidraçados, que inclusive foram empregues na caixa de escadas, tornando-a menos aborrecida e tediosa. Saindo deste ambiente 'semipúblico' para um ambiente privado, foram projectados para cada bloco, três – e por vezes quatro – apartamentos, cuja circulação interna seria feita por um corredor comum de acesso às demais dependências dispostas sequencialmente, acusando de certo modo alguma monotonia espacial (fig. 114). Se no *pódium* tínhamos uma grande variedade de espaços e de diferentes configurações, nos apartamentos não estavam reservadas grandes surpresas, exceptuando uma vista desafogada para uma das três paisagens que envolvem a cidade¹⁹⁶.

De modo a ampliar as circulações e reduzir uma sensação de confinamento dentro de cada apartamento, o arquitecto desenhou uma varanda comprida o suficiente para que todas as divisões internas se comunicassem por fora, estando para tal efeito, servidas de largas portas de correr parcialmente envidraçadas. A propósito, algo bastante assinalável neste projecto é a ausência quase total de janelas: as únicas existentes foram postas em dois quartos voltados para a Avenida 5 de Outubro e noutros dois voltados para a Rua Dr. Cândido Guerreiro, não prejudicando em nada a fruição interna, visto que os ditos espaços também estariam servidos de porta de acesso às varandas¹⁹⁷.

No que toca à organização de cada apartamento, do 1º ao 15º piso as diferenças eram poucas e estas tinham mais a ver com a lógica comercial do que com a lógica funcional, cuja oferta variava apenas no número de quartos por apartamento, que iam desde os dois aos quatro quartos. Fora estas diferenças, em comum estava a serventia plena dos sistemas de circulação que incluíam o já mencionado elevador e as escadas, como também a cabine para o despejo do lixo que era feita através de uma *courette* ligada ao térreo, oferecendo uma maior comodidade e sensação de autonomia do edifício.

Percorridos todos os espaços, chegámos à cobertura, aberta a 360º para a cidade, sendo possível através dela, observar a agitação urbana num raio considerável, assim como uma vista desobstruída para a Ria Formosa, onde navegam barcos e pousam aviões (fig. 115 e 116). Aqui, se temos apartamentos mais pequenos, por outro lado temos áreas externas com bastante folga, em que é possível utilizá-las para um incontável número de necessidades domésticas. Paralelo ao uso habitacional, está contemplada na cobertura, uma sala de reuniões do condomínio, equipada com cadeiras e com um pequeno palco para que o diálogo seja feito em colectivo.

¹⁹⁶ As três paisagens que envolvem a cidade são a urbana, a serrana e a marítima

¹⁹⁷ O uso destas janelas prendia-se sobretudo numa melhor iluminação e ventilação do espaço interno.





fig. 115 Vista para a Ria Formosa
fonte: Autor (2017)



fig. 116 Vista para a cidade e
para a serra. fonte: Autor (2017)



fig. 117 Tridente: betão, alumínio
e vidro. fonte: Autor (2017)

Técnicas e Materiais

Do ponto de vista técnico, a construção do Tridente partia das já banalizadas técnicas construtivas (sapatas, pilares, vigas e lajes) com o tão indispensável betão armado que tinha vindo a sustentar a arquitectura moderna e as que então se sucederam. Sem grandes surpresas, os acabamentos não aspiravam grande inovação, porém demonstravam um gosto e uma necessidade premente de economia. O diferencial esteve na capacidade de combinar e articular os diferentes materiais, para que de uma só vez fossem solucionados os aspectos estéticos e funcionais. Desta 'ginástica' arquitectónica resultou uma equação equilibrada entre a obtenção de uma máxima sofisticação com materiais básicos e uma poupança nos custos da obra (fig. 117). Como exemplo estavam as fachadas de vidro no térreo, o alumínio anodizado nos frisos e peitoris, cantarias de mármore e granito nos vãos e, superfícies externas pintadas à base de tinta plástica.

Ainda na gama de materiais, as persianas escolhidas foram as de plástico – por todas as suas vantagens – enquanto que para as grelhagens foram utilizados o alumínio, para uma maior leveza e delicadeza. Excepção à regra foi o *hall* de entrada e a zona comercial, revestidas do lado interno com placas de pedra de origem sedimentar e por azulejos pintados com os temas locais. Por sua vez, a cobertura do *pódio* e das torres destacavam-se pelo uso da típica tijoleira regional, que mesmo num edifício desta magnitude, em nada evocava a arquitectura vernacular. No tratamento das empenas, quando estas não estavam pintadas, estavam revestidas de azulejos na cor castanha, como era o caso dos alçados do piso térreo e de algumas paredes externas das torres. Estes azulejos do ponto de vista estético traziam alguma matiz e brilho entre as demais superfícies opacas ao passo que o trabalho de pintura procurava não só proteger a integridade da superfície como também evidenciar a profundidade dos planos horizontais pelo efeito luz-sombra, onde ora tingia os parapeitos das varandas de branco, ora tingia de castanho, as paredes externas (fig. 118).

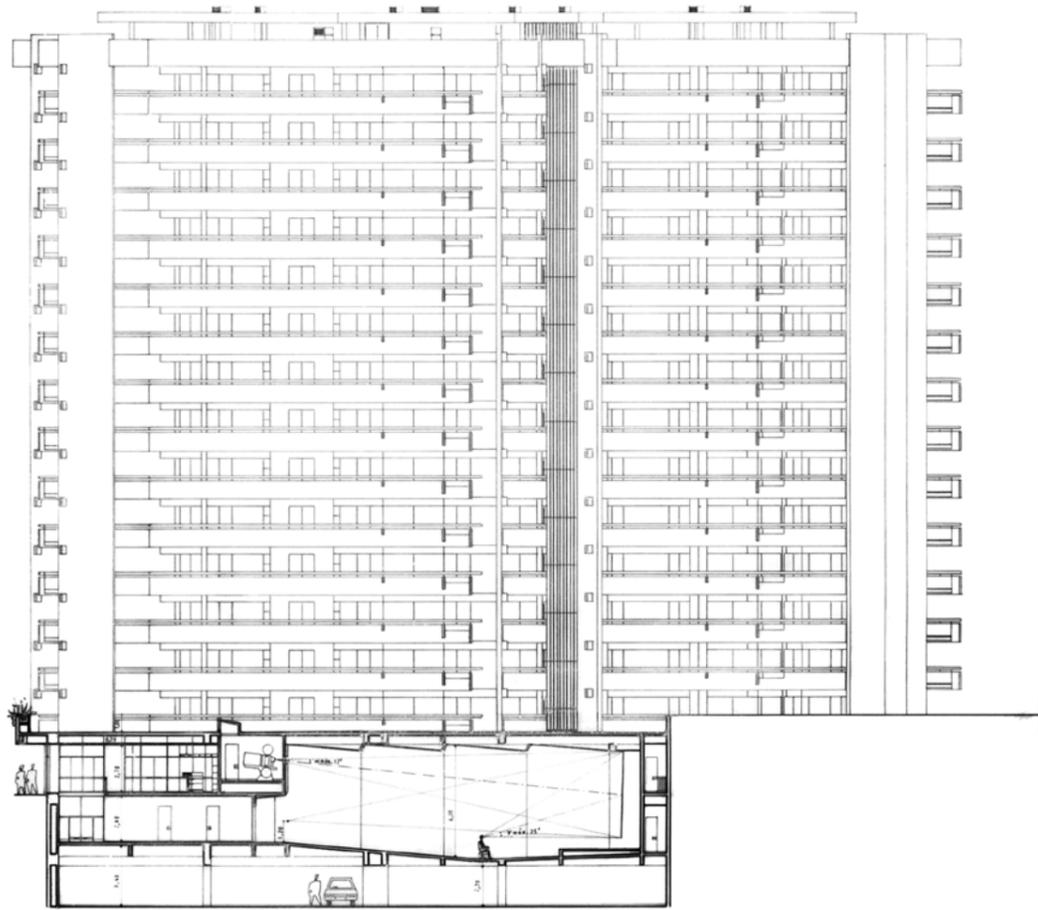


Alçado Rua Dr. Cândido Guerreiro

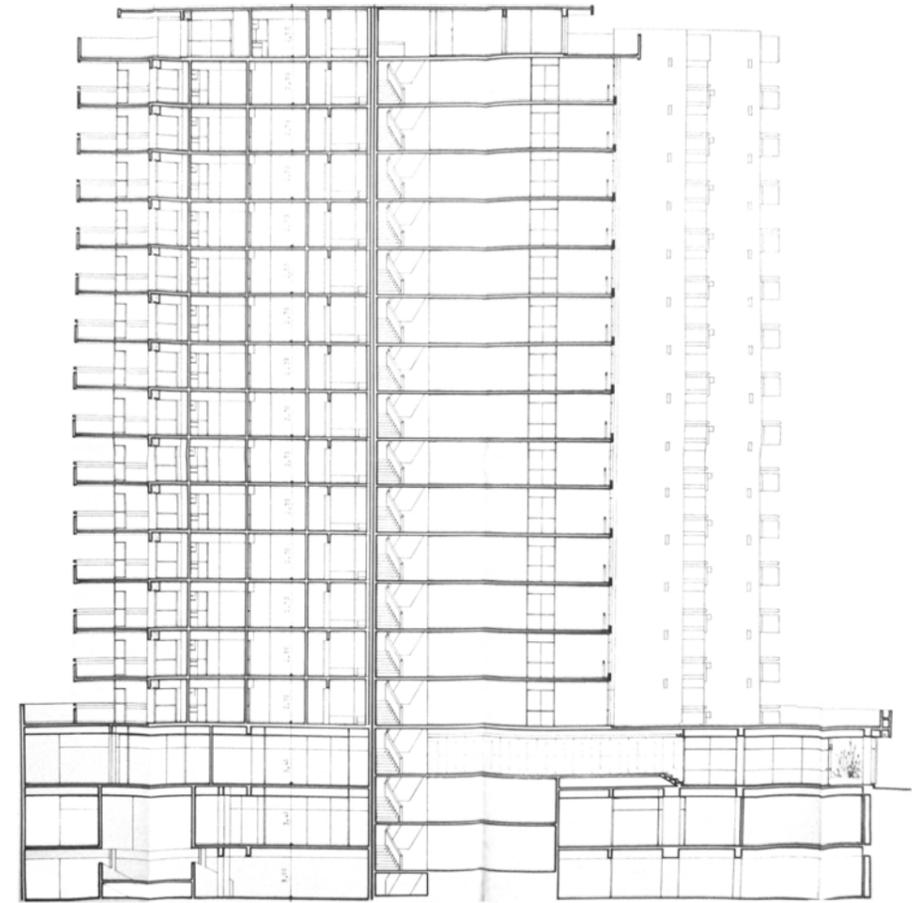


Alçado Avenida 5 de Outubro

fig. 120 Tridente: alçados. fonte: CMF/SOP n.º 2728/79

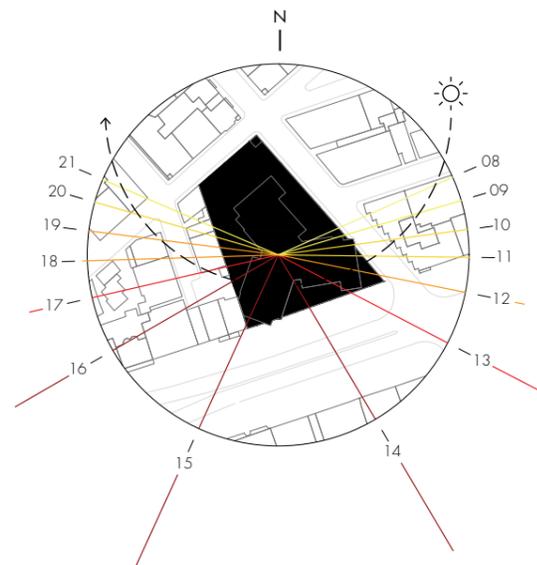
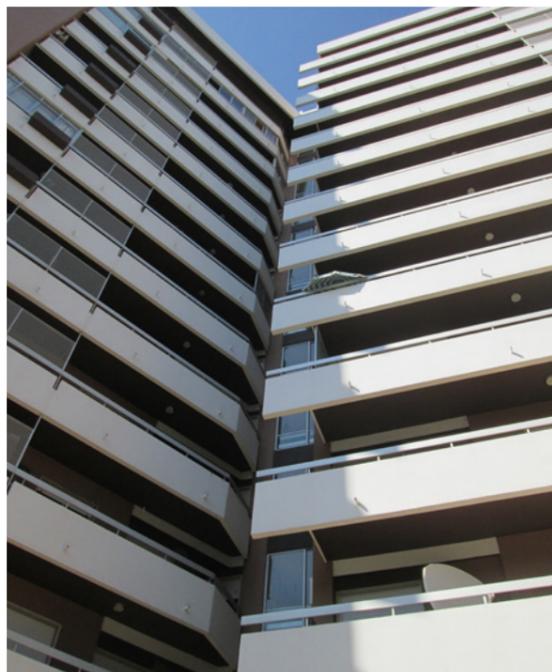


Corte C - D



Corte A - B

fig. 121 Tridente: cortes. fonte: CMF/SOP n° 2728/79



Data: 21 de Junho às 05:24 GMT+1* (Solstício de Verão)
 Nascer do Sol: 07:12:21
 Por do Sol: 21:54:48
 *Em Portugal Continental, a referência é a hora de Lisboa, que equivale a GMT+0, que com o horário de verão adianta uma hora, equivalendo a GMT+1

A cor castanha aplicada neste caso derivava de uma preocupação de harmonizar a escala do edifício com a envolvente, onde o arquitecto recorreu a uma paleta marcada pelos tons suaves e que de alguma forma providenciariam alguma serenidade a todo o conjunto. Se imaginarmos o Tridente pintado inteiramente na cor branca, o tamponamento visual seria ainda maior, o que ampliaria ainda mais o seu peso e a sua densidade. No fundo, a cor reflectia um equilibrado controlo da luz e da sombra entre as superfícies, sabendo Costa, que com o excesso de uma e a carência de outra, estaria a prejudicar o equilíbrio das noções de escala de todo o conjunto¹⁹⁸.

Diferentemente de todos os outros casos de estudo, o Tridente é o único que se desenvolve a 360°, o que lhe permite acompanhar todo o movimento do Sol. Por este motivo, está sujeito às mais diversas condições de luminosidade e radiação. Actualmente, as faces mais expostas são as que estão voltadas para a Avenida 5 de Outubro, que se abre de Sul a Oeste, com exposição directa do meio dia ao por do Sol (fig. 119). Como forma de se proteger da radiação solar, primeiro foram recuadas as fachadas em relação às varandas que numa mesma frente podiam ter entre 1,25 e 2 metros; em segundo, foram aplicadas grelhas de alumínio anodizado com perfis esbeltos e delicados, estando todas elas dispostas de frente para a cozinha (fig. 122), que coincide com o ponto onde a varanda é menos larga, portanto, mais sujeita ao Sol. E por fim, apesar de existir vegetação de porte arbóreo na face voltada para a Avenida 5 de Outubro, esta apenas consegue prover sombra para o piso térreo, devido a angulatura do Sol nas horas em que é alvejado. No fundo, o projecto reflecte uma clara relação de causa-efeito entre os diferentes materiais, configurações espaciais e condições ambientais.

¹⁹⁸ A título de curiosidade, somente o trabalho de pintura feito em 2014, durou quatro meses e teve um custo aproximado de 150 mil euros. Este trabalho só foi possível através de profissionais qualificados em pintura vertical, que utilizaram as técnicas do *Rappel* para alcançar todos os recantos do edifício. Neste trabalho é de louvar o respeito pela integridade do projecto inicial, em que foi considerada a mesma paleta de cores e a preservação da ilustração do nome do edifício na empena voltada a Sul.

fig. 118 O contraste de cores enquanto meio para realçar e aprofundar os diferentes planos.
 fonte: Autor (2017)

fig. 119 Carta Solar para a localização do Tridente à data do Solstício de Verão.
 fonte: Autor (2017)

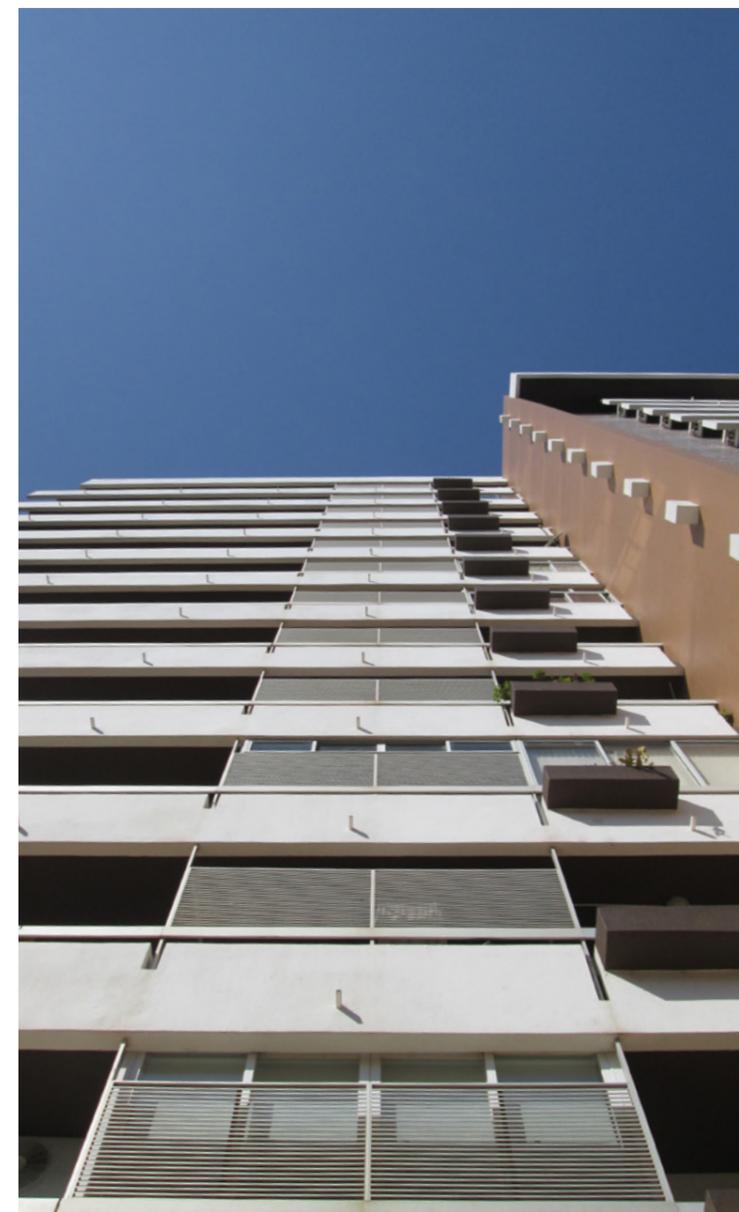


fig. 122 Grelhagens em alumínio anodizado.
 fonte: Autor (2017)

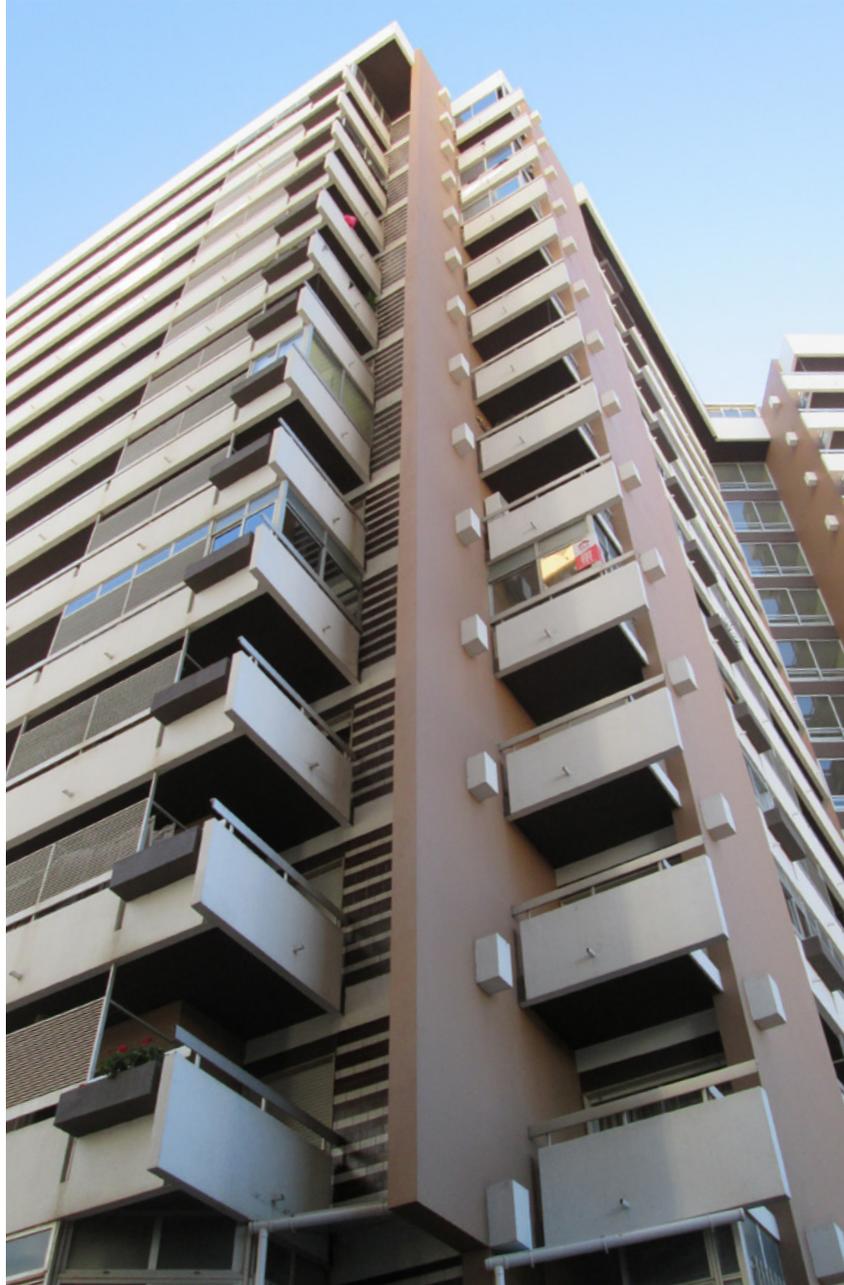


fig. 123 Tridente: pormenores.
fonte: Autor (2017)



fig. 124 Tridente: isometria. fonte: Arquivo Gonçalo Vargas

Proporção e Escala

Durante muitos anos o Tridente ocupou o título de maior edifício de Faro - título este abalado apenas com o advento das construções vizinhas e pelo surgimento dos centros comerciais nos arredores da cidade. Por ter sido pioneiro em termos de magnitude, a sua construção não foi recebida com aplausos pelos munícipes mais conservadores. O motivo de tais reservas prendia-se, em parte, pelo facto da sua implantação ter cilindrado por completo a envolvente e o panorama urbano, da qual o arquitecto esteve desde sempre ciente. Como prova, Costa procurou estudar o impacto que o edifício teria nas vias circundantes, evitando à partida, uma construção contínua segundo os alinhamentos existentes, tendo antes optado por atribuir a todo o conjunto edificado uma nova expressão volumétrica que resultou na configuração dos actuais volumes. Ao separar o programa comercial do habitacional em dois corpos, Gomes da Costa conseguiu minorar a desproporcionalidade perante o sistema de vistas e de circulação do ar de toda a avenida (fig. 124). Do ponto de vista prático, os resultados foram e continuam a ser evidentes, pois só damos conta da sua presença quando estamos praticamente a alguns passos de distância, e por outro lado, a sua cénica deixa de ser inteiramente observável à medida que nos aproximamos das diferentes entradas do piso térreo.

Esta articulação de volumes estudada pelo arquitecto permitiu resolver um conjunto de questões para além da diminuição do impacto visual. Conseguiu jogar com a escala urbana e doméstica, em que ao mesmo tempo afirmava de modo ponderado a soberania do edifício na cidade enquanto que demonstrava por outro lado, uma grande consideração pelo habitante, remetendo-o ao máximo para um ambiente mais confortável, tendo para tal, localizado a entrada principal de frente para a rua de menor fluxo (Rua Dr. Cândido Guerreiro) (fig. 126). Conseguiu também proporcionar uma maior salubridade a todo o conjunto, provendo luz solar directa a todos os alçados em que ao mesmo tempo criou momentos de sombra em diferentes períodos do dia, nos diferentes alçados; conseguiu evitar condições de sombreamento definitivo nos alçados provocado por outras construções de igual porte na sua envolvente; e rentabilizar a ocupação do terreno pela construção de um maior número de fogos, sem que para tal tivesse que abdicar da qualidade de vida dos moradores; ao contrário do que costuma ocorrer nas grandes cidades, em que é comum vermos enormes prédios construídos no perímetro do lote, que acabam por originar largos e profundos pátios internos que estão sempre em sombra e com as vistas castradas; e por fim, com os espaços excedentes, pode entregar aos moradores novas áreas de uso comum, tal como o caso do terraço do *pódium*.

A par destes benefícios mencionados, o cuidado com a escala esteve também presente em outros aspectos, a começar pela própria composição do conjunto, onde ainda hoje se denota uma grande imprevisibilidade, da qual não se sabe quantas entradas existem, nem onde começa e termina um apartamento, nem onde estão as suas diferentes divisões em relação à fachada e tampouco como se organizam os espaços internos. A ideia de movimento também está bastante presente, da qual podemos observar que todos os planos giram em espiral, ao ritmo do movimento solar, contribuindo para um maior dramatismo das formas pelo jogo de luz e sombra nas inúmeras superfícies que nunca são iguais (fig. 127). Aqui, o poder de atrair os olhares e a atenção dos transeuntes é bastante forte, pois existe sempre algum elemento surpresa em cada canto e recanto da sua cénica.



A presença da vegetação neste caso tinha o duplo papel de evocar um melhor ambiente doméstico como também, quebrar a monotonia da longa repetição das varandas. No fundo, existe quase um princípio homeopático, em que pela repetição monótona dos elementos compositivos da fachada, se conseguia combater uma leitura de monotonia de todo o conjunto, em que as evidências se anulavam a si próprias. Por fim, do lado interno, as medidas eram controladas e feitas à escala humana, com espaços com pé-direito sempre de 2,70m, tanto nos apartamentos, como nos acessos comuns (fig. 121). O somar destes aspectos tão pessoais quanto subjectivos, trabalhavam em função do que designamos Arquitectura, isto é, a sua funcionalidade aflorava os potenciais estéticos de toda a obra, tornando-a simultaneamente apta a cumprir as necessidades mais prementes dos seus moradores e ao mesmo tempo, criando neles, um sentimento de pertença e de zelo por algo que eles passaram a reconhecer como lar.

Por conter uma significativa dimensão e conseqüentemente um enorme poder "gravítico" na atracção de pessoas para o desempenho das suas tarefas diárias, o Tridente alterou definitivamente a centralidade da cidade. Entre os concidadãos que hoje o habitam e visitam é tentador afirmar que este possui um *status* de lugar antropológico naquelas imediações, por ser um objecto amplamente reconhecido e referenciado entre a população. Claramente um caso singular na cidade, suscita ainda hoje, debates em mesas de café com opiniões diametralmente opostas e calorosas. Polémico, acarinhado por uns e odiado por outros, o Tridente ergue-se no horizonte urbano para além dos materiais que o sustentam, (fig. 127) ergue-se num leque indefinível de adjectivos e sentimentos que o tornam o símbolo máximo de toda a carreira do Arquitecto Manuel Gomes da Costa em Faro e no resto do Algarve.



fig. 126 Vista da Avenida 5 de Outubro.
fonte: Autor (2017)

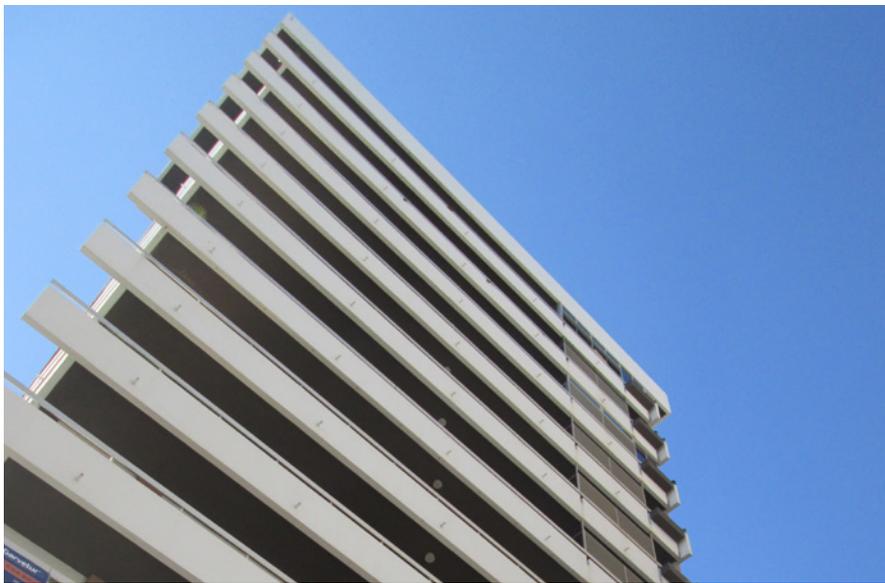


fig. 127 Ritmo, ordem e coesão.
fonte: Autor (2017)

4.3. Conclusão do Estudo de Casos

Embora tenhamos conseguido identificar cada aspecto da obra de Manuel Gomes da Costa, desde as suas influências até as suas preocupações, cabe ainda a pergunta: o que tornava a sua arquitectura tão distinta? Ou melhor ainda, qual era a ideia ou lógica que esteve por trás da sua obra ao ponto de lhe ter conferido uma estética tão distinta? Sabemos que, na sua obra, estavam contidos alguns signos da arquitectura moderna brasileira que foram adaptadas ao contexto algarvio e, que também, esta esteve assente numa rígida metodologia de trabalho. Contudo, através da análise dos casos de estudo e dos demais exemplos mencionados no segundo capítulo, pudemos finalmente compreender e definir a obra de Manuel Gomes da Costa por um conjunto de valores, que puderam então, ser organizados em oito pontos-chave dos quais se listam a **Afirmção; Equilíbrio entre escalas; Ordem; Ritmo; Coesão; Funcionalidade; Praticidade e Economia**. Juntos, estes pontos contribuíram para o que ainda hoje resulta no aspecto tão invulgar quanto idiossincrático da sua arquitectura.

Para um (verdadeiro) conhecimento da essência da sua obra, estes pontos não deverão ser considerados em isolado, pelo que, através de uma análise mais alargada, cada ponto deverá estar inerente e subjacente ao outro, numa interdependência tal, que para a sua formulação no presente texto, serão sistematizados em primeiro lugar os aspectos que foram mais evidentes, e em segundo, os aspectos que exigiram uma análise mais atenta, de modo a que pudessem ser extraídos não só dados objectivos, tangentes e mensuráveis, como também dados do campo da subjectividade. Vejamos:

Destes oito pontos, a característica que mais se evidenciava na obra de Manuel Gomes da Costa, foi a sua postura ou ambição afirmativa perante o gosto e às técnicas tradicionais (**Afirmção**). Esta postura não só reflectia a sua obra, como também dizia muito da pessoa por trás do desenho, ao ponto de ambas se confundirem. Seguindo esta linha de raciocínio, a sua obra reflectia um *alter ego* que na figura humana resguardava-se a uma postura discreta. Mesmo tendo sido Gomes da Costa uma pessoa reservada e pouco dada as palavras, é surpreendente notar que por trás da sua figura esteve uma personalidade mais extrovertida que falava justamente através da arquitectura.

A ideia de um senhor discreto, que evitava alaridos não coadunava com uma arquitectura e decisões muitas vezes polémicas. Não foram raras as vezes, em que teve que sobrepôr a sua obra modernista àquelas que estavam fortemente atreladas à identidade regional e quando não, às obras que passaram a fazer parte da herança patrimonial-afectiva dos cidadãos. O edifício Tridente é um exemplo claro dessa atitude, que “cilindrou” por completo quaisquer vestígios do Palácio Lã, que simbolizava a ascensão da nova burguesia da cidade. Neste e noutros casos, não só o estilo era afirmativo como também a escala o era, o que contribuiu para ocasionar alguma “desarmónia” para com a envolvente, que normalmente não ultrapassava os três - e por vezes quatro - pisos.

Nos três casos estudados, denotou-se por parte do arquitecto, um desejo de reconfigurar as principais artérias da cidade, levando-nos a uma imagem “proto-metropolitana” no lugar da então provinciana. No edifício Silva-Pinheiro assim como no edifício Nogueira (apesar deste último não ter sido um caso de estudo), vê-se claramente o desejo de reconfigurar a principal artéria da cidade, ao rematar as duas entradas opostas com uma arquitectura assumidamente indiferentes para com o tradicional. A reforçar este raciocínio, o Tridente pela sua escala exarcebada, alterou definitivamente a centralidade da avenida 5 de Outubro e de certa forma, de toda a cidade. Já o

edifício Pires & Brito, no reforço do Tridente, abafou por completo o principal ponto notável da paisagem urbana que até então pertencia à Igreja do Carmo, que era visível desde a campina e arredores e que no entanto ficou escondida entre tantos edifícios mais recentes.

Embora a obra do arquitecto tivesse tido uma postura afirmativa, a mesma denotava uma dupla preocupação no tratamento das escalas (**Equilíbrio entre escalas**). Se por um lado a sua arquitectura procurava impor-se na cidade, por outro, a mesma demonstrava uma grande consideração para com os seus habitantes. Por mais portentosa que esta fosse, a sua grandeza só era observável a uma certa distância, porque na eminência de entrarmos quer na zona habitacional, quer na zona comercial, a sua escala remetia-nos à escala humana, em que o pé-direito e a cubicagem dos espaços se adequavam ao olho e ao conforto do usuário. Como prova, o arquitecto costumava evitar entradas monumentais¹⁹⁹ e sempre que possível, procurava voltar as entradas dos habitantes às ruas de menor fluxo. O edifício Pires & Brito - sobretudo o Tridente - por possuírem tais dimensões, acabaram de certo modo, por “estrangular” a escala da rua, o que não foi de todo negativo e inconsequente, pois o morador ao estar à sua entrada, já terá saído do domínio urbano para adentrar-se no domínio doméstico uma vez que terá perdido a sua dimensão total. O edifício Silva-Pinheiro como caso de excepção no que concerne ao tratamento da entrada, tentava minorar os efeitos da agitação urbana, recuando a sua fachada para que um jardim pudesse ser desenvolvido e operar como um elemento de transição gradual, ou até mesmo como um filtro que fazia a transição entre estes dois meios.

Uma vez dentro dos edifícios, tudo foi calculado em benefício do conforto humano, tanto pelo pé-direito que jamais excedia os 2,80m, como pela área dos espaços internos que se desenvolvia com relativa folga. Para reforçar a noção de conforto e de aprivabilidade, as floreiras que desempenhavam múltiplos papéis, neste ponto em particular, procuravam trazer um pouco do que se conseguia apenas ter numa moradia térrea: o contacto com o verde.

Para além da Afirmação e do Equilíbrio entre escalas, tínhamos em seguida três pontos que trabalharam em simultâneo: **Funcionalidade, Praticidade e Economia**. A começar pela primeira - **Funcionalidade** - a sua obra independentemente das suas motivações, tinha que atender aos requisitos básicos dos seus requerentes e dos seus futuros clientes, isto é, tinha que responder às necessidades internas, quer a nível espacial, quer a nível de conforto e de salubridade de modo a manter a viabilidade prática e económica do edifício. Para tal, os espaços teriam que ser comedidos, mas não apertados, e embora não tivessem que ser virtuosos, teriam que garantir o conforto (provido luz, sombra e circulação aérea) e a máxima circulação interna através das varandas. Como resultado a arquitectura de Costa evidenciava um edifício quase sem janelas, sendo que no lugar destas, foram utilizadas portas de correr envidraçadas, que ampliavam tanto o espaço quanto a luminosidade e a ventilação interna.

A nível da organização do espaço, a arquitectura de Gomes da Costa não fazia distinção das áreas comuns e privadas em relação às fachadas principais e tardozeas, mas sim, preocupava-se em prover a máxima salubridade a todos os espaços. Do ponto de vista **prático**, a gestão do edifício ou do apartamento teria que requerer pouca tarefa e manutenção, o que devolvia ao morador uma maior noção de autonomia, e claro, de conforto na execução de tarefas que normalmente são encaradas como aborrecidas, porém necessárias, tal como deitar o lixo fora, que na sua arquitectura em particular,

¹⁹⁹ O que não significa que o arquitecto tivesse abdicado dos materiais mais nobres ou de um desenho mais sofisticado.

era facilitada pelas *corettes* devidamente pensadas para o efeito. Além disto, a sua obra prezava pelo uso de materiais já banalizados da arquitectura moderna, tais como o betão armado, o vidro, plástico e o alumínio, que além de rápidos de se aplicar, eram duradouros e fáceis de manter (**Economia**). Estas escolhas tinham efeito directo no custo da obra, que tinha o preço do seu m² muito mais em conta, tanto a curto, quanto a médio e a longo prazo. Para além destes factores, a eficiência das soluções adoptadas (recoo da fachada, avarandamentos, elementos de protecção solar, floreiras, portas de correr envidraçadas, etc.) diminuía a necessidade do consumo energético, que tinham efeitos directos na questão económica. Em suma, a qualidade da sua arquitectura reflectia-se na economia total do edifício ao passo que a economia do edifício não prescindia da qualidade dos materiais e dos espaços.

Para contemplação dos pontos até aqui citados, as suas obras tinham que estar submetidas à **Ordem**, ao **Ritmo** e à **Coesão**. Deste modo, a **Ordem** procurava hierarquizar os espaços pelo uso da cor e dos materiais que combinados de forma distinta, separavam os diferentes programas (comercial, habitacional...). No fundo, os critérios competitivos que resultavam em querer destacar os diferentes programas, correndo por vezes o risco de uma se evidenciar perante a outra, na verdade contribuía para uma equilibrada composição de todo o conjunto.

Em seguida, associada à Ordem estava o “toque de Midas” de MGC: o **Ritmo**! A sua obra era trabalhada em função do movimento, da ousadia e da delicadeza no toque entre cada elemento da fachada, mas também pela repetição exaustiva dos seus elementos que por resultarem tão complexos a nível visual, anulavam a leitura de monotonia de todo o conjunto. É do Ritmo que sobressai grande parte do papel contemplativo da obra de Gomes da Costa, que acaba por assumir uma autonomia na cidade, e que nos volta a levar ao primeiro ponto: a **Afirmação**. Aqui, a sua obra adquire um estatuto escultórico, ficando desde sempre sujeita à exposição solar.

Por fim, para conter, embrulhar ou amarrar todo este emaranhado complexo de características e considerações, estavam os frisos metálicos e as ditas grelhagens que ajudavam a consolidar a leitura de todo o conjunto, que caso contrário, estaria condenado a ser compreendido como um entulhamento de materiais inertes e não-inertes de forma bastante heterogénea. Aqui, a **Coesão** variava consoante o caso e período da carreira do arquitecto, em que ora utilizava elementos de betão para criar as já comentadas molduras das fachadas, ora utilizava delicados frisos metálicos para amarrar as proporções assim como os seus diferentes elementos compositivos, tais como as floreiras e os elementos de protecção solar, que também variavam entre plásticos e cerâmicos. É desta coesão de materiais e formas que resultaram as típicas fachadas ao estilo Gomes da Costa.

No fundo, a soma destes ponto-chave não só representavam a arquitectura, como também a figura do arquitecto da qual poucos notavam, mas que a partir da década de 1950 passou a estar profundamente presente na vida dos habitantes em diversos aspectos. Porque a arquitectura não é feita apenas dos materiais que a compõem, senão também das técnicas e dos ideais que a envolvem, Faro, do ponto de vista Moderno, foi feita à imagem e semelhança do arquitecto Manuel Gomes da Costa.

Conclusões, Recomendações e Sugestões

05. CONCLUSÕES

"O que sabemos é uma gota, o que ignoramos é um oceano."

Isaac Newton

A presente Dissertação teve como objectivo conhecer e dar a conhecer à comunidade académica a vida e a obra do arquitecto Manuel Gomes da Costa, personalidade esta, autora de uma modernidade pouco conhecida, porém volumosa e valorosa. Apesar do estudo retratar um passado recente, sentiu-se uma enorme preocupação nos moldes em que esta estava a ser descrita (e narrada) nos poucos estudos feitos até à data, que viram na sua arquitectura, potenciais valores históricos e culturais.

Através do levantamento de toda a bibliografia acerca de Gomes da Costa, averiguaram-se algumas generalidades e imprecisões que fragilizavam dois dos principais aspectos para a perpetuidade do seu nome, isenta de equívocos tão elementares quanto determinantes: a extensão do seu legado em Faro e o enquadramento intelectual da sua obra. Por ter a história sempre dois lados - o lado de quem narra e o lado de quem a ouve - considerou-se pertinente, enquanto era tempo, lançar uma investigação profunda de modo a corrigir tais equívocos, que tal como se pôde constatar, tiveram origem em depoimentos prestados pelo próprio arquitecto, que naturalmente pelo peso do tempo, se tornaram difusos e imprecisos.

Havendo reservas quanto à validade - ou mesmo - da veracidade dos dados lançados em grande parte do que foi desenvolvido até então, foi posto em marcha uma intensa investigação de campo, onde foram consultadas 37 fontes de informação (arquivos, institutos e outros serviços) para além de inúmeras entrevistas que, quando não foram mencionadas, apontaram novas direcções de pesquisa.

Ciente das contradições propaladas, em primeiro lugar foram estabelecidas três tarefas simultâneas: a) estabelecer objectivos; b) estabelecer uma metodologia de investigação dentro daquela que fosse pertinente para abordar um tema desta envergadura e, por fim, c) lançar as questões de investigação que fossem necessariamente de encontro com as duas das principais lacunas sobre o arquitecto.

Para responder os aspectos qualitativos e quantitativos da sua obra, foi necessário então empreender uma investigação acerca da personalidade, de modo a que não houvesse um desfasamento entre a obra e o autor, sabendo à partida, que ambos eram inerentes entre si.

Como forma de estruturar uma linha de pensamento coerente e clara, foram criados quatro capítulos interligados entre si. No primeiro, tratou-se exclusivamente da biografia do arquitecto, em que foram corrigidas e introduzidas novas informações pertinentes sobre a sua difícil jornada até a conclusão do curso na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa em 1953. Numa tónica enfática e numa estrutura cronológica no tratamento dos factos, foram descortinados aspectos inéditos tais como a sua passagem por Lisboa, pelo Porto e novamente por Lisboa. Deste capítulo conseguiu-se compreender a resiliência do arquitecto perante os obstáculos que a vida lhe ia impondo até a sua consagração em Faro, como cidadão e profissional de êxito que consolidou uma imagem séria, honesta e bem reputada apesar das polémicas que algumas das suas obras estiveram envolvidas.

Conhecida a figura do arquitecto, a investigação enveredou pelo seu intelecto, procurando desvendar no segundo capítulo, as suas motivações e preocupações enquanto aluno e profissional, assim como identificar a raiz das suas influências e da sua metodologia espartana de trabalho, que tiveram efeitos directos nos números e nos atributos do seu legado.

Da leitura da noosfera do arquitecto, finalmente passámos ao terceiro capítulo, que respondeu à primeira questão de investigação: a extensão do seu legado. Como forma de enriquecer ainda mais a narrativa, estabeleceu-se neste capítulo, um diálogo entre o arquitecto e a cidade, de forma a poderem-se extrair conclusões desta relação duradoura e profícua. Para tal, analisou-se a sua carreira por décadas, de modo a que se pudesse verificar dados quantitativos do seu legado nos mais diversos parâmetros, à medida que íamos acompanhado a evolução urbana. O resultado final foi conclusivo e expressivo. Deste capítulo concluiu-se que a sua obra em Faro ficou aquém das 300 ou até 400 apontadas por Vargas, Bañón e Lousame. Em valores concretos, Costa teve construído na cidade 155 projectos, que apesar de representarem a metade do valor colocado pelos autores mencionados, foram e continuam a ser bastante notáveis no panorama urbano, ao ponto de terem alterado a sua identidade ancestral.

Com as conclusões do terceiro capítulo foram estabelecidos critérios de selecção dos casos de estudo, dos quais foram extraídas respostas da questão remanescente. Particularmente no quarto capítulo, crê-se que foi realizada a primeira descodificação a nível habitacional da obra de Manuel Gomes da Costa, em que através da análise dos casos de estudo, com o reforço dos restantes capítulos, se conseguiu identificar o genoma da sua arquitectura que se baseou essencialmente em oito pilares: afirmação; equilíbrio entre escalas; funcionalidade; praticidade; economia; ordem; ritmo e coesão. Como tal, a soma destes valores foi o que atribuiu carácter e personalidade à sua obra.

Por fim, prezando sempre pelo rigor e pela validação da informação de forma quase neurótica, novas questões puderam ser lançadas no decorrer da investigação, contribuindo para uma maior riqueza e precisão da narrativa. Destas, foi possível fazer inúmeras constatações baseadas em provas desmontadas e redesenhadas segundo uma lógica silogística. Através do uso de instrumentos do campo da Filosofia, da Arquitectura Paisagista e da própria Arquitectura, conseguiu-se uma leitura ampla tanto da personalidade quanto da obra, que por serem tão evidentes, consubstanciaram diversas conclusões, que juntas, permitiram responder aspectos menos evidentes, dada a sua subjectividade. Para que a interpretação não resultasse nula ou inválida, o raciocínio organizou-se segundo as relações causa-efeito. Como exemplo prático, no desenvolvimento do segundo capítulo foram feitas uma série de questões e comparações, que de seguida foram respondidas.

Estas perguntas retóricas não tiveram apenas como objectivo a obtenção de uma resposta linear, pelo que, pretenderam também, estimular a reflexão para determinados aspectos da personalidade e da obra do arquitecto. Deste exercício, pôde-se afirmar que Manuel Gomes da Costa realmente foi um arquitecto modernista e que, ao contrário do colega de aula, Fernando Távora, Costa não teve quaisquer traços que o pudessem enquadrar no Regionalismo Crítico. Este aspecto em especial demonstrou o motivo da sua arquitectura ser tão indiferente para com o meio envolvente, sobretudo para com a arquitectura tradicional, o que amargou em certa medida, a opinião de uma parte da população de Faro que assistiu à transformação da cidade que até então se tinha realizado lentamente.

Quando materializada, a sua arquitectura despertava curiosidade, sentimentos e opiniões. De fora para dentro, assumia uma presença urbana quase asfíxiante para as

demais construções e de dentro para fora, demonstrava uma grande consideração pelo morador, adequando a escala, o desenho dos espaços e a utilização ponderada dos materiais para uma confortável vivência interna. Se por um lado o arquitecto demonstrava indiferença para com a tradição, por outro, e em igual medida, isto é, exacerbadamente, demonstrava uma preocupação no conforto e na funcionalidade das suas técnicas, resultando em grande parte dos casos em obras de valor arquitectónico agregado.

O balanço final desta investigação, do ponto de vista auto-avaliativo, foi um êxito dado que as questões inicialmente lançadas puderam ser respondidas ao mesmo tempo que o mestrando teve a oportunidade de aprender, adquirir e apurar diferentes valias.

O conteúdo que aqui se desenvolveu foi fruto de um intenso trabalho, onde as dificuldades foram tremendas, principalmente na obtenção de alguns dados, onde a diplomacia foi preponderante.

Convicto de que a ciência se faz pelas contradições, oposições e contribuições de ideias, encerra-se esta investigação com a consciência de que a memória do arquitecto permanecerá durante muito tempo, mais acesa na memória colectiva.

06. RECOMENDAÇÕES

Por acreditar que o legado de Manuel Gomes da Costa representa um potencial para a cultura regional e nacional ainda por explorar, ficam registadas aquelas que se consideram as recomendações mais fundamentais a serem executadas com máxima urgência nos próximos tempos, por motivos que se prendem pela extinção de um legado de extrema importância para a preservação da memória de um dos períodos mais férteis e criativos que a região assistiu e que no entanto se encontra seriamente comprometido.

De forma a manter a centelha do arquitecto acesa, considera-se prioritário, atribuir um título de honra póstumo, como forma de assinalar a sua importância na região, que mesmo após a sua partida, continua a influenciar a vida dos algarvios em inúmeros aspectos. No reforço desta prioridade, considera-se importante incluir o seu nome na toponímia da região, tais como ruas, avenidas, praças, edifícios e outros espaços públicos, sendo esta, uma forma de perpetuar a memória de uma personalidade que teve - e ainda tem - impacto directo na economia, na cultura e no modo de vida de grande parte dos algarvios, não só daqueles que habitam a sua arquitectura, como também daqueles que habitam a cidade e o território como um todo.

Em seguida, recomenda-se a articulação de um programa ou de um conjunto de iniciativas públicas e/ou privadas que ajudem a proteger e a projectar o património moderno na região, classificando os casos de maior importância como imóveis de interesse público e municipal. Destes imóveis classificados, poderá ser criado um roteiro arquitectónico em Faro e eventualmente no Algarve, que exalte as suas qualidades, tal como ocorre nas demais regiões de Portugal, pois a cada dia que passa, páginas deste capítulo da qual pouco se sabe, são rasgadas e ardidadas pelo crescente descaso com o património moderno.

Como forma de poder dinamizar ainda mais a região, poderia ser criado um memorial ou uma casa da arquitectura na capital de Distrito, com diferentes salas para os diferentes períodos da cultura local até aos tempos actuais. Deste modo, poderia ser dado uma segunda oportunidade a alguns dos edifícios de MGC que neste momento se encontram em processo de ruína. Para rematar a lista de recomendações, crê-se que seria imprescindível incluir o arquitecto nos livros de história da arquitectura e da cultura regional/nacional por todos os aspectos destacados.

Com a concretização desta enorme - mas não impossível - lista de recomendações, poder-se-á contribuir para a dinamização e valorização de outros aspectos da região, que desde há muito, apenas é caracterizada pela semântica e pela sazonalidade balnear, que de certo modo têm contribuído para um progresso não tão pluralista quanto esperavamos.

07. SUGESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Sendo a obra de Manuel Gomes da Costa extensa e com diversos aspectos ainda por responder, com o contributo desta investigação no conhecimento da vastidão do seu legado, ficam enumeradas algumas sugestões de possíveis vias de estudo de suma importância e pertinência.

À semelhança deste estudo, que teve Faro como palco, para a narrativa da obra do arquitecto, recomenda-se primeiramente, a mesma abordagem para as outras cidades algarvias, onde foram erguidos projectos seus, como é o caso de Tavira, Vila Real de Santo António e Aljezur. Não obstante, importa fazer um estudo numa macro escala, década a década, da evolução linguística e técnica da sua arquitectura, que tal como pudémos verificar, é passível de classificá-las por períodos, dentro dos quais, existiram diferentes gostos e influências. Seria interessante também, verificar a importância dos elementos cerâmicos na sua obra, tais como os azulejos, que contribuíram para uma maior expressividade plástica dos seus projectos.

Apesar de haver um estudo do autor Ricardo Agarez que estabelece inúmeras relações entre o modernismo e a arquitectura vernacular na região - da qual Gomes da Costa mereceu um grande destaque - considera-se pertinente dedicar inteiramente um estudo sobre a sua “Noosfera”, para determinar se houve e quais foram as influências da arquitectura regional no seu traço, tomando Fernando Távora como uma base de comparação, uma vez que foram contemporâneos e colegas de turma. Por outro lado, importa estabelecer um paralelo entre a política e a arquitectura na sua obra, sabendo de antemão que a arquitectura tal como as outras artes (pintura, música e a escrita), estiveram desde sempre ligados aos ideais do seu tempo. Sendo o arquitecto um grande entusiasta das questões políticas, lança-se esta questão para verificar as suas influências neste aspecto e determinar até que ponto o seu desenho tinha reflectido esse interesse, uma vez que sempre assumiu uma devoção ao Comunismo.

Interessante seria também estudar as pré-existências em relação aos projectos que o arquitecto desenvolveu em Faro e noutras localidades, isto é, verificar a arquitectura que existia no local e que cederam o lugar aos seus projectos. Isto ajudará a que consigamos ter uma outra leitura da cidade que actualmente pelo passar do tempo, ficou difusa e esquecida. Desde estudo, talvez poderá vir ser feita a reflexão do impacto cultural da obra de Gomes da Costa na identidade urbana em confronto com a cultura secular.

Outro estudo de igual interesse passa por verificar se a sua obra está toda ela sustentada nas proporções áureas ou mesmo no Modulor de Le Corbusier, visto que o arquitecto foi contemporâneo dessas grandes tendências e por ter estado desde sempre atento ao que se fazia nos quatro cantos do mundo, no tocante à arquitectura da sua época. No reforço desta recomendação estão as viagens realizadas ao Brasil e a outros países da Europa, sobretudo a França. Aqui talvez se possa averiguar se Costa estabeleceu contacto com outros arquitectos e procurar daí, desvendar uma eventual partilha de conhecimentos.

Não menos importante, importa estudar o conceito de sustentabilidade aplicada à sua obra e saber se de facto esta era sustentável dentro dos preceitos que actualmente estão em voga, tendo em conta que a sua obra fora feita numa época em que não se falava ou que não se tinha um conhecimento mais alargado neste domínio tal como temos actualmente.

Uma vez que esta investigação, ainda no seu início se deparou com a nefasta notícia do desaparecimento de todo espólio do arquitecto logo após o seu falecimento, cobrou-se dos actuais detentores que dêem a conhecer o seu conteúdo ao Arquivo Central da Universidade do Algarve, onde seguramente estará salvaguardada a sua integridade. Do que se conseguiu saber nas diversas diligências pelo Algarve fora, todos os documentos relativos à memória profissional do arquitecto assim como toda a sua memorabilia foram doados ao desbarato logo após o seu falecimento.

Por fim, entre tantos obstáculos, fica não como sugestão, mas como uma chamada de atenção aos investigadores em temas de relativa escassez teórica tais como este, para que se evitem lugares comuns na descrição e enquadramento da obra deste arquitecto em particular, para que a oportunidade de se escrever uma parte da história não ceda lugar a uma estória insossa que não dignifique as virtudes do arquitecto e claro, as potencialidades da região algarvia, considerada periférica e erroneamente rotulada apenas pela sua qualidade balnear.

08. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agarez, R. C. (2016). *Algarve building: modernism, regionalism and architecture in the south of Portugal, 1925-1965*. New York: Routledge.

Aranda, Ó. R., & Fajardo, R. M. (2007). *Madrid Modernista: Guia de Arquitectura* (2ª ed.). Madrid: Tébar.

Arquitectura nº30. (Ano 22, 2ª Série, Abril e Maio de 1949). *IV Exposição Geral de Artes Plásticas*. (J. Simões, Ed.) Lisboa: ICAT.

Bañón, J. J. (2016). Manuel Gomes da Costa. Cuatro Casas de Sección Trapezoidal. In ACCA 015. *Análisis y comunicación contemporánea de la arquitectura* (pp. 125-151). Sevilla: Departamento de Expresión Gráfica Arquitectónica de la Universidad de Sevilla & RU Books.

Bañón, J. J. (2016). Manuel Gomes da Costa: Arquitectura residencial en Tavira. In L. C. Naranjo, J. G. Ferrón, R. E. López, P. M. Monsalve, J. V. Avellaneda, & F. V. Blanch (Edits.), *eDap. Documentos de Arquitectura y Patrimonio, nº9* (pp. 16-37). Sevilla: Avellaneda & Ventura Editores.

Bañón, J. J. (2016). Principios arquitectónicos de Manuel Gomes da Costa. In ACCA 015. *Análisis y comunicación contemporánea de la arquitectura* (pp. 97-124). Sevilla: Departamento de Expresión Gráfica Arquitectónica de la Universidad de Sevilla & RU Books.

Bañón, J. P. (2017). Paisajes algarvíos del arquitecto Manuel Gomes da Costa. In P. Fidalgo, *Estudos de Paisagem* (1º ed., Vol. III, pp. 113-134). Lisboa: IHC-FCSH/UNL.

Barlavento. (23 de Outubro de 2009). *Moderno ao Sul Homenageia Arquitectura de Gomes da Costa*. Obtido em 26 de Setembro de 2016, de Barlavento - Semanário Regional do Algarve: <https://goo.gl/pEbLfD>

Barlavento. (28 de Fevereiro de 2010). *Primeira paragem de 'MGC – Moderno ao Sul' é em Vila Real de Santo António*. Obtido em 26 de Setembro de 2016, de Barlavento - Semanário Regional do Algarve: <https://goo.gl/n3Y4Q5>

Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. (M. J. Alvarez, & S. B. Santos, Trads.) Porto: Porto Editora.

Calado, M., & Ferrão, H. (2013). Da Academia à Faculdade de Belas Artes. In *A Universidade de Lisboa nos séculos XIX-XX* (Vol. II, pp. 1107-1151). Lisboa: Universidade de Lisboa.

Câmara Municipal de Faro. (1996). *Plano Estratégico de Faro*. (A. Salsinha, Ed.) Faro: Omeleta Publicidade Lda.

Cavaco, C. (1976). *O Algarve Oriental. As Vilas, o Campo e o Mar* (Vol. II). Faro: Gabinete do Planeamento da Região do Algarve.

CCDR Algarve. (2005). *Relatório do Estado do Ambiente do Algarve 2003*. Faro: Ideias em Baú. Obtido em 17 de Abril de 2017, de goo.gl/br3gJ1

Costa, M. G. (2009). *Manuel Gomes da Costa: Moderno ao Sul*. (A. Tostões, G. Vargas, Entrevistadores, & C. P. Nunes, Editor) Faro, Portugal: My Documentary Productions.

Direcção-Geral do Património Cultural. (2016). *Sistema de Informação para o Património Arquitectónico*. (Ministério da Cultura) Obtido em 2017, de Inventário do Património Arquitectónico: goo.gl/dVojTn

Divisão de Sistemas de Informação e Comunicações do Município de Faro. (2017). *Mapas de Faro*. (Sistemas de Informação, Lda) Obtido em Maio de 2017, de <http://mapas.cm-faro.pt>

Fernandes, J. M. (2006). De Jorge de Oliveira a Gomes da Costa: dois autores e duas concepções da arquitectura no século XX em Faro. In *Monumentos nº24* (pp. 140-147). Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Grade, F. S. (2010). *Palácio do Lã - Os últimos dias*. Obtido em 25 de Novembro de 2016, de A Defesa de Faro: goo.gl/aB2ZNh

Gutiérrez, M. L. (2015). Manuel Gomes da Costa y la construcción de la imagen moderna de Faro. In E. P. Asperilla, & O. H. Díaz (Edits.), *Arquitectura, Patrimonio y Ciudad* - Dirección de Miguel Ángel Chaves Martín (pp. 203-210). Madrid: Grupo de Investigación Arte, Arquitectura y Comunicación en la Ciudad Contemporánea. Universidad Complutense de Madrid.

Gutiérrez, M. L. (2016). De la mirada documental a la mirada artística en la arquitectura de Manuel Gomes da Costa. In R. A. Alcolea, & J. T. Mingo (Ed.), *Congreso Internacional Inter-fotografía y arquitectura "Intersecciones"* (pp. 206-215). Navarra: ETSAUN.

Gutiérrez, M. L. (2016). Manuel Gomes da Costa, un universo en bocetos. In E. E. Valiente, & E. C. Perea (Edits.), *El arquitecto, de la tradición al siglo XXI: docencia e investigación en expresión gráfica arquitectónica. 16º Congreso Internacional de Expresión Gráfica Arquitectónica* (Vol. II, pp. 1033-1041). Alcalá de Henares: Fundación General de la Universidad de Alcalá.

INE. (Dezembro de 1940). *VIII Recenseamento Geral da População*. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: goo.gl/uZHETm

INE. (Dezembro de 1950). *IX Recenseamento Geral da População*. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: <https://goo.gl/99rViX>

INE. (Dezembro de 1960). *X Recenseamento Geral da População*. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: goo.gl/A5WGsp

INE. (Dezembro de 1970). *XI Recenseamento Geral da População*. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: goo.gl/mKNyNN

INE. (Março de 1981). *XII Recenseamento Geral da População*. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: goo.gl/ZWrvKU

INE. (Abril de 1991). *XIII Recenseamento Geral da População*. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: goo.gl/6AyTEm

INE. (Março de 2001). *XIV Recenseamento Geral da População*. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: goo.gl/hXaAqn

INE. (Março de 2011). *XV Recenseamento Geral da População*. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: goo.gl/TBBYQy

Infopédia. (2003-2017). Obtido em 2017, de Infopédia. Dicionários Porto Editora: www.infopedia.pt

- Jornal de Notícias. (1 de Agosto de 2008). *Salazar caiu da cadeira faz domingo 40 anos*. Obtido em 4 de Abril de 2017, de Jornal de Notícias: goo.gl/w5oN7
- Medeiros, I. E., & Bandarra, P. M. (2015). A Indústria Conserveira em Vila Real de Santo António. *Al-Madan Online, II*, pp. 105-116. Obtido de www.almadan.publ.pt
- "Milagre em Loulé. Moradia pelo Arquitecto Gomes da Costa". (1953). *A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação: habitação e artes domésticas*(3 e 4), p. 13-16.
- Moniz, G. C. (2011). *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Obtido em 27 de Abril de 2017, de Estudo Geral: <https://estudogeral.sib.uc.pt>.
- Norberg-Schulz, C. (1996). The phenomenon of place. In *Theorizing a new agenda for architecture : an anthology of architectural theory, 1965 - 1995* (pp. 412-428). New York: Princeton Architectural Press.
- Ordem dos Arquitectos. (2005). *Boletim Arquitectos nº152*. (J. Afonso, J. Braga, & J. Ribeiro, Edits.) Lisboa: Silvadesigners. Obtido em 2016, de <https://issuu.com/globept/docs/boletim152/3>
- Ordem dos Arquitectos. (2010). *Ordem dos Arquitectos - Secção Regional Sul - Delegação Algarve*. Obtido de <https://goo.gl/mfDmCt>
- Ordem dos Arquitectos. (2011). *Boletim Arquitectos nº217*. (C. Menezes, Ed.) Lisboa: Atelier Pedro Falcão. Obtido de <https://goo.gl/pM34ea>
- Partido Comunista Português. (Janeiro e Fevereiro de 2010). *Efeméride Edição nº 304*. Obtido em 24 de Maio de 2017, de O Militante: goo.gl/1UaSLv
- Paula, R. M., & Paula, F. (1993). *Faro, Evolução Urbana e Património* (Câmara Municipal de Faro ed.). Vila Real de Santo António: Empresa Litográfica do Sul.
- Pereira, L. P. (2011). *Arquitectura portuguesa anos 30-50: Atitude e crise de identidade: Elementos para a construção de um percurso*. Tese de Doutoramento, Universidade Lusíada de Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes, Lisboa. Obtido de goo.gl/nUQATn
- Priberam. (2008-2013). Obtido em 2017, de Dicionário Priberam de Língua Portuguesa: <http://www.priberam.pt>
- Tostões, A. (2009). Vivienda y estudio Gomes da Costa. In M. Centellas, C. Jordá, & S. Landrove (Edits.), *La vivienda moderna, 1925-1965. Registro DOCOMOMO Ibérico* (p. 455; 481). Madrid: Fundación Caja de Arquitectos.
- Valle, F. (13 de Dezembro de 2013). *O AI-5 mergulhou o país na escuridão*. Obtido em 4 de Abril de 2017, de Zonacurva: goo.gl/t3mgkA
- Vargas, G. (2010). Arquitecto Manuel Gomes da Costa. In *Revista VRSA nº2* (pp. 38-61). Vila Real de Santo António.
- Vargas, G. (2013). Arquitecto Manuel Gomes da Costa - Milagre no Algarve. In *Al-Ribana: Revista Cultural do Município de Aljezur* (pp. 205-209). Aljezur: Folhas Ilustres Unipessoal, Lda.
- Vilhena Mesquita, J. C. (2009). *A família Lã, e o seu palácio em Faro*. Obtido em 25 de Novembro de 2016, de Algarve - História e Cultura: goo.gl/kP42HH

09. BIBLIOGRAFIA

MONOGRAFIAS E TESES ACADÉMICAS

Agarez, R. C. (2016). *Algarve building: modernism, regionalism and architecture in the south of Portugal, 1925-1965*. New York: Routledge.

Aranda, Ó. R., & Fajardo, R. M. (2007). *Madrid Modernista: Guia de Arquitectura* (2ª ed.). Madrid: Tébar.

Bandeirinha, J. A. (1996). *Quinas Vivas: Memória Descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa dos anos 40*. Porto: FAUP Publicações.

Barbosa, C. (1972). *ODAM Organização dos Arquitectos Modernos, Porto, 1947-1952*. Porto: Edições ASA.

Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. (M. J. Alvarez, & S. B. Santos, Trans.) Porto: Porto Editora.

Bonaccorso, N. (2011). *Nadir Bonaccorso* (1ª ed.). (V. V. Alves, & J. S. Nunes, Edits.) Caleidoscópio.

Calado, M., & Ferrão, H. (2013). *Da Academia à Faculdade de Belas Artes*. In *A Universidade de Lisboa nos séculos XIX-XX* (Vol. II, pp. 1107-1151). Lisboa: Universidade de Lisboa.

Câmara Municipal de Faro. (1996). *Plano Estratégico de Faro*. (A. Salsinha, Ed.) Faro: Omeleta Publicidade Lda.

Cavaco, C. (1976). *O Algarve Oriental. As Vilas, o Campo e o Mar* (Vol. II). Faro: Gabinete do Planeamento da Região do Algarve.

Cobbers, A. (2009). *Marcel Breuer 1902-1981. Criador da Forma do Século Vinte*. (P. Gössel, Ed., & D. Costa, Trad.) Köln: Taschen GmbH.

Costa, X., & Landrove, S. (1997). *Arquitectura do Movimento Moderno Registo DOCOMOMO Ibérico 1925-1965*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, Barcelona: Fundação Mies van der Rohe.

Fernandes, J. M. (1999). *Cidades e Arquitecturas*. Lisboa: Livros Horizonte.

Fernandes, J. M., & Janeiro, A. (2005). *Arquitectura no Algarve, dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese*. Faro: CCDR-Algarve.

Fernandes, J. M., & Janeiro, A. (2008). *A Casa Popular do Algarve. Espaço Rural e Urbano, Evolução e Actualidade*. Faro: CCDR-Algarve.

França, J. A. (2009). *A Arte em Portugal no Século XX - 1911-1961*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Jackson, N. (2009). *Pierre Koenig 1925-2004. Viver com o Aço*. (P. Gössel, Ed., & M. P. Boléo, Trad.) Köln: Taschen GmbH.
- Jorge, F. (2005). *Algarve visto do céu* (1ª ed.). (F. Jorge, Ed.) Lisboa: Argumentum.
- Kenneth, F. (2001). *Le Corbusier*. London: Thames and Hudson.
- Mindlin, H. (1956). *Modern Architecture in Brazil*. New York: Reinhold Publishing Corporation.
- Moniz, G. C. (2011). *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Obtido em 27 de Abril de 2017, de Estudo Geral: <https://estudogeral.sib.uc.pt>.
- Moniz, G. C. (2011). *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69) Vol. II*. Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Obtido em 27 de Abril de 2017, de Estudo Geral: <https://estudogeral.sib.uc.pt>.
- Norberg-Schulz, C. (1986). *Genius Loci : paesaggio, ambiente, architettura*. Milão: Electa.
- Norberg-Schulz, C. (1996). *The phenomenon of place*. In *Theorizing a new agenda for architecture : an anthology of architectural theory, 1965 - 1995* (pp. 412-428). New York: Princeton Architectural Press.
- Paula, R. M., & Paula, F. (1993). *Faro, Evolução Urbana e Património* (Câmara Municipal de Faro ed.). Vila Real de Santo António: Empresa Litográfica do Sul.
- Pereira, L. P. (2011). *Arquitectura portuguesa anos 30-50: Atitude e crise de identidade: Elementos para a construção de um percurso*. Tese de Doutoramento, Universidade Lusíada de Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes, Lisboa. Obtido de goo.gl/nUQATn
- Pinto, M. d. (1999). *Os Indigentes Entre a Assistência e Repressão. A outra Lisboa no 1.º Terço do Século*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente. (2009). *Brasília 1960-2010: passado, presente e futuro*. (F. Leitão, Ed.) Brasília: Grau Design Gráfico.
- Silva, H. V., Martins, G. d., Costa, J. B., Paes, J., Amaral, F. P., Gonçalves, R. M., . . . Trindade, M. R. (1998). *Portugal 45-95 nas Artes, nas Letras e nas Ideias*. (V. W. Ferreira, Ed.) Lisboa: Centro Nacional de Cultura.
- Tavares, D. (2016). *António Correia da Silva - Arquitecto Municipal* (1ª ed.). (R. Centeno, & J. Faria, Edits.) Porto: Dafne Editora.
- Tostões, A. (1997). *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50* (2o ed.). Porto: FAUP publicações, Argumentos: série 2.
- Tostões, A. (2009). *Vivienda y estudio Gomes da Costa*. In M. Centellas, C. Jordá, & S. Landrove (Edits.), *La vivienda moderna, 1925-1965. Registro DOCOMOMO Ibérico* (p. 455; 481). Madrid: Fundación Caja de Arquitectos.

ARTIGOS PUBLICADOS EM ACTAS, REVISTAS E PERIÓDICOS

"Milagre em Loulé. Moradia pelo Arquitecto Gomes da Costa". (1953). *A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação: habitação e artes domésticas* (3 e 4), p. 13-16.

Arquitectura nº30. (Ano 22, 2ª Série, Abril e Maio de 1949). IV Exposição Geral de Artes Plásticas. (J. Simões, Ed.) Lisboa: ICAT.

Bañón, J. J. (2016). Manuel Gomes da Costa. Cuatro Casas de Sección Trapezoidal. In ACCA 015. Análisis y comunicación contemporánea de la arquitectura (pp. 125-151). Sevilla: Departamento de Expresión Gráfica Arquitectónica de la Universidad de Sevilla & RU Books.

Bañón, J. J. (2016). Manuel Gomes da Costa: Arquitectura residencial en Tavira. In L. C. Naranjo, J. G. Ferrón, R. E. López, P. M. Monsalve, J. V. Avellaneda, & F. V. Blanch (Edits.), *eDap. Documentos de Arquitectura y Patrimonio*, nº9 (pp. 16-37). Sevilla: Avellaneda & Ventura Editores.

Bañón, J. J. (2016). Principios arquitectónicos de Manuel Gomes da Costa. In ACCA 015. Análisis y comunicación contemporánea de la arquitectura (pp. 97-124). Sevilla: Departamento de Expresión Gráfica Arquitectónica de la Universidad de Sevilla & RU Books.

Bañón, J. P. (2017). Paisajes algarvíos del arquitecto Manuel Gomes da Costa. In P. Fidalgo, *Estudos de Paisagem* (1º ed., Vol. III, pp. 113-134). Lisboa: IHC-FCSH/UNL.

Corbalán, F. (2010). *A Proporção Áurea. A linguagem matemática da beleza* (National Geographic ed.). Lisboa: EDITEC.

Fernandes, J. M. (2006). De Jorge de Oliveira a Gomes da Costa: dois autores e duas concepções da arquitectura no século XX em Faro. In *Monumentos* nº24 (pp. 140-147). Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Gutiérrez, M. L. (2015). Manuel Gomes da Costa y la construcción de la imagen moderna de Faro. In E. P. Asperilla, & O. H. Díaz (Edits.), *Arquitectura, Patrimonio y Ciudad - Dirección de Miguel Ángel Chaves Martín* (pp. 203-210). Madrid: Grupo de Investigación Arte, Arquitectura y Comunicación en la Ciudad Contemporánea. Universidad Complutense de Madrid.

Gutiérrez, M. L. (2016). De la mirada documental a la mirada artística en la arquitectura de Manuel Gomes da Costa. In R. A. Alcolea, & J. T. Mingo (Ed.), *Congreso Internacional Inter-fotografía y arquitectura "Intersecciones"* (pp. 206-215). Navarra: ETSAUN.

Gutiérrez, M. L. (2016). Manuel Gomes da Costa, un universo en bocetos. In E. E. Valiente, & E. C. Perea (Edits.), *El arquitecto, de la tradición al siglo XXI: docencia e investigación en expresión gráfica arquitectónica. 16º Congreso Internacional de Expresión Gráfica Arquitectónica* (Vol. II, pp. 1033-1041). Alcalá de Henares: Fundación General de la Universidad de Alcalá.

Vargas, G. (2010). Arquitecto Manuel Gomes da Costa. In *Revista VRSA* nº2 (pp. 38-61). Vila Real de Santo António.

Vargas, G. (2013). Arquitecto Manuel Gomes da Costa - Milagre no Algarve. In *Al-Rihana: Revista Cultural do Município de Aljezur* (pp. 205-209). Aljezur: Folhas Ilustres Unipessoal, Lda.

WEBSITES

Agarez, R. C. (24 de Junho de 2016). Manuel Gomes da Costa (1921-2016): o motor da arquitectura moderna algarvia. Obtido em 26 de Setembro de 2016, de Público: <https://goo.gl/e7QoKg>

Andrade, S. (23 de Maio de 2013). Universidade do Porto homenageia o arquitecto Fernando Távora. Obtido em 1 de Fevereiro de 2017, de Público: <https://goo.gl/Zsq4bz>

Barlavento. (23 de Outubro de 2009). Moderno ao Sul homenageia arquitectura de Gomes da Costa. Obtido em 26 de Setembro de 2016, de Barlavento - Semanário Regional do Algarve: goo.gl/pEbLfD

Barlavento. (23 de Outubro de 2009). Moderno ao Sul Homenageia Arquitectura de Gomes da Costa. Obtido em 26 de Setembro de 2016, de Barlavento - Semanário Regional do Algarve: <https://goo.gl/pEbLfD>

Barlavento. (28 de Fevereiro de 2010). Primeira paragem de 'MGC – Moderno ao Sul' é em Vila Real de Santo António. Obtido em 26 de Setembro de 2016, de Barlavento - Semanário Regional do Algarve: <https://goo.gl/n3Y4Q5>

Beaudouin, L. (2011). Azulejos de la Chapelle Sain François Pampulha. Obtido em 16 de Junho de 2017, de Beaudouin Architectes: <https://goo.gl/nc5WC5>

Between Art and Landscape: Roberto Burle Marx - 1909-94. (29 de Março de 2010). Obtido em 15 de Junho de 2017, de Christian Barnard Land Studio: <https://goo.gl/82dq3L>

Câmara Municipal de Lisboa. (2017). Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura. Obtido de goo.gl/1QrAKV

Carneiro, G. (15 de Janeiro de 2015). Sabes como morreu o valente Militão? Obtido em 24 de Maio de 2017, de Jornal Avante!: goo.gl/I2FvYa

CCDR Algarve. (2005). Relatório do Estado do Ambiente do Algarve 2003. Faro: Ideias em Baú. Obtido em 17 de Abril de 2017, de goo.gl/br3g11

Coutinho, B. (2017). Carlos Ramos. Obtido em 1 de Fevereiro de 2017, de Instituto Camões: <https://goo.gl/WMWPxf>

Direcção-Geral do Património Cultural. (2016). Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. (Ministério da Cultura) Obtido em 2017, de Inventário do Património Arquitectónico: goo.gl/dVojTn

Divisão de Sistemas de Informação e Comunicações do Município de Faro. (2017). Mapas de Faro. (Sistemas de Informação, Lda) Obtido em Maio de 2017, de <http://mapas.cm-faro.pt>

Fundação Oscar Niemeyer. (2017). Residência do Arquitecto em Mendes. Obtido em 14 de Junho de 2017, de Obra/Arquitetura: <http://www.niemeyer.org.br/obra/pro034>

Galeria Virtual. (2014). Obtido em 16 de Junho de 2017, de Fundação Athos Bulcão: <http://fundathos.org.br/galeriavirtual>

Grade, F. S. (2010). Palácio do Lã - Os últimos dias. Obtido em 25 de Novembro de 2016, de A Defesa de Faro: goo.gl/aB2ZNh

INE. (Dezembro de 1940). VIII Recenseamento Geral da População. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: goo.gl/uZHETm

INE. (Dezembro de 1950). IX Recenseamento Geral da População. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: <https://goo.gl/99rViX>

INE. (Dezembro de 1960). X Recenseamento Geral da População. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: goo.gl/A5WGsp

INE. (Dezembro de 1970). XI Recenseamento Geral da População. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: goo.gl/mKNyNN

INE. (Março de 1981). XII Recenseamento Geral da População. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: goo.gl/ZWrvKU

INE. (Abril de 1991). XIII Recenseamento Geral da População. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: goo.gl/6AyTEm

INE. (Março de 2001). XIV Recenseamento Geral da População. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: goo.gl/hXaAqn

INE. (Março de 2011). XV Recenseamento Geral da População. Obtido em 10 de Maio de 2017, de Instituto Nacional de Estatística: goo.gl/TBBYQy

Infopédia. (2003-2017). Obtido em 2017, de Infopédia. Dicionários Porto Editora: www.infopedia.pt

Jornal de Notícias. (1 de Agosto de 2008). Salazar caiu da cadeira faz domingo 40 anos. Obtido em 4 de Abril de 2017, de Jornal de Notícias: goo.gl/w5oN7

LabHab. (2017). Conjunto Pedregulho. Obtido em 15 de Junho de 2017, de Laboratório de Habitação: <https://goo.gl/jbmfMD>

Medeiros, I. E., & Bandarra, P. M. (2015). A Indústria Conserveira em Vila Real de Santo António. *Al-Madan Online*, II, pp. 105-116. Obtido de www.almadan.publ.pt

Oliveira, P. (2013). Considerações sobre o clima do Algarve. Relatório, MAMAOT, Direção Regional de Agricultura e Pescas do Algarve, Faro. Obtido de goo.gl/mfNvfP

Ordem dos Arquitectos. (2005). Boletim Arquitectos nº152. (J. Afonso, J. Braga, & J. Ribeiro, Edits.) Lisboa: Silvadesigners. Obtido em 2016, de <https://issuu.com/globept/docs/boletim152/3>

Ordem dos Arquitectos. (2010). Ordem dos Arquitectos - Secção Regional Sul - Delegação Algarve. Obtido de <https://goo.gl/mfDmCt>

Ordem dos Arquitectos. (2011). Boletim Arquitectos nº217. (C. Menezes, Ed.) Lisboa: Atelier Pedro Falcão. Obtido de <https://goo.gl/pM34ea>

Partido Comunista Português. (2010). Dossiers. (DEP/PCP, Ed.) Obtido em 24 de Maio de 2017, de PCP: goo.gl/UhapAb

Partido Comunista Português. (Janeiro e Fevereiro de 2010). Efeméride Edição nº 304. Obtido em 24 de Maio de 2017, de O Militante: goo.gl/1UaSLv

Pastor, A. (s.d.). Arquivo. Obtido em 9 de Maio de 2017, de Motivos do Sul. Tavira, 1943/45: <http://arturpastor.tumblr.com>

Priberam. (2008-2013). Obtido em 2017, de Dicionário Priberam de Língua Portuguesa: <http://www.priberam.pt>

Souza, M. H. (28 de Novembro de 2012). Clássicos da Arquitectura: Igreja da Pampulha / Oscar Niemeyer. Obtido em 14 de Junho de 2017, de Archdaily: <https://goo.gl/gWYM9D>

Valle, F. (13 de Dezembro de 2013). O AI-5 mergulhou o país na escuridão. Obtido em 4 de Abril de 2017, de Zonacurva: goo.gl/t3mgkA

Vilhena Mesquita, J. C. (2009). A família Lã, e o seu palácio em Faro. Obtido em 25 de Novembro de 2016, de Algarve - História e Cultura: goo.gl/kP42HH

Visi. (5 de Maio de 2011). Modernistiese meesterstuk. Obtido em 14 de Junho de 2017, de <https://goo.gl/kW6Lgi>

WeatherOnline. (2017). Calculador do Clima. Análise Anual. Obtido em Maio de 2017, de goo.gl/bdxLYP

DOCUMENTÁRIO

Costa, M. G. (2009). Manuel Gomes da Costa: Moderno ao Sul. (A. Tostões, G. Vargas, Entrevistadores, & C. P. Nunes, Editor) Faro, Portugal: My Documentary Productions

DECRETO-LEI

Decreto n.º 18361 de 21 de Maio. Diário do Governo n.º 116/1930 - Série I. Ministério do Interior - Direcção Geral de Assistência. (s.d.). Obtido em 21 de Abril de 2017, de Diário da República Electrónico: www.dre.pt

Decreto n.º20553 de 28 de Novembro. Diário do Governo n.º275/1931 - Série I. Ministério da Instrução Pública - Direcção Geral do Ensino Técnico. (s.d.). Obtido em 21 de Abril de 2017, de Diário da República Electrónico: www.dre.pt

10. CRONOLOGIA BIOGRÁFICA

CRONOLOGIA PRINCIPAL



1921

› Nasce em Vila Real de Santo António, às 11h do dia 01 de Janeiro de 1921



1931

› Falece o seu Pai, Joaquim da Costa aos 60 anos

1932

› Conclui o ensino primário elementar

› É levado para Lisboa pelo irmão Joaquim da Costa Rebocho, onde é entregue aos cuidados do Asilo Dona Maria Pia, em xabregas

› Inicia o curso Industrial do Ensino Profissional

1938

› Matricula-se no 1º ano do curso de Construções, Obras Públicas e Minas do Instituto Industrial de Lisboa

› Dá baixa no Asilo Dona Maria Pia

CRONOLOGIA SECUNDÁRIA

1928

› É fundado os CIAM em La Sarraz, Suíça

› Ville Savoye, Le Corbusier

1939

› Início da II Guerra Mundial



1940

› Conclui o curso de Construções, Obras Públicas e Minas do Instituto Industrial de Lisboa, obtendo o 7º ano liceal

› **É admitido no Curso Especial de Arquitectura da EBAL**

1941

› **Transfere a matrícula da EBAL para a EBAP**

1945

› Inicia o 1º ano do Curso Superior de Arquitectura da EBAP

› **Obtém o seu 1º prémio académico: 20 valores**

1947

› Casa-se com Custódia da Encarnação na freguesia de Vila Nova de Cacela

1940

› Exposição do Mundo Português em Lisboa

1943

› Lançamento da obra **Brazil Builds: Architecture New and Old 1652-1942**, Philip L. Goodwin

1945

› 1ª **Exposição Geral de Artes Plásticas**

› Fim da II Guerra Mundial

› É criado o MUD

› É constituída a PIDE

1946

› Unidade de Habitação de Marselha (1946-1952), da autoria de Le Corbusier

› Fim da II Guerra Mundial

› É criado o MUD Juvenil

1947

› **É criado a ODAM no Porto**

1948

› Nasce o seu primeiro filho, nascido em VRSA

1949

› Tem o seu projecto "A Casa de Um Pilar" publicado na revista *Arquitectura* nº 30



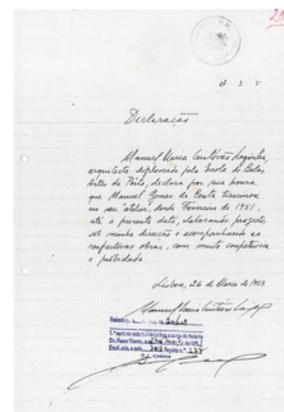
1950

› É preso por 10 dias no Forte de Caxias por integrar uma manifestação

1951

› Inicia o tirocínio no atelier do amigo e colega Manuel Maria Cristóvão Laginha

› Transfere-se para a EBAL



1948

› Le Modulor. Arq. Le Corbusier

› I Congresso Nacional de Arquitectura, Lisboa

1949

› Exposição de Arquitectura Brasileira no IST

› Visita à EBAL de estudantes brasileiros

1950

› Inauguração do Cinema São Jorge em Lisboa

1951

› I Exposição ODAAM no Ateneu Comercial do Porto



1952

› Nasce a primeira filha, Maria Alexandre Gomes da costa

1953

› Nasce a terceira e última filha, Elsa Alexandre Gomes da Costa

› **Termina o tirocínio**

› **Licencia-se em Arquitectura pela EBAL com o diploma n° 151**

› **É aprovado no Sindicato Nacional dos Arquitectos com o n° de sócio 74**

› Estabelece a vida e a profissão em Faro

› É nomeado Professor Provisório do 3º grupo do 2º grau na Escola Industrial e Comercial de Faro

› **Tem o seu projecto publicado na revista "A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação, n° 3 e 4 de Abril de 1953, intitulado "Milagre em Faro"**

1954

› É novamente nomeado Professor Provisório do 3º grupo do 2º grau na Escola Industrial e Comercial de Faro

1961

› Viaja com a mulher e os três filhos para Espanha, Gibraltar, Tanger, França, Itália, Bélgica, Holanda, Suíça, Alemanha Ocidental, Inglaterra e Reino Unido

1953

› **Exposição de Arquitectura Moderna Brasileira, Sociedade Nacional de Belas Artes**

1955

› Le Modulor 2, Le Corbusier

1959

› **Dissolução do CIAM**

1960

› Inauguração de Brasília

1973

› Viaja para o Rio de Janeiro, cidade onde ponderou viver

1991

› Menção Honrosa da Câmara Municipal de Faro pelo projecto do Edifício Montinho

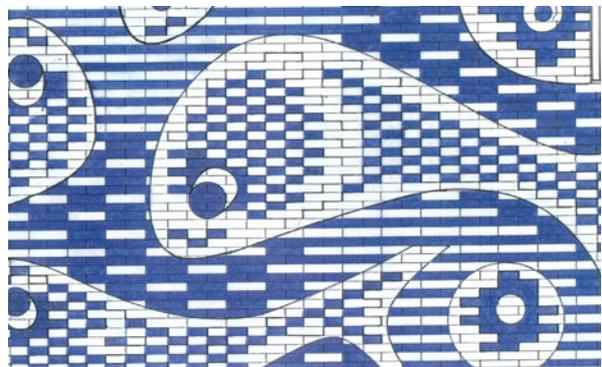
2002

› **Perde grande parte da visão, prejudicando o desempenho profissional**

2005

› Recebe o título de Membro Honorário da Ordem dos Arquitectos

› **Encerra a carreira por perda de visão**



1974

› **Revolução dos Cravos, fim do Estado Novo**

1989

› Queda do Muro de Berlim

1998

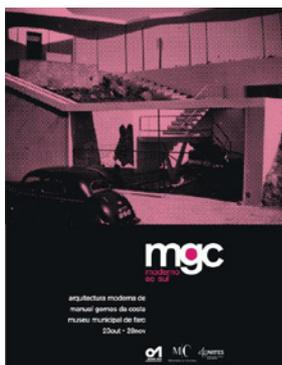
› Expo 98, Lisboa

2001

› 11 de Setembro

2005

› **Falece Fernando Távora aos 82 anos**



2009

› Tem dois projectos ilustrados na obra "La Vivienda Moderna. Registro Docomomo Ibérico. 1925 - 1965".

› Exposição "Moderno ao Sul" em Faro



2010

› Exposição "Moderno ao Sul" em VRSA



2011

› Exposição "Moderno ao Sul" em Aljezur

2016

› É apresentado no livro "Algarve Building - modernism, regionalism and architecture in the south of Portugal, 1925 - 1965".

› Falece a esposa do arquitecto

› **MGC falece em Faro no dia 18 de Junho aos 95 anos.**

2012

› Falece Óscar Niemeyer aos 104 anos

